



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura

MIGRANTES EM BRASÍLIA
OS MOTIVOS, AS DORES E OS SONHOS NUMA
PERSPECTIVA CLÍNICA.

Mestrando
Alberto Rodrigues Câmara de Carvalho

Orientador
Prof. Dr. Francisco Martins

Brasília
Novembro de 2008



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Programa de Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura

MIGRANTES EM BRASÍLIA: OS MOTIVOS, AS DORES E OS SONHOS NUMA PERSPECTIVA CLÍNICA.

Dissertação de Mestrado apresentada pelo autor como
parte dos requisitos para a conclusão do Curso de
Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura.

Mestrando
Alberto Rodrigues Câmara de Carvalho

Orientador
Prof. Dr. Francisco Martins

Brasília
Novembro de 2008

Migrantes em Brasília: os motivos, as dores e os sonhos numa perspectiva clínica.

Dissertação de mestrado defendida diante e aprovada pela banca examinadora constituída por:

Professor Doutor Francisco Moacir de Melo Catunda Martins
Presidente da Banca – Universidade de Brasília

Professor Doutor Pedro Humberto Campos de Faria
Membro externo da Banca – Universidade Católica de Goiás

Professor Doutor Henrique Figueiredo Carneiro
Membro externo da Banca – UNIFOR (CE)

Professora Doutora Maria Fátima Sudbrack - UnB
Suplente – Universidade de Brasília

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha família e as pessoas mais próximas que comigo conviveram durante esses dois anos e meio, e que foram especialmente compreensíveis durante esse árduo processo. Em especial, gostaria de agradecer ao amigo e orientador Francisco Catunda Martins por todo direcionamento e paciência e também à minha chefia na Casa Thomas Jefferson, por todo apoio e flexibilidade. Agradeço também ao Centro Clínico Anankê, e, especialmente, aos sujeitos que gentilmente se disponibilizaram a participar de forma tão sincera desse estudo. Agradeço aos meus pacientes que, apesar de não terem participado dessa pesquisa, sempre contribuíram para reflexões aqui colocadas.

RESUMO

O presente trabalho surge da carência de trabalhos de psicologia clínica sobre migração dentro do Brasil, propondo um olhar clínico sobre a migração recente de dez indivíduos provenientes de outras regiões do Brasil para Brasília. No primeiro capítulo o trabalho revisa os principais conceitos ligados à questão da migração e do adoecimento mental, com ênfase nos estudos já realizados sobre as motivações da migração e sobre a incidência de adoecimento mental em populações de migrantes. Não é possível afirmar haver uma relação direta de causalidade entre o adoecimento psíquico e a migração, mas migrar é um fator de risco em se tratando de saúde mental. No segundo capítulo são apresentados os dados obtidos entre dez migrantes recentes em Brasília, através de entrevistas semi-estruturadas, acerca da motivação, da experiência, dos desejos e sonhos envoltos na vinda a Brasília. A partir das falas temos que a migração sempre se deu por amor (pulsão sexual) e/ou pelo trabalho (pulsão de autoconservação). A estranheza em relação à cidade e sua gente também se fizeram presente nas falas, através de sentimentos positivos e negativos. Explicitamos o discurso dos migrantes acerca do luto e do sofrimento na migração, bem como a questão do sonho ainda não realizado. O terceiro capítulo aprofundou três das entrevistas, utilizando a análise actancial para entender a dinâmica de cada processo de migração, no que se refere às pulsões, os familiares e os desejos. Finalmente, a dissertação ressalta a importância de estudos clínicos e psicológicos que privilegiem o sujeito migrante na sua singularidade, ampliando o entendimento do fenômeno da migração sob uma perspectiva clínico-psicanalítica.

Palavras-chave: Migração, Amor, Trabalho, Estranheza, Luto e Sonho.

ABSTRACT

The present work is a response to the lack of clinical psychology works on migration inside Brazil. It proposes a clinical approach on the recent migration of ten individuals from different regions of the country to Brasília, the capital of Brazil. In the first chapter we present a review of the main concepts about migration and mental health, emphasizing the studies already carried out about the reasons for migrating and the incidence of mental disease in migrants' populations. It is not possible to establish a direct connection between migrating and becoming mentally ill, but migration can act as an important risk factor. In the second chapter the data from the ten interviews are presented, analyzed and discussed. By analyzing the speech of the interviewees, we were able to notice that the migration process occurred either through love (sexual instinct) or through work (instincts of self-preservation). The strangeness in relation to Brasília and its people was also present, through both positive and negative feelings. We also showed the migrants' suffering and mourning, as well as their yet-to-be fulfilled dreams. The third chapter brings an in-depth analysis of three of the interviews, using Greimas's actancial analysis model. The model was used to understand the dynamic of the migration process, in terms of basic instincts described by Freud, and also the family interactions and desires. Finally, we conclude that there is a great relevance in trying to understand the migration phenomenon individually, taking into consideration each one's singularity. By doing this, we are closer to the everyday practice of psychotherapy.

Key words: Migration, Love, Work, Strangeness, Mourning and Dream.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO I: ASPECTOS MACRO DA MIGRAÇÃO | 14 |
| 1 MIGRAÇÃO: DEFINIÇÕES | 14 |
| 1.1 As causas da migração | 17 |
| 1.2 Brasil: um país de migrantes | 21 |
| 1.3 Brasília: interiorização e o novo eldorado..... | 25 |
| 2 MIGRAÇÃO E SAÚDE MENTAL | 28 |
| 2.1 A correlação entre migração e saúde mental | 29 |
| 2.2 O migrante em uma perspectiva pátlica..... | 34 |
| 2.3 Do grupo ao sujeito | 38 |
| CAPÍTULO II: ESTUDO EXPLORATÓRIO DO IMAGINÁRIO DOS MIGRANTES .. | 40 |
| 1 METODOLOGIA | 41 |
| 1.1 Escolha dos sujeitos e do local de pesquisa | 41 |
| 1.2 Usando entrevistas..... | 43 |
| 2 MOTIVOS PARA MIGRAR | 45 |
| 2.1 O amor | 53 |
| 2.2 O trabalho | 57 |
| 3 IMPRESSÕES SOBRE BRASÍLIA, SUA GENTE E A EXPERIÊNCIA DE MIGRAR | 67 |
| 3.1 As dores do migrar | 80 |
| 4 APÓS A MIGRAÇÃO: OS SONHOS | 88 |
| CAPÍTULO III: ESTRUTURA ACTANCIAL DA MIGRAÇÃO PARA BRASÍLIA | 94 |
| 1 OS MODELOS ACTANCIAIS DE GREIMAS | 94 |
| 2 A DINÂMICA DAS MIGRAÇÕES DOS ENTREVISTADOS | 96 |
| 2.1 Cristina e o amor que traciona a migração..... | 97 |
| 2.2 Marina: a filha que decide por toda família | 105 |
| 2.3 Antônio e a dívida: a neurose de sobreviver (autocoção)..... | 113 |
| CONCLUSÃO | 129 |
| BIBLIOGRAFIA | 136 |
| BIBLIOGRAFIA CITADA | 136 |
| BIBIOGRAFIA CONSULTADA | 139 |
| ANEXOS | 140 |
| ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO | 140 |
| ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 142 |
| ANEXO C - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS ENTREVISTAS REALIZADAS | 144 |

INTRODUÇÃO

*No dia em que eu vim-me embora
 Minha mãe chorava em ai
 Minha irmã chorava em ui
 E eu nem olhava pra trás
 No dia que eu vim-me embora
 Não teve nada de mais
 Mala de couro forrada com pano forte brim cáqui
 Minha vó já quase morta
 Minha mãe até a porta
 Minha irmã até a rua
 E até o porto meu pai
 O qual não disse palavra durante todo o caminho
 E quando eu me vi sozinho
 Vi que não entendia nada
 Nem de pro que eu ia indo
 Nem dos sonhos que eu sonhava
 Senti apenas que a mala de couro que eu
 carregava
 Embora estando forrada
 Fedia, cheirava mal
 Afora isto ia indo, atravessando, seguindo
 Nem chorando nem sorrindo
 Sozinho pra Capital
 Nem chorando nem sorrindo
 Sozinho pra Capital
 Sozinho pra Capital
 Sozinho pra Capital
 Sozinho pra Capital...*

(“No dia em que eu vim-me embora” - letra e música de Caetano Veloso)

Na canção de Caetano é descrita a partida da Bahia rumo ao Sul, rumo à capital em busca de seu sonho, da construção de toda a sua vida. Desde tempos imemoriais tem sido assim. A migração é parte da história humana. Etimologicamente, (*The American Heritage Dictionary of the English Language*, 2000) o termo remonta ao latim *migrare*, esse originado do grego *ameibein*, que significa troca e correspondência. A expressão latina *meare* indicava *ir* ou *passar*, de onde surgiu *meatus*, indicando *estrada*, *passagem*. Muitas palavras surgiram de *meare*, tal como *permeare*, indicando a idéia de *permeabilidade - passagem através*. Até mesmo a idéia de loucura, “madness”, encontra raiz no grego *ameibein*. Com a inclusão da partícula *g*, *meare* gerou

migrare, indicando a idéia de *migração*, de passagem de pessoas entre diferentes locais.

Os fluxos migratórios sempre estiveram e ainda estão intimamente relacionados a períodos históricos de grande desenvolvimento de determinadas regiões, onde a busca por mão-de-obra, os conflitos armados, perseguições ou situações críticas desencadeadas por causas naturais podem principiar um padrão migratório entre duas regiões. São muitos os contextos e razões que podem desencadear fluxos de migração entre países ou regiões. Hoje assistimos a um número cada vez maior de deslocamentos de pessoas entre diferentes regiões. Condição favorecida pela globalização recente. A migração ocorre tanto entre países quanto de forma regional.

Em países de dimensões continentais como o Brasil, a migração interna ganha importância. O Brasil não vive uma situação como a do México, que, devido à fronteira com os Estados Unidos, apresenta migração internacional expressiva. No entanto, a migração regional é, em termos econômicos e numéricos, bastante relevante. Poderia parecer que esse tipo de migração não tem o mesmo impacto psicológico sobre os migrantes, uma vez que migrar dentro de um mesmo país, de forma legal, e sem os impactos de uma migração para o estrangeiro seria muito mais difícil. Suspeitamos que não. Independente da distância, a migração talvez tenha um impacto forte na vida de qualquer um. Nesse sentido, visamos contribuir com o estudo da migração interna, em especial para Brasília, sob um olhar psicológico sobre o sujeito migrante, em sua particularidade.

Nosso trabalho parte de uma perspectiva macro sociológica para o particular de cada um. Sendo assim, o primeiro capítulo apresenta uma revisão bibliográfica sobre a migração em suas causas econômicas, principalmente em relação aos motivos que levam um fluxo migratório a se iniciar entre duas regiões. Expomos a temática da migração externa e interna no Brasil, e então nos aprofundamos na história de Brasília, cidade surgida a partir do nada e povoada pelos migrantes. Fundada em 1960, Brasília é ótimo objeto para o

estudo da migração interna e as vivências particulares de seus imigrantes. Há uma migração recente, diferente da iniciada durante a construção da cidade. Hoje, Distrito Federal e a região do Entorno se situam, em âmbito nacional, como a segunda região que mais atrai imigrantes internos, atrás apenas do estado de Roraima (PNAD 2006, IBGE). Quase cinquenta anos após sua fundação, Brasília ainda é capaz de atrair muitos em busca de novas oportunidades alimentados pelo desejo de uma vida melhor.

Migrar é uma experiência diretamente ligada à identidade e à subjetividade de um indivíduo. Ao migrar uma pessoa ou grupo familiar têm sua vida radicalmente transformada. Trata-se de um momento crítico, que, freqüentemente, inaugura uma nova etapa de vida. A fala seguinte introduz bem a questão das perdas relacionadas ao processo migratório. Trata-se de um luto por tudo aquilo que ele deixou para trás: parentes, amigos, paisagens, cheiros, gostos, sons. Sua identidade está em jogo. Além da experiência do luto, o migrante também se vê ameaçado na sua identidade.

Claramente, o imigrante precisa abrir mão de sua individualidade, ao menos temporariamente, para tornar-se integrado ao novo ambiente. Quanto maior a diferença entre a nova comunidade e seu local de origem, de mais de sua individualidade ele irá abrir mão. (GRINBERG L. e GRINBERG R., 1989, p. 65).

Destarte, migrar, aliado a outras condições desfavoráveis, como uma frágil estruturação egóica, pode ser fator importante para o desequilíbrio da saúde mental do migrante. Portanto, no primeiro capítulo, expomos trabalhos que buscam essa relação entre o adoecimento psíquico e a migração. Ainda, apresentamos nossa visão acerca de uma *psicopathologia* que contemple o particular. Talvez assim seja possível compreender o migrante em seus motivos e pré-disposições fundamentais, que podem ou não levar a um adoecimento, mas que não é a única possibilidade de destino. Isso insere o imperativo de um entendimento, como deve ocorrer na clínica, na pessoa migrante, através de sua história e sua fala.

No segundo capítulo apresentamos as falas obtidas em dez entrevistas com migrantes recentes (em média moradores de Brasília há 3 anos),

objetivando apreender, primeiramente, os motivos *particulares* para cada migração. Pretendemos investigar quais razões, além das eminentemente econômicas podem levar alguém a migrar. Haveria um particular comum aos entrevistados? Isso diferencia esse estudo dos que se baseiam em questionários gerais, focados em populações migrantes, e não nas experiências particulares. Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas, pois elas privilegiam a fala pessoal, e assemelhando-se à escuta clínica. A partir do discurso, analisamos as falas mais relevantes acerca de diferentes temáticas, dando a chance para uma fala mais livre que privilegia a experiência pessoal. Isso se assemelha à escuta clínica psicológica.

Investigaremos ainda as experiências, da mudança para Brasília. Os migrantes gostam de Brasília? Qual a percepção a respeito das pessoas da cidade? Como foi o processo de acolhida? Que aspectos auxiliaram ou atrapalharam a adaptação e inserção nesse novo contexto de vida? Como é o luto da migração? Suspeitamos que os migrantes em Brasília têm dificuldade em se vincularem socialmente. Kristeva (1991, pg 23, *tradução nossa*) afirma que “os amigos do estrangeiro, além dos corações bondosos que se sentem obrigados a fazer o bem, poderiam somente ser aqueles que se sentem estrangeiros a si mesmos.” Essa fala introduz a questão do “estranho”, "*Das Unheimlich*" em Freud (1919). Além da estranheza do outro, pode haver um estranhamento com a cidade, visto ser ela muito diferente de todas outras. Sua disposição física, seu planejamento, seu funcionamento poderiam causar um estranhamento aos brasileiros que aqui chegam. Isso é relatado na nossa clínica diária. A falta de identidade da cidade também pode parecer estranha. Talvez Brasília favoreça a segregação, a exclusão. A cidade é dividida em setores e as áreas de convivência social são restritas. É comum na clínica diária relatos de pessoas que recentemente mudaram para Brasília a queixa de que as pessoas não são acolhedoras. Seriam frias e distantes. Isso nos motiva a buscar essas respostas no discurso dos migrantes. O que eles têm a dizer a esse respeito? Finalmente, buscaremos nas falas os sonhos dos migrantes em relação ao

futuro. Pretendem permanecer em Brasília? Essa é uma migração passageira? Qual o peso do lado profissional nesse desejo de permanecer ou não na cidade?

Já no último capítulo realizaremos um aprofundamento da análise das migrações. Tomaremos três casos para um aprofundamento utilizando o modelo actancial de Greimas (1976). Esse modelo propõe um entendimento dos actantes, ou atuantes, personagens em qualquer narrativa. Utilizaremos essa análise para entender a dinâmica dos três entrevistados. Isso propiciará um entendimento em ato do que impele o migrante, além de retratar os outros personagens atuantes no processo decisório da migração. Ainda, retrataremos através desse modelo sua situação presente e os planos futuros. O modelo actancial pode também propiciar um entendimento pulsional acerca da migração.

CAPÍTULO I

Aspectos macro da migração

Neste capítulo, realizamos uma breve revisão de definições e aspectos relacionados ao estudo do tema migração. Inicialmente, apresentamos definições e, em seguida, estudos de viés eminentemente econômico sobre as causas da migração, no passado e na atualidade. Depois, traçamos um histórico sobre a migração no contexto brasileiro, bem como sobre a construção e o surgimento de Brasília, para então discutirmos a questão do adoecimento mental em relação aos fenômenos migratórios. É possível falar em uma psicopatologia da migração? Finalmente, encerramos discutindo o caráter clínico do trabalho, que leva em conta muito mais o sujeito individual e sua fala do que os dados estatísticos produzidos por amostragem, comuns nas pesquisas sobre migração.

1 Migração: definições

Uma primeira definição bastante elementar sobre migração consta no *Dicionário demográfico multilíngüe das Nações Unidas*, na versão brasileira editada pelo IBGE, e tem seu valor por tentar distinguir “migração” de “deslocamentos temporários”:

A migração é uma forma de mobilidade geográfica ou espacial de um país para outro ou, dentro do mesmo país, de uma região para outra, envolvendo, em geral, a transferência do "lugar de origem" ou "local de partida" para o "lugar de destino" ou "local de chegada". A migração permanente é distinta dos deslocamentos temporários que não ocasionam mudança de residência. O conceito de migração é aplicável apenas ao caso de populações razoavelmente estabelecidas. (IBGE, 1969, p.62, grifos no original).

Estas são boas perguntas iniciais de pesquisa: O que poderia ser considerado de fato uma migração? Necessariamente, a migração estaria associada a uma idéia de irreversibilidade, de não retorno? Acreditamos que não. Preferimos a parte da definição que afirma que a migração se aplicaria a populações razoavelmente estabelecidas, ou seja, há uma intenção de permanência nesse novo local, independentemente de isso ocorrer ou não.

A questão temporal aqui se torna bastante relativizada. Qual seria o tempo que diferenciaria um deslocamento de uma migração? Questões como essas pedem uma análise mais individual da história do processo de cada mudança para que possa, afinal, ser entendida enquanto migração ou não.

Mas, quem é o migrante? O objeto do nosso trabalho, mais que a migração, é o ser que migra. Sayad (1998) trata o migrante, mais especificamente o imigrante, visto que ele escreve sobre a situação dos imigrantes argelinos na França, posição que ele mesmo ocupou, como alguém distinto do trabalhador estrangeiro. Para ele, ser imigrante implica ter origem em um lugar mais pobre, um país que foi colônia. Assim, o francês que muda para a Argélia a trabalho seria um trabalhador estrangeiro, não um imigrante. A condição de imigrante estaria condicionada a vir de longe, mas de um local mais pobre e, preferencialmente, de uma cultura diferente.

No entanto, há de fato uma confusão até mesmo jurídica em relação à condição de migrante. Não há consenso entre países, e dificuldades políticas decorrem disso. Em nosso trabalho, focado nas migrações regionais, essa questão não se torna tão relevante. O migrante é, para todos os efeitos, aquele que deixa seu local de origem em busca de um sonho, impulsionado pelos seus desejos. Um ser desejante.

A migração e os deslocamentos entre regiões e países, presentes desde tempos imemoriais na vida humana, continuam freqüentes nos tempos atuais. Um mundo economicamente e culturalmente mais globalizado com um trânsito muito mais fácil devido à existência de blocos econômicos como a União Européia, assim como a facilidade hoje existente no campo das

comunicações e dos transportes, favorecem a migração e os deslocamentos como um todo.

De acordo com Castles e Miller (2003), em 2002 havia 185 milhões de pessoas morando fora de seu país natal, sem considerar os migrantes ilegais. Ainda em 2001, havia quinze milhões de pessoas refugiadas e/ou buscando asilo.

A migração entre países é hoje um dos principais fatores em transformações globais. Milhões de pessoas procuram um trabalho, um novo lar ou simplesmente um local seguro para morar longe de seu local de origem. A migração não se restringe a um único grupo: migram trabalhadores manuais, especialistas altamente qualificados, empresários, refugiados, familiares de imigrantes. Mesmo que por vezes com o objetivo inicial de uma migração temporária, muitos se tornam fixos no novo local.

A migração internacional, especialmente na forma de migração de povoamento, viveu seu ápice a partir das grandes viagens oceânicas iniciadas no século XV, quando novos continentes foram desbravados pelos europeus ocidentais e, posteriormente, ocupados. A partir de então, surgiram os chamados “países típicos” de imigração, formados por meio de modelos colonizadores essencialmente exploratórios (caso do Brasil) ou colonizadores (caso dos Estados Unidos). Países como os Estados Unidos (EUA), em função das oportunidades e do modelo mais colonizatório, claramente atraíram muito mais migrantes estrangeiros, e ainda o fazem até hoje.

Com a facilidade dos deslocamentos, a migração torna-se um fenômeno de proporções mundiais, em geral, entre países mais pobres e mais ricos. Entretanto, somente após o final dos anos oitenta, ela começa a ser vista e tratada com a devida atenção, principalmente na esfera das políticas internacionais (CASTLES e MILLER, 2003 p.13). Na Europa, encontramos situações de conflitos ocasionadas por tensões entre populações migrantes e locais, tais como os violentos protestos iniciados em 2005:

Em outubro de 2005, a França foi palco de uma onda de protestos violentos iniciados depois que dois adolescentes de origem africana morreram eletrocutados após subirem em uma instalação de transmissão de energia enquanto, segundo relatavam os manifestantes, eram perseguidos pela polícia. No entanto, as autoridades francesas negaram que a polícia os estivesse perseguindo. A manifestação contestava a exclusão social e o desemprego. (FUKUDA, 2008, p. 2)

A nova geografia européia, com a crescente porosidade das fronteiras, tem inaugurado novos fluxos entre países europeus, em especial após a criação da União Européia. Com isso, conflitos tornam-se inevitáveis.

Nos Estados Unidos, a partir do aumento da repressão aos imigrantes ilegais, observada principalmente após os ataques de 11 de setembro, os imigrantes têm procurado se organizar no sentido de reivindicar direitos e tratamento digno por parte das autoridades. (CASTLES e MILLER, 2003 p.11). Por sua importância atual, a migração internacional tem sido sistematicamente estudada por diversas áreas do conhecimento, entre as quais a psicologia.

Afora o significativo fluxo entre países, há a migração regional. Países de dimensões continentais como o Brasil vivem um fluxo intenso de pessoas entre diferentes cidades, regiões e estados. Apesar de não tão complexas quanto a migração internacional, as migrações internas merecem mais pesquisas, seja pelas implicações econômicas, seja, no caso deste trabalho, pelas consequências e transformações psicológicas. Nesse sentido, não se diferem tanto das migrações entre países, como veremos.

1.1 As causas da migração

Ao longo do tempo, a discussão a respeito da causalidade da migração enquanto fenômeno macro tem estado principalmente pautada em modelos econômicos. As explicações para as causas da migração usam conceitos como o desequilíbrio de distribuição de riquezas e uma necessidade por força de trabalho não encontrada nos lugares de destino dos migrantes. O deslocamento, então, seria consequência de um cálculo racional dos indivíduos

entre as perspectivas oferecidas na sociedade de destino e as condições existentes na sociedade de origem.

Sob essa perspectiva, a mudança é algo que representa uma melhora nas condições de vida do migrante, enquanto o deslocamento corresponde a uma mobilidade social ascendente para se atingir uma situação mais favorável em termos sócio-econômicos. A demanda por força de trabalho determinaria a orientação do fluxo migratório.

Estudos mais recentes ressaltam a necessidade de incorporar em tais análises o caráter histórico e conjuntural das migrações, as quais acompanhariam a estrutura de produção do capitalismo. Nesse enfoque, Singer (1976) destaca, na conjuntura em questão, as migrações internas como expressão da industrialização, abordando o país todo e não apenas os espaços duais de atração e repulsão. A origem das migrações estaria nas disparidades e desigualdades sociais geradas pela industrialização nos moldes capitalistas. Singer (1976, p. 224) aponta que os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: fatores de mudança e os fatores de estagnação. No entanto, o autor destaca que apesar dos fatores de expulsão definirem as áreas de onde se originam os fluxos migratórios, são os fatores de atração que determinam a orientação destes fluxos e que entre estes fatores, o mais importante é a demanda por força de trabalho. (SCHAPPO, 2004, p. 228)

Sayad (1998) é ainda mais explícito em determinar o trabalho como principal causa e razão de ser das migrações. Seria o trabalho que iniciaria uma migração de povoamento, e não o contrário.

[...] regra quase geral de todos os movimentos migratórios: toda imigração de trabalho contém em germe a imigração de povoamento que a prolongará; inversamente, pode-se dizer que não há imigração reconhecida como de povoamento (com exceção talvez dos deslocamentos de populações que a colonização requer ou ainda dos movimentos de populações consecutivos ao estado de guerra ou aos remanejamentos de fronteiras) que não tenha começado com uma imigração de trabalho. (SAYAD, 1998, p. 67)

Sayad (1998, p. 64) também afirma que quanto mais recente é uma corrente de imigração mais vantajosa ela é em todos os sentidos, principalmente na questão da mão-de-obra. Isso ajuda a explicar certos fluxos migratórios que se intensificam como se representassem janelas de oportunidade daquele momento.

Teorias econômicas costumam afirmar que as pessoas tendem a mudar das áreas mais densamente povoadas para as menos povoadas, das áreas com população de baixa renda para as áreas com população de alta renda. Esses modelos são chamados de teorias *push-pull*, nas quais a migração depende de uma combinação que “empurra” as pessoas de um lugar ou as “puxa” para outros.

Em seu trabalho, *The age of migration*, Castles e Miller (2003, p.22) afirmam que os *push factors*, ou fatores de expulsão, incluem o crescimento populacional, o baixo padrão de vida, a falta de oportunidades econômicas e a perseguição política, enquanto os *pull-factors*, ou fatores de atração, incluiriam a procura por trabalho, a disponibilidade de terra, as boas oportunidades econômicas e a liberdade política.

A decisão de migrar é individual, quando voluntária, e pauta-se em uma decisão racional que considera os prós e os contras de todos esses fatores de atração e expulsão. Trata-se de um modelo teórico extremamente empírico, no qual disparidades econômicas entre duas regiões poderiam gerar fluxos migratórios.

Empiricamente, há dúvidas acerca desse modelo. Na migração internacional, raramente pessoas de baixo poder aquisitivo têm condições econômicas de migrar para outro país. Além disso, a questão da densidade populacional parece ocorrer de forma oposta na vida real. É comum observarmos movimentos migratórios para áreas mais densamente povoadas. Esse modelo não dá conta de explicar por que a migração ocorre de determinados países para outros. Por isso, alguns autores têm essas teorias como simplistas e incapazes de prever fluxos.

É absurdo afirmar que quem migra toma uma decisão totalmente racional baseada em aspectos mercadológicos friamente analisados. E, em muitos casos, a decisão é individual, mas o comportamento de um migrante é fortemente influenciado por experiências históricas e pela dinâmica de sua comunidade e de sua família. Muitas vezes eles possuem informações

contraditórias e compensam isso desenvolvendo estratégias para lidar com as situações adversas. Portanto, é necessário incluir vários outros fatores na discussão de um modelo econômico capaz de explicar um fluxo migratório.

Disso tudo, mais recentemente surge uma teoria de sistemas em migração: um sistema seria composto por dois ou mais países que trocam migrantes entre si. A tendência, ao contrário de uma análise global, é pegar cada sistema regional individualmente. Nessa teoria, cabe analisar os dois lados, receptor e emissor, e todas as ligações entre os locais. Ela sugere que movimentos migratórios surgem de vínculos ou laços previamente existentes entre os países, como colonização, dominação, influência política, comércio e laços culturais.

Esse modelo, sendo mais interdisciplinar, incluiria estruturas macro e micro. A estrutura macro incluiria a economia mundial, as leis, a produção etc., enquanto a micro incluiria as redes sociais desenvolvidas entre os migrantes. Em alguns casos, a família opta por enviar alguém para trabalhar fora e melhorar sua situação como um todo.

Uma vez definido um fluxo migratório, em geral por homens jovens que migram primeiro, os próximos migrantes apenas seguem esse caminho já aberto. Estabelecem-se então as redes sociais, que são cruciais para fornecer a base para o processo de assentamento e formação de comunidades nos novos locais. Portanto, de acordo com o modelo sistêmico, nenhuma causa pode ser única em explicar porque as pessoas migram.

Castles e Miller (2003, p.29) propõem uma série de perguntas essenciais para se entender o processo migratório. Para eles, entender a migração significa compreender os fatores econômicos, sociais, demográficos, ambientais e políticos do local de origem, bem como as oportunidades do local de destino. Significa também entender como as redes sociais e outras ligações entre os dois locais se desenvolvem, proporcionando aos migrantes informações e meios de viajar e se estabelecer. Significa, finalmente, apreender qual seria o efeito do assentamento na estrutura social, na cultura e na

identidade nacional das sociedades receptoras e como a emigração transformaria a área deixada.

Sendo assim, dificilmente apenas um modelo é suficiente para abarcar toda a complexidade contida na migração. Ilustramos os modelos teóricos econômicos mais importantes com o intuito de mostrar os aspectos claramente presentes na migração. É inevitável pensar a motivação para migrar caso por caso, em nível individual, já que mesmo havendo toda uma circunstância favorável para migrar, cada um tomará sua decisão.

Entretanto, a decisão pode ser tomada por um membro da família em nome dos outros. Um pai de família pode tomar uma decisão de migrar que inclua toda família. Para os filhos e o cônjuge, nesse caso a migração se torna uma experiência mais difícil, pois não é voluntária ou desejada, mas praticamente forçada.

1.2 Brasil: um país de migrantes

Tanto o Brasil quanto os Estados Unidos, países construídos por meio da migração, apresentam características similares no que se refere à migração de povoamento a partir do século XIX. Apesar de possuírem modelos colonizatórios bastante distintos, ao final do século XIX ambos eram celeiros de novas oportunidades, o que levava muitas pessoas desesperançosas ou mesmo perseguidas em seus países a buscar uma nova oportunidade. O governo brasileiro foi responsável por uma grande entrada de europeus, e, posteriormente, até japoneses em nosso território. O contingente de imigrantes europeus integrado à população brasileira é de cerca de cinco milhões de pessoas, sendo que a maior parte desses ingressou no Brasil no século XX. De acordo com Ribeiro (1995, p. 242), esse número é composto principalmente por 1,7 milhão de imigrantes portugueses que se juntaram aos imigrantes povoadores dos primeiros séculos. Em seguida, há os italianos, com 1,6 milhão, os espanhóis, com 700 mil, os alemães, com mais de 250 mil e, por

fim, os japoneses, com cerca de 230 mil imigrantes. Há ainda outros contingentes menos relevantes.

Para Ribeiro (1995, p. 243), apesar de numericamente pouco expressivo, o papel do imigrante foi importante na formação de conglomerados regionais nas áreas do sul do país, criando paisagens caracteristicamente européias e populações dominadoramente brancas. Tais culturas foram rapidamente assimiladas para o seio da cultura brasileira, criando uma identidade própria do brasileiro que transcende a enorme diversidade contida no país.

Desde os anos sessenta, o Brasil deixou de ser um país receptor de imigrantes para se tornar emissor de mão-de-obra para países industrializados. Essa tendência não é apenas observada no Brasil, mas em vários países menos desenvolvidos ou “periféricos”.

A flexibilização dos processos de produção, do mercado, do consumo e dos produtos levou a uma descentralização industrial dos processos de produção, o que transformou as relações de trabalho. O mercado passa a demandar, por um lado, um alto nível de qualificação, e, de outro, expande-se para trabalhadores não qualificados (CARNOY *et al.*, 1993)

A migração internacional atual não é como a dos tempos da colonização. O migrante moderno, ao decidir tentar a sorte em outro país, o faz com o intuito de melhorar de vida. Não é uma migração em busca da sobrevivência. Essa modalidade migratória, em um país como o Brasil, não está acessível a muitos. As viagens são custosas e há uma dificuldade crescente em ser admitido pelas vias legais nos países alvo, em geral, os Estados Unidos ou países europeus. Mesmo assim, houve, principalmente a partir dos anos oitenta, um fluxo significativo de migrantes brasileiros para fora do país.

Essa década foi tida por muitos como a “década perdida”. O péssimo momento econômico vivido no país levou muitos brasileiros a tentar a sorte em países europeus e na América do Norte. Também se viu um bom número de brasileiros descendentes de japoneses indo ao Japão em busca de oportunidades. A cidade de Governador Valadares ganhou notoriedade nessa

época, tendo muitos emigrantes nos Estados Unidos responsáveis por remessas altas de moeda estrangeira para seus familiares, o que impulsionou a economia local. Mesmo assim, no Brasil, a emigração internacional não é tão importante quanto em outros países, particularmente os que fazem fronteira com países desenvolvidos.

Porém, a migração dita regional ou interna tem um papel muito expressivo na estrutura social e econômica do país. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, publicados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2006, dos cerca de 187 milhões de habitantes do Brasil, praticamente 30 milhões moravam fora de suas respectivas unidades da federação, número este que corresponde a 16% da população geral. Isso em se tratando de estados. Em nível municipal, esse número sobe para 40%, ou cerca de 74,8 milhões de pessoas que podem ser consideradas migrantes. Em um país com dimensões continentais como o Brasil, a migração regional torna-se um fenômeno mais relevante que a internacional, como mostram os números acima.

De acordo com Ferreira (2007, p. 65) no Brasil, em relação às migrações,

[...] vamos constatar, do mesmo modo, uma significativa mobilidade espacial da população, se constituindo, obviamente, através de padrões demográficos específicos, associados a ciclos econômicos e políticos historicamente datados, mas numa seqüência bem definida de ocupação e exploração territorial que se estende da colônia aos tempos atuais. Na realidade, as migrações no Brasil constituem-se num dos fatores determinantes fundamentais da sua dinâmica sócio demográfica, bem como a afirmação decisiva de sua territorialidade [...]

Um dos fluxos mais marcantes de migração interna no Brasil ocorreu a partir dos anos cinqüenta, quando pessoas vindas do Nordeste tinham como destino principal a região Sudeste, especialmente o Rio de Janeiro e São Paulo. Esse processo foi motivado pela expansão industrial na região e pela necessidade por mão-de-obra de baixo custo. Contribuiu intensamente para isso o fato de o sertão nordestino ter sofrido seguidos períodos de grande estiagem nos anos oitenta, o que tornou essas migrações quase inevitáveis.

Outros movimentos internos marcantes foram de nordestinos em direção ao norte, atrás das oportunidades oferecidas pela promessa de iniciativas de promoção do desenvolvimento local e pela facilidade de conseguir terras para viver e cultivar. Houve ainda um movimento significativo em direção ao centro-oeste, principalmente à época da construção e transferência da capital federal para o centro do estado de Goiás, ocasionando uma grande demanda por mão-de-obra e um espectro de oportunidades aos que estivessem dispostos a enfrentar o inóspito cerrado ainda por ser desbravado.

Mais recentemente, temos observado uma reversão do fluxo migratório interno clássico, em que tradicionais áreas receptoras têm-se tornado áreas também de expulsão, tais como as regiões Norte e Sudeste. Essa inversão, no entanto, não significa que as migrações internas para essas regiões tenham cessado. Os deslocamentos permanecem. O que não é possível identificar nos dias de hoje é um padrão nítido, como o ocorrido entre o Nordeste e o Sudeste. Brasília, foco deste trabalho, permanece recebendo um considerável número de novos moradores a cada ano, atraídos pelas boas oportunidades ainda presentes.

Entendemos ser possível, sendo o Brasil um país tão vasto e culturalmente diverso, tratar as migrações internas entre diferentes regiões do país enquanto fenômeno psicológico da mesma maneira que as migrações entre países, respeitando, claro, as particularidades dessas duas modalidades de migração. Para o sujeito migrante e sua subjetividade, o simples mudar de residência para alguns pode significar uma ruptura tão drástica quanto mudar de país. Portanto, trata-se mais de entender a radicalidade do fenômeno migração tal como sentida pelo próprio sujeito, à luz de sua estrutura psíquica.

1.3 Brasília: interiorização e o novo eldorado

Em meados dos anos cinqüenta, o governo de Juscelino Kubitschek (JK), tomando o mote de Vargas, da “Marcha para o Oeste”, com o intuito de promover a interiorização, o povoamento e o desenvolvimento dessa região do país, iniciou o processo de transferência da sede do governo federal para o centro do estado de Goiás. Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960, redireciona o povoamento e a infra-estrutura para o centro do país, que, até então, via toda sua importância econômica e cultural concentrada no eixo Rio-São Paulo. A cidade planejada e construída num local praticamente não explorado foi o maior ícone da máxima desenvolvimentista criada por JK, “50 anos em 5”.

À época, o projeto aprovado previa uma população que chegaria próximo dos 600 mil habitantes ao final do ano 2000. Contudo, as fortes correntes migratórias rurais e urbanas, acrescidas do apelo de bons empregos na construção da capital, multiplicou esse número por quatro, trazendo a população para perto dos dois milhões de habitantes no ano 2000, e para cerca de dois milhões e meio no ano 2007.

Construída a toque de caixa, Brasília inicialmente atraiu um número muito grande de trabalhadores, particularmente para a construção civil, sedentos pela vasta oferta de serviço. Com eles vieram os primeiros comerciantes e assim por diante. A maioria era proveniente da região Nordeste, de Minas Gerais e de Goiás.

Béu (2006, p. 22), em “Expresso Brasília”, conta-nos de maneira romaneada, como era dura a viagem do Nordeste até Brasília, em péssimas estradas na boléia de um velho caminhão.

Nono dia de viagem e de muito infortúnio. O sofrimento não tinha idade. As crianças, porém, eram as principais vítimas. Aninha, coitada, desde Salgueiro, padecia de uma intermitente diarreia. Os chás não seguravam os intestinos nem os comprimidos de beira de estrada aliviavam sua dor. O velho motor de noventa cavalos roncava incansavelmente, dando a todos uma demonstração de força e paciência. Já haviam andado bem mais da metade do caminho. Quem sabe, a qualquer dia ou qualquer hora, ao

virarem uma curva ao final de uma grande reta, deparariam com a terra prometida há muito tempo indicada pela luz de um profeta.

A jornada até Brasília era para poucos. Levava-se até dez dias para chegar até aqui vindo do interior do Ceará. As condições de trabalho na construção da cidade também não eram nada animadoras. Trabalhava-se muito, sob a pressão do término da obra, e, não raro, acidentes fatais ocorriam. O ambiente era inóspito. Seco e quente durante o dia e muito frio à noite. Os “candangos” sofriam, não só pelo frio e pelo trabalho, mas também pela ausência dos seus familiares e amigos. Na Cidade Livre, hoje Núcleo Bandeirante, havia uma espécie de lei seca em vigor para evitar mais problemas entre os trabalhadores. As prostitutas também desempenhavam um papel importante na promoção de um ambiente mais explosivo entre os tantos homens trabalhando na construção da cidade. A polícia, recrutada às pressas entre aqueles trabalhadores mais “chegados” à violência, era despreparada e truculenta (BÉU, 2006). Mesmo com todos os problemas, Brasília foi inaugurada dentro do prazo previsto.

Após a inauguração, as obras continuaram por muito tempo, ainda em forte ritmo. O fluxo migratório deixou de ser temporário, e esses trabalhadores pioneiros foram ficando e se estabelecendo. Foi preciso acelerar a criação das cidades-satélites, inicialmente destinadas a abrigar esses trabalhadores menos qualificados e de mais baixa renda. Portanto, mesmo planejada para não repetir os erros das grandes metrópoles, Brasília hoje apresenta uma estrutura semelhante: na região central, se concentram os de maior poder aquisitivo, enquanto os mais pobres são empurrados para longe, formando periferias com condições de moradia muito inferiores às do centro.

De acordo com o último censo demográfico do IBGE (2007), a população do Distrito Federal estava em 2.455.903 de habitantes, sendo que 51,4% desse total eram provenientes de outra unidade da federação. Para efeito de comparação, no Rio Grande do Sul esse número é de 4,2%.

Em relação ao mercado de trabalho, o Distrito Federal se destaca em nível nacional pelo alto rendimento de seus trabalhadores em comparação ao restante das grandes áreas metropolitanas do Brasil. Isso se deve em parte à presença do serviço público na Capital Federal. Porém, os salários mais altos não estão restritos apenas aos órgãos de governo. Os empregados no comércio, por exemplo, apresentavam, em novembro de 2006, um rendimento médio mensal de 863 reais contra 857 reais em São Paulo, a segunda colocada nesse quesito. O tempo médio de permanência no emprego no Distrito Federal (DF) também é o mais alto, assim como é mais baixa a proporção de ocupados em situação de trabalho vulnerável.

Brasília, até por ter sido criada há meio século para abrigar a capital do país, possui um grande contingente de pessoas de fora. O censo de 2000 do IBGE apresenta dados mais detalhados do que os trazidos pelo PNAD de 2007, que apenas traz uma contagem populacional. Em 2000, do total de 2.051.146 de habitantes, 1.094.303 eram migrantes. Certamente muitos desses estavam em Brasília há vários anos e já poderiam ser considerados “brasilienses”. No entanto, no ano 2000, aproximadamente 400.000 pessoas havia se mudado há menos de 10 anos. Esse número corresponde a quase 20% da população geral e é bastante considerável, pois mostra como o Distrito Federal ainda é uma região de forte atração.

Entre os que migraram para Brasília no período de até dez anos antes da realização do censo de 2000, estes foram, em ordem decrescente, os estados que enviaram pessoas para Brasília: Goiás (60.692), Bahia (50.960), Minas Gerais (50.243), Piauí (47.808) e Maranhão (43.841). Bem atrás desses estados temos: Ceará (23.113), Rio de Janeiro (20.223) e São Paulo (19.587). Os únicos outros estados que enviaram mais de 10.000 habitantes para Brasília anos foram Paraíba (14.430) e Pernambuco (11.064).

Infelizmente não temos dados mais recentes sobre a questão migratória no DF. Mesmo assim, os dados acima podem nos fornecer um bom

direcionamento, pois acreditamos não haver diferenças significativas entre esse período e o presente momento.

A grande migração do estado de Goiás para Brasília pode ser compreendida pela proximidade. O mesmo pode ser inferido acerca de Minas Gerais e Bahia, dependendo da região do estado. Vários desses estados apresentam índices de desenvolvimento humano e renda muito inferiores ao DF, o que motivaria boa parte desse fluxo. Mas mesmo regiões tipicamente tidas como de atração (Rio e São Paulo) foram responsáveis por uma boa parcela dos imigrantes. Conclui-se, portanto, que Brasília é tida como muito atraente; ainda concebida como uma terra de oportunidades, fato evidenciado no discurso dos migrantes entrevistados.

Brasília não se tornou a metrópole cosmopolita dos dias de hoje apenas em função da migração. O fluxo recente, se comparado à população local, não chega a ser expressivo. A cidade criou vida própria, e os primeiros que aqui chegaram formaram suas famílias, tiveram filhos e até netos. Estamos na terceira geração de pessoas nascidas na cidade.

2 Migração e saúde mental

Ao estudar a bibliografia relacionada ao tema migração e saúde mental, principalmente no campo médico, é possível encontrar um bom número de artigos que discutem se o ato de migrar pode ou não favorecer o aparecimento de um transtorno psíquico. O saber médico busca por sintomas, sinais claros, indicadores que possam dizer concretamente se há alguma relação. Para tanto, tenta enquadrar os sinais indicadores de adoecimento ao formato médico, valendo-se de padronizações tipo *DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais)* ou *CID (Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde)*.

A partir desse saber médico e dos critérios utilizados nas classificações internacionais supracitadas, instrumentos de pesquisa, em geral estatísticos e

quantitativos, são construídos. Tais estudos caminham mais em direção a pesquisas do tipo epidemiológicas, e não a uma escuta clínica mais refinada, característica da clínica psicológica.

Abaixo, mostraremos alguns dados importantes a respeito de saúde mental e migração, mas traremos uma discussão muito mais voltada para o sujeito como único e individual. Não pretendemos, assim, ter uma compreensão que privilegia as patologias específicas dos migrantes, por entendermos que o sofrimento e a queixa trazidos por meio da fala é o instrumento de pesquisa mais rico, constituinte de uma clínica do tipo *psi*. Discutiremos então questões relevantes à construção de um saber *psicopatológico*, que particularize os modos de devir, a disposição afetiva desse indivíduo que migra não apenas por razões econômicas, mas por outras que mesmo ele desconhece.

2.1 A correlação entre migração e saúde mental

Uma das perguntas insistentes de pesquisa sobre o tema da migração na área de saúde mental é se haveria ou não uma relação de causalidade entre migrar e adoecer psiquicamente. Essa pergunta não pode ser facilmente respondida. Vários estudos já foram realizados nessa área com o objetivo de se verificar essa possível relação. De fato, a migração é um importante estressor e pode ser vivenciada como algo extremamente difícil e doloroso. Entretanto, estudos populacionais e epidemiológicos costumam ser inconclusivos nessa área.

Assim, para Philo e Parr (2004, p. 47), não há uma crença de que a migração por si só cause problemas de saúde ou, mais especificamente, problemas de saúde mental. O contrário pode ser verdade, com a migração sendo um facilitador para novas atividades, interesses e, em muitos casos, relações sociais. Mas enquanto os benefícios podem ser predominantes para

muitos, para outros a experiência migratória como um todo pode ser altamente ameaçadora para o bem-estar mental ou emocional no longo prazo. Os autores concluem afirmando que quando as pressões se combinam com fatores de risco, a saúde mental pode sim ser afetada. Isso é especialmente comum no caso das migrações forçadas.

Almeida-Filho *et al.* (1999) descrevem alguns estudos sobre a relação entre saúde mental e migração. Entre eles, há o de Leighton (1963, *apud* ALMEIDA-FILHO *et al.*, 1999, p.2), que afirma que a migração antes dos 20 anos de idade é um fator cuja importância se equipara ao baixo nível de escolaridade e de ocupação no aumento do risco de distúrbio psiquiátrico.

Para Ponce (1970, *apud* ALMEIDA-FILHO *et al.*, 1999, p.2), haveria uma clara relação entre o nível econômico dos migrantes e as reações de má adaptação, já que tanto migrantes quanto não migrantes sofriam mais problemas de saúde mental quando eram de baixa renda. Já Inkeles e Smith (1970, *apud* ALMEIDA-FILHO *et al.*, 1999, p.2) citam as experiências modernizadoras resultantes da migração do meio rural para o urbano como causadoras de desajuste como hipótese inicial. Contudo, as pesquisas não apresentam resultados que possam dar suporte à afirmação de uma relação de causalidade direta entre migrar e adoecer. A mudança em si não parece se relacionar com a saúde mental. Talvez o fator crítico seja se a situação pós-migratória permite ou não que um indivíduo se integre em um papel econômico estável, expressivo e recompensador em seu novo meio.

Um dos trabalhos mais minuciosos sobre a questão saúde mental e migração é o de Littlewood e Lipsedge (1984). Nele, os autores discorrem longamente sobre toda a questão dos signos em psicopatologia e do risco de se tentar enquadrar o ser humano, em toda sua riqueza e diversidade cultural, num diagnóstico nem sempre preciso, que pode levar a distorções. A psiquiatria praticada na Inglaterra, por exemplo, é bastante distinta da que atua nas Ilhas Caribenhas. Assim, a própria noção de normal ou patológico está mediada pela cultura. O que poderia parecer patológico na Inglaterra não seria

visto da mesma forma em outros locais, particularmente em países culturalmente desiguais.

A depressão, por exemplo, (LITTLEWOOD e LIPSEGE, 1984, p. 71) até os anos sessenta, era tida como raríssima entre as populações negras africanas e caribenhas. Havia até uma concepção racista de que os negros seriam menos “sofisticados” e que, portanto, não deprimiriam. Seriam mais suscetíveis a distúrbios psicóticos com elementos místicos, crises de agressividade e de paranóia etc. Não por questões de “sofisticação intelectual”, mas sim *culturais*, não há dúvida de que as manifestações de sofrimento serão diferentes em regiões tão díspares quanto a África e a Europa. Assim, a afirmação de que a depressão não seria comum em populações negras é bastante questionável, pois é uma questão do entendimento da manifestação do sofrimento psíquico sob um viés cultural diferente.

Littlewood e Lipsedge (1984, p. 75) ainda questionam os dados que afirmam não haver uma alta incidência de depressão entre imigrantes na Inglaterra. Para eles, essa é uma afirmação descabida de sentido. A maior prevalência de depressão ocorre entre os 40 ou 50 anos, e a população migrante na Inglaterra possui um diferente perfil etário. Portanto, os casos que mais chegam aos serviços de saúde não são os de depressão, mas sim quadros nos quais haja agressividade ou comportamentos socialmente aversivos. Esses são os casos em que o serviço de saúde é acionado.

Os migrantes estrangeiros (LITTLEWOOD e LIPSEGE, 1984, p. 82), especialmente os ilegais, querem passar despercebidos a maior parte do tempo. Portanto, dificilmente procurariam um serviço de saúde caso não julgassem totalmente necessário, ou então seriam levados à revelia. Isso pode explicar porque tais estudos sobre migração e depressão podem dar a falsa idéia de que migrantes não deprimem tanto.

Em algumas culturas, como as caribenhas, o diagnóstico da depressão também é raro, mas por razões diferentes. Nesses locais, parece haver “permissividade” maior em relação à tristeza. Estar triste é parte do humano e

não precisa ser diagnosticado como psicopatologia e tratado com medicamentos, como tem sido cada vez mais comum no meio psiquiátrico ocidental, no qual qualquer oscilação do humor é transformada em adoecimento.

Migrantes podem sim sofrer dores que ultrapassam o luto pela partida, por tudo que deixaram para trás. Porém, buscar os mesmos signos, tentar encontrar em indivíduos de outras culturas a depressão tal como vista em contextos culturais delimitados pode se revelar improdutivo. Melhor seria tentar entender o *pathos*, propositalmente grafado dessa forma, a disposição afetiva fundamental de cada um, inserido em um contexto cultural e familiar próprio e particular.

De acordo com Littlewood e Lipsedge (1984, p. 88), um ponto que sempre intrigou os pesquisadores da migração e suas relações com a saúde mental ainda permanece sem respostas claras: os migrantes estariam mais suscetíveis a problemas psicológicos pelo estresse a que são submetidos ao migrarem (hipótese do estresse) ou as pessoas com mais possibilidade de adoecimento teriam maior propensão a emigrar (hipótese da seleção)?

Historicamente, na formação de países como os Estados Unidos, típicos de migração, leis foram passadas com o intuito de deportar indivíduos que apresentassem distúrbios mentais em até um ano após a migração. Isso se deveu à crença de que os países europeus estavam deliberadamente enviando sujeitos adoecidos para lá. Se a doença ocorresse anteriormente à migração, poderiam ser expulsos.

Portanto, a história que trata dos movimentos migratórios desde a formação de países como o Brasil ou os Estados Unidos, ditos como típicos de migração, de alguma forma associa o migrar à exclusão. Se no passado a questão da exclusão no lugar de origem aliada às vantagens oferecidas na nova terra fazia muitos migrarem, hoje não é diferente. Porém, além dos que migram por haver, de fato, oportunidades concretas no destino, há os que migram mesmo diante das incertezas. A hipótese da seleção diria que pessoas

propensas a migrar também são propensas a adoecer. Não há como compreender o adoecimento do migrante sem examinar sua vida pregressa. Se no local de origem esse migrante já vivia uma situação de exclusão social, certamente haverá uma maior fragilidade e propensão ao adoecimento psíquico.

A relação entre pobreza e doença mental também tem sido objeto de estudo há algum tempo. Em seu artigo sobre migração e adoecimento, Almeida-Filho *et al* (1999, p. 7) afirma que “a migração foi associada a um risco mais elevado de distúrbio mental apenas em relação a pessoas excluídas”. Tal exclusão expressa por fatores como pobreza, baixa escolaridade, exclusão social, desemprego e até mesmo solidão. Verificou-se também uma questão de gênero. “[...] em relação a mulheres excluídas da força de trabalho, a migração constituiu um fator significativo de risco em relação à morbidade psiquiátrica menor. Entre os homens, não foi apurada uma relação semelhante.” (ALMEIDA-FILHO *et al*, 1999, p. 7).

Deixar uma situação estável, mesmo que insatisfatória, de trabalho e emprego rumo à incerteza de um novo lugar, aliada à falta de uma rede social já estabelecida pode ser desestruturante. Afora isso, temos ainda todos os fatores psíquicos envolvidos nessa mudança. A combinação de todos esses fatores anteriormente citados, aliados à predisposição estrutural (ou *pática*) do migrante, pode levar a uma ruptura, expressa na forma de um adoecimento psíquico.

A reação ao estresse da migração depende bastante do propósito e da intenção original do migrante. Muitos que se mudam “temporariamente” mantêm relações próximas com seu país ou região de origem, dificultando o processo de assimilação cultural, mesmo considerando que, na maioria das vezes, esses migrantes irão permanecer, senão até morrerem, mas por muitos anos.

Sayad (1998, p. 55) explora essa dimensão temporária da migração. O migrante é um eterno temporário, alguém que nunca se estabelece de maneira

definitiva. Ele afirma que pretende retornar à sua terra, mas ainda não conquistou tudo o que deseja. E permanece provisório e improvisado. Esse é o típico migrante solitário argelino que parte para a França em busca de trabalho. Vão aos montes. Saem de suas pobres vilas de encontro à miséria dos alojamentos e à solidão da clandestinidade.

2.2 O migrante em uma perspectiva páthica

Pode parecer estranha a grafia do significante *pathos* com *th*. Trata-se de uma provocação proposital, tendo como objetivo resgatar uma concepção histórica do radical grego “*pathos*”, que não se restringe apenas ao sentido de doença normalmente a ele associado.

A psicopatologia atual está baseada no sentido mais corrente de “patologia”, que, segundo Ferreira (1999), é o “ramo da medicina que se ocupa da natureza e das modificações estruturais e/ou funcionais produzidas por *doença* no organismo”. O saber psiquiátrico utiliza, portanto, o radical “pato” com o sentido de doença. Martins (2005, p. 37) recobra outros derivativos e sentidos para o termo, tais como “paixão” ou o derivante “patético”. Este vem do grego *pathétikos* e significa “que comove a alma, despertando um sentimento de piedade ou tristeza; conflagrador, tocante”, mas também “que revela forte emoção; apaixonado”.

A noção utilizada por Martins é similar a trazida por Heidegger, que define o termo como a disposição afetiva fundamental. Isso permite que falemos em estruturas. “Implica a existência de um sujeito que se constrói e é construído, independente da sua vontade. Estrutura aqui significa a construção do *pathos*, ou das *disposições* essenciais humanas.” (MARTINS, 2005, p. 200).

Portanto, ao grafarmos psicopathologia propositalmente com *th*, buscamos um entendimento que não se restrinja à idéia de doença. Há uma inter-relação com a clínica psicológica, em especial a psicanalítica, visto preocuparmo-nos com o devir, com o destino, com as formas de ser e de

existir. O adoecimento psíquico é apenas um dos destinos possíveis, mas não o único.

Martins (2005) prossegue a discussão acerca do normal e do patológico sem nunca deixar de enfatizar a importância de uma nosografia tal como a encontrada em manuais como o DSM-IV. Todavia, o autor busca uma concepção psicopatológica muito mais em sintonia com a *práxis* clínica, em especial, a psicanálise. Tal prática privilegia a escuta e não se restringe à tarefa de atribuir rótulos às manifestações do sofrimento psíquico ou aos modos de relacionar-se com o mundo. Distingue-se do diagnóstico puramente médico, feito de forma rápida e baseado na presença de signos indicativos de doenças.

No caso de uma simples infecção, essa tarefa é simples. O médico afere a febre, examina a garganta do paciente e diagnostica a amigdalite. Então, prescreve o antibiótico adequado. Na clínica psiquiátrica, convenhamos, a tarefa não é tão simples. “Seria como querer, pela fotografia de um satélite das árvores da Amazônia, dizer o que se passa com os seringueiros.” (MARTINS, 2005, p. 118).

[...] sentimo-nos, numa perspectiva *pathica*, mais próximos do seringueiro que se ocupa do seringal ou das castanheiras do que do analista de fotos do satélite. Ou seja, o clínico pode situar-se no exterior, mas não se poupar de entrar na floresta e estar com as árvores, seus pacientes. (MARTINS, 2005, p. 118).

A entrevista psiquiátrica é apenas um retrato momentâneo do que se passa com o sujeito. Os signos são muito mais complexos, e o diagnóstico depende largamente dos sintomas trazidos, como experiência vivida pelo paciente. Ainda assim, não podemos restringir toda complexa existência humana a um rótulo do tipo “bipolar”. Ao trazer a questão *pathica* à tona, dos modos de existir, das disposições afetivas fundamentais, é possível compreender o ser humano e o sofrimento psíquico de uma maneira bem menos limitante.

A idéia de norma não deve ser nada mais do que um indicador. Acerca do normal e do patológico, Bergeret (1988, p. 28), um claro defensor da noção de estrutura, tece a seguinte definição:

A noção de "normalidade" estaria, assim, reservada a um estado de adequação funcional feliz, unicamente no seio de uma estrutura fixa, seja esta neurótica ou psicótica, sendo que a patologia corresponderia a uma ruptura do equilíbrio dentro de uma mesma linhagem estrutural.

Bergeret associa a noção de “normalidade”, sempre escrita por ele entre aspas, com o estar bem com seus próprios conflitos, ser capaz de arranjar-se com eles, sem que isso implique uma alienação de seu potencial criador ou de suas necessidades íntimas. Isso vai de encontro à proposta de Martins (2005, p. 120), que postula que:

[...] o que chamamos de adoecimento psíquico será sempre a expressão do comprometimento de uma ou mais das atividades pelas quais o ser humano realiza sua humanidade [...] A falta, exagero e/ou diminuição, ressentidos pelo sujeito, de uma ou mais dessas atividades, será a expressão sistemática de sofrimento psíquico.

Tais atividades, por meio das quais o ser humano realiza seu devir, são o gozar, o amar, o trabalhar e o comunicar por símbolos, sendo que cada um desses verbos traz consigo o “vir a ser” de cada homem.

De acordo com Martins (2005, p. 122), “o verbo ‘gozar’ implica sempre o corpo próprio do sujeito nessa experiência; é uma atividade que se refere diretamente às pulsões e seus destinos”. A capacidade de gozar está diretamente relacionada ao bem-estar e à felicidade, onde há um corpo afetivo e capaz de prazer em cada um de nós. A falta de gozo, a ausência de prazer, bem como o exagero na busca do mesmo, são indicadores claros de adoecimento.

Sobre o amar, Martins (2005, p. 123) afirma que “a incapacidade de amar será reconhecida como doentia em todos os grupamentos humanos, podendo levá-los à auto-extinção.” O verbo “amar” implica a presença de outro, sendo que há nos homens um desejo de união e comunicação. “A

incapacidade de amar aparecerá sempre como modelo radical e último do narcisismo”.

No que se refere ao “comunicar pela linguagem”, temos a linguagem simbólica, que nos permite ascender ao rol das possibilidades humanas. Ela é que torna possível deixar o isolamento e passar a compartilhar com o outro. Segundo Martins (2005, p. 125), “a ruptura da interlocução é sempre expressão do adoecimento psíquico”.

Finalmente, “trabalhar” está relacionado à pulsão mais básica, a da sobrevivência. O trabalho dá sentido à vida humana da forma como ela se encontra organizada em nossa civilização. A vida sem trabalho é sem sentido.

É possível estabelecer uma psicopatologia própria aos migrantes? Acreditamos que não. A questão do adoecimento psíquico na migração é inconclusiva, como pudemos constatar. Mesmo considerando os quadros agudos psicopatológicos, repletos de signos que de fato podem ser interpretados como adoecimento, e não apenas manifestações das capacidades e possibilidades de vir a ser. Com o migrante não é diferente. Ele não adoece de maneira distinta. Os quadros clínicos encontrados em grupos de migrantes não se diferem dos encontrados no resto da população. As timopatias, as psicoses e os quadros de ansiedade e fobias estão presentes.

De fato a migração é fator de risco, mas não somente. Pode ser também fator de melhora. Ninguém adoece pela migração apenas. Daí a necessidade da compreensão *pática*, do sujeito e sua história como um todo.

Inserimos aqui, portanto, a justificativa para realizarmos um estudo que se diferencia da maior parte dos trabalhos aqui revisados, sempre focados em grupos populacionais, e cuja intenção é estabelecer padronizações, não só para os motivos da migração, mas também para a questão do sofrimento e de suas relações com o migrar.

Ao tomarmos esse olhar do particular, faz sentido entender o migrante por meio de seu funcionamento no mundo, em sua capacidade de amar, gozar,

trabalhar e comunicar. Esses símbolos, tais como propostos por Martins (2005), seriam os melhores índices de saúde mental.

2.3 Do grupo ao sujeito

Os estudos sobre migrantes, não somente os epidemiológicos e os sociológicos, mas também os realizados na psicologia, são geralmente direcionados a uma população ou a um grupo de migrantes. São raros os estudos que privilegiam o sujeito.

Nessas amostragens, relevantes para se entender a migração enquanto fenômeno macro, tenta-se estabelecer padrões que possam explicar o comportamento de um grupo social. Nos estudos epidemiológicos mostrados anteriormente, os dados apontam grandes direções. Se considerarmos somente esse tipo de dado, acabaremos por simplificar, por exemplo, as causas da migração de um indivíduo.

Nos estudos populacionais, a migração aparece geralmente associada ao trabalho, excluindo aqui os exilados. Há uma escolha na direção de uma melhora de vida. A migração se torna um fenômeno amplo, explicável por meio de modelos como os de “expulsão” da terra antes habitada, e “atração” exercida pelo novo local escolhido. E isso é verdadeiro. No entanto, ao privilegiarmos o discurso individual de um migrante, vemos que nem sempre a busca por melhores condições de trabalho e moradia é a causa principal da migração.

Em se tratando de um trabalho conduzido sob um olhar clínico, no qual cada sujeito e sua história interessam, encontramos outras dimensões das motivações do migrar. Entre elas está o amor, o desejo em ser aceito pela família, a necessidade de fugir de algo desconhecido ou não a cada um, entre outros. Ao buscarmos as motivações, deparamo-nos com o inconsciente. O trabalho freqüentemente é o mote da migração, mas pode estar ocultando outros desejos, inconscientes ou não. Um trabalho feito com grandes amostras,

por meio de questionários, dificilmente conseguiria trazer tais nuances e riqueza que uma conversa diferenciada pode fornecer.

Por conseguinte, acreditamos que esse trabalho se distingue a partir dessa tentativa de lançar um olhar clínico sobre o sujeito, e não sobre o grupo. Diante da complexidade em realizar um estudo com essas características em grande escala, optamos por trabalhar com uma amostragem reduzida. Isso é compensado pelo acesso à experiência de migrar por meio do olhar do próprio migrante.

CAPÍTULO II

Estudo exploratório do imaginário dos migrantes

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o imaginário de migrantes recentes em Brasília e discutir alguns aspectos psicológicos do migrar por meio da apresentação de trechos significativos de entrevistas com dez migrantes. Optamos por essa metodologia por entendermos que, dentro de uma perspectiva clínica e buscando contribuir com o conhecimento sobre o tema migração, não há sentido em apenas trazer os diversos dados estatísticos produzidos a partir de questionários. Tal prática é comum nos estudos de maior abrangência. A clínica, no entanto, privilegia sempre o sujeito.

No capítulo anterior, mostramos teorias e estudos que buscam as causas da migração enquanto fenômeno macro. Buscamos aqui o micro, os motivos de cada migrante. Perscrutamos na fala dos entrevistados os sonhos que o levaram a migrar, as dinâmicas familiares, os destinos. Agrupar uma população de migrantes em subgrupos assemelha-se, na prática clínica, a utilizar o pensamento sindrômico psiquiátrico para criar tipologias e classificações que pouco fazem sentido na vida de um indivíduo. Os dados puros não são capazes de ilustrar as tragédias de cada um.

Neste estudo, o entrevistado é o protagonista de sua própria história, única e incomparável. Destarte, é possível perceber como as generalizações empobrecem o entendimento dos motivos de uma migração. Mesmo utilizando um número reduzido de entrevistas, sem pretensões de generalizações, é possível trazer à tona diferentes aspectos do processo

migratório com uma riqueza inerente ao relato em forma de entrevista semi-estruturada.

1 Metodologia

No que concerne à metodologia empregada, introduzimos a tabela a respeito dos sujeitos entrevistados. Também tecemos algumas considerações acerca da utilização de entrevistas enquanto instrumento de pesquisa. A íntegra das entrevistas se encontra nos anexos (ANEXO C).

1.1 Escolha dos sujeitos e do local de pesquisa

Participaram do estudo dez imigrantes moradores de Brasília há no mínimo um e no máximo oito anos, provenientes de regiões no mínimo seiscentos quilômetros distantes do centro de Brasília. O grupo foi formado exclusivamente por sujeitos que tinham, no momento da entrevista, entre vinte e três e trinta e três anos de idade.

Tabela 1: Sujeitos entrevistados.

| Sujeitos | Origem | Idade | Ocupação | Tempo em Brasília | Situação familiar | Local de moradia |
|-----------------|-------------------------|--------------|-----------------|--------------------------|----------------------------------|-------------------------|
| Marina | Belo Horizonte, MG | 23 | Estudante | 3 anos | Mora com pais e irmão mais novo. | Guará |
| Joana | São José dos Campos, SP | 24 | Estudante | 4 anos | Divide apartamento com colega. | Asa Norte |
| Patrícia | Porto Alegre, RS | 31 | Psicóloga | 3 anos | Mora só, separada. | Asa Sul |
| Cristina | Belo Horizonte, MG | 28 | Psicóloga | 3 anos | Mora com marido, sem filhos. | Jardim Botânico |

| | | | | | | |
|-----------|--------------------|----|-------------------------|---------------|------------------------------|------------|
| Marta | João Pessoa, PB | 27 | Psicóloga | 2 anos | Mora com companheira. | Sobradinho |
| Carolina | Fortaleza, CE | 31 | Economista | 4 anos | Mora com marido, sem filhos. | Asa Norte |
| Luís | Porto Alegre, RS | 33 | Designer | 2 anos e meio | Mora só, separado. | Sudoeste |
| Francisco | Fortaleza, CE | 31 | Servidor público | 4 anos | Casado, sem filhos. | Asa norte |
| Antônio | Crateús, CE | 33 | Encarregado de peixaria | 8 anos | Casado, um filho de 2 anos. | Guará |
| Pedro | Rio de Janeiro, RJ | 29 | Servidor público | 1 ano | Casado, sem filhos. | Asa Norte |

Obs.: Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

Os entrevistados foram escolhidos seguindo os seguintes critérios. O primeiro deles foi que reconhecessem Brasília como local de morada de fato. Isso deveria estar presente na fala dos migrantes. Não estariam aqui apenas de passagem. Todos estão em Brasília com uma perspectiva de permanência, o que caracteriza a imigração. Outro critério foi que os partícipes fossem moradores de outros estados, de preferência zonas distantes o suficiente da área maior de influência de Brasília, locais com uma cultura bem definida, contrastando com o mosaico encontrado no Distrito Federal. Definimos uma distância mínima de 600 quilômetros da cidade, visto que a área de influência de Brasília é muito extensa. Segundo o estudo *Regiões de Influência das Cidades* (IBGE, 2008), Brasília é hoje metrópole nacional, com uma área de influência sobre 3,2 milhões de pessoas. De acordo com o estudo, uma cidade como Barreiras na Bahia, distante 598 quilômetros de Brasília, estaria sob forte influência econômica de Brasília, e não de Salvador.

Já a escolha de Brasília como local do estudo é justificada pelos seguintes fatores: a cidade, além de ser uma metrópole nacional e ainda atrair um grande número de pessoas de todas as regiões do Brasil, destaca-se dentre outras grandes cidades brasileiras por abrigar toda a estrutura administrativa, que engloba, além dos órgãos de governo, diversas outras instituições e

empresas privadas importantes. Isso exerce forte atração sobre moradores de fora. Além disso, Brasília apresenta uma série de características que a diferencia de todas as outras cidades brasileiras, como sua arquitetura inovadora e seu planejamento urbano. Tais elementos contribuem para a forma como as pessoas e a cidade se relacionam, tornando ainda mais rico o estudo da experiência do migrante.

Os sujeitos foram recrutados de forma voluntária (ver termo de consentimento livre e esclarecido em anexo) no meio acadêmico por meio de convite enviado por correio eletrônico, bem como em forma de convite pessoal em uma clínica que atende tanto psiquiatria quanto psicologia na cidade de Brasília. Alguns sujeitos se encarregaram de recomendar outros para a pesquisa.

Foram utilizadas entrevistas semi-estruturadas com perguntas gerais que permitiram respostas abertas (ver ANEXO A). As entrevistas tiveram entre quarenta e cinco minutos e duas horas de duração e tiveram todo o seu conteúdo gravado (com consentimento do entrevistado, ANEXO B) e transcrito na íntegra (ANEXO C).

1.2 Usando entrevistas

Uma entrevista de pesquisa é uma forma de conversa profissional baseada na vida diária. Nesse caso, é uma entrevista com um objetivo e uma estrutura bem definida. O assunto é apresentado pelo pesquisador, e a entrevista não deve ser considerada uma conversa entre iguais (KVALE, 1996, p. 60).

O primeiro grande questionamento diz respeito à pesquisa qualitativa. De acordo com a definição vigente sobre ciência, temos que a pesquisa qualitativa, em especial a que se utiliza de entrevistas como instrumento de pesquisa, não é científica, pois não obtém ou produz conhecimento de uma forma sistemática, metodológica e reproduzível.

Os achados de uma entrevista são expressos em forma de linguagem. O que importa são as nuances, as descrições trazidas pelo entrevistado sobre seu próprio mundo. A entrevista qualitativa oferece a oportunidade de trabalhar tanto com descrições explícitas, quanto com as entrelinhas, com o que está implícito. A interação do entrevistador com o entrevistado oferece essa oportunidade. Há uma relação intersubjetiva, na qual ambas as partes influenciam e são influenciadas.

As entrevistas trazem a qualificação da experiência do sujeito, a quem é dada a liberdade de descrever sua história sob seu ponto de vista. Em sua fala, emergem os motivos reais, os conflitos aflorados pela migração, as dores e as perdas da partida, o sonho de uma nova vida, os não ditos. Essas dimensões não aparecem nos dados gerais e nos estudos populacionais. Os números não qualificam o vivido e o imaginado, ao contrário das entrevistas, método que se assemelha à escuta da prática clínica cotidiana.

2 Motivos para migrar

O que move o mundo? Freud, sob a influência do romantismo, introduz por meio da psicanálise a idéia de que a sexualidade e a autoconservação são fundamentais para o entendimento da história humana vivida. Martins (2005, p. 183) afirma que é

[...] o amor e a fome que suscitam e dirigem a atividade dos homens. Por intermédio do amor a espécie se perpetua. Por intermédio da fome o indivíduo se organiza. Entrelaçados um no outro, o amor e a fome representam dois eixos essenciais em torno dos quais uma multidão de atividades pulsionais se organiza.

O migrante também é movido pelas duas forças essenciais: a necessidade da conservação e da sobrevivência e a busca do prazer, do amor. As entrevistas permitem constatar motivos que seriam “concretos” nos estudos migratórios. Entre os principais, o mais comum está relacionado a uma busca por melhores condições de vida, em geral financeiras.

Termos como “migração forçada” e “migração voluntária” são freqüentemente encontrados na literatura da migração. Mas o que seria migração forçada? Situações de guerra ou conflitos étnicos, bem como perseguições ou catástrofes naturais podem levar a isso. Além disso, a migração forçada pode estar implícita num contexto de migração antes voluntária. O pai que decide migrar está de fato migrando voluntariamente. Poder-se-ia dizer o mesmo a respeito dos filhos e da esposa? Muitas vezes não podem escolher. Além disso, a migração pode ser voluntária apenas em nível do discurso, mas inconscientemente é possível que seja forçada, pois seria a única saída para a concretização de um desejo. Isso pode ser observado em casos nos quais o sujeito migra a fim de realizar um desejo amoroso. Um relacionamento ou escolha sexual que não encontre espaço numa cidade pequena do interior onde todos se conhecem pode ser a causa da migração, mesmo que de forma inconsciente.

O trabalho (ou a falta dele) quase sempre é citado como a principal causa da migração. A busca por melhores condições de vida por vezes assume

o lugar no discurso do migrante de única causa para a migração. Sabemos que o trabalho em si não pode determinar um processo tão complexo quanto o migrar. Certamente ele impulsiona, mas não é o único aspecto envolvido, como poderiam fazer pensar os estudos macro populacionais, que não se atêm à fala dos protagonistas.

Nunes (2002) afirma que, apesar de se tratar de uma decisão essencialmente individual, que, no máximo, se estende a um grupo reduzido de pessoas, geralmente a família, é importante ressaltar que essa decisão individual não ocorre por acaso. Discordamos dessa afirmação, pois acreditamos que a migração não é uma decisão meramente pessoal. Ela sempre leva em conta os entes mais próximos, adjuvantes nesse processo, e pode estar também muito mais relacionada a um destino já traçado na família. Trata-se de uma decisão de mais de uma pessoa, mas jamais individual.

Para Nunes (2002), a migração ocorre em momentos precisos em que a sociedade e a economia estão passando por transformações profundas, nas quais migrar é o sintoma mais evidente. Sem dúvida, é necessário haver as condições para que um fluxo migratório seja inaugurado. Porquanto, quase sempre a decisão de migrar significa deixar para trás referências de vida que garantem identidade; mas para parcelas substanciais a mudança significa novos desafios, exigência de vida e uma maior possibilidade de ascensão em relação àquele que permanece em sua terra, devido principalmente à precariedade dos locais de origem.

Abandonar a própria terra é sempre uma decisão radical, extrema, seja quando é induzida ou forçada, seja quando é motivada pela realização de um sonho ou pela satisfação de um desejo. Porém, a possibilidade de mudança na estrutura social, o mito de que na decisão de mudar são novos horizontes ou novas possibilidades que se apresentam é o que sustenta as dificuldades e as incertezas implícitas em uma migração. Portanto, a tomada de decisão de migrar é conflituosa. Dificilmente um sujeito é capaz de tomar uma decisão como essa sem antes enfrentar muitas dúvidas e angústias, mesmo que, por

vezes, essa angústia de deixar o familiar em direção ao desconhecido seja inconsciente.

A migração é um tempo de crise, e essa crise se inicia já no período de tomada de decisão e seguirá mesmo que o migrante tenha relativa certeza da sua decisão, pelo período pré-migratório até os primeiros momentos de sua chegada, e, em alguns casos, por anos a fio. Alguns possuem muita dificuldade em transformar o luto do rompimento com o familiar e com a terra natal e seguir adiante. Outros não, pois fazem essa passagem de maneira muito mais suave, adaptando-se com alguma facilidade.

Para Lucas (2005, p. 5, *tradução nossa*), “a decisão de se recolocar em outro país e a subsequente escolha do destino são forjadas a partir do peso de muitos fatores”. As diferenças individuais e os padrões familiares lançarão uma ênfase maior em algum desses fatores. Enquanto uns serão atraídos pela “aventura” da mudança e do novo local, outros serão desmotivados justamente pela diferença da nova vida. Mas, para a maior parte, são as circunstâncias que importam: o potencial de ganho, a possibilidade de maior segurança pessoal, o peso da proximidade e a presença de uma rede de amigos e familiares no local de destino. Nas falas de alguns de nossos entrevistados, entretanto, os motivos de se migrar podem ser de ordem muito mais subjetiva, como o amor. “E eu vinha pra ficar com uma pessoa que eu amava muito e para mim independente se alguma coisa desse certo ou não eu estaria com ele” (Cristina, 28 anos).

Independentemente dos motivos, um fato sempre levado em conta pelo migrante na escolha do local de destino é a presença ou não de uma rede social. Se há familiares ou conhecidos que possam servir como suporte inicial e facilitar os contatos profissionais, isso pesará bastante. Tal fator pode ser um dos responsáveis por estabelecer um padrão migratório entre duas regiões. Dificilmente um neurótico escolhe migrar para um local em que não haja tipo algum de referencial social. De acordo com Bhugra e Jones (2001, p. 220), a presença de uma rede social e de apoio pode evitar um adoecimento psíquico entre migrantes.

Razões externas justificam ou sustentam a decisão de migrar, tais como as econômicas, de trabalho, de estudo, entre outras. No entanto, "por mais reais que essas razões sejam, em um nível mais profundo elas podem ser usadas como racionalizações para que outros desejos mais profundos, conflitivos ou não, possam ser satisfeitos" (GRINBERG L. e GRINBERG R., 1989, p. 58, *tradução nossa*).

O sujeito pode estar à procura de novas experiências e horizontes, por necessitar descobrir coisas distantes e desconhecidas, até mesmo idealizadas a seu próprio respeito. Em alguns casos, ele, sentindo-se perseguido e paranóico, parte visando deixar essas experiências persecutórias para trás.

Grinberg L. e Grinberg R. (1989, p. 59) ainda frisam que o desejo de partir pode estar em conflito com a tendência a ficar e permanecer com o que é seguro e familiar, tendência essa que todos possuem, em maior ou menor grau.

E eu me senti um pouco sozinha. No primeiro fim de semana chorei bastante. Uma dor do tipo "Por que eu vim?". Eu não sei se eu já tenho essa resposta. [...] Um dia meu colega me perguntou se eu queria voltar a morar no sul e eu respondi que ainda não sabia o quanto queria voltar para lá, assim como eu não sei o quanto eu quero ficar aqui. Mas a idéia que eu tenho é que eu ainda não escolhi Brasília. E ele disse "ninguém escolhe Brasília! (Patrícia, 31 anos)

Geralmente uma pessoa tem a sensação de que algo nela permanece constante, não importando o que acontece a seu redor. Isso ocorre quando nos referimos a estruturas bem estabelecidas. Porém, algumas circunstâncias fazem o sujeito não tolerar as mudanças que ocorrem na sua realidade externa. Quando isso acontece, sua percepção e sentimentos em relação ao mundo exterior e de sua própria identidade são postos em cheque.

Uma provável conseqüência desse processo é a ansiedade face à mudança, que pode levar a sentimentos depressivos e angústia, levando o sujeito a justificativas racionais para evitar a mudança. Isso acontece devido ao medo do desconhecido, do imprevisível, do não-familiar. Mesmo aqueles que têm a convicção e as razões para migrar acabam passando por dificuldades e

hesitam até tomarem sua decisão final. A insegurança e o medo de perder um todo já estabelecido, principalmente no que diz respeito às redes sociais, são latentes nesse período decisório.

No caso de alguém, como um chefe de família, que toma uma decisão que afeta outras pessoas, como cônjuge e filhos, a responsabilidade colocada sobre si mesmo é ainda maior. Caso haja problemas mais sérios ou frustrações relacionadas ao futuro dessa migração, inevitavelmente a culpa cairá sobre essa pessoa. Os dependentes, por vezes contrários à decisão de migrar, podem se sentir impotentes e raivosos, ou, em outros casos, gratos a quem foi capaz de tomar uma decisão.

Tomemos como exemplo os adolescentes, bem estabelecidos no lugar de origem, com amigos, escola, todas as atividades bem encaminhadas, e que, de forma repentina, tenham de deixar tudo isso para trás em função de uma oportunidade de emprego muito boa recebida pelo pai. Sentimentos como tristeza, raiva, impotência e ressentimento estarão presentes. Nesse caso, a decisão, quando tomada pelo chefe da família, além de difícil e angustiante, ainda tem de passar pelo crivo dos outros membros, podendo suscitar diferentes sentimentos.

[...] ele (*o pai dela*) já conhecia Brasília, sempre falou muito bem daqui, mas nunca, a gente nunca tinha imaginado morar aqui. Como surgiu essa proposta na época que ele tava sem trabalhar, foi o que fez a gente vir. Como lá tava muito difícil, porque meu pai acabou fechando muitas portas lá de oportunidade de emprego, aí a gente veio. Aí eu fiquei em dúvida por causa da faculdade, porque eu não queria de forma nenhuma deixar de fazer [...] (Marina, 23 anos).

Aqui, Marina, que veio por meio da decisão da família, questiona seriamente se gostaria de mudar, apesar de saber que para sua família é uma decisão necessária. A migração de Marina, como veremos mais adiante, ocorreu em função e em prol de sua família. Notemos que Marina tem a possibilidade de permanecer em Belo Horizonte, onde já fazia faculdade. No entanto, seu pai a coloca em um lugar de ajudar a realizar a decisão, ao mesmo

tempo em que a pressiona. Finalmente, ela decide fazer uma prova de transferência e se muda para encontrar-se à família já em Brasília.

E aí para mostrar pro meu pai que a minha prioridade era faculdade e não a minha vida lá, eu vim e fiz a prova (*prova de transferência para a Universidade de Brasília*). Porque realmente eu prefiro morar com minha família. A gente é muito ligado, então eu sempre preferi estar com eles (Marina, 23 anos).

Tomada a decisão de migrar, inicia-se a dura tarefa dos preparativos para essa mudança. Em se tratando de uma migração regional, os entraves são menores, mas nem por isso tornam esse período fácil. Ao mesmo tempo em que o emigrante precisa realizar uma série de preparativos práticos, ele convive com a incerteza do futuro e com a angústia da partida. Essa, como já discutido, pode estar encoberta por um excitamento quase maníaco, uma grande expectativa em relação à nova vida. Sentimentos como a raiva do lugar de origem podem ocorrer. Isso acelera os preparativos da migração.

Quando se trata de uma migração de assentamento, com o claro intuito, desde o início, de não haver um retorno, os preparativos são marcados pela radicalidade da ruptura. Desfazer-se de tudo o que não é necessário. No caso dos que deixam a família e migram sozinhos, indo primeiro e abrindo caminho aos outros que ficaram, é importante manter um vínculo com os que ficam. É possível que deixem uma estrutura que ainda permanecerá. Ali, pelo menos durante um tempo, ainda será seu lar. Haverá familiares e um lugar para onde retornar. Frequentemente enviam dinheiro e ajudam a manter esse lar distante.

Um migrante jovem, sozinho, que migra com a certeza de um emprego ou com estudos já assegurados, como os profissionais concursados que mudam para Brasília, não vivencia a incerteza e o rompimento brusco da mesma forma de quem muda arriscando tudo sem quaisquer garantias. São perfis bastante distintos. Essa distinção também é importante ser feita entre o migrante profissional e o estudante.

O termo migração, quando se refere a um estudante, pode soar impreciso. O estudante irá cursar uma faculdade por um tempo determinado,

e então retornar à sua cidade de origem. Certamente isso é o que muitos pensam, mas, na prática, especialmente em uma cidade como Brasília, com as oportunidades que oferece, é provável que ele tente permanecer e se estabelecer profissionalmente. Uma cidade grande oferece maiores oportunidades e qualidade de ensino, o que pode se traduzir em uma permanência posterior em busca do sucesso profissional.

Nas entrevistas realizadas, observamos dois padrões distintos de motivação principal para o processo migratório: o amor e o trabalho. Não por acaso, retomando a fala de Martins (2005, p. 183) “o amor e a fome suscitam e dirigem a atividade dos homens”. Temos ainda em Freud:

De muito especial importância [...] é a inegável oposição que existe entre as pulsões que servem a sexualidade, a obtenção de prazer sexual, e as outras que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do ego; todas as pulsões orgânicas que agem em nosso psiquismo podem ser classificadas, segundo os termos do poeta, de “Fome” ou de “Amor”.

Assim, em se tratando dessas pulsões básicas, podemos fazer um paralelo com os principais motivos dos migrantes. O amor e o trabalho (derivado da pulsão “fome”, ou seja, a necessidade de conservação). Se destrincharmos as motivações dos entrevistados, acabaremos sempre chegando a esse núcleo básico. Separamos, portanto, os migrantes em dois grupos principais, amor e trabalho, tendo em mente que raramente há um motivo apenas, mas uma combinação favorável que pode fazer com que o sujeito migre ou não. Da mesma forma como movem a atividade dos homens, o amor e o trabalho movem os migrantes entrevistados.

Abaixo, os sujeitos entrevistados apontam seu motivo principal para migrar. No relato da história da migração desses migrantes, existe nitidamente um predomínio de um dos temas como o principal motivador da mudança de cidade.

Tabela 2: Os motivos da migração para Brasília.

| MOTIVO PRINCIPAL | SUJEITOS | TOTAL |
|-------------------------|--|--------------|
| AMOR | Marina, Cristina, Luís, Carolina e Pedro. | 5 |
| TRABALHO | Patrícia, Francisco, Antônio, Marta e Joana. | 5 |

Coincidentemente, eles ficaram distribuídos de forma igual entre as duas categorias. Apesar de terem migrado com o objetivo inicial de estudar, Marta e Joana foram incluídas na categoria “trabalho”.

O amor, quando não explicitado na fala, pode surgir de forma oculta. Essa análise mais detalhada será feita no próximo capítulo, no qual buscamos as dimensões não explícitas do migrar. O trabalho, entretanto, esteve presente em todas as entrevistas como essencial na migração, mesmo quando não citado como principal motivo. Em geral, não importa o lugar escolhido ou se o motivo central é o amor, o sujeito acaba buscando alguma atividade, remunerada ou não. Porém, dificilmente alguém migra para receber menos, pois há sempre o desejo de crescimento e evolução. Uma vez tendo migrado, ainda que por amor, especialmente para Brasília, cidade reconhecida como local de oportunidades, naturalmente o migrante buscará estar inserido profissionalmente. A seguir, apresentamos quatro falas de Cristina e Patrícia que mostram o quanto suas motivações para migrar estão relacionadas ao amor ou ao trabalho.

Quadro 1: Exemplos de fala exemplificando os motivos de migrar.

| | |
|------------------------|---|
| <p>AMOR</p> | <p><i>“E minha prioridade era ele, aonde ele fosse eu ia atrás.” Cristina, 28 anos.</i></p> <p><i>“E eu vinha pra ficar com uma pessoa que eu amava muito e para mim independente se alguma coisa desse certo ou não eu estaria com ele.” Cristina, 28 anos.</i></p> |
| <p>TRABALHO</p> | <p><i>“E essa questão de não trabalhar é uma morte social. É como se você desaparecesse. E isso começou a interferir em toda a minha vida. Eu queria trabalhar!” Patrícia, 31 anos.</i></p> <p><i>“Decidi que ia entrar para o funcionalismo público. Vou buscar vaga para psicóloga e vou entrar para o serviço público, porque eu não vejo (via) saída.” Patrícia, 31 anos.</i></p> |

2.1 O amor

Optamos por subdividir a categoria amor entre dois grupos: familiar e romântico. No caso do amor familiar, encontramos nas entrevistas duas situações possíveis. Na primeira delas, a migração se realiza como um destino da família. Os pais decidem e o filho acata, como no caso de Antônio, migrante mandado para São Paulo seguindo seus irmãos em função de uma decisão paterna. Certamente pareceria que essa migração se dá pela necessidade do trabalho, mas o sujeito escolhe ir, primariamente, por amor aos familiares, por desejar ajudar, ser amado e reconhecido pelos entes mais próximos. Migra-se porque ama, mas também para ser (mais) amado. A outra possibilidade de migração é para estar próximo da família. Se os pais, por exemplo, resolvem se mudar, e os filhos já têm idade suficiente para decidir se querem ir juntos ou não, a escolha de migrar também é amorosa, mesmo que

não desejada. No amor romântico, também observamos duas possibilidades nos entrevistados. Uma é aquela em que um dos parceiros resolve migrar em função do seu trabalho, e o cônjuge o segue, mesmo que isso signifique abrir mão da sua vida pregressa em prol do sucesso e do estar próximo ao outro. A outra é quando o casal resolve migrar para viabilizar uma relação, que, do contrário, não seria possível na cidade de origem. Migra-se para estar ou permanecer próximo a quem se ama, seja este um membro consangüíneo, seja um parceiro amoroso. Ressalva-se que as migrações foram voluntárias; ou seja, não houve uma situação que caracterizasse obrigatoriedade em migrar, mas sim escolha. Caso houvesse um dependente menor de idade sem outra escolha possível senão a de acompanhar os pais, não seria correto utilizar o termo “amor” para caracterizar a migração, mesmo estando o amor presente. Ao utilizarmos na subcategorização o termo “família”, estamos nos referindo ao pai, à mãe ou aos irmãos.

Tabela 3: Os subgrupos da categoria AMOR.

| SUBGRUPOS DE AMOR | SUJEITOS | TOTAL |
|--------------------------|------------------------------------|--------------|
| FAMÍLIA | Marina | 1 |
| ROMÂNTICO | Cristina, Luís, Carolina, Pedro | 4 |

Abaixo, falas significativas dos dois tipos de amor, a saber, o romântico e o direcionado à família.

Quadro 2: os subgrupos de AMOR.

| | |
|-------------------------|--|
| <p>FAMÍLIA</p> | <p><i>“Meu pai tava desempregado, ele tinha acabado de ter um problema. Ele tinha um lava-jato e não deu certo. E ele recebeu uma proposta de um primo dele de vir trabalhar aqui.” Marina, 23 anos.</i></p> <p><i>“E aí ele veio... como a questão financeira tava pegando ele veio pra ver se iria gostar, se adaptar. Gostou de Brasília e reuniu a família e perguntou o que a gente achava.” Marina, 23 anos.</i></p> <p><i>“Como lá tava muito difícil, porque meu pai acabou fechando muitas portas lá de oportunidade de emprego, aí a gente veio.” Marina, 23 anos.</i></p> |
| <p>ROMÂNTICO</p> | <p><i>“Brasília poderia ser o pior lugar do mundo, mas para mim seria o paraíso porque eu ia casar e sair de casa.” Cristina, 28 anos.</i></p> <p><i>“E eu ia achar emprego em qualquer lugar, marido igual ele não, eu não ia achar em outro lugar, tenho na minha cabeça sempre assim.” Cristina, 28 anos.</i></p> <p><i>“A decisão foi dela mesmo (RS)! Pra mim era muito difícil decidir isso, na época, porque eu estava numa situação muito confortável.” Luís, 33 anos.</i></p> <p><i>“Ela veio primeiro e acho que a gente ficou separado quase um ano. Ela aqui e eu lá e a gente se via de três em três meses. Na primeira vez que eu vim pra cá, eu vim pra conhecer mesmo. Só pra ver se eu me acostumava com a cidade.” Luís, 33 anos.</i></p> <p><i>“Decidi vir porque o Francisco tava aqui, tava trabalhando aqui, e aí a gente casou e eu vim pra cá.” Carolina, 31 anos.</i></p> <p><i>“Eu falei para minha esposa que não podia realmente querer cortar a sua carreira. ‘Você vai e eu vou dar um jeito de ir pra Brasília também através da Petrobrás.’ A iniciativa de vir para cá foi dela, mas consentida. Combinado antes. Ela veio em agosto do ano passado. Eu consegui vir em outubro. Ficamos alguns meses separados.” Pedro, 29 anos.</i></p> |

A distinção entre “família” e “companheiro” é meramente para fins ilustrativos; afinal, não há muita diferença entre as duas subcategorias. Entretanto, quando o(a) filho(a) ainda dependente dos pais não concorda com a mudança e precisa deixar suas referências como a escola e os amigos, a

migração acaba sendo involuntária. Não foi o caso dos sujeitos entrevistados. Isso geralmente ocorre entre adolescentes e crianças.

No caso de Marina, apesar de ser dada a ela a opção de não ir, ela se vê na situação de não apenas ter de decidir pelo que é melhor para seu próprio futuro, mas também de dar uma resposta pela família toda (ver análise actancial no capítulo 3). No seu caso, ir contra a possibilidade de recuperação profissional do pai em Brasília seria ir de encontro ao seu próprio ideal de família. Não há, portanto, uma escolha que não seja a de estar junto dos seus. Não apoiar o pai é uma ofensa, significa destituí-lo do lugar que ocupa.

Na segunda subcategoria, há a distinção entre os dois exemplos apresentados. Cristina, também descrita em mais detalhes no capítulo 3, criou-se para ser uma esposa fiel. De família tradicionalíssima do interior de Minas, seu ideal na vida era se casar. O amor romântico é permeado por esses ideais familiares. Em seu caso, a migração é apenas uma forma de viabilizar seu desejo de um casamento estável, no qual os papéis masculinos e femininos estão muito bem determinados. A migração é circunstancial, pois dependerá do trabalho do marido, para onde ele escolha ir.

Luís também realiza uma escolha diretamente relacionada à sua esposa, uma migrante voluntária, que migrou por conta própria e não condiciona sua escolha à opinião do marido. Pudemos também entrevistar sua esposa à época da vinda para Brasília. Sua relação com a instituição casamento é oposta à de Cristina. Numa posição mais fálica, ela decide migrar em busca de trabalho, de sua realização profissional, que, para ela, está em primeiro plano. O marido, impotente diante da decisão unilateral da esposa, não possui alternativa. “A decisão foi dela mesmo”, afirma Luís, 33 anos. É uma decisão que de fato o coloca em segundo plano. Ele resolve migrar para não perdê-la, para continuar ao seu lado, mas o resultado não é muito favorável, pois se separam seis meses após a chegada dele. Estar junto a ela é o motivo principal, mas em sua fala também utiliza o trabalho como forma de justificar sua permanência. Ele sonha melhorar de vida e “ganhar o mundo”. Não retorna a Porto Alegre como um

fracassado após a separação, mas persegue incansavelmente seu sonho, pois esse agora é o motivo de estar em Brasília. Logo se envolve em relacionamentos que ajudam a suportar essa nova situação.

Poderíamos também questionar o sonho de mudança de Luís da seguinte forma: teria ele saído de Porto Alegre para buscar realizar seu sonho profissional caso não estivesse casado? Não há como responder a essa pergunta, mas, certamente, a vinda da esposa foi crucial para que decidisse. Talvez até pudesse tomar uma decisão como essa sozinho, em outro momento. “Pra mim era muito difícil decidir isso, na época, porque eu estava numa situação muito confortável” (Luís, 33 anos, ANEXO C). Isso pode significar que dificilmente ele seria capaz de migrar em curto prazo.

2.2 O trabalho

O segundo grande grupo encontrado não apenas no discurso dos migrantes, mas também na maior parte dos estudos sobre a migração, é o trabalho. Aqui ele surge como o outro motivador principal que leva à decisão de migrar. Assim como o amor, podemos também relacionar o trabalho à segunda pulsão básica descrita por Freud e que impulsiona o viver humano: a autoconservação.

No entendimento freudiano, autoconservar-se significa, no nível pulsional, ter o que comer. A sobrevivência no mundo civilizado não difere da vivida no passado pelos homens que caçavam para sua subsistência. Manter-se vivo implica trabalhar, obter o alimento e tudo mais que garanta proteção contra as intempéries da natureza. Sendo os migrantes em questão todos adultos, são eles mesmos que precisam garantir sua sobrevivência, mesmo que contem com alguma ajuda financeira da família. A busca pela autoconservação, portanto, está ligada ao trabalho e ao estudo.

Cunha (1987) traz algumas definições etimológicas sobre o verbo trabalhar. Trabalho traz a conotação de tortura, derivado de *tripalium*

(instrumento de tortura). Historicamente, o sentido inicial de tortura vai se transformando até a idéia de esforçar-se, lutar, pugnar e, por fim, trabalhar; ocupar-se de algum mister.

A fala de Antônio sobre suas migrações e sua relação com o trabalho tanto em São Paulo quanto em Brasília estão repletas de passagens que nos remetem à idéia de tortura e luta. Impressiona como alguns migrantes submetem-se a coisas degradantes que provavelmente não aceitariam fazer em seu local de origem. Isso é bastante comum na migração internacional.

Nos estudos sobre migração, o migrante é sempre colocado em relação à sua força de trabalho. Ele é um membro indispensável da engrenagem da economia. É necessário. Está presente por meio da sua mão-de-obra barata.

Autores como Sayad (1998) definem o migrante como essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito.

[...] um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, neste caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada do imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida: ser como imigrante, mas também como homem. [...] foi o trabalho que fez nascer o imigrante, que o fez existir; é ele que quando termina, que faz "morrer" o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser" (SAYAD, 1998, p. 55).

Assim, toda existência do migrante estaria condicionada à existência do trabalho em si. Certamente, trata-se de uma visão oriunda dos modelos econômicos que explicam a migração enquanto fenômeno social. O contexto de vida do autor reflete isso. Ele é um estudioso da migração argelina para a França, sendo ele próprio um imigrante argelino. Nesse caso, diante da miséria das aldeias encravadas nos desertos norte-africanos, não há muita saída senão designar um membro da família para tentar a sorte na Europa, em especial, na

França. De fato, uma migração determinada essencialmente pelo labor, bastante similar à que ocorre no Brasil.

Nesse sentido, esse imigrante descrito por Sayad (1998), é, em Freud, uma máquina que trabalha. Um ser sem desejo. Alguém coagido. *Zwangneurose*, termo alemão utilizado por Freud (1896), e traduzido como “neurose obsessiva” em português, pode ser melhor compreendido como uma “neurose de obrigação”, de “autocoação”. O neurótico obsessivo vê-se obrigado a *sobreviver*. Viver não basta. Não realiza seus desejos e trabalha como uma máquina. Renuncia à satisfação dos seus desejos, interiorizando as exigências e interdições parentais (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 498). Vemos aqui o processo de formação do *supereu*.

A migração entre países é realmente predominantemente ditada pelo trabalho enquanto meio para a acumulação de riquezas e melhora de vida. O contexto dos africanos na França, bem como dos brasileiros na Europa, é muito similar. Pessoas de pouca escolaridade e baixa renda que enxergam na migração uma ponte para uma rápida ascensão econômica. Vivem de forma desumana, preocupadas apenas em terem um canto para dormir e um local de trabalho assegurado. Sonham com o retorno ao país de origem, onde poderão construir algo que possa assegurar um futuro melhor não somente para o migrante, mas para toda a família.

A migração regional possui outras características. Se considerarmos os movimentos migratórios entre o meio rural e as grandes cidades, como o observado no Brasil nos anos setenta e oitenta, motivado pelo *boom* econômico, encontramos características semelhantes à da migração internacional. O pobre busca melhores condições, aceitando qualquer tipo de emprego que o pague mais do que está acostumado. Ou que o pague. Mas as migrações internas podem carregar com mais frequência outras motivações que não a econômica, como intentamos demonstrar. A ausência de fronteiras favorece a mobilidade. As distâncias e os custos são muito menores. Não há a barreira do idioma e o choque cultural de outros países.

E o que acontece com qualquer trabalhador do ponto de vista afetivo? É por meio dele que pode haver a melhora de vida. Para Codo, Sampaio & Hitomi (1993), qualquer que seja o modo de produção ou tarefa, existe sempre uma transferência de subjetividade ao produto: trabalhar é impor à natureza a face humana e se tornar o mundo mais parecido conosco.

Martins (2005) afirma que é impossível estudar o trabalho como excluído do gozar, do amar e do comunicar. “A incapacidade de trabalhar embota severamente a possibilidade de o sujeito adquirir autonomia e realizar sua integração” (MARTINS, 2005, p. 124). A falta do trabalho é sempre reconhecida como índice de doença. Quando um sujeito de 35 anos nunca trabalhou na vida, certamente ele será julgado em função desse índice.

Finalmente, Martins (2005) afirma que o trabalho pode ser fonte e expressão de sofrimento intenso, bem como de intenso prazer. O exagero pode levar à desorganização do corpo, e a falta de prazer e de reconhecimento pode levar às doenças psicossomáticas, tão presentes na clínica atual.

Portanto, o trabalho se apresenta no discurso dos entrevistados de forma marcante. No processo de uma decisão de migrar, ele aparece em duas direções: a ambição por um emprego melhor, por crescimento profissional ou apenas por necessidade de estar trabalhando, mesmo que isso não implique crescimento e evolução profissional.

Podemos pensar a migração como a única saída possível para garantir a autoconservação, mas não acreditamos nessa necessidade como absoluta, salvo em situações de perseguição e guerras. O caso de Antônio, retirante da seca, mostra isso. Um dos destinos possíveis, mas não o único, era a migração. Muitos de sua região deixaram o sertão cearense em direção a São Paulo, mas certamente outros ficaram. E sobreviveram. Falar em necessidade absoluta de se migrar, ligada a contingências externas, só é possível em situações de guerra e exílio. Aí sim a permanência poderia significar a morte.

O trabalho em si é um elemento estruturador do ser humano. Portanto, a falta a qual nos referimos pode ser uma falta de ordem interna, uma vez que

não trabalhar simbolicamente poderia significar uma morte, não mais fazer parte da engrenagem do mundo.

Na tabela a seguir, estão os sujeitos em que a questão do trabalho surgiu como predominante no processo decisório. A separação foi feita entre três categorias ligadas ao trabalho. Alguns vieram com uma proposta já garantida, caso de Francisco e Antônio, enquanto a única a vir exclusivamente tentar a sorte em Brasília sem nada assegurado foi Patrícia. E, finalmente, Marta e Joana vieram para estudar, o que, nesses casos, serve como preparação para um futuro trabalho remunerado.

Tabela 4: Os subgrupos da categoria TRABALHO.

| CATEGORIAS | SUJEITOS | TOTAL |
|-------------------|--------------------|--------------|
| Emprego garantido | Francisco, Antônio | 2 |
| Buscar emprego | Patrícia | 1 |
| Estudar | Marta, Joana | 2 |

Antônio e Francisco vieram a Brasília com um emprego já assegurado. Vejamos o que Antônio disse sobre a sua vinda.

Um diretor do Carrefour que me conhecia foi transferido pra Brasília. Foi na época que eles compraram a rede Planaltão que tinha aqui. Aí o diretor de algum jeito descobriu meu telefone no Ceará... tinha uma irmã minha que morava na cidade e tinha um vizinho que tinha um telefone, entendeu? E eu não sei como ele descobriu esse telefone... acho que foi com meus irmãos de São Paulo. Aí minha irmã foi lá no interior e falou que tinham ligado pra falar comigo. Eu pensei logo “é emprego”. Na mesma hora eu peguei a moto e já fui pra cidade e liguei pra ele. (Antônio, 33 anos.)

Em seu caso, a mudança para Brasília é sua segunda migração. Anteriormente ele havia saído do sertão do Ceará, deixando uma situação muito miserável para trás, em busca de trabalho em São Paulo. Porém, mesmo lá, continuou miserável. No entanto, essa migração foi necessária ao funcionamento de sua família. Ele seguiu um destino já determinado pelo pai e

pelos irmãos e pôde sonhar com uma promessa de melhora. Ao menos pôde ter alguns itens para seu consumo. “Meu sonho era comprar uma bicicleta quando eu tinha meus 15, 16 anos. E eu louco para completar 18 anos que era pra ir para São Paulo. Pra trabalhar e comprar a bicicleta” (ver ANEXO C, entrevista 7).

Antônio migrou em busca de emprego, mas seria possível afirmar que essa foi a real razão de sua migração? Há a questão familiar, o desejo e o destino traçado pelos outros. E essa migração também não deixa de ocorrer por amor, pela sua família e por sua “terrinha”, já que, enviando recursos, ele ajuda a manter seus familiares nesse local. Apesar de isso nunca ter se concretizado, ele ainda hoje sonha com o retorno. É muito no discurso dos migrantes essa característica de mencionar um desejo de retorno, mas dificilmente conseguir viabilizá-lo.

Num segundo momento, ele migra para Brasília, dessa vez sim em condição melhor e exclusivamente em busca de trabalho. Recebe uma proposta de um diretor da empresa onde trabalhava em São Paulo, e da qual havia sido demitido para assumir um cargo de chefia em Brasília. Portanto, essa segunda migração é caracterizada por um grau de certeza quanto ao que encontrará profissionalmente. Além disso, ocupar um cargo de chefia significa uma evolução significativa em sua vida profissional.

Francisco também migra com uma proposta já acertada.

Então eu liguei para ele e fiz uma espécie de entrevista por telefone e ele me disse que tinha a vaga. Aí eu fiquei muito interessado principalmente pela questão salarial. Porque aqui eu ganharia o triplo do que eu ganhava lá em Fortaleza. (Francisco, 32 anos.)

No entanto, ele não demonstra muita convicção acerca do que o motivou a migrar. Recebe uma proposta de emprego do sogro, mas não se entusiasma, ou não aparenta desejar de fato essa mudança. Contudo, ele sabia que, profissionalmente, permanecer em Fortaleza significava uma estagnação profissional, então resolveu se mudar. Ter uma proposta concreta com maiores oportunidades e ganhos salariais mais elevados faz diferença em seu processo

decisório. Apesar disso, há uma importante motivação amorosa ligada a essa migração inicialmente movida pelo trabalho.

A esposa de Francisco também participou da pesquisa e fez questão de enfatizar que teve um papel importante na escolha do marido, até então namorado. Em seu relato, ela afirmou que seria muito complicado para ela morar próximo à família dele, por diversas dificuldades de relacionamento. Isso os motivou a sair de Fortaleza, onde a família dele vive. Assim, ressaltamos que a escolha de um migrante se dá a partir de uma conjunção de fatores, nunca se restringindo a um motivo apenas.

Patrícia vem determinada a arranjar um emprego e trabalhar de forma mais estabilizada, ingressando na carreira pública.

E como eu não conseguia emprego, e eu precisava trabalhar. Eu não consigo ficar sem fazer nada. Costuma me fazer muito mal [...] E eu desesperada, precisando trabalhar, me sustentar. Aí eu me decidi que eu ia vir para Brasília. Porque, afinal de contas, eu estava fazendo concurso, estudando para concurso, e as pessoas me diziam: “Aqui é a terra dos concursos”. Aí eu decidi vir. (Patrícia, 31 anos.)

Ela exprime sua necessidade pessoal de ter um emprego. Para ela, é impensável ficar sem trabalho, uma necessidade premente em sua vida, mas não por uma questão financeira, pois tinha condições de se manter em Porto Alegre. Sua escolha se dá pela desejo que tem de ser adulta e independente.

Eu estava muito investida em mim, na minha profissão, com o que eu ia fazer da minha vida. Acho que minha família que me passou isso, mas acho que o objetivo da vida não é casar. Casar acontece, é uma consequência. E aí eu sempre tive essa mensagem, uma coisa muito forte e que eu incorporei. O trabalho é a coisa mais importante. A tua profissão ninguém te tira. E tava firme nisso aí. (Patrícia, 31 anos.)

Podemos contrapor sua migração à de Cristina, que migra exclusivamente em função da transferência do marido. Patrícia não. O casamento está em segundo plano em relação ao trabalho, e sua escolha leva exatamente isso em conta.

A terceira categoria é a dos estudos. Optamos por incluir esses migrantes estudantes na categoria do trabalho, pois os estudos, nos casos entrevistados, servem de preparação para o trabalho. Há outras especificidades que também contribuem para essa interpretação. Mudar-se para estudar pode ter vários

sentidos, mas o que diferencia o migrante daquele que apenas vai estudar fora é a questão do retorno. Um sujeito que muda para outro estado ou país para estudar sabendo precisamente quando irá retornar não deve ser considerado migrante. Um bom exemplo são estudantes de pós-graduação que possuem um vínculo temporal fora do país institucionalmente determinado, pois precisam prestar contas à universidade à qual pertencem. Isso é bastante diferente do que ocorre com um jovem que sai do interior rumo à cidade grande em busca de uma educação que talvez nem exista em sua cidade. Esse dificilmente retornará. Talvez se mude outras vezes, sempre atrás das melhores condições.

Vejamos o que dizem Joana e Marta em relação ao processo decisório de vir a Brasília estudar.

Então eu peguei e resolvi fazer o vestibular daqui. E foi o último que eu fiz. Assim, eu não decidi ‘Ah, eu vou para Brasília’, entendeu? Era porque minha amiga tinha passado na faculdade, ela tava bem, eu vi a prova e achei que tinha capacidade de me dar bem. (Joana, 24 anos)

Brasília, na verdade, pra mim se resumia à UnB. Porque os professores com quem eu fazia pesquisa tinham feito mestrado e doutorado aqui, então eles queriam muito que eu fizesse mestrado aqui. Então sempre tive Brasília com esse objetivo, e também porque aqui tinha mestrado em clínica e lá não. (Marta, 27 anos)

Nas entrevistas, Joana mostra a intenção de permanecer em Brasília. “Tem assim de já estar mais consciente de que eu não vou voltar mais a morar com meus pais. [...] Agora eu já sei que isso é muito difícil.” (Joana, 24 anos). Marta, por sua vez, veio cursar o mestrado, mas logo começou a trabalhar e não parou mais. Construiu coisas importantes. Já possui um lar.

Agora eu não tenho que reclamar de absolutamente nada na minha vida. Estou terminando o mestrado, que era meu sonho. A gente era acostumado a viver com pouco então a gente juntou uma grana, aí eu consegui uma bolsa, e compramos um terreno em Sobradinho. Já terminamos de construir a casa, ou seja, não pago mais aluguel, me considero bem no consultório, enfim, tirando a saudade de casa. (Marta, 28 anos)

No entanto, poderia, caso houvesse uma boa oportunidade, se mudar novamente. “Hoje em dia eu já me vejo aqui porque eu já tenho uma casa, essa

coisa que já vem trazendo raiz, mas também se eu arranjar um emprego melhor em outro lugar eu vou sem o menor problema” (Marta, 28 anos).

Portanto, a motivação de migrar para estudar está muito relacionada ao trabalho. Em todos os casos aqui entrevistados, mesmo inicialmente havendo uma intenção de retorno, isso não ocorreu. Em Joana, por exemplo, essa vontade se transformou ao longo do tempo. Para ela, uma estudante de medicina, não faria sentido retornar a São José dos Campos. Ela afirma que todos os seus contatos profissionais têm sido feitos em Brasília e que um retorno não haveria muito sentido.

Assim como no trabalho, a migração com o objetivo de estudar também carrega seus significados ocultos. O estudo pode servir de alibi para uma separação da família, por exemplo. No Brasil, é cada vez mais comum os filhos adiarem sua saída de casa o máximo possível. Na classe média, especialmente, os jovens permanecem morando com a família até após o término dos estudos universitários. Preferem sair de casa quando estão em boas condições financeiras. Alguns, mesmo depois empregados, permanecem com os pais, algo financeiramente bastante vantajoso. No entanto, essa dinâmica familiar pode levar os filhos a terem mais dificuldade para se desvincularem da família e amadurecerem.

Diferentemente do Brasil, em países como os Estados Unidos ou a Inglaterra, os pais estimulam os filhos a buscar sua independência logo após a conclusão do ensino médio, que marca o término da relação mais próxima com os pais. Os americanos que vão cursar o ensino superior em geral optam por uma universidade até mesmo em outro estado, caracterizando uma separação física. Nessas faculdades, moram em alojamentos ou repúblicas. De forma repentina, experimentam a independência em relação aos pais.

Isso também ocorre no Brasil, mas de maneira restrita às cidades menores, nas quais a qualidade ou a disponibilidade de opções acadêmicas é escassa. Portanto, morar em outro local com o objetivo de estudar não ocorre somente por não haver opções de permanecer junto à família, mas também

por desejos de separação e de independência. Por exemplo, a dificuldade em assumir uma preferência homossexual, assunto ainda tabu nas famílias brasileiras, pode motivar uma mudança. Longe do julgamento dos familiares e conhecidos, a opção sexual pode ser menos complicada. Estudar em outro lugar, distante do local de origem, pode diminuir a sensação de rejeição, condenação e constante vigilância, e levar o migrante a viver seus desejos mais plenamente.

Joana veio cursar medicina. A família a apóia fortemente. Ter uma filha médica na família é motivo de orgulho. Seus pais, ambos professores de colégio, mesmo com uma renda relativamente baixa, a sustentam em Brasília. Tudo em nome desse sonho.

Eu sempre gostei muito da área saúde, sempre gostei muito de biologia no colégio, aí eu comecei a pensar. Comecei a ler sobre, até fiz orientação vocacional, deu medicina entre as opções. E os meus pais gostaram, porque é uma profissão que você não fica desempregado, dificilmente você vê um médico desempregado, eles ficaram tranquilos porque acham uma profissão boa. Admiram. (Joana, 24 anos)

Como vimos, Joana, bem adaptada sob diversos aspectos à vida em Brasília, não pensa em retornar ao seu local de origem, São José dos Campos, São Paulo. “Porque no começo ainda tinha um pouco disso, né? Vou fazer o curso e vou voltar. Agora eu já sei que isso é muito difícil.” (Joana, 24 anos). No entanto, os pais, notadamente a mãe, têm convicção de que ela retornará.

Mas meus pais ainda... machuca. É difícil falar assim. Meus pais esperam que eu volte. Minha mãe principalmente. [...] Minha mãe? Não sei o que ela pensa. Mas ela tem firmeza que eu volto pra casa. Ela fala assim “Ah, vai ser muito difícil pro seu namorado ficar longe de você quando você voltar”. Ela fala assim. Mas o meu pai, acho que ele é mais consciente [...] (Joana, 24 anos)

A separação, ainda que não efetivada no presente, já está em andamento. Como seria para essa mãe saber que sua filha querida não mais retornará? Ela acredita que a filha preterirá o namorado em prol de sua família, ainda que, profissionalmente, seja melhor que permaneça em Brasília.

3 Impressões sobre Brasília, sua gente e a experiência de migrar

“Quem vem morar em Brasília vive quatro ‘Ds’: deslumbramento, desilusão, divórcio e desespero.” (Frase de migrante recente, proferida em situação clínica)

*“Hoje em dia eu estou mais egoísta, mais brasiliense.”
(Luís, 33 anos)*

Enquanto Brasília ainda permanece sendo a terra da esperança para muitos, ela também se mostra árida e impiedosa com outros. Mostramos aqui as impressões dos migrantes entrevistados sobre a cidade e sua gente, além de sua própria experiência frente a esse novo desconhecido. Entre os nossos entrevistados, Marta é um exemplo de sucesso. Está feliz e realizada.

Agora eu não tenho que reclamar de absolutamente nada na minha vida. Estou terminando o mestrado, que era meu sonho. A gente era acostumado a viver com pouco então a gente juntou uma grana, aí eu consegui uma bolsa, e compramos um terreno em Sobradinho. (Marta, 27 anos)

Entretanto, enquanto ela é capaz de realizar e se entregar ao próprio sonho, Antônio, em meio à sua altíssima neurose de obrigação, mesmo conquistando muita coisa, adoece e fracassa. Não consegue gozar a vida.

deu a primeira crise quando eu tava indo pro trabalho, crise de começar a tremer todinho, meus braços ficaram amarelo, minhas pernas tremendo todinha e sem ar. Eu falei “eu vou morrer, vou morrer, pára o carro”. O cara ficou rindo de mim achando que eu tava brincando, pois eu brinco muito com os meninos. Eu abri a porta do carro andando, eu não agüentava não. Vontade de vomitar, fazer xixi, cocô, agonia na cabeça... eu corri na barraca e tomei uma água de côco. E muita secura, uma sede que nada matava. Eu tomei e melhorei. Voltou tudo normal. Fui trabalhar, cheguei lá não comentei nada com ninguém. Ficou só entre mim e o cara. Comentei só com minha esposa, mas ela não acreditou também não. Tava bonzinho em casa, mas falei “quase morro”. No outro dia acordei e fui trabalhar bonzinho. Depois de 5 meses eu peguei férias e fiquei em casa. Fiquei de boa, só estressado. Depois disso aí eu fiquei estressado. Muito nervoso, sem paciência. Não agüentava ficar mais na seção no trabalho, ficava andando de um lado pro outro, no depósito. Eu fazia porque gostava, mas ficava forçando mesmo. Não podia perder emprego. Passei um ano e três meses ainda trabalhando assim. Não, cinco meses. Aí peguei férias, viajei pro Ceará, praia, fiquei de boa com minha esposa e filho. Mil maravilhas, fui pro interior passei 20 dias. Voltei, cheguei dia 28 de julho aqui em Brasília. Faltava 4 dias pra trabalhar. Voltava na quarta feira. Na terça eu jogando baralho com meu irmão e meu sogro. Tava bonzinho, jogando, sorrindo, brincando, tudo. Aí bateu aquela

tristeza que eu tinha que voltar a trabalhar. Bateu aquela tristeza assim. Começou tudo de novo. Minhas mãos começou a suar, aquele calorção, os braços começou a ficar tudo amarelo, e as pernas também... aquela agonia no corpo todinho. E não conseguia ficar sentado, nem deitado. Vontade de fazer xixi e cocô, e aquela sede, aquele negócio de sair correndo mesmo, ou então bater a cabeça na parede. Ou então injeção pra dormir, acabar. (Antônio, 33 anos)

Migrar não é experiência fácil. E Brasília pode ser acolhedora ou não. É uma cidade é incomparável. Sua arquitetura é moderna, suas ruas largas, sua organização cartesiana forjada a partir de dois traços que se entrecruzam em forma de cruz. A respeito do mito de que Lúcio Costa teria planejado Brasília em formato de avião, ele corrigiu:

Não tem nada de avião! É como se fosse uma borboleta. Jamais foi um avião! Coisa ridícula! Seria inteiramente imbecil fazer uma cidade com forma de avião. Do triângulo da Praça dos Três Poderes, que é a cabeça da cidade, surgiu a Esplanada para receber esses prédios destinados aos Ministérios. Surgiu o Eixo Monumental, não num sentido pretensioso, numa plataforma mais elevada.
(AREAL, <<http://www.infobrasilia.com.br/lucio.htm>>)

Intencionalmente ou não, a idéia pegou. Os “bairros”, se é que assim podem ser chamados, têm nomes como “Asa Sul” ou “Asa Norte”. Tudo remete aos pontos cardinais: norte, sul, leste e oeste (esse incompreensivelmente grafado em inglês). Os endereços são todos formados por siglas que descrevem a destinação de um setor, por exemplo, habitacional, o ponto cardinal em que se encontra e o número que o localiza. Uma lógica precisa, mas que subverte a experiência urbanística dos que chegam de fora.

Brasília não permite imparcialidade. A experiência, seja ela boa ou ruim, é intensa. Há os que a amam e os que a odeiam. Brasília não representa apenas sua peculiaridade arquitetônica e urbanística, mas principalmente, no discurso dos migrantes, as pessoas que aqui residem e sua forma de lidarem com o outro, especialmente aquele que vem de fora, o estranho.

Faz-se necessário separarmos as opiniões dos migrantes sobre a cidade em si daquelas a respeito das pessoas que nela residem. Em geral, Brasília é percebida como um lugar com muito a oferecer, apesar de considerada

“estranha” por alguns. Contudo, as pessoas não são bem vistas pelos sujeitos entrevistados, e acreditamos que isso seja uma opinião bastante corrente entre muitos novos moradores da cidade.

Em relação a gostar ou não de Brasília, poder-se-ia pensar que as opiniões negativas a respeito da cidade seriam maioria. Não necessariamente. É difícil classificar as respostas dos sujeitos entre predominantemente positivas ou negativas. Há muita ambivalência em relação à cidade. O padrão possível de estabelecer seria o seguinte: há um estranhamento inicial com a cidade, seguido de uma adaptação com o passar do tempo. A partir de então, é mais fácil reconhecer aspectos positivos, tais como a qualidade de vida oferecida aos moradores, seja pela aparente segurança, pelo trânsito mais calmo ou pela boa organização do espaço urbano. A qualidade mais reconhecida pelos migrantes se refere às oportunidades profissionais, no setor privado, e, principalmente, no serviço público.

[...] profissionalmente não existe melhor. Meu marido iria ganhar esse salário em qualquer lugar que ele passasse, mas para mim, se eu tivesse ido, por exemplo, para o interior, eu não teria feito nem minha pós nem meu mestrado nem nada. Então profissionalmente para mim foi uma bênção estar aqui em Brasília. (Cristina, 28 anos)

Porque Brasília tem um ritmo diferente de vida mais lento mesmo, as pessoas trabalham menos. É uma cidade mais tranquila, e realmente tem oportunidade para quem quer trabalhar com o concurso público. (Marina, 23 anos)

E outro motivo são as oportunidades de trabalho, a Carolina tá estudando pra concurso. E aqui a gente tem uma impressão de segurança. (Francisco, 33 anos)

Muito mais oportunidade que lá. Não tenho dúvida disso. Concurso lá é mais... é mais difícil, trabalho lá é mais difícil. Mesmo sem ser concursado. Aqui mesmo, se eu desistir daqui um ano ou dois de fazer concurso, essa faculdade mesmo onde eu dava aula me disse que se eu quiser voltar eu posso. No dia que eu quiser. E no Ministério mesmo eles falaram que se eu quiser voltar eu posso. Então eu tenho alguma porta aberta aqui. Mas Fortaleza não tem nada, nada mesmo. (Carolina, 31 anos)

A imagem de Brasília como celeiro de oportunidades e sua importância econômica somente aumentam. Segundo os dados do mais recente PNAD, de 2008, a região Centro-Oeste pela primeira vez foi a que teve a maior renda média entre os trabalhadores assalariados, ultrapassando o eixo Rio-São Paulo.

Isso se deveu principalmente ao crescimento do agronegócio e aos aumentos concedidos ao funcionalismo público em Brasília. Tal fato reforça ainda mais a idéia de que, profissionalmente, Brasília é um dos melhores lugares do Brasil. Contudo, a concorrência por uma vaga no serviço público, por meio dos concursos, está cada vez mais acirrada.

A tranqüilidade e segurança de Brasília também foram destacadas por nossos entrevistados. Antônio gostou porque Brasília o faz lembrar sua terra, o sertão do Ceará. A natureza está presente, os pássaros, a vegetação e a própria seca. Como sua primeira migração havia sido para São Paulo, Brasília o pareceu mais tranqüila e familiar em relação à maior cidade do país. Pedro, carioca, destaca a tranqüilidade e segurança, assim como Marina:

[...] eu achei melhor. Achei melhor porque aqui é parecido com o Ceará. Aqui é muito parecido com o Nordeste. Assim, muito mato, entendeu? A gente vê pássaro, não tem aqueles engarrafamentos, hoje já tem, mas quando eu cheguei não. (Antônio, 32 anos)

Eu não posso negar as vantagens. Ainda mais quem vem de uma cidade grande e violenta, acho que sempre pendendo mais pra esse lado de violência. Lá onde a gente morava nem tanto. No último lugar onde eu morava em São Cristovão até que não. Mas em outros lugares toda noite eu escutava tiroteio. Tava acostumado já. Então aqui a diferença é absurda. (Pedro, 29 anos)

Gostei muito da qualidade, de não ter essa pressão da violência, de não viver com essa angústia de de que você pode ser assaltado a qualquer momento, que você pode ser assassinado, porque lá tem umas coisas assim. A gente vive pensando nisso. (Marina, 23 anos)

Em decorrência do vertiginoso aumento de renda da região Centro-Oeste, podemos observar também um acréscimo da desigualdade social. Isso amplia os fluxos migratórios de pessoas de baixa renda atraídos pelo aumento da atividade econômica como um todo, agravando os chamados bolsões de pobreza, situados principalmente na periferia, e que, num futuro não tão distante, podem se assemelhar ao que ocorre no estado do Rio. Lá, a ausência do Estado, por meio de políticas de segurança, educação e inclusão social, produz graves situações de violência e de atuação de poderes paralelos, como o tráfico de drogas e mais recentemente as milícias.

O clima, curiosamente, foi bem avaliado por Patrícia e Luís, dois gaúchos. “Gostei do clima, principalmente. Achei muito legal.” (Patrícia, 31 anos.) “Também gosto do clima daqui, não sofro de rinite desde que eu vim pra cá. Lá é muito úmido. Eu vim do extremo úmido para o extremo seco.” (Luís, 33 anos.)

Luís genuinamente gosta da cidade. Por motivos nem sempre tão óbvios. Ele, mesmo um estrangeiro, consegue perceber a cidade como um lugar que o acolhe.

[...] não conhecia Brasília. Mas eu adorei! Achei tudo diferente de todas as cidades que eu tinha conhecido. Se eu não tivesse gostado daqui nessa primeira impressão, eu acho que eu não teria vindo. É como dizem, não existe a segunda oportunidade por causa da primeira impressão, e a minha primeira impressão foi a melhor que eu tive. [...] Eu gosto dessa coisa futurista assim. E de repente você vê que Brasília nasceu do nada, por causa do sonho de alguém, e ela é construída toda planejada e as coisas funcionam, sabe. E não é assim em Porto Alegre. Lá as coisas vão envelhecendo, ficando ruins, e o movimento é de guardar as coisas velhas e não construir coisas novas, entendeu? (Luís, 33 anos)

Houve três opiniões positivas sobre as pessoas de Brasília, que, como veremos, foram predominantemente taxadas de frias e distantes. Para Marina e Joana esse não foi o caso.

Com relação às pessoas, todo mundo me falava que eu ia odiar Brasília porque todo mundo aqui é muito fechado, porque as pessoas aqui são mal educadas, e eu não senti isso é momento algum. (Marina, 23 anos)

Só que eu tive pessoas ótimas que me acolheram. Tive uma amiga que saía da 405 e vinha me pegar pra me levar na 605. Ela saía do caminho dela. Depois que eu tive a noção da volta que ela fazia só pra me ajudar. Que eu também não conhecia a estrutura daqui. E aí foi bom. As pessoas me ajudaram muito. (Joana, 24 anos)

Marina já tinha parentes em Brasília. Curiosamente, eram exatamente essas pessoas que a diziam que ela iria odiar a cidade e as pessoas. Joana começou a namorar pouco tempo depois de sua chegada e foi muito bem acolhida pela família de seu namorado.

Entre os pontos negativos, Cristina, Joana, Marta e Francisco, 40% do total de entrevistados, destacaram o alto custo das coisas, em especial de moradia. Joana se ressentia da qualidade do transporte público:

“Eu acho as coisas muito caras. Eu tomei um choque com o preço das coisas.”
(Cristina, 28 anos.)

“A primeira que eu vi tinha um cheiro muito forte de mofo e que custava trezentos reais. Com isso lá em Fortaleza você aluga um apartamento de, no mínimo, dois quartos e perto da praia ainda.” (Francisco, 33 anos.)

“A questão de alimentação, de moradia, achei muito caro a moradia aqui. Transporte é horrível. Horrível. Detesto. Ainda bem que eu não preciso muito, e quando eu preciso eu fico chateada.” (Joana, 24 anos.)

“Porque primeiro a gente tentou alugar apartamento, foi aí que eu vi realmente o quão caro era o aluguel.” (Marta, 27 anos.)

Também foram citados como negativos pelos partícipes a estranheza causada pelo ordenamento urbano planejado, com suas siglas e setores, e com a dificuldade imposta aos pedestres. Acompanhemos:

“Eu vim procurar apartamento e tomei pavor da cidade porque não via gente na rua, a cidade não tinha calçada. Foram as coisas que mais me chamaram atenção.” (Cristina, 28 anos.)

“Acho que as pessoas não se vêem, porque é uma cidade que tem muito asfalto, que as ruas são muito largas, tem muito carro e tu anda muito de carro. Eu acho que tem certo isolamento em Brasília.” (Patrícia, 28 anos.)

“Pra mim as quadras são todas iguais e eu nunca sabia onde eu tava”. (Marta, 27 anos.)

“Eu lembro que a primeira coisa que eu estranhei foi a questão estrutural mesmo. Não tem muro, não tem esquina.” (Marina, 23 anos.)

O que de fato incomoda os chegantes a Brasília são as relações humanas. Essas são vividas como estranhas. O migrante, em seu luto pós-migração, se depara com um outro distante, frio, inacessível. Tal percepção ocorreu entre sete dos dez entrevistados. Separamos as falas mais relevantes no quadro abaixo.

Quadro 3: Opiniões negativas sobre as pessoas de Brasília.

*“Primeiro porque não davam bom dia nem boa tarde pro morador novo, isso pra mim é um pânico. Porque se tem um morador novo no seu prédio em BH, você faz um café pra receber, dá as boas vindas, oferece o que ele for precisar, lá eles tratam como se fosse uma família. E aqui as pessoas passavam por cima das minhas caixas de mudança e nem paravam para falar bom dia, muito menos ofereciam ajuda.” **Cristina, 28 anos.***

*“[...] e com relação às pessoas, essa questão de ter grupos muito fechados ainda é difícil quando você tem que conhecer gente nova de um grupo novo. É uma parte que realmente aqui é mais evidente. Mas a partir do momento que você conhece uma pessoa essa dificuldade quebra.” **Marina, 23 anos.***

*“Depois eu comecei a estranhar as pessoas. Eu era acostumada com as pessoas com um sorriso no rosto, conversava a viagem todinha com o cobrador, motorista. Isso eu achei muito diferente. Esses primeiros dias foram complicados pra mim.” **Marta, 27 anos.***

*“Uma coisa também é que dificilmente as pessoas nos convidam para almoçar em suas casas. Eu fazia muito disso, mas recebi poucos convites. Também tem aquela história do ‘vamos marcar alguma coisa’ e nunca marca.” **Francisco, 33 anos.***

*“Existe uma certa resistência, o que é delas é delas. E como porto-alegrense eu sinto uma falta desse calor humano, de ter um pouco mais de contato fora do bar, ou fora do ambiente de trabalho.” **Luís, 33 anos.***

*“Ai, eu acho as pessoas muito frias aqui. Muito frias. Às vezes as pessoas falam: ‘Ah, os americanos são muito frios’. Mas eu acho que aqui as pessoas são muito mais frias que os americanos. Porque lá eu conseguia ter amigos. Aqui eu não tenho. Não posso dizer que eu tenho amigos aqui.” **Carolina, 31 anos.***

*“[...] os meus amigos são amigos do meio que você se relaciona, ou seja, no trabalho. E eu já tive várias experiências de trabalho aqui, e você tem amigos intensos no trabalho e sai do trabalho os amigos todos somem. É uma coisa muito normal. Uma coisa também é que dificilmente as pessoas nos convidam para almoçar em suas casas. Eu fazia muito disso, mas recebi poucos convites. Também tem aquela história do ‘vamos marcar alguma coisa’ e nunca marca.” **Francisco, 33 anos.***

Grupos fechados, frieza, estranheza. Falta de calor humano. Termos usados para definir as pessoas de Brasília. Ressaltemos que a identidade da população de Brasília ainda está em formação. Boa parte da população, quase a metade, ainda é composta de pessoas vindas de outros locais. Como, então, as pessoas ditas de Brasília podem ter uma imagem tão negativa para a maioria dos entrevistados? Quem seria o brasiliense típico? O proveniente do

Nordeste, do Sul, de Minas ou de Goiás? O morador da cidade-satélite ou do Plano Piloto?

Sendo Brasília uma cidade ainda em franco crescimento populacional e que possui apenas 48 anos de existência, muitos que são vistos como brasilienses na verdade vieram de fora. Já foram migrantes um dia. Seria possível estabelecer um critério para diferenciar esses sujeitos dos aqui pesquisados? Os entrevistados estão aqui há no máximo oito anos, mas em sua maioria há cerca de três ou quatro anos. Seria esse tempo suficiente para tornarem-se “brasilienses”? Acreditamos que não. Filhos que mudam até a adolescência, esses sim podem se identificar mais e se sentirem parte da cidade após alguns anos.

Por que essa percepção sobre brasilienses, esses também oriundos de todos cantos do país, igualmente em busca de seus sonhos, da promessa de uma nova vida e da construção de um grande lugar, é tão pejorativa? Os nordestinos, goianos e mineiros são famosos por serem acolhedores. Será que uma vez aqui, deixam a hospitalidade de lado?

Conforme mostramos, cerca de 50% da população de Brasília veio de fora do Distrito Federal. A cidade planejada para abrigar a capital do país há menos de cinquenta anos possui uma população essencialmente composta de migrantes e pelos filhos dos migrantes. Estamos ainda em busca de uma identidade própria. Portanto, como pode haver uma percepção tão negativa desses recém-chegados de pessoas talvez oriundas do mesmo lugar? O migrante que se queixa que seu vizinho não sorri por acaso sabe se ele realmente nasceu em Brasília? A cidade então transformaria os outrora simpáticos mineiros em pessoas frias e duras? Joana, uma migrante bem recebida, fez uma observação bastante pertinente:

Talvez essas pessoas que falem isso, eu acho, talvez elas estejam descontando, entendeu? Essa coisa de querer achar um bode expiatório. Porque assim: Brasília tem os seus defeitos, mas eu acho que eu fui muito bem acolhida, tô tendo boas experiências. (Joana, 24 anos)

Um importante ponto que deve ser mencionado em relação ao grupo de migrantes entrevistado é o tipo de migração que enfrentaram. Se voltarmos aos motivos apresentados, temos a metade migrando para acompanhar um familiar ou cônjuge. Nesses casos, a migração sempre se deveu a uma oportunidade de trabalho do(a) companheiro(a), em geral no serviço público.

Cristina, Carolina e Pedro viveram isso. Seus companheiros vieram já empregados. Luís também veio acompanhar sua mulher, Patrícia, que não apresentava uma situação profissional já definida, mas possuía a mãe em Brasília. Temos migrações por amor, mas em função dessas migrações por trabalho realizadas pelos cônjuges ou familiares. Nesses casos, a escolha de Brasília se deveu à oferta de um emprego no serviço público, ou seja, não há uma escolha do local, mas sim do trabalho, da estabilidade financeira. Para esses que vêm por amor, falta uma rede social. Aquele que trabalha encontra colegas e um lugar definido. Os companheiros não. Nem ao menos uma referência pessoal importante, como um familiar ou amigo.

Não possuir uma rede social é um importante estressor nas migrações. Não somente a falta de uma rede, mas a forma como as pessoas se sentem tratadas pelos moradores. Sobre isso, Grinberg L. e Grinberg R. (1989, p. 86, *tradução nossa*) afirmam que “a reação das pessoas do novo local de morada para com os imigrantes terá diferentes influências em como ele irá se estabelecer e se adaptar.” Inserir-se em grupos sociais já formados é bem mais difícil. Ambientes profissionais, apesar de oferecerem convivência, não garantem inserção social. Pode haver casos de amizades, mas em geral predomina o coleguismo. As idades em que as migrações acima mencionadas ocorreram também influenciam. Todos tinham entre 20 e 30 anos quando migraram. Portanto, salvo os migrantes estudantes, já distantes dos ambientes mais propícios à formação de vínculos sociais duradouros, tais como a escola e a universidade.

Houvéssemos entrevistado adolescentes migrantes, apesar das dificuldades inerentes a qualquer mudança, talvez não houvesse uma

percepção tão disseminada de que pessoas de Brasília são frias. Joana vem estudar em Brasília e percebe a cidade diferentemente. Fez amigos. Marina também. O que estamos sugerindo é que o que ocorre em Brasília talvez não seja muito diferente do que acontece em outras grandes cidades brasileiras quando se migra na idade adulta e com a ausência de uma rede social pré-estabelecida.

Outro fator que pode dificultar a convivência social em Brasília é a própria disposição arquitetônica, que privilegia o uso do automóvel e subutiliza os espaços públicos. A arquitetura repetitiva e o uso de números e letras para definir os logradouros podem também causar uma sensação de impessoalidade e distanciamento. Brasília esconde as pessoas. A maior parte dos apartamentos tem as janelas e as sacadas voltadas para o interior das superquadras ou para as árvores, o que dificulta o contato visual entre as pessoas. Não é possível ficar à janela em Brasília e ver a vida passar.

As casas dos Lagos Sul e Norte sempre possuem suas amplas varandas voltadas para o fundo da casa, de forma que nunca se veja as pessoas (poucas) que andam a pé. Brasília privilegia os automóveis e marginaliza o pedestre. Isso também ajuda a criar uma sensação de que a cidade é pouco habitada, uma vez que não há muitas pessoas caminhando pelas ruas.

O conceito inicial das superquadras privilegiaria a convivência dos moradores nos espaços compartilhados. E de fato, quem cresceu em Brasília, no Plano Piloto, certamente brincou muito embaixo do seu prédio e lá construiu vínculos de amizade que, em muitos casos, perdurou ao longo da vida adulta.

Contudo, o crescimento vertiginoso da cidade e o conseqüente aumento da violência podem ter diminuído essa forma de convivência. Além disso, a vida adulta com suas exigências profissionais não permite mais esse tempo e espaço de convivência tão saudável.

Nesse sentido, será que Brasília é tão diferente do Rio de Janeiro e de São Paulo? Será que o ritmo frenético e competitivo dessas cidades também não torna seus habitantes solitários?

Brasília é uma cidade competitiva que privilegia o sucesso profissional e o *status*, proporcionado especialmente aos concursados do serviço público ou aos ligados à política. Essa é uma realidade vivida por esses migrantes em seu rol de convivência. Estão diretamente ou indiretamente ligados ao serviço público e ao mundo dos concursos públicos, recentemente transformado em uma lucrativa indústria que se alimenta do espírito competitivo e do sonho dos chamados “concurseiros”, entre eles várias pessoas de fora.

Marina, por sua vez, não está inserida nesse ambiente (ainda) e relata que, apesar da dificuldade inicial, que ela também atribui a si própria, foi possível conhecer pessoas na universidade que se tornaram amigos. Ela vive no Guará, que é uma das cidades-satélites que compõe o Distrito Federal. Algumas dessas possuem um aspecto urbano mais semelhante às cidades “normais”, o que ameniza a sensação de impessoalidade e estranheza causada pelo Plano Piloto e sua arquitetura e urbanismo únicos.

Poderíamos também pensar que essa dificuldade dos migrantes em relação aos brasilienses poderia ser uma defesa projetiva de outros sentimentos que os incomodam, direcionada às pessoas de Brasília. Qualquer migração é difícil e penosa. Há um luto e um sentimento de culpa. Que expectativa seria essa que, ao chegar ao novo local, o sujeito seria abraçado e acolhido imediatamente, num tempo cada vez mais competitivo e individualista?

É possível que a própria frustração, a culpa, o medo e o sonho não realizável não caibam mais nesse migrante agora estrangeiro em seu próprio país, e que ele então comece, defensivamente, a projetar esses sentimentos no outro. O outro é então o culpado pela insatisfação do migrante, pois não vai até ele e não o recebe. É frio e distante, inatingível e superior. Isso é menos penoso que assumir a própria incompletude e insuficiência. “Estranhamente o estrangeiro mora dentro de nós: ele é a face oculta da nossa identidade, o

espaço que arruína nossa morada” (KRISTEVA, 1991, p. 1). A esse respeito, Borges e Martins (2004, p. 135), a partir de Freud afirmam:

Freud (1919) analisa os diversos significados do termo estranhamento em sua língua, demonstrando o caminho traçado entre *heimlich* e *unheimlich*: *heimlich* significando “familiar”, e *unheimlich*, “sobrenatural”, “estranho”. Revela, nesse trajeto, a ambivalência presente: o estranhamento seria antes de tudo a negação do familiar. Porém, interpreta, uma negação que seria mais propriamente uma denegação do que, em mim, não quero aceitar, e projeto no outro. Uma denegação do familiar não desejado ou interdito, rejeitado como estranho, digno de repulsa. Familiar e estranho seriam sentidos opostos funcionando conjunta, paradoxalmente.

Essa negação do familiar está relacionada ao luto e a culpa em deixar os entes queridos para trás, a terra natal. É, portanto, natural que haja esse estranhamento, principalmente nos primeiros momentos da migração. Somente é possível enxergar no outro o que temos dentro. Sayad (1998), apesar de não usar o linguajar psicanalítico é pertinente ao afirmar que

[...] só se aceita abandonar o universo familiar (universo social, econômico, político, cultural ou moral, quando não mental, etc), ao qual se pertence “naturalmente” ou do qual se é “natural” [...]; só se aceita emigrar e, como uma coisa leva à outra, só se aceita viver em terra estrangeira com a condição de se convencer de que isso não passa de uma provação, passageira por definição, uma provação que comporta em si mesma sua própria resolução. (SAYAD, 1998, p. 57)

Contudo, Sayad parte da premissa do imigrante enquanto um ser transitório, eternamente de passagem, provisório, movido apenas pelo trabalho. Discordamos nesse ponto, posto que as migrações aqui expostas não estão restritas ao trabalho, e, tampouco trazem consigo a idéia de serem passageiras.

Para Maalouf (2005, p. 166), “quando se chega às terras estrangeiras o estranhamento é a seiva que percorre o corpo dos imigrantes. Essas marcas ficam como cicatrizes, com suas dores e feridas.” Talvez seja um exagero aplicarmos essa noção a uma migração regional para Brasília. Entretanto, sem dúvida o estranhamento inicial é o mesmo vivido na migração internacional.

A partir das impressões vivenciadas pelos migrantes principalmente com as pessoas e nas relações profissionais, cria-se uma imagem negativa dos valores de Brasília, colocada nas frases do quadro acima. Cristina acredita que

Brasília, por seus valores materialistas, não seria um bom local para se criar filhos.

Mas não é a cidade que eu sonho de criar filho, acho que os valores daqui são muito estranhos, ligados ao dinheiro, ao poder, à aparência, sabe? E isso até hoje me chocou. Eu não tenho vida social nenhuma aqui em Brasília. (Cristina, 28 anos.)

Ela ainda afirma que “Brasília para mim é uma vida ilusória. Todo mundo finge que não tem nada acontecendo aqui.”

Francisco segue o tom afirmando que em Brasília a preocupação maior é o trabalho, o que distancia as pessoas.

[...] o que dizem é que aqui as pessoas vivem intensamente de segunda a sexta e no fim de semana as pessoas vão embora. Que não tem nada pra fazer na cidade, que as pessoas não têm amigos, são frias, tem um receio de falar da vida. E isso é fato. Aqui as pessoas falam muito sobre emprego, concurso público, governo. (Francisco, 33 anos.)

Ainda a respeito da estranheza, Luís afirmou o seguinte:

Eu sinto que eu me adaptei ao estilo de vida vivido pela maioria dos brasilienses. Porque daí eu tive que procurar apartamento pra morar sozinho, e aí eu senti realmente que a cidade tinha algumas coisas estranhas. Ela acaba tendo uma magia que separa a gente, não que ela tenha sido culpada da minha separação, mas, por exemplo, aqui no sudoeste a maioria das residências são individuais. (Luís, 33 anos.)

Apesar de ter afirmado que “hoje em dia eu estou mais egoísta, mais brasiliense”, Luís foi o único entrevistado a reconhecer uma característica importante da cidade: o grande número de templos e religiões e a busca de um grande número de pessoas por uma verdade espiritual.

Também tem uma coisa engraçada aqui que é a quantidade de seitas religiosas, religiões. Cada pessoa tem a sua crença e parece que Brasília te deixa mais próximo dessas coisas. Tipo mais próximo do teu encontro contigo mesmo e com Deus. Eu sei que fiquei mais religioso depois que me separei. (Luís, 33 anos)

Ele se mudou para Brasília casado com Patrícia, outra de nossas entrevistadas. Porém, o casamento não resistiu.

Eu sinto que eu me adaptei ao estilo de vida vivido pela maioria dos brasilienses. Porque daí eu tive que procurar apartamento pra morar sozinho, e aí eu senti realmente que a cidade tinha algumas coisas estranhas. Ela acaba tendo uma magia que separa a gente, não que ela tenha sido culpada da minha separação, mas, por exemplo, aqui no Sudoeste a maioria das residências são individuais. E ela nos faz pensar, ainda mais depois da separação, mais pra dentro, ficar mais introspectivo. (Luís, 33 anos)

O que Luís diz vai de encontro à outra frase colocada na abertura do tópico. “Quem vem morar em Brasília vive quatro ‘Ds’: **d**eslumbramento, **d**esilusão, **d**ivórcio e **d**esespero.” Ao menos em relação à estranha força que separa as pessoas. Mas certamente essas são vivências muito individuais. Não sabemos ao certo o contexto de vida de quem proferiu a frase acima. Sem dúvida, uma experiência sofrida ligada à ida para Brasília, e que, possivelmente, extrapola uma análise restrita à migração, mas abrange a própria disposição fundamental e a história de vida desse sujeito.

Finalmente, pode ser que, de fato, as pessoas nascidas ou que morem em Brasília há mais tempo sejam mesmo resistentes aos que vêm de fora. Seria necessário, primeiramente, confirmar essa afirmação de maneira ampla por meio de pesquisas para então buscar entender os motivos.

Com o passar do tempo, a crise da “estranha estranheza” do migrante tende a diminuir. Parte-se do estranhamento e da queixa dos primeiros meses para a constatação de que a vida em Brasília pode ser melhor e mais vantajosa em alguns pontos. E mesmo o presente é ambivalente. Afinal, a insatisfação humana é permanente.

Porém, ao imigrante cabe a escolha (mesmo que inconsciente e determinada por sua neurose) de permanecer insatisfeito e queixoso, indefinidamente percebendo-se estrangeiro em seu próprio país, ou então desfrutar as possibilidades de uma vida nova e rica, repleta de possibilidades.

3.1 As dores do migrar

O migrante não consegue se recuperar de ter deixado, abandonado um período de tempo. O paraíso perdido é a miragem do passado que ele nunca irá conseguir recuperar. “Como pude abandoná-los? Eu me abandonei”. O estrangeiro é um sonhador que faz amor com a ausência, um grande melancólico. (KRISTEVA, 1991, p. 9)

Vimos no capítulo 1 que a migração não é necessariamente causadora de transtornos mentais. Há vários outros fatores envolvidos, como a própria predisposição individual. Entretanto, as relações entre adoecimento e migração continuam atraindo o interesse de pesquisadores, sobretudo no campo da psiquiatria. Trata-se de um tema bastante complexo, no qual os aspectos culturais possuem grande influência.

Mesmo não podendo ser considerada a responsável pelo adoecimento psíquico, não há dúvidas de que a migração pode ajudar a desencadear uma crise. O período migratório é um momento delicado, de grandes mudanças que podem fragilizar e expor um indivíduo. Assim como outro grande acontecimento na vida de um sujeito, pode ser um fator desencadeante em um processo de adoecimento, mas sempre levando em conta sua predisposição, fragilidade e defesas.

Um dos possíveis sentimentos presentes no período após a chegada no novo local é o luto. Em alguns casos, ele pode se prolongar e se tornar uma depressão. Em seu texto *Luto e melancolia* (1917), Freud afirma que

Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917, p. 250)

Assim, o que diferenciaria a melancolia do luto seria a ausência da perturbação da auto-estima. Quanto ao restante dos sintomas, há uma semelhança, mas quando o trabalho do luto se conclui, o *eu* fica novamente livre e desinibido. Na melancolia, também há uma perda, porém não é possível ver claramente o que foi perdido. O paciente pode até ter ciência do objeto que perdeu e que deu início à sua dor, mas não é cômico do que essa perda representa. Assim, ela se torna muito maior do que a morte de um ente querido, por exemplo. Outras vezes, nem há um objeto definido. “Isso sugeriria que a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda

objetal retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda” (FREUD, 1917, p. 250).

Na migração, o luto é pela partida do local de origem, por não mais estar próximo à terra natal e aos entes queridos. A vivência de morte é sentida tanto pelos que partem, que passam a ser mortos para os que ficam, quanto para estes, que consideram os que partiram como mortos. A associação inconsciente entre a partida e a morte pode ser muito intensa em alguns casos, e o luto acaba integrando esse processo. Três entrevistados apresentam uma vivência nítida de luto.

[...] no começo era difícil, eu acordava não via meus pais, era meio difícil. Porque as coisas mais simples me faziam falta. Levantar e dar bom dia, ter alguém pra conversar quando você chega. Essas coisas me faziam muita falta. Às vezes dá um vazio, isso era difícil. (Joana, 24 anos.)

Acho que o início foi o pior de tudo. Porque sentia saudade da família, dos amigos, sentia saudade até do que eu não gostava. (Marta, 27 anos.)

Eu sentia muita falta das minhas amigas que eu tinha feito nos EUA, minhas amigas de Fortaleza, da minha família, da praia. Tudo eu achava ruim aqui. Tudo. Tudo. O clima. Tudo. Achava feia, achava as pessoas chatas, não me interessava por nada daqui. (Carolina, 31 anos)

De acordo com Grinberg, L. e Grinberg, R. (1989), na etimologia do espanhol, a palavra luto deriva de luta, duelo. Há, portanto, o sentido de luta, de pesar, de dor. Dor pelo que é deixado para trás e luta pelos desafios encontrados no novo local. Lá chegando, o migrante, na fragilidade causada pela mudança, necessita sentir-se bem acolhido. Qualquer demonstração de acolhimento e cordialidade o faz se sentir amado. Da mesma forma, os obstáculos têm o efeito contrário. As primeiras impressões possuem grande impacto. No início, há duas possíveis reações: a idealização do novo como algo muito melhor que o antigo local, ou o contrário, uma idealização excessiva da terra natal em detrimento da nova morada.

Vivenciando a dor psíquica da separação, o migrante recorre ao hiperinvestimento nos objetos perdidos. Como descrito por Freud (1917), esse mecanismo resulta numa idealização do seu passado. Para Grinberg, L. e Grinberg, R. (1989), freqüentemente essa idealização é mais ligada a lugares

que pessoas. Seus afetos mais fortes se dirigem a lembranças de casas, esquinas, montanhas etc. Ele então se convence de que “se ao menos” não tivesse deixado sua terra, tudo seria diferente. Nesse caso, é possível que o migrante busque cercar-se de referências que tragam sua terra natal para perto, tais como comidas típicas. Tais práticas podem fazer com que ele não consiga enfrentar sua nova condição.

Entendemos que, em se tratando de migração entre países diferentes, a paisagem, os sabores e os cheiros realmente compareçam como faltantes ao migrante. Porém, no discurso dos migrantes entrevistados, todos brasileiros, o elemento central relacionado ao luto sempre é a falta das pessoas queridas. Mesmo com o estranhamento direcionado à cidade de Brasília em específico, o que mais pesou no início foi a ausência dos deixados para trás e a dificuldade em se relacionar com as pessoas da cidade.

Quando a migração é bem-sucedida, ou seja, o migrante é capaz de se estabelecer profissionalmente na nova cidade e realizar uma boa rede de apoio social, a adaptação pode ocorrer mais rapidamente. O grau de adaptação e satisfação do migrante está diretamente relacionado ao sentimento de ter conseguido, ou ao menos estar no caminho de realizar o que ele sonhou e imaginou para sua vida no novo local. E, obviamente, cada um reage de uma maneira particular às situações difíceis impostas pela migração.

Abaixo, destacamos as falas que mais denotam o sofrimento inicial dos migrantes entrevistados. Referem-se ao tempo de crise dos primeiros meses em Brasília. Nesses primeiros momentos, a saudade dos entes queridos e (novamente) a estranheza dão o tom.

Quadro 4: O sofrimento do início

*“Depois que eu mudei para cá foram muitas mudanças, quando eu mudei para cá eu fiquei treze dias aqui dentro, eu não dei conta. Porque o telefone não tocava, eu não conhecia ninguém, as pessoas eram mal educadas, ninguém me oferecia um café, um bolo”. **Cristina, 28 anos.***

*“[...] no começo era difícil, eu acordava não via meus pais, era meio difícil. Porque as coisas mais simples me faziam falta. Levantar e dar bom dia, ter alguém pra conversar quando você chega. Essas coisas me faziam muita falta. Às vezes dá um vazio, isso era difícil.” **Joana, 24***

anos.

*“Angústia, esse medo, eu tinha vontade de voltar para Belo Horizonte porque lá eu conhecia as pessoas e aqui não, e eu sempre senti muita falta disso, para mim sempre foi muito importante ter pessoas para ter uma referência.” **Marina, 23 anos.***

*“Eu era acostumada com as pessoas com um sorriso no rosto, conversava a viagem todinha com o cobrador, motorista. Isso eu achei muito diferente. Esses primeiros dias foram complicados pra mim. Primeiros dias não, primeiros meses.” **Marta, 27 anos.***

*“Acho que o início foi o pior de tudo. Porque sentia saudade da família, dos amigos, sentia saudade até do que eu não gostava.” **Marta, 27 anos.***

*“Primeiramente falta da minha mãe, e segundo os amigos. Aí vêm as minhas primeiras dificuldades em Brasília, amizades. De construir, digamos assim, uma turma. E eu senti muita falta disso.” **Luís, 33 anos.***

*“Eu fiquei triste, no começo. Porque eu decidi e vim de mala e cuia. Eu trouxe o carro. Eu tomei um certo susto quando eu me dei conta que estava aqui. E o meu marido ficou lá no apartamento que a gente morava, alugado, com todas as nossas coisas. E eu estava aqui na casa da minha mãe. Foi difícil porque eu estava na casa de outra pessoa, não era a minha casa. Por mais que eu me sinta em casa, era a casa da minha mãe.” **Patrícia, 31 anos.***

*“E aí como eu fiquei esses seis meses aqui, e foram muito difíceis porque eu acabei que eu não me associei a nenhum lugar, a nenhuma instituição. Não comecei a trabalhar em nenhum lugar e então senti que era uma coisa sem sentido.” **Patrícia, 31 anos.***

*“Eu sentia muita falta das minhas amigas que eu tinha feito nos EUA, minhas amigas de Fortaleza, da minha família, da praia. Tudo eu achava ruim aqui. Tudo. Tudo. O clima. Tudo. Achava feia, achava as pessoas chatas, não me interessava por nada daqui.” **Carolina, 31 anos.***

*“Aqui eu não tinha com quem conversar pra nada, sabe? Tem certas coisas que a gente não conversa da mesma forma com a esposa. Também ficar alugando uma pessoa só. Eu senti essa falta de convívio social. No meu trabalho a equipe é reduzida, é outro perfil. Pessoas casadas, mais velhas. Eu também sou difícil de começar relacionamentos. Fiquei perdido, me sentindo isolado mesmo.” **Pedro, 29 anos.***

Luís, Joana, Marina, Pedro e Carolina mencionam a falta de pessoas próximas, familiares ou não, como o mais difícil nesse processo inicial do luto. Marta, tomada pela culpa e pela falta afirma “[...] que o início foi o pior de tudo. Porque sentia saudade da família, dos amigos, sentia saudade até do que eu não gostava.” Aqui vemos uma idealização do lugar deixado para trás, por meio da falta do que nem era tão importante ou apreciado. Isso pode permanecer ao longo do tempo, ou então se transformar numa idealização do novo local de morada como o melhor do mundo. Haveria então o contrário, a

desvalorização da terra natal. Carolina também fala que não gostava de nada aqui. “Tudo eu achava ruim aqui. Tudo. Tudo. O clima. Tudo. Achava feia, achava as pessoas chatas, não me interessava por nada daqui”

Mesmo passados alguns anos da vinda para Brasília, Joana e Antônio revivem a experiência do luto a cada partida e chegada. Sofrem muito todas as vezes que voltam para sua terra natal. Joana afirma que fica uma semana muito mal sempre que visita a família. Antônio relata as experiências dolorosas de ter de retornar de suas férias e deixar a “terrinha” para trás, mesmo hoje já com sua própria família e morando em Brasília desde o ano 2000. Cada partida é vivida como uma separação, e dela decorre um luto.

Quadro 5: O Luto que se repete

“Sempre quando eu volto de São Paulo, mesmo nesse período, nesse um ano que eu falei que foi mais fácil por causa desses encantamentos, sempre quando eu voltava eu passava assim pelo menos uma semana muito triste. Muito triste mesmo, sabe?” Joana, 24 anos.

“Eu chego no Ceará parece que eu tô livre. Me sinto bem, todo mundo me conhece... pego a moto, saio andando tranqüilo, entendeu? Não tem essa perseguição que tem aqui na cidade grande. Você se sente livre. Aí quando tá faltando três dias pra voltar, meu amigo, aí começa tudo, aquele desânimo... você compra a passagem pra vir para cá... você não agüenta não. Você chora mesmo.” Antônio, 32 anos.

“E toda vez que eu ia de férias pro Ceará o que era pior era a choradeira... nossa... dava vontade de chorar. Tentava segurar mas não agüentava mesmo, porque tava deixando lá a terra mesmo, deixando tudo. Nossa, quando entrava no ônibus dava aquele desânimo na vida... hoje eu fico lembrando...ah eu pensava... se esse ônibus virasse, capotasse... seria bom para mim. Pra sair dessa vida.” Antônio, 32 anos.

“É a terrinha. Não tem como não, você não se agüenta não. Você vê sua mãe chorando, seu pai, você saindo da porta assim... é triste demais. É triste. Hoje em dia eu choro, mas eu já tenho uma família, meu filho, minha esposa e uma casa. Triste é você ir pra um lugar que você não tem casa, nada. E chegar lá e ser mandado pelos outros. É humilhação você trabalhar de peão nessas empresas grandes. O cara sabe que você não tem estudo e depende daquilo.” Antônio, 32 anos.

Patrícia novamente cita o trabalho como o mais importante. O sentido de sua existência é construído a partir do trabalho.

E aí como eu fiquei esses seis meses aqui, e foram muito difíceis porque eu acabei que eu não me associei a nenhum lugar, a nenhuma instituição.

Não comecei a trabalhar em nenhum lugar e então senti que era uma coisa sem sentido. (Patrícia, 31 anos.)

Carolina afirma que encontrou mais dificuldade em migrar para Brasília do que para os Estados Unidos. Para ela, sua vinda foi brusca, e a recepção dos brasilienses, mais fria. “É até estranho, porque eu não tenho muita dificuldade pra me adaptar em outros locais, não tive. Mesmo em Nova Iorque quando eu morei, eu acho que foi mais brusco quando eu vim pra cá morar em Brasília” (Carolina, 31 anos). Isso mostra que a migração pode ser vivida de modo muito particular. Sua ida para esse país estrangeiro na adolescência tinha outro significado. Mudava-se com os pais, era adolescente, foi numa condição de estabilidade familiar completa. Precisava apenas freqüentar a escola. Já a migração para Brasília, essa de fato uma *migração*, está repleta de outros significados e incertezas. Significa separar-se dos pais para poder criar a sua própria família. É assumir sua identidade de adulta, casar-se, arrumar emprego, enfim, construir sua vida. Ela agora se depara com o estrangeiro dentro dela. Ela se apercebe da sua diferença. Antes com sua família, não se via estranha e só. Agora, casando e deixando todos para trás, vivendo com um homem cuja família é extremamente invasiva, apesar de aparentar estar livre, é o contrário. Kristeva (1991, p. 12, *tradução nossa*) nos ensina que “livre das amarras ao seu próprio, o estrangeiro se sente ‘completamente livre’; no entanto, o nome perfeito de tal liberdade é solidão.”

Em razão de toda essa “estranheza”, inclusive de estar casada, Carolina deprime.

Eu fiquei tão assim que eu nem lembro quando exatamente. Mas eu acho que eu tava aqui há uns 2 anos eu entrei em depressão. Após 2 anos que eu tava aqui. Aí eu procurei um médico, psiquiatra, e aí foi constatado mesmo que eu tava com depressão, e fiz tratamento e foi aí que eu melhorei. Foi depois desse tratamento que eu fiz com ela que eu comecei a melhorar e a aceitar mais Brasília. Antes eu não aceitava. (Carolina, 31 anos.)

Para Akhtar (1999), parece ser verdade que quando um sujeito conseguiu alcançar a capacidade para uma real separação de seus objetos primários na infância influencia muito o quanto ele conseguirá lidar com as

solidões da migração. Ao falar do presente, Carolina se percebe muito mais entrosada com a vida local, com planos, estável no casamento, e tomando Brasília como local onde pretende continuar vivendo e criar seus filhos.

Já gosto da cidade. Já me identifico, já não penso mais em morar em outro local como antes. Esse pensamento sempre antes, 'Ah, eu quero morar em outro local.' Não tenho mais. (Carolina, 31 anos.)

Tenho vontade de ter um emprego, tenho muita vontade de ter um filho, ou dois. É isso que eu penso mais da minha vida. Um trabalho legal e de ter uma família mesmo. Ter filhos. Sinto muita vontade. (Carolina, 31 anos.)

Begag e Chaouite (1990, *apud* AKHTAR, 1999, p. 26, *tradução nossa*) afirmam que "entre um desgarramento doloroso e uma reancoragem conflitivas se instala o tempo de uma crise". Para esses autores, esse tempo envolve uma experiência traumática: o temor da perda definitiva dos objetos que ficaram para trás e a estranha incerteza com a qual ele se defronta. O sujeito fica ameaçado. Há um temor despersonalizante.

Portanto, nos casos dos migrantes entrevistados, fica clara que a combinação entre a falta da família e dos amigos junto ao impacto inicial e a dificuldade em se criar novos vínculos sociais em uma cidade como Brasília podem ocasionar sofrimento. A falta de um emprego estável também é desestruturante. Certamente, os migrantes que vieram para Brasília sem uma situação profissional definida, como os maridos e as esposas dos migrantes transferidos, tiveram mais dificuldades em se adaptar às novas contingências.

O local de trabalho, mesmo sendo competitivo, torna possíveis as interações sociais e dá sentido e organização à vida diária. Temos acompanhado a seguinte situação na prática clínica: uma esposa que se muda para Brasília junto ao marido aprovado em um bom concurso público. Ela aproveita que não tem emprego para tentar também ser aprovada. Passa então cerca de quatro anos se preparando em cursinhos especializados e fazendo provas, porém sem sucesso. A dependência tanto afetiva quanto financeira e os sentimentos de inferioridade e insegurança vão se agudizando, a ponto de ela

deprimir seriamente. Essa situação coloca não só sua saúde física e mental, mas também seu casamento em risco.

Retomando a frase proferida por um migrante e acima transcrita: “Quem vem morar em Brasília vive quatro ‘Ds’: **d**eslumbramento, **d**esilusão, **d**ivórcio e **d**esespero.” Essa asserção deve ser entendida em um contexto de migração generalizado, que não se restringe à realidade de Brasília. É um dos possíveis destinos do migrante, destino esse de sofrimento, de fracasso, de perdas irreparáveis. Do sonho e deslumbre iniciais ao desespero. Essa história pode ser encontrada em qualquer país ou cidade onde haja migrantes. Entendemos que não se restringe à Brasília e à sua realidade. Ao contrário, ir do deslumbramento ao desespero parece ser muito mais o fracasso de um amor idealizado, que diante de circunstâncias adversas, sucumbe.

Nas entrevistas, a única história de divórcio entre os migrantes é a de Patrícia e Luís. Ele realmente relata que Brasília tem o estranho poder de separar as pessoas. Essa é a sua história. Mas talvez seja difícil reconhecer que uma situação tão transformadora e desafiadora quanto uma mudança de estado e cidade possam trazer à tona de maneira irreversível conflitos já latentes. Isso pode ter acontecido com esse casamento. O discurso de Patrícia sugere isso, na medida em que sua decisão de migrar é estritamente individual, e o casamento está em segundo plano para ela.

4 Após a migração: os sonhos

Nossos migrantes estão ou acabaram de passar há pouco tempo pela parte mais penosa da migração, incluindo o processo decisório e a mudança, a chegada e a necessidade de se inserirem tanto profissional como pessoalmente no novo meio. Nem sempre esse processo será rápido. Pode durar anos. Mas em geral, estando adaptado, o migrante volta-se novamente ao seu sonho. Alguns ainda idealizam o retorno à terra natal. Sonham poder acumular algum

patrimônio para então retornarem e serem muito mais do que eram quando partiram. Isso é mais comum entre pessoas de baixa renda. Mas essa idealização do retorno freqüentemente não é possível de ser concretizada, seja porque o que foi conquistado não é suficiente, seja porque a idéia do que deveria ser suficiente é inatingível. O retorno se torna algo idealizado e talvez fruto da culpa de se ter partido. É preciso alimentar a esperança de voltar para amenizar esse sentimento de culpa.

Os planos de nossos migrantes entrevistados podem incluir tanto o sonho ainda por se realizar da permanência em Brasília e da construção de um futuro e carreira promissores como também o desejo de ir a outro lugar, ainda na busca por coisas maiores e mais interessantes. Há ainda o sonho de ter uma família, filhos, casar ou poder ajudar a família. Vejamos em detalhe cada uma dessas possibilidades.

Nas entrevistas, a pergunta sobre o sonho, o desejo de cada um foi colocada abertamente, de sorte que não houve uma pergunta a respeito da permanência futura ou não em Brasília. Alguns, conforme veremos, mostraram abertamente essa intenção. Entretanto, ao pensar em futuro, o que está em jogo, muito mais que o local de moradia, são os sonhos mais íntimos, novamente relacionados às pulsões básicas, aqui expressas pelo amar e pelo trabalhar.

Reforçando nossa predileção pelo particular, por cada ser migrante, apresentaremos as falas individualmente, seguidas de comentários.

Cristina, por exemplo, é dedicada à família e sonha criar seus filhos. Ela não considera Brasília o melhor local, mas está disposta a acatar o que for melhor para seu marido. No próximo capítulo, desenvolvemos uma análise mais pormenorizada de sua migração.

Ver meus filhos, que sempre foi o projeto prioritário da minha vida. Se eu tivesse que largar tudo profissionalmente por causa de filho eu faria isso, sem problema nenhum. E dar aula, que profissionalmente é o meu objetivo. Estou fazendo mestrado só por isso. (Cristina, 27 anos.)

Continuo estranhando Brasília. Na verdade até hoje, sabe. Eu não amo Brasília não. Eu nem sei se vou continuar aqui. Meu marido está

estudando de novo para juiz, porque ele não passou para juiz, e no segundo semestre ele vai fazer de novo e meu sonho é que ele passe para a gente ir embora. Não tenho nada que me prenda aqui. E eu gosto daqui, mas não é a cidade que eu sonho de criar filho. (Cristina, 27 anos.)

Marina e Joana são mais jovens e vieram estudar em Brasília. Sonham poder exercer sua profissão da melhor maneira possível e também ajudar os pais e os avós, que não têm mais condições de conseguir uma situação financeira mais favorável. Querem permanecer em Brasília.

Eu penso em ajudar meus avós. [...] e meus avós vivem só com a aposentadoria, então eu penso muito neles, penso também nos meus pais, de poder bancar viagens, essas coisas. (Joana, 24 anos.)

Tem assim de já estar mais consciente de que eu não vou voltar mais a morar com meus pais. [...] Agora eu já sei que isso é muito difícil. (Joana, 24 anos.)

Acho que meu maior sonho é ser realizada dentro da medicina. Fazer com amor. Colocar em prática tudo aquilo que eu acredito. (Joana, 24 anos.)

Se tivesse que pensar só em mim eu não pensaria muito em ter um bom emprego, eu queria trabalhar com uma coisa que me realizasse, e é o que eu quero. Mas tem essa questão que os meus pais estão envelhecendo, então vai chegar um momento em que a responsabilidade de dar uma estabilidade para eles vai ser minha e dos meus irmãos. (Marina, 23 anos.)

Eu quero ver se consigo finalmente criar raízes. Porque a vida inteira marcada por mudanças, a vida inteira marcada por quebra, quando você começa a estabilizar tem aquela ruptura, tem que quebrar de novo. E para conseguir criar raízes aqui o que eu tenho que fazer é procurar um jeito de me manter, porque o meu pai é normal dele esse padrão de ficar insatisfeito e eu acho que ele nunca vai conseguir um emprego do jeito que ele acha legal. (Marina, 23 anos.)

No capítulo seguinte analisamos a entrevista de Marina detalhadamente. Há nitidamente uma contradição entre o que ela almeja profissionalmente e o que espera ser para sua família.

Marta está muito contente com o que conseguiu conquistar até o momento. Tem sua casa e sua família. Vem de uma família muito humilde, mas depositou todas as suas forças nos estudos. Concluiu o mestrado e pensa agora em seguir carreira acadêmica, não importando muito a permanência em Brasília ou não.

Agora eu não tenho que reclamar de absolutamente nada na minha vida. Estou terminando o mestrado, que era meu sonho. A gente era acostumado a viver com pouco então a gente juntou uma grana, aí eu

consegui uma bolsa, e compramos um terreno em Sobradinho. Já terminamos de construir a casa, ou seja, não pago mais aluguel, me considero bem no consultório, enfim, tirando a saudade de casa. (Marta, 28 anos.)

Hoje em dia eu já me vejo aqui porque eu já tenho uma casa, essa coisa que já vem trazendo raiz, mas também se eu arranjar um emprego melhor em outro lugar eu vou sem o menor problema [...] Eu penso em fazer doutorado, mas não nesse ano, mas penso em fazer ano que vem. E não sei se você percebeu, mas quando eu vou falar de mim a questão profissional é primordial. Eu acho que é por aí mesmo, minha família nuclear hoje em dia tem o mesmo amor, mas, querendo ou não, os vínculos são outros. Quando eu chego lá às vezes me causa uma estranheza. Tipo nos dois primeiros dias beleza, mas quando eu vou ficando mais. (Marta, 28 anos.)

Patrícia não tem certeza se irá ficar. Para ela, o momento é de trabalho. Seus outros projetos são secundários. Ainda está por concretizar o desejo profissional que a trouxe para Brasília.

Um dia meu colega me perguntou se eu queria voltar a morar no sul e eu respondi que ainda não sabia o quanto queria voltar para lá, assim como eu não sei o quanto eu quero ficar aqui. Mas a idéia que eu tenho é que eu ainda não escolhi Brasília. E ele disse ‘Ninguém escolhe Brasília! (Patrícia, 31 anos.)

Estou solteira agora, não estou namorando. E é claro que eu quero me casar de novo, namorar, encontrar alguém interessante. Mas não tenho condições nem tempo para isso, porque agora é momento de trabalho, é muito intimo até. Com o sentido do trabalho. (Patrícia, 31 anos.)

Luís, seu ex-marido, aposta todas as fichas na carreira e, se houver possibilidade, mudaria para um local melhor. Retornar para Porto Alegre está fora de questão.

De início eu achei que ia ficar rico (risos)! Não sei, eu achei que Brasília ia me trazer alguma coisa mais profissional, assim. E até hoje é muito profissional. É uma coisa bem diferente de Porto Alegre, porque eu trabalhava lá e eu esperava crescer. E aqui eu cresci mais em dois anos do que eu cresci o tempo todo que eu trabalhava em Porto Alegre na mesma área. [...] Gostaria de ganhar um prêmio de publicidade, tô trabalhando pra isso. (Luís, 33 anos.)

O casal Francisco e Carolina sabe que a vida em Brasília proporciona estabilidade profissional e financeira e, mais importante, os deixa longe da ameaçadora família de Francisco, que representa um risco para a relação dos dois. Se amam, têm planos de ter filhos e sabem que é necessário estar distante dos familiares.

O plano é de permanecer em Brasília. Têm vários motivos. Tem o do trabalho, de ficar longe da família. É uma coisa meio contraditória porque eu gosto da família, mas tenho que ficar longe dela porque eu gosto muito da Carolina também. Mas eu mesmo estando distante da família me sinto muito próximo [...] E outro motivo são as oportunidades de trabalho, a Carolina tá estudando pra concurso. E aqui a gente tem uma impressão de segurança. Num sei se é uma falsa esperança. (Francisco, 33 anos.)

Tenho até a oportunidade agora, se eu quiser pedir transferência daqui, porque eu estou trabalhando numa área que também tem em Fortaleza e em todo o Brasil. Se eu quiser eu posso me transferir pra qualquer lugar, mas eu prefiro ficar aqui. (Francisco, 33 anos.)

Já gosto da cidade. Já me identifico, já não penso mais em morar em outro local como antes. Esse pensamento sempre antes, 'Ah, eu quero morar em outro local.' Não tenho mais. [...] Tenho vontade de ter um emprego, tenho muita vontade de ter um filho, ou dois. É isso que eu penso mais da minha vida. Um trabalho legal e de ter uma família mesmo. Ter filhos. Sinto muita vontade. (Carolina, 31 anos.)

Antônio, um caso também tratado em detalhes no próximo capítulo, está sofrendo um duríssimo processo de adoecimento psíquico. Vê-se impossibilitado de até mesmo visitar sua “terrinha” e seus pais já idosos. Até casar-se com uma brasiliense, ainda sonhava fazer um “pé-de-meia” e voltar ao Ceará por cima. Entretanto, esse desejo agora perdeu sentido. Tudo que almeja é voltar a trabalhar.

O meu sonho é de ficar bom e voltar ao que era antes. De ter alegria que eu tinha antes, poder andar com meu filho e minha esposa. Quando eu ando sozinho até que eu me sinto melhor. Mas se eu for com eles eu já passo mal. [...] Poder viajar. Se eu conseguisse ir no Ceará e ver meus pais que são bem velhinhos...nossa. [...] É o meu sonho. É isso. Trabalhar... mas a gente é simples. Eu não gosto de me mostrar nem nada. A gente quase não usa o carro. Eu ando é de ônibus mesmo. Não gosto de falar que tenho isso ou aquilo, entendeu? (Antônio, 33 anos.)

E, finalmente, Pedro vive um momento de muitas indefinições. A esposa tem um bom emprego, mas ele está envolto numa possível transferência de volta ao Rio de Janeiro ou a Manaus, o que os separaria por um tempo longo. Insatisfeito com sua escolha profissional, pensa ainda concluir o curso de direito e mudar de carreira. Nesse caso, Brasília ofereceria boas oportunidades, mas ainda sonha, junto à esposa, retornar ao Rio. Segundo ele próprio, uma escolha muito mais de ordem afetiva do que racional, pois

Brasília é mais tranqüila e segura, condições favoráveis para a criação de um filho.

Eu e minha esposa, se a gente tiver oportunidade de se colocar bem em termos de carreira, a gente prefere voltar pro Rio. Não sei, talvez daqui um ano ou dois, se conseguirmos suportar bem a saudade... mas hoje a gente tem essa visão. Se não conseguir tudo bem, a gente fica aqui. A gente vem se acostumando com essa idéia também. Ficar aqui não vai ser nada ruim também. Dá pra levar e tem vantagens. Mas se puder escolher a gente vai tentar voltar pro Rio. Eu desejo acabar essa faculdade de direito, que tá pendente. Eu já tô começando a ficar com isso na minha vida, de deixar coisas pendentes. Eu quero acabar direito e sair dessa área de engenharia. Agora onde eu também não sei. Isso pode até me causar problemas futuros. (Pedro, 29 anos.)

A gente vai ter filho, não sei. Mais isso, nesse sentido. Tem sonhos em comum, tipo ter uma casa. A gente sempre morou de aluguel, então é uma necessidade. Uma casa própria pra morar, sei lá. Coisas materiais assim. Mas de família é isso. Filhos e tal. A nossa idéia é realmente voltar pro Rio. (Pedro, 29 anos.)

Portanto, concluímos esse breve recorte das entrevistas ressaltando que, mesmo em uma amostra reduzida como a nossa, é possível encontrar muitos elementos comuns entre os migrantes, mas cada um dentro de sua riqueza particular. Acreditamos que as falas mostradas ao longo do capítulo mostram uma Brasília controversa, mas nunca neutra, no sentido de que não parece haver meio termo ao se falar daqui. Por fim, é nítida a imagem de que essa cidade tem muito a oferecer e é vista como um lugar de realização de sonhos, lugar esse que ainda remete às promessas de seu início.

CAPÍTULO III

Estrutura actancial da migração para Brasília

O presente capítulo surge da necessidade de aprofundamento da discussão dos casos mais emblemáticos entre os sujeitos entrevistados, por meio de uma análise diferenciada, buscando trazer uma nova forma de entendimento para a dinâmica da migração. Optamos por utilizar os modelos actanciais de Greimas (1966), principalmente à maneira trazida por Ubersfeld (1996), que os utilizam para entender a dinâmica dos personagens de narrativas teatrais. Em nosso caso, tomamos o modelo para entender as dinâmicas dos personagens da migração; afinal, não há como pensar o migrante sem que o consideremos na relação com o outro.

1 Os modelos actanciais de Greimas

Antes de iniciar as análises pontuais dos processos migratórios de alguns de nossos entrevistados, é necessário que apresentemos o modelo que adotamos como base de nossa análise.

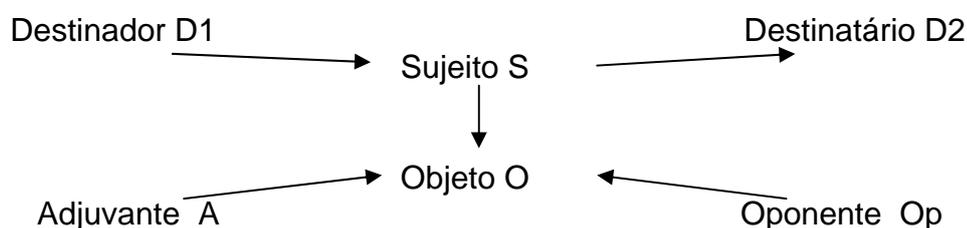
Em seu trabalho *Semântica estrutural* (1966), Greimas propõe-nos um modelo de análise dos sememas¹, procurando traduzir como eles se organizam à superfície do discurso, em especial, o narrativo. Um actante designa um participante, podendo ser uma pessoa, um animal ou uma coisa qualquer. É quem ou o que realiza um ato e desempenha um papel.

O termo “atuante” (modelo atuacional) também é encontrado em algumas traduções, mas “actante” é o mais comumente utilizado. Tal modelo se aplica principalmente aos contos e às situações dramáticas. O autor

¹ Grupos de semas (traço semântico mínimo não passível de ocorrência independente).

denomina os actantes de acordo com o papel que desempenham numa narrativa ou história. São seis. O primeiro, o “destinador”, é aquele que torna possível a conquista de algo. O “sujeito” é aquele que procura conquistar algo. O “objeto” é o que se pretende conquistar. Já o “destinatário” é aquele que conquista, ou é beneficiado. O “adjuvante” é aquele que auxilia nessa conquista, e o “oponente” é o que se opõe.

Figura 1. Esquema actancial.

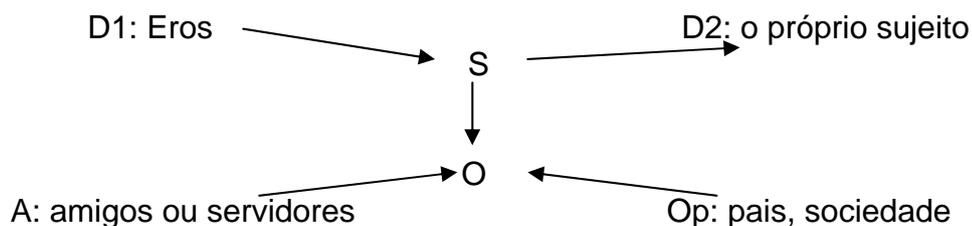


De acordo com Ubersfeld (1996, p. 36),

[...] encontramos uma força (ou um ser D1); conduzido por sua ação, o sujeito S procura um objeto O no interesse ou em favor de um ser D2 (concreto ou abstrato); nessa busca, o sujeito tem aliados A e oponentes Op.

Os actantes são abstratos e móveis. Um mesmo ser ou coisa pode ocupar diferentes funções actanciais numa narrativa. Ubersfeld (1996) utiliza outro exemplo para deixar mais claro o entendimento dos actantes. Todo romance de amor, toda busca amorosa pode ser exemplificada por meio do seguinte modelo actancial.

Figura 2. Modelo actancial aplicado às relações amorosas.



Nesse caso, sujeito e destinatário se confundem, pois o maior beneficiado da busca pelo amor é o próprio sujeito. Eros é a força maior que impulsiona a todos na busca pelo amor. Aqui se percebe uma interface entre a psicanálise na figura do conceito de pulsão e o “destinador” do modelo de Greimas, como Eros.

Também percebemos que o modelo não se restringe às narrativas literárias. Ubersfeld utiliza o modelo para entender textos dramáticos, mas ele pode perfeitamente ser aplicado ao relato dos migrantes. O modelo actancial será aplicado aos casos clínicos principalmente para auxiliar no entendimento das motivações da migração.

No capítulo 2, mostramos que o amor é um dos motivos da migração. Mencionamos as pulsões de amor e de autoconservação como determinantes no processo decisório. Agora, utilizando os actantes, é possível melhor compreendermos como se dão as dinâmicas familiares e inconscientes num processo migratório. Portanto, individualizar e aprofundar a análise de cada migração traz a riqueza de cada história de vida, que não pode ser traduzida em dados socioestatísticos que sempre caminham na direção de entender a migração como motivada primordialmente por fatores econômicos.

2 A dinâmica das migrações dos entrevistados

Aprofundamos a análise de três casos que possuem elementos suficientes para justificar a utilização dos modelos actanciais no entendimento de cada uma dessas histórias de migração.

O caso de Cristina mostra uma migração que se dá essencialmente por meio do amor romântico e do desejo de manter o casamento e construir uma família. Isso vem acima de qualquer aspiração profissional. Marina é a filha designada para decidir a migração de toda a família, e Antônio é o sertanejo em sua segunda migração atrás de trabalho, mas que encontra em Brasília uma

nova família. Entretanto, adoece de forma muito grave, vendo-se impossibilitado de trabalhar e gozar sua vida familiar.

2.1 Cristina e o amor que traciona a migração

Cristina, 29 anos, nasceu no interior da Bahia, mas foi criada em Minas Gerais. Sua família é mineira. Quando migrou para Brasília, morava em Belo Horizonte. É casada, mas não tem filhos. Sua migração ocorreu por amor. Ela veio acompanhar o marido, que é formado em direito e passou num concurso público no Poder Judiciário. Teve uma infância típica do interior, onde os valores tradicionais perduram até hoje. Nunca foi de ficar na rua, e, quando adolescente, foi para Belo Horizonte continuar seus estudos. Casou-se com seu primeiro e único namorado após dez anos de namoro. Toda a sua família é católica, mas ela se diz a mais devota.

Lendo algumas frases proferidas por Cristina a respeito de história, é possível entender como ela foi capaz de dedicar-se totalmente à família e de acatar a decisão de migração tomada pelo marido.

Quadro 6: Asserções de Cristina acerca da família.

“Porque a gente tem um respeito muito grande, um amor muito grande, um afeto sabe. Meus pais sempre tiveram um lugar muito forte na nossa família. Tudo girou em torno deles. E sempre foi assim e acho que vai morrer assim.”

“Quando eu estava no quinto período da faculdade, meu pai teve uma crise financeira muito grande, e aí a gente foi trabalhar, tanto eu quanto minha irmã. Eu virei vendedora. Foi um momento muito traumático porque eu e minha irmã começamos procurando emprego escondidas porque a gente sabia que seria a maior ofensa da vida do meu pai. A gente acha que até hoje meu pai nunca se recuperou disso emocionalmente.”

A família, representada nomeadamente na figura do pai, é o mais importante. O pai, provedor, vive uma crise financeira grave, que motiva Cristina a buscar emprego escondida, pois isso seria uma ofensa à posição ocupada por ele. Esse modelo familiar muito unido certamente serviu de base ao que Cristina busca em seu próprio casamento. Sobre ele, ela afirma:

Quadro 7: Asserções de Cristina acerca do casamento.

“Esse sempre foi o grande plano da minha vida (em relação ao casamento). Meu pai nunca ia permitir que a gente se casasse sem estar formada e estável financeiramente, para meu pai era prioridade e sempre foi. Mas eu fui preparada para o casamento, com prendas domésticas, eu costuro, eu bordo, cozinho, tudo. Isso foi todo um preparo, eu fui moldada para isso, entendeu? Então o casamento sempre foi uma coisa muito esperada por mim, muito sonhada.”

“O casamento é o maior evento da família de um mineiro. Então mesmo aquela pessoa que não tem condição financeira junta dinheiro, durante a vida, pra poder fazer o casamento. Eu fiquei noiva dois anos, tudo meu foi pedido oficial, tudo do jeito que tem que ser.”

“E eu ia achar emprego em qualquer lugar, marido igual ele não eu não ia achar em outro lugar, tenho na minha cabeça sempre assim.”

“Meu pai não iria permitir em nenhuma hipótese que eu viesse a morar com ele antes de estar casada. A questão toda era essa.”

“Eu acho que meu pai me levou para o altar achando que eu era virgem. Acho que isso ainda passava no imaginário do meu pai.”

Casar sempre foi seu grande plano de vida. Namorou para casar. Fez tudo da maneira mais correta possível. Apesar de morar só com a irmã em Belo Horizonte, afastada dos pais, nunca ousou morar com o namorado sem que estivesse casada. Ela jamais faria isso. Hoje uma profissional de sucesso, foi criada tanto para ser uma boa esposa, com todas as qualidades (prezadas domésticas), mas também para se formar e ser independente financeiramente. Cristina, rígida e perfeccionista, foi bem-sucedida em ambas os campos: amoroso e profissional.

Quanto à migração para Brasília, para ela foi algo natural acompanhar a decisão do marido. O casamento era a prioridade, não importando onde fossem morar. Abaixo, os trechos significativos a respeito da decisão tomada de acompanhar o marido.

Quadro 8: Asserções de Cristina a respeito da decisão em migrar.

“Porque eu me adapto bem em qualquer lugar. E eu acho que se a gente tem força de vontade a gente consegue cavar um lugar ali. E minha prioridade era ele, aonde ele fosse eu ia atrás. Desde o começo do namoro, quando ele estava na faculdade eu sabia que ele ia querer sair da cidade porque ele queria ser juiz. Era o sonho da vida dele.”

“Brasília poderia ser o pior lugar do mundo, mas para mim seria o paraíso porque eu ia casar e sair de casa. Eu ia poder experimentar essa liberdade, estar com o J. sem olhar hora, sem precisar fazer as coisas escondidos. Então a gente sonhava com isso, a gente sempre olhava para Brasília como um paraíso. Para qualquer lugar que a gente fosse.”

“E eu ia achar emprego em qualquer lugar, marido igual ele não eu não ia achar em outro lugar, tenho na minha cabeça sempre assim.”

“Teve momentos que eu pensei ‘Ai meu Deus vou começar tudo do zero, quem vai me indicar pacientes? Não conheço ninguém’. Isso me passou pela cabeça, mas era um processo tão natural isso pela minha criação. Isso não existe de eu ficar lá (em Belo Horizonte) e o J. em Brasília. Era uma coisa muito natural para mim. É como esse incômodo, esse sofrimento nem coubesse, nem tivesse vocabulário, sabe? Não tem escolha. É muito por aí. E eu vinha por ficar com uma pessoa que eu amava muito e para mim independente se alguma coisa desse certo ou não eu estaria com ele. E isso era muito recíproco, a gente é muito unido, muito amigo antes de qualquer coisa.”

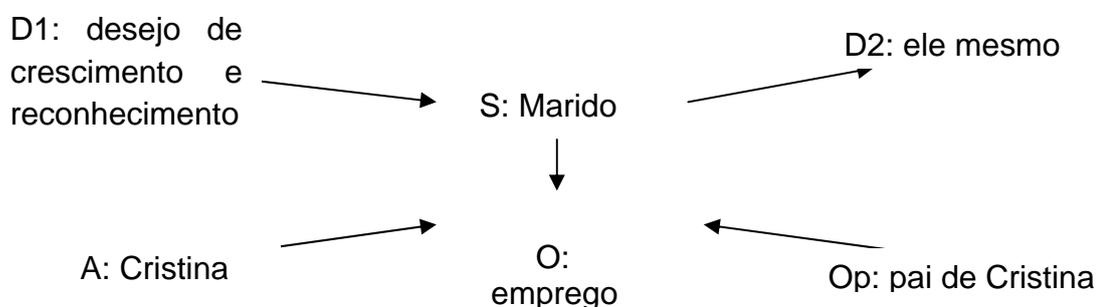
A partir dessas falas, podemos traçar o modelo actancial dessa migração motivada pelo amor. São palavras que não deixam dúvidas em relação ao sentimento dela, a reciprocidade e o desejo em concretizar esse plano de vida no qual a família é o centro.

O primeiro modelo actancial que mostraremos reporta o processo de migração como um todo, na sua decisão inicial: a migração para Brasília. Nota-se que o sujeito (S) da migração, também conhecido como protagonista, não é Cristina, mas sim o marido. Ela é adjuvante (A), alguém que auxilia essa migração e jamais se opõe a ela. O pai pode ser considerado como um oponente (Op), visto que apenas permitiria a mudança se sacramentado estivesse o matrimônio. Mesmo que inconsciente, há uma oposição. O objeto (O) dessa migração é o trabalho do marido, a oferta de emprego recebida. O destinador (D1), nessa primeira análise, é seu desejo de crescer profissionalmente, de ser reconhecido. Aqui, nesse campo do destinador (D1),

os motivos podem sempre ser reduzidos às pulsões básicas descritas no capítulo 2: a busca pelo amor e pela sobrevivência.

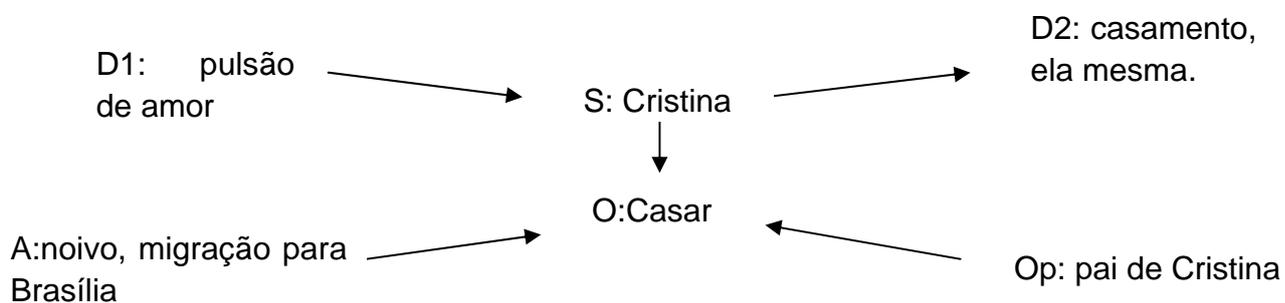
O marido parte para realizar seus sonhos, que incluem ser bom provedor. Assim, poderíamos também afirmar que sua escolha não deixa de ser motivada pelo amor, pois ele deseja ser um bom marido e um filho bem-sucedido, por amor à sua família. O destinatário (D2), ou seja, o maior beneficiado nessa mudança, é ele mesmo.

Figura 3. Modelo actancial 1.



Já o processo onde Cristina é protagonista apresenta a seguinte configuração.

Figura 4. Modelo actancial 2.



Ela é impulsionada pela pulsão de amor (D1). Seu objetivo principal é casar (O). Foi criada para isso. O emprego conseguido pelo noivo em Brasília acelera o processo decisório do casamento. Seu noivo vem antes e permanece

sozinho em Brasília por seis meses, até que Cristina termine os preparativos do casamento dos seus sonhos. Assim, tanto seu noivo quanto a mudança para Brasília exercem o papel de adjuvantes (A) nesse processo. Ela se casa em favor de si mesma, dos valores que preza, da instituição sagrada do matrimônio (D2). O pai, enquanto opositor (Op), representa a imagem daquele que não quer perder a linda filha de quem cuidou por tanto tempo para outro homem. Isso está presente. Cristina (ver quadro 9) afirma acreditar que, no seu casamento, o pai ainda imaginava que ela fosse virgem.

Lembremos que, de acordo com Ubersfeld (1996), os actantes freqüentemente podem mudar de lugar. Quem ocupa um papel de adjuvante em um dado momento pode passar a ser oponente, e vice-versa. Possivelmente, hoje, transcorridos três anos da migração e do casamento de Cristina, seu pai é um adjuvante de seu casamento. Passado o luto pela perda da filha querida, sobrevêm o orgulho e o apoio a essa relação bem-sucedida.

Quanto à sua relação com a cidade, Cristina apresenta uma atitude racional, mais ligada ao trabalho, que favorece sua imagem de Brasília. Mas sentiu na pele, e ainda sente, a estranheza nas relações pessoais e nos valores presentes entre os moradores da cidade. Profissionalmente, tanto para ela quanto para o marido, Brasília foi determinante. As oportunidades são gratificantes. Entretanto, como mostrado anteriormente, o que mais lhe importa é a família. Onde estiverem, contanto que juntos, estarão bem. O resto será conseqüência.

No quadro a seguir, as asserções mais relevantes acerca de Brasília.

Quadro 9: Asserções de Cristina a respeito de Brasília.

Impressões negativas:

“Eu vim procurar apartamento e tomei pavor da cidade porque não via gente na rua, a cidade não tinha calçada. Foram as coisas que mais me chamaram atenção.”

“Primeiro porque não davam bom dia nem boa tarde pro morador novo, isso pra mim é um pânico. Porque se um tem um morador novo no seu prédio em BH, você faz um café pra receber, dá as boas vindas, oferece o que ele for precisar, lá eles tratam como se fosse uma família. E aqui as pessoas passavam por cima das minhas caixas de mudança e nem paravam para falar bom dia, muito menos ofereciam ajuda. Eu dizia ‘Nossa não vou dar conta...’, o telefone não tocava, eu não conhecia ninguém. Depois de uns 10 dias lá eu falei pro J. que a gente tinha que mudar pra uma casa se não eu ia ficar doida.”

“Eu sei que é uma ilusão, Brasília para mim é uma vida ilusória. Todo mundo finge que não tem nada acontecendo aqui.”

“Continuo estranhando Brasília. Na verdade até hoje, sabe. Eu não amo Brasília não. Eu nem sei se vou continuar aqui.”

“Não tenho nada que me prenda aqui. E eu gosto daqui, mas não é a cidade que eu sonho de criar filho, acho que os valores daqui são muito estranhos, ligados ao dinheiro, ao poder, à aparência, sabe? E isso até hoje me chocou. Eu não tenho vida social nenhuma aqui em Brasília.”

Impressões positivas:

“Profissionalmente não existe melhor. O Rodrigo iria ganhar esse salário em qualquer lugar que ele passasse, mas para mim, se eu tivesse ido, por exemplo, para o interior, eu não teria feito nem minha pós nem meu mestrado nem nada. Então profissionalmente para mim foi uma bênção estar aqui em Brasília.”

“Quando você entra no STJ você entra naquele cargo do edital, você vai subindo de função lá dentro. Vai mandando seu currículo pra outro gabinete etc. Então hoje ele está bem, entendeu? Só vale a pena por causa disso. Hoje eu não teria o que eu tenho na minha casa, essa facilidade de receber as pessoas, se a gente não tivesse ganhando o que a gente ganha. Porque Brasília não te permite isso. Aqui não dá pra ganhar pouco.”

Nesse primeiro quadro, fica bem claro que Cristina, afetivamente, não tem uma relação boa com Brasília. Para ela, a cidade é vantajosa do ponto de vista financeiro e profissional. Ganha-se bem, mas também gasta-se muito. A acolhida que teve das pessoas da cidade não foi boa. O grupo social que

conseguiu formar, juntamente com seu marido, após algum tempo estabelecida na cidade é de pessoas de outros locais, ou seja, migrantes recentes como ela.

Falar que Cristina se relaciona com pessoas de fora de Brasília, em se tratando de uma cidade jovem como essa, pode induzir a interpretações errôneas. Afinal, alguém que tenha migrado para Brasília na infância ou na adolescência, ou que aqui esteja por mais de dez anos, possivelmente não se relaciona da mesma forma com a cidade. Esta, por ser ainda tão jovem, é adotada por pessoas que chegam de fora e resolvem se estabelecer aqui. Não é o caso de Cristina. Ela se relaciona com a cidade como estrangeira. Não se sente parte. Seus amigos são em sua maioria do mesmo estado que ela e o marido. Eles, por sua vez, também não adotaram a cidade.

O sonho de Cristina, como já ficou demonstrado, é construir sua família, o que necessariamente passa por ter filhos. Esse é prioritariamente o seu projeto de vida. No quadro abaixo, ela afirma que largaria até mesmo a sua profissão em prol dos filhos. Sonha em ir embora. Mas isso acaba sendo uma escolha do marido. Ela torce para que ele se torne juiz e assim possam sair de Brasília. Na entrevista, entretanto, Cristina reconhece que o marido está muito satisfeito profissionalmente na cidade. Permanecer em Brasília, portanto, é algo bastante plausível.

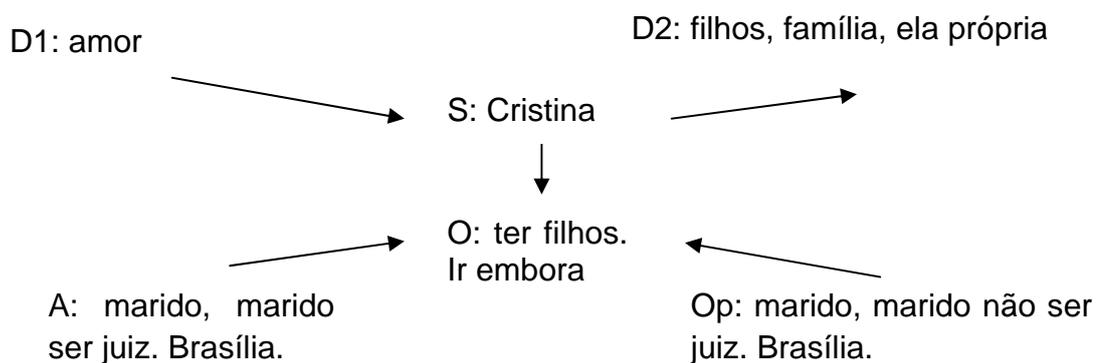
Quadro 10: Os sonhos de Cristina

“Meu marido está estudando de novo para juiz, porque ele não passou para juiz, e no segundo semestre ele vai fazer de novo e meu sonho é que ele passe para a gente ir embora.”

“Ver meus filhos, que sempre foi o projeto prioritário da minha vida. Se eu tivesse que largar tudo profissionalmente por causa de filho eu faria isso, sem problema nenhum. E dar aula, que profissionalmente é o meu objetivo. Estou fazendo mestrado só por isso.”

Considerando sua relação com Brasília e seu sonho, agora numa perspectiva de futuro, podemos traçar o modelo actancial.

Figura 5. Modelo actancial 3: Cristina, Brasília e o sonho.



Cristina permanece movida pelo amor, pela pulsão. Seu objeto, para concluir o sonho da família tradicional, são os filhos, que ainda faltam. E, para eles, ela guarda seu melhor, mesmo que isso signifique abandonar sua vida profissional. Cristina acredita que Brasília não é o melhor lugar para criar os filhos. Aqui as pessoas não são acolhedoras e são muito ligadas ao poder, ao dinheiro e à aparência. Ela sonha com outro lugar. Portanto, ir embora, mesmo que não seja algo explícito em seu discurso, também é seu objetivo.

Na posição de destinatário (D2), estão aqueles que se beneficiam com sua ação. É a família, representada principalmente na figura dos filhos por vir, além dela mesma.

O marido ocupa duas posições. Enquanto adjuvante, é ele que pode dar a ela os filhos, e ele, passando num concurso para juiz, pode proporcionar a saída de Brasília para um local mais adequado para criar os filhos. Porém, ele também é oponente desse desejo em sair de Brasília. Apesar de querer ser juiz, seu sonho, ele está satisfeito com o cargo e o prestígio que possui.

Brasília também ocupa as duas posições. Enquanto adjuvante, é ela que oferece as condições financeiras para essa família se estabelecer cada vez mais. A bela casa que possuem, a situação profissional estável, tudo isso os leva na direção do sonho de ter filhos. Brasília, no segundo modelo actancial apresentado, significava a possibilidade de concretização do primeiro sonho, a saber, o casamento. Enquanto oponente, é a cidade fria para se criar filhos. O

lugar da ilusão, e, também, o local que poderá fazer com que ela e o marido permaneçam, pois oferece muito profissionalmente. Apenas um cargo de juiz seria capaz de tirar o marido daqui. Uma possibilidade sabidamente difícil de ser concretizada. Portanto, a relação de Cristina com Brasília está repleta de ambivalência.

2.2 Marina: a filha que decide por toda família

O segundo caso a ser analisado é o de Marina. Ela apresentou um relato bastante rico para ser entendido à luz do modelo actancial. Como Cristina, Marina também é mineira e veio de Belo Horizonte para Brasília. Entretanto, seu histórico de migração começa muito antes, ainda na infância. Sua família se mudou várias vezes, motivada principalmente pela instabilidade profissional vivida pelo pai, devido ao seu baixo grau de instrução. Sempre passaram por dificuldades, porém nunca drásticas. Aos treze anos, se estabeleceu em Belo Horizonte, vindo de Vitória, onde permaneceu até a mudança para Brasília, que aconteceu quando ela tinha cerca de 20 anos.

Marina é a filha mais velha. Tem um irmão três anos mais jovem. É nítido que ela ocupa uma posição de muito destaque em sua família. Esse papel foi conquistado por ela logo cedo.

Quadro 11: Asserções de Marina acerca da estrutura familiar.

“Meu pai sempre mudou. Por trabalho. Mas não foi porque o trabalho dele exigia. Meu pai só tem o ensino fundamental. Então, ele perdia o emprego ou acontecia alguma coisa e surgia uma oportunidade em outro lugar e ele ia. Nunca teve muito de raiz não.”

“Apesar de eu ser mais velha em casa, apesar do meu irmão ser apenas três anos mais novo do que eu, eu sempre tive um papel muito ativo na minha casa. O meu pai sempre fala isso, ele até faz muita comparação com meu irmão, uma coisa que eu não gosto. Ele diz que sente falta disso no meu irmão.”

“Como eu nunca fiquei calada para as coisas que aconteciam, eu sempre me posicionei, dei sugestões, ele gerou essa coisa de ter confiança, de me ouvir, de saber o que eu tava pensando. Acho que por isso que eles me deram esta responsabilidade.”

Quando surgem dificuldades financeiras na vida familiar, o pai vislumbra a possibilidade de vir para Brasília, pois aqui havia um primo que poderia empregá-lo. No entanto, a mãe fica bastante insegura sobre a decisão. Marina é então convocada a ser a responsável por essa decisão. Cabe a ela acompanhar o pai em um período experimental, quando ficam morando provisoriamente em Brasília para ela tomar a decisão final em prol de toda a família.

Quadro 12: O processo decisório.

“meu pai tava desempregado, ele tinha acabado de ter um problema [...] ele tinha um lava-jato e não deu certo. E ele recebeu uma proposta de um primo dele de vir trabalhar aqui.”

“E aí ele veio... como a questão financeira tava pegando ele veio pra ver se iria gostar, se adaptar. Gostou de Brasília e reuniu a família e perguntou o que a gente achava. Aí eu vim, fiquei 6 meses aqui também pra ver se eu ia me adaptar à cidade, se eu ia gostar, se eu achava que aqui tinha oportunidade.”

“a gente tinha uma expectativa de realmente conseguir uma estabilidade financeira que a gente nunca teve, a expectativa que meu pai conseguisse encontrar um emprego em que ele sentisse realizado, porque todos os problemas que a gente sempre teve, meu pai sempre teve muita insatisfação, eu entendo esse lado dele de frustração, de sempre ter que trabalhar demais e ganhar pouco...”

“a gente alugou um apartamento, aí eu vim, só que logo depois minha mãe veio. Dois meses depois ela já veio.”

“porque minha mãe pediu pra eu vir, porque meu pai é meio idealista demais. Ele se empolga com as coisas, então ela pediu pra eu vir para ver o que eu achava de Brasília.”

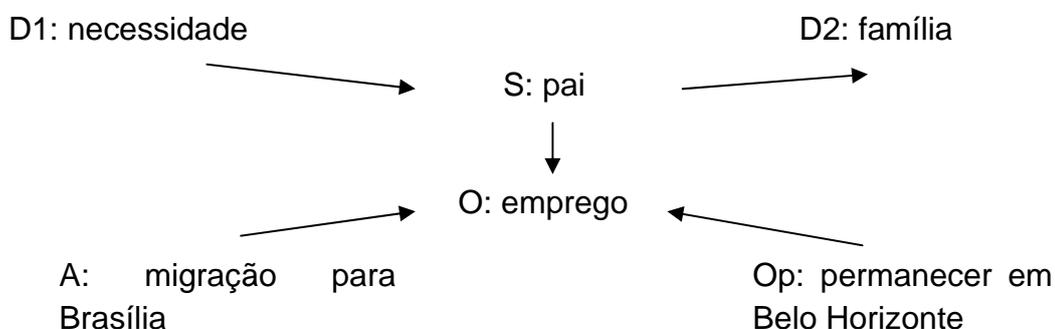
“A família inteira ter vindo, para mim continuou em caráter provisório porque a prioridade continuava sendo a faculdade. Então como não tinha nada decidido em relação à faculdade, para tomar a decisão eu pensei na família. Eles vão ficar melhor aqui? Vão. Então aí sim eu fui pensar se eu iria ficar em Belo Horizonte sozinha ou vir morar com minha família?”

“Então eu fiquei seis meses aqui trabalhando aqui, decidindo pela família. Aí a família veio. Aí eu comecei a pensar em mim.”

Vale notar que Marina se coloca nesse papel de quem deve decidir em prol da família antes de decidir por si própria. Curioso que ela ocupa

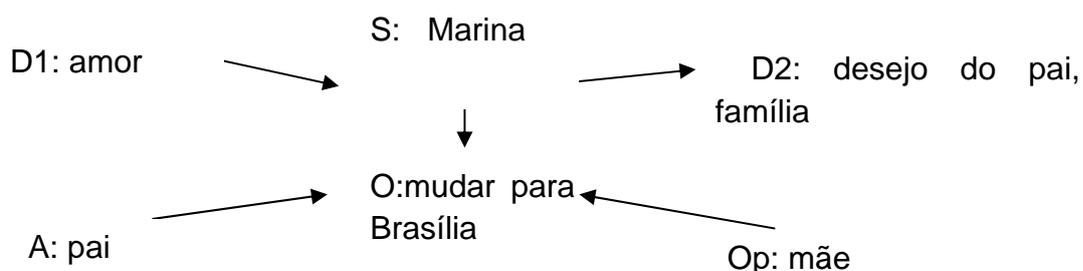
provisoriamente o lugar que é da mãe. O primeiro modelo actancial descreve esse momento inicial da migração, primeiro com o pai na posição de quem toma a decisão.

Figura 6. Modelo actancial 1: a primeira decisão.



A necessidade financeira empurra o pai, que precisa prover, a buscar um novo emprego, pois o negócio que ele havia montado não deu certo. Para esse pai, a saída está sempre em migrar. Segundo a filha, é até possível reconhecer um padrão temporal. Sete anos no máximo em cada lugar. Dentre as várias saídas possíveis, migrar parece sempre ser a melhor para ele. Esse primeiro momento é solitário. Ainda não há a participação da família. O destinador (D2), aquele a ser beneficiado, é, nesse caso, a própria família, inclusive ele. Permanecer em Belo Horizonte após a falência do negócio está fora de questão. Por isso, a posição de oponente. Como adjuvante nesse processo, está a ida para Brasília.

Figura 7. Modelo actancial 2: o aval da filha.



O segundo modelo apresentado já mostra uma inversão em relação ao primeiro. O protagonista dessa decisão se torna a filha, responsável pelo destino da família. O amor ao pai, principalmente, a coloca na posição de escolher mudar para Brasília a fim de satisfazer o desejo do pai e manter a família unida. O pai passa a torcer para que a filha tome a decisão mais correta. A mãe está numa posição de oponente nesse primeiro momento, desconfiada da decisão do marido. Ela também confia na decisão da filha, mas, inicialmente, não parece estar muito disposta a mais essa mudança. Notemos que o irmão nem aparece nessa fase do discurso de Marina. Ele de fato não tem voz ativa na família.

Após a mudança em definitivo, a adaptação de Marina não foi complicada. A família como um todo parece bem adaptada. O irmão teve algumas dificuldades logo no início, mas as coisas estão bem. A família percebe Brasília como uma cidade que realmente pode oferecer uma vida mais tranqüila e próspera.

Quadro 13: As impressões de Marina sobre Brasília.

“E aqui a gente veio procurando muito qualidade de vida, foi uma das coisas que mais pesou pra gente resolver mudar. Porque Brasília tem um ritmo diferente de vida mais lento mesmo, as pessoas trabalham menos. É uma cidade mais tranqüila, e realmente tem oportunidade para quem quer trabalhar com o concurso público.”

“É tudo muito mais caro, principalmente a questão de moradia. E todo mundo falava que salários aqui são altíssimos, não são. São para quem é concursado. Para quem trabalha normal, não é concursado, é assalariado, os salários são muito baixos. São mais baixos do que lá. E por aqui o custo de vida ser muito mais alto salários teriam que ser bem maiores.”

“Mas pro meu pai está melhor aqui. Acho que para todo mundo. Então quando vim para Brasília eu vi que não era bem assim, que não existia só aquele padrão altíssimo, e hoje em dia e já tem uma visão totalmente diferente da cidade, da vida aqui. E tá bem melhor.”

“A cidade acho que tem oportunidade pra quem estuda. Eu e meus irmãos estudamos ainda. Pros meus pais acho que qualquer lugar seria difícil, pela escolaridade deles.”

“Eu estranhei totalmente a estrutura de Brasília. Tem muita coisa diferente de Belo Horizonte. A estrutura física, o ritmo de vida das pessoas, aqui é menos corrido, eu tenho a sensação de que as pessoas aqui são mais tranqüilas. Lá é tudo muito caótico, muito frenético. Então eu estranhei muito isso, gostei muito da qualidade, de não ter

essa pressão da violência, de não viver com essa angústia de que você pode ser assaltado a qualquer momento, que você pode ser assassinado, porque lá tem umas coisas assim. A gente vive pensando nisso. Com relação às pessoas, todo mundo me falava que eu ia odiar Brasília porque todo mundo aqui é muito fechado, porque as pessoas aqui são mal educadas, e eu não senti isso em momento algum. Nesses primeiros seis meses que fiquei trabalhando eu conheci pessoas ótimas, já consegui conhecer pessoas da minha idade, estabelecer amizade.”

Apesar da estranheza e de todas as pré-concepções sobre Brasília, a experiência da entrevistada e de sua família com a cidade é positiva. Vieram buscar mais qualidade de vida, tranquilidade e oportunidades. Encontraram o que queriam.

Ao contrário de Cristina, não há a intenção de Marina em sair de Brasília. Ela agora é uma adulta e com certeza não se sentirá mais obrigada a seguir sua família na eventualidade de outra mudança. Brasília, mesmo tendo uma qualidade de vida superior à de Belo Horizonte, ainda é uma cidade mais cara, e os salários não são tão bons quanto deveriam ser, ao menos na iniciativa privada. Mesmo assim vale a pena permanecer.

Apesar da imagem pré-concebida de uma cidade fria, onde as pessoas não são acolhedoras, ela conheceu pessoas ótimas com as quais conseguiu estabelecer bons vínculos, proporcionando uma sensação de acolhimento. Nesse sentido, sua experiência também difere da de Cristina, apesar de serem provenientes da mesma cidade.

Marina possui familiares em Brasília, o que pode ter contribuído para uma melhor adaptação, o que não ocorreu com Cristina. Todavia, como já visto, a presença de uma rede social que ofereça suporte proporciona uma adaptação mais tranquila.

Este estudo busca as percepções pessoais da experiência do migrar. No caso de Cristina, vimos que o marido dela, embora também não dispusesse de uma rede de apoio social, não percebe Brasília de uma forma negativa como sua esposa. Assim, poderíamos pensar que ele ter feito a escolha por Brasília fez toda diferença. É a carreira dele que se beneficia com a migração. No caso

de Marina, ela também decidiu, mesmo que pela família toda e sob pressão dela, por mudar. Mas o fez sabendo que, para seus estudos e futuro profissional, haveria oportunidades até melhores que em Belo Horizonte.

Em relação aos sonhos e planos de Marina, algumas falas interessantes surgiram. Fica claro que ela sonha ajudar sua família, o que é sua prioridade. Marina continua, movida pelo amor, fazendo escolhas em prol de sua família.

Quadro 14: Os sonhos e os planos de Marina.

“Planos imediatos é continuar consolidando aqui na faculdade o que eu já estou conseguindo, continuar experimentando. Planos futuros é conseguir encontrar um meio de juntar o que eu quero aqui na faculdade com essa cobrança de dar um retorno para minha família, algum tipo de retorno. Mas não sei como fazer isso. Retorno financeiro.”

“Eu quero ver se consigo finalmente criar raízes. Porque a vida inteira marcada por mudanças, a vida inteira marcada por quebra, quando você começa a estabilizar tem aquela ruptura, tem que quebrar de novo. E para conseguir criar raízes aqui o que eu tenho que fazer é procurar um jeito de me manter, porque o meu pai é normal dele esse padrão de ficar insatisfeito e eu acho que ele nunca vai conseguir um emprego do jeito que ele acha legal.”

“A gente fala que a vida começa a ficar muito boa com uns quatro anos, então 5 ou 6 anos começa a ficar insatisfeito, no sétimo ano ele já quer mudar, já quer ir embora, já acha que não vai conseguir nada aqui, e sempre sonhando que vai conseguir um lugar onde a vida vai ser ideal. E eu acho difícil de mudar isso nele. Então o que eu tento fazer é mudar isso em mim. Se ele quiser ir, tudo bem, mas agora eu não vou acompanhar. Eu quero me estabilizar em um lugar.”

“Sabe que vai bem chegar um momento que a responsabilidade vai ser nossa de conseguir uma coisa que eles não conseguiram. Que meus pais não conseguiram. Então é muito contraditório em mim. Porque fazer psicologia, não existe uma possibilidade muito grande de ganhar bem, principalmente logo depois formado.”

“Minha família é muito tranqüila, muito de boa, mas eu quero ter minha individualidade. Como minha família é grande, três filhos, pai e mãe, eu quero ter minha casa, ter essa experiência de ter meu canto.”

“Se tivesse que pensar só em mim eu não pensaria muito em ter um bom emprego, eu queria trabalhar com uma coisa que me realizasse, e é o que eu quero. Mas tem essa questão que os meus pais estão envelhecendo, então vai chegar um momento em que a responsabilidade de dar uma estabilidade para eles vai ser minha e dos meus irmãos.”

Interessante notarmos que Marina traz consigo uma cobrança interna de poder dar uma vida melhor e mais estável aos seus pais. Ela é a mais

estudiosa e a primogênita. Reúne interesse e condições de obter situação financeira confortável no futuro e sente-se responsável nesse papel de proporcionar um futuro melhor para os pais.

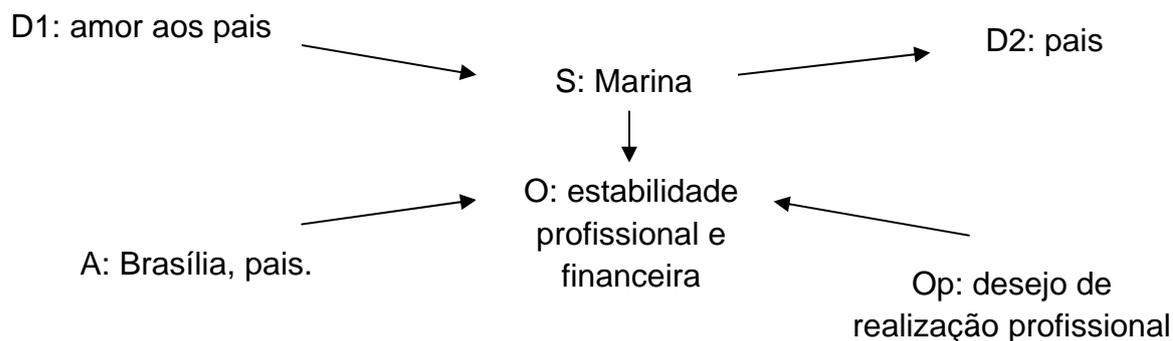
O padrão de permanecer um tempo em um local e depois mudar em busca de um novo ideal é algo exclusivo de seu pai. A família apenas o segue. Quando a vida começa a ganhar estabilidade, o pai torna-se insatisfeito e busca um novo local. Marina quer mudar isso nela, já que não pode mudar nele.

Brasília é para ela um local de oportunidades, e aqui ela explicita que boa parte dessas oportunidades está no serviço público, no qual é possível conseguir estabilidade e boa situação financeira. Aqui há uma importante contradição. Ao mesmo tempo em que ela sonha ajudar seus pais no futuro, ser capaz de proporcionar uma situação econômica mais favorável, ela também tem seu sonho de fazer escolhas não fundamentadas na estabilidade ou na remuneração. Ela sonha poder exercer sua escolha profissional de ser psicóloga e se sentir realizada.

Logo no início do quadro acima, Marina afirma que ainda não encontrou uma resposta sobre como conciliar esses dois desejos. Ela é incapaz de pensar somente em si mesma sem levar em conta sua família. Tanto que afirma que gostaria de fazer um concurso público para poder dar estabilidade aos pais, pois não acredita mais que eles sejam capazes de conseguir um emprego “ideal”.

A partir dessas falas, podemos traçar dois modelos actanciais para ilustrar essas duas possibilidades.

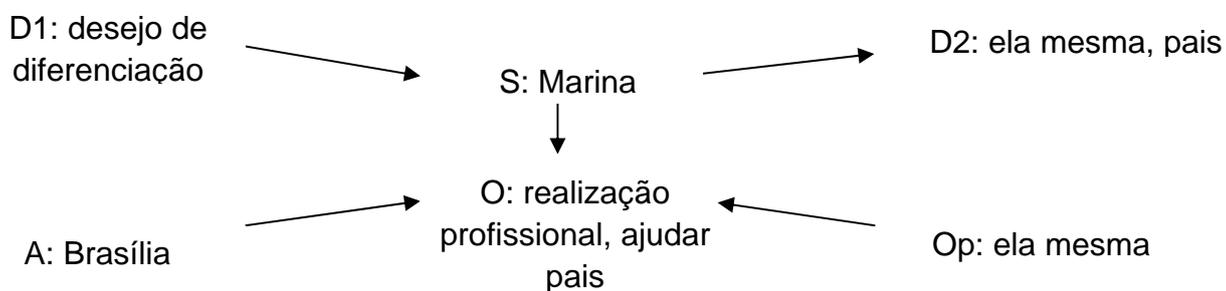
Figura 8. Modelo actancial 3: os sonhos de Marina 1.



No modelo acima, podemos identificar o destinador (D1) como sendo o amor de Marina por seus pais, que faz com que ela busque a estabilidade financeira e profissional em detrimento de sua satisfação pessoal. A estabilidade (O) estaria a serviço dos pais (D2), que, por sua vez, são adjuvantes nesse processo, bem como Brasília, pois oferece empregos no serviço público que podem proporcionar essa estabilidade. Na contramão desse processo, na figura do oponente (Op), temos seu desejo de se realizar profissionalmente, não importando muito a estabilidade ou a remuneração.

Há um conflito entre a sua satisfação pessoal e seu papel de boa filha. Para ilustrar, temos então um segundo modelo actancial.

Figura 9. Modelo actancial 4: os planos de Marina 2.



Na posição D1, optamos por “desejo de diferenciação”, pois Marina tem 23 anos e ainda está em busca de uma identidade própria, que naturalmente passa por poder fazer suas escolhas à sua maneira, sem que haja

uma influência tão direta da família no processo. Se for por esse caminho, enfrentará mais dificuldades em nome de seus sonhos. No entanto, será ela a maior beneficiada (D2). Ela própria é oponente, pois acredita que ajudar seus pais no futuro significa abrir mão de sua satisfação profissional. Essa crença não parece ser dos seus pais. Ela a trouxe na entrevista como algo seu, e não dos pais.

Brasília, assim como no primeiro modelo, também reúne as condições para que Marina seja uma profissional bem-sucedida no ofício de psicóloga. Outras entrevistas mostram isso. A cidade pode oferecer, havendo disponibilidade e vontade, estabilidade profissional, mesmo no campo já bastante saturado da psicologia clínica em consultórios. Marta e Cristina corroboram isso.

A instabilidade vivida em razão das situações profissionais de seus pais a faz precisar de um “avalista”, no caso um emprego público, que garanta a estabilidade. Quando afirma que ainda não sabe como poderia conciliar a escolha profissional de seus sonhos com uma condição favorável em ajudar os pais, Marina demonstra ainda não estar segura de seu potencial e de como poderia realizá-lo. Escolher por sua realização profissional não significa ter uma vida instável como a de seus pais.

2.3 Antônio e a dívida: a neurose de sobreviver (autocoação)

O terceiro caso entre os entrevistados é o de Antônio, que precisou do dobro de tempo que todos os outros para contar sua história. Migrante desde os 18 anos de idade, passou boa parte da sua vida adulta em busca de uma vida melhor. Antônio representa o migrante retirante, um homem praticamente expulso de sua terra pela miséria e pela pobreza.

Certamente, sua saga se difere das demais, pois ele é um sujeito muito simples, mas de uma riqueza de imagens e metáforas impressionante em sua fala. Impressiona também o grau de sofrimento vivido por ele, o que, ao

mesmo tempo em que nos toca profundamente, ilustra da maneira mais visceral possível a dificuldade em se migrar.

Antônio é original de Ipaporanga, uma pequena cidade encravada na região do sertão de Crateús, local muito isolado no estado do Ceará. A palavra Crateús, na linguagem dos índios Tapuios, significa KRATÉ (coisa seca) e YU (lugar muito seco). A seca é a tônica desse local que mal se insere no mapa dos municípios brasileiros. Segundo o entrevistado, a energia elétrica chegou lá há apenas três anos, e, certa vez, houve uma seca que durou cinco anos. Antônio e sua família, composta por pai, mãe e catorze irmãos, viviam basicamente da atividade de subsistência proporcionada pelo cultivo na roça.

a gente sobrevive lá do que a gente plantava. Arroz, feijão, milho e mandioca. Carne que a gente comia era de umas ovelhas que a gente criava, porco e galinha. Só do que a gente tinha. Dinheiro ninguém tinha. Eu fui criado comendo só feijão mesmo, feijão com farinha. A gente plantava feijão e guardava pra comer durante a seca. Lá chove 4 meses e o resto é seco. A gente plantava a mandioca e fazia a farinha. O arroz era difícil dar porque precisa de chuva. Acabava rápido. (Antônio, 33 anos)

As condições de vida realmente eram as mais precárias. Estudar era impraticável, pois não havia uma escola próxima o suficiente. Mesmo assim, Antônio conseguiu alguns anos de educação básica, o suficiente para ele se virar.

A capital Fortaleza está distante 380 quilômetros. Durante as secas mais intensas, o abastecimento de água era feito por caminhões-pipa provenientes de outras regiões. Não era raro Antônio e seus irmãos não terem o que comer.

Abaixo, algumas imagens da seca:

Vinha água num carro-pipa de Fortaleza, vinha deixar pra gente. Tomar banho mesmo ninguém tomava. Eu mesmo não tomava. É difícil tomar banho. A água que tinha era só pra beber mesmo. Aí vinha a água, enchia todas as cabaças, balde, tudo. [...] e o gado mesmo morreu tudo. Papai tinha umas vacas lá, umas dez, morreu tudo. Tinha umas ovelhas, umas quarenta, morreu tudo, umas galinhas, teve que comer tudo. E ficamos sem nada. Dava meio-dia eu chorava. Eu lembrando hoje chega dói. Chorava de manhã pra comer. (Antônio, 33 anos)

Ao completar dezoito anos, o mais velho dos irmãos inaugurou o fluxo migratório dessa família para São Paulo, fluxo esse seguido por praticamente

todos os irmãos, inclusive algumas mulheres. Não foi diferente para Antônio. Esse movimento era bastante comum entre os habitantes das regiões mais secas e pobres do sertão nordestino. À época, a notícia da boa oferta de empregos, principalmente na construção civil tanto no Rio como em São Paulo, que quase não exigia qualificação, rapidamente se espalhava em locais como Ipaporanga. A situação era realmente crítica. Talvez a única possibilidade de melhora de vida fosse por meio da migração de alguns dos membros da família. Uma vez empregados, passariam a ajudar, enviando quantias em dinheiro. Além disso, não estariam mais lá para serem alimentados.

Até os meus oito anos eu lembro muito bem de eu chorando com fome, entendeu? E minha mãe e meu pai não podia fazer nada. Ia trabalhar onde? Não tinha nada. Era só esperar, entendeu? A única coisa que tinha mesmo era o governo que dava uma tal de cesta básica. Não sei como chamava antigamente. Era uma cesta que dava mas acabava em cinco dias. Mas todo mês vinha de Fortaleza o caminhão [...] Era pouca gente que tinha as coisas. Lá em casa tinha dia que não acendia nem o fogo, não tinha energia nem nada. Pra comprar querosene não tinha dinheiro pra colocar na lamparina à noite. Lenha tinha muito. Na sequidão. Só não tinha comida pra fazer. Arroz era dia de domingo. Papai dava um jeito de guardar o arroz para domingo. Comia feijão e arroz. Aí veio melhorando mais quando meus irmão foram pra São Paulo. Eles trabalhavam lá nas construção lá e mandava dinheiro. (Antônio, 33 anos)

O compromisso dos filhos emigrados era muito grande. Nenhum deles deixava de enviar o dinheiro que sobrasse. E esse dinheiro fazia toda diferença no sustento da família. Quando perguntado sobre isso, Antônio afirma que “Nossa! Como fazia! Demais! A gente fazia a festa mesmo. E meu pai no lugar de comprar carne ele comprava osso. Ele ia pra cidade e comprava osso pra gente comer com feijão.” Não era possível comprar carne, mas sim osso, do qual faziam caldos que proviam o sustento. Essa era a condição de miséria na qual vivia essa família.

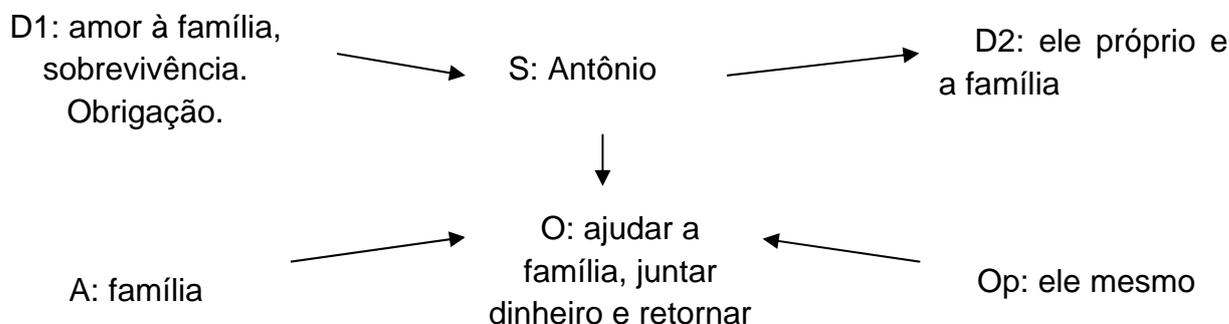
Assim, aos dezoito anos, Antônio também deixa sua terra e parte rumo a São Paulo. Essa é a primeira viagem de sua vida. Ele afirma que “Meu sonho era comprar uma bicicleta quando eu tinha meus quinze, dezesseis anos. E eu louco para completar dezoito anos que era pra ir para São Paulo. Pra trabalhar e comprar a bicicleta.” No entanto, seu real desejo, desde sempre, era

permanecer na sua terra, mesmo com toda a miséria. O que importava era estar próximo aos pais, pertencer àquele local.

Toda vez que eu ia para São Paulo eu ia chorando. Ia chorando mesmo. Saía de casa chorando. De deixar, deixar aquele lugar que eu gosto. Tudo. Até hoje mesmo. Tenho casa aqui em Brasília, tenho tudo, mas nossa, tenho saudade de lá. Mas eu saí de lá chorando porque eu me sentia obrigado. Porque quem era que ia me dar bicicleta, a roupa que eu usava, eu usava a roupa dos meus irmãos, tudo. Até cueca. Completava dezoito anos, começava a ficar rapazinho, sem nada. E todo rapaz ia pra São Paulo e consegui comprar uma bicicleta, ficava lá. Tinha aquele dinheirinho pra comprar roupa. Aí eu consegui ir. Completei dezoito anos, tirei a minha carteira de trabalho e já fui direto. (Antônio, 33 anos)

O primeiro modelo actancial, portanto, refere-se à migração para São Paulo. Não há como, nesse caso, dissociar a migração para Brasília desse processo iniciado por São Paulo. Os motivos são muito semelhantes, e Brasília representa não apenas a continuidade dessa vida migrante, mas também a realização dos sonhos de Antônio, o que não foi possível em São Paulo.

Figura 10. Modelo actancial 1: a migração para São Paulo.



Ao mesmo tempo em que Antônio é beneficiado pela migração, uma vez que poderá ter as coisas que sempre sonhou, ele também se opõe à idéia, pois deixa sua terra e seus iguais para trás, tendo uma vida de muito sacrifício e privação, não tão diferente da vida na roça. Ele é opositor (Op), mas também deseja a migração, em um misto de sonho, necessidade e obrigação. Aqui há a presença tanto da pulsão de amor quanto de sobrevivência.

A migração na família de Antônio é um destino já traçado. Como ele próprio sugere na entrevista, não havia empregos, apenas o plantio para a subsistência. Somente os “amigos” e os parentes do prefeito tinham acesso a algum trabalho formal. A prefeitura era a empregadora do local.

A vida de privação se intensifica quando Antônio chega a São Paulo e encontra péssimas condições de moradia junto a seus irmãos.

Tinha quatro irmãos meus que moravam num barraco lá. Lá na favela de Heliópolis. Morava num barraco lá de aluguel. Barraco bem miudinho. Muito mais pequeno que isso aqui. Morava cinco irmãos. Era umas beliches. Aí eu dormia no chão com mais dois e três dormia na beliche. (Antônio, 33 anos)

Mas isso não importa tanto. Seu objetivo principal é trabalhar. Consegue rapidamente, por meio de um dos irmãos já empregado, um trabalho num grande hipermercado.

Meu irmão trabalhava e me arrumou uma vaga lá no Carrefour. Aí eu fui e comecei a trabalhar nas verduras. Abastecia as verduras. Nesse tempo, rapaz, eu entrava seis da manhã e saía 10 horas da noite. No começo eu até que agüentava, acostumado a trabalhar na roça. E os encarregados e os gerentes, muito ignorante com a gente mesmo... e trabalhava mesmo. Só faltava mesmo era bater na gente. A gente pedia pra ir embora e eles não deixavam, entendeu? Aquilo eu achava bom, porque eu sabia que tava ganhando, entendeu? Aí no primeiro pagamento eu comprei roupa, fita de música, um monte de coisa. Eu fiquei três anos no Carrefour. (Antônio, 33 anos)

Antônio trabalhava um absurdo, mas mesmo assim achava bom, pois estava conseguindo seu sonhado dinheiro e podendo comprar suas coisas. Antônio trabalhava de forma incessante e ajudava sua família. Apenas pensava nas férias, quando, no primeiro dia, imediatamente tomaria um ônibus de volta para o Ceará. Passava suas férias aproveitando o suado dinheiro conseguido em um ano inteiro de trabalho. “Fiquei lá dois meses e o dinheiro acabou. Cheguei lá, comprei logo uma moto. Tinha vontade de comprar uma bicicleta; comprei logo uma moto. Com três meses, o dinheiro acabou, as roupas novas tava tudo rasgando”. Era então o momento mais temido: o retorno àquela rotina desumana.

Voltei pra ficar lá na boa, só usando o dinheiro. O dinheiro acabou. Aí o próprio gerente do Carrefour mesmo ligou pra mim de novo... aí começou tudo aquilo de novo.. ter que voltar pra aquela vida de novo... porque lá é assim.. eu só almoçava. Eu não jantava lá em São Paulo. Passei seis anos lá e só almoçava. Nunca jantei lá. Porque era no Carrefour, porque no barraco não tinha fogão, geladeira, nada. A água a gente tomava da torneira. O banheiro era um só pra todo mundo de um monte de barraco. Nem filtro a gente comprava. E toda vez que eu ia de férias pro Ceará o que era pior era a choradeira... nossa... dava vontade de chorar.. tentava segurar mas não agüentava mesmo, porque tava deixando lá a terra mesmo, deixando tudo. Nossa, quando entrava no ônibus dava aquele desânimo na vida... hoje eu fico lembrando...ah eu pensava. Se esse ônibus virasse, capotasse, seria bom para mim. Pra sair dessa vida. (Antônio, 33 anos)

Apesar da vida tão sofrida na roça, seu desejo era poder permanecer lá, onde, ele era livre, mesmo com todas as dificuldades impostas pela pobreza e pela seca. “Você imagina você sair do seu lugar, passava fome e tudo, mas era livre, me sentia livre. E ir pra um lugar que você não tinha amigo, você entrar dentro de uma favela e ficar dentro de um barraco.”

Quanto à sua falta de escolha, o seguinte trecho é bastante ilustrativo. “Obrigação, cara. Não tinha como ficar, como iria ficar? Meu pai não tinha dinheiro nem trabalho, minha mãe também. Ninguém lá de casa trabalhava. A única chance mesmo era São Paulo”.

E, assim, Antônio passava um ano inteiro de trabalho para, nas férias, retornar com dinheiro, comprar sua moto e “torrar” tudo. Queria ser respeitado em sua terra. Há uma incoerência entre seu discurso e suas atitudes. Ele nunca era capaz de juntar dinheiro para que pudesse retornar em definitivo. Atribuía isso aos baixos salários, o que era verdade. Mas, mesmo assim, vivendo uma vida de privações extremas em São Paulo e com gasto praticamente nulo, preferia voltar ao Ceará e ter uma vida de “rei” por um ou dois meses. Seu dinheiro então acabava, e ele se via obrigado a vender a moto para ter dinheiro para retornar e recomeçar tudo de novo em São Paulo. Após mais três anos, Antônio foi mandado embora humilhado de seu emprego.

A terceira vez eu fui mandado do Carrefour humilhado, entendeu? Eu saí de férias e gastei todo dinheiro das férias, 13º e tudo, confiando que ia chegar e tinha o emprego, né? Aí voltei e trabalhei uma semana e fui mandado embora. Quebrado, devendo... tinha saído de férias e me

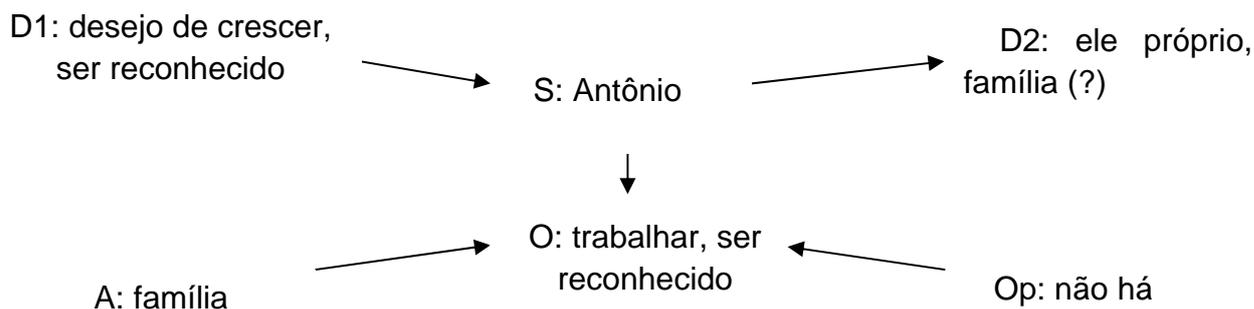
mandaram embora porque o Carrefour fechava meia-noite e um irmão do gerente veio comprar um peixe era meia-noite e meia. E já tava fechado. Eu falei que não limpava mais, porque eu já tinha lavado tudo e era meia-noite e meia, e eu tinha que pegar meu ônibus uma hora lá na parada. Não tem como limpar mais não cara... e eu não sabia que era irmão do gerente o cara.. o cara “você vai limpar sim, você vai limpar agora, eu vou chamar o gerente”. O gerente veio... ”você vai limpar agora porque você tá aqui pra isso, você tá aqui pra fazer o que a gente manda”. Limpo não. Se você quiser pode limpar, mas eu não limpo não. Aí no outro dia ele me mandou embora. Descobri que o cara era irmão do gerente. (Antônio, 33 anos)

Essa passagem foi muito sofrida e complicada. Antônio ainda tentou por dois meses arranjar outro emprego e permanecer em São Paulo, mas não foi possível. Então, retornou para o Ceará.

E eu ligava pro Ceará e falava com meus irmãos... e fiquei dois meses lá tentando arranjar emprego, não arranjei e fui embora pro Ceará. Cheguei lá e melhorei, entendeu? Me senti melhor, as pessoas lá me dando apoio e tudo... fiquei bem tranquilo. Quando foi com um mês que eu tava lá, um diretor do Carrefour que me conhecia foi transferido pra Brasília. Foi na época que eles compraram a rede Planaltão que tinha aqui. Aí o diretor de algum jeito descobriu meu telefone no Ceará... tinha uma irmã minha que morava na cidade e tinha um vizinho que tinha um telefone, entendeu? E eu não sei como ele descobriu esse telefone... acho que foi com meus irmãos de São Paulo. Aí minha irmã foi lá no interior e falou que tinham ligado pra falar comigo. Eu pensei logo “é emprego”. Na mesma hora eu peguei a moto e já fui pra cidade e liguei pra ele. (Antônio, 33 anos)

Nesse momento, o ciclo de migração para São Paulo se encerra, e a migração para Brasília se concretiza. Imediatamente, Antônio entra em contato com o diretor em questão, que lhe oferece a própria casa para que ele vá a Brasília. Antônio aceita imediatamente. Dessa vez, já havia gastado o dinheiro da motocicleta e foi obrigado a fazer um empréstimo. Temos, portanto, o segundo modelo actancial sobre Antônio.

Figura 11. Modelo actancial 2: a migração para Brasília.



Em relação à primeira migração, há algumas diferenças. Antônio não é mais um garoto de dezoito anos seguindo o caminho trilhado pelo pai e pelos irmãos. Essa segunda migração também decorre da necessidade, mas a necessidade agora é mais dele, pessoal. A situação de miséria não é como era. Os pais estão aposentados e recebem uma pensão que ajuda bastante. Os outros irmãos já estão mais consolidados e continuam ajudando.

Antônio não se contenta mais com a vida livre, porém pobre de sua terra. Ele agora possui um ofício. É peixeiro, e dos bons. Ironicamente, um peixeiro vindo de um lugar onde mal há água. Ele agora quer continuar sua vida profissional. O convite do diretor, pessoal, que o encontra em pleno sertão, deixando um recado com o vizinho que tem telefone, representa a redenção da demissão humilhante ocorrida em São Paulo. Dessa vez, não há opositores (Op).

A idéia de acumular capital e retornar ao Ceará não aparece como algo concreto no discurso de Antônio. Há esse desejo, mas nesse momento não é o que impulsiona a migração para Brasília. O que importa é esse presente, é a possibilidade de poder ser alguém, de ser reconhecido e, portanto, amado.

Colocamos uma interrogação na posição D2 (destinatário) junto à palavra família por não ser muito claro se ela, nesse momento, seria beneficiada com a mudança de Antônio para Brasília especificamente. E, de fato, a mudança representou uma grande transformação na vida profissional e pessoal de Antônio. Ele, tendo sido convocado pelo diretor, chegou com um

novo *status* e logo se tornou o encarregado da peixaria, uma espécie de subgerência.

Antes de vir para Brasília, Antônio tinha uma idéia muito precária sobre a cidade. “Eu achava que era uma cidade maior que São Paulo, porque era a capital do Brasil, entendeu? Achei que era uma cidade muito maior do que São Paulo.” No Ceará, mesmo sendo mais próxima, Brasília não era muito conhecida. As pessoas falavam basicamente sobre Rio e São Paulo. Brasília é para Antônio um local muito mais acolhedor do que São Paulo havia sido, afinal essa representava o crescimento profissional e o reconhecimento. Ele, de imediato, gostou e traz algumas falas interessantes sobre a cidade, não presentes no discurso dos outros migrantes entrevistados.

Eu achei melhor. Achei melhor porque aqui é parecido com o Ceará. Aqui é muito parecido com o Nordeste; assim, muito mato, entendeu? A gente vê pássaro, não tem aqueles engarrafamentos. Hoje já tem, mas quando eu cheguei não. (Antônio, 33 anos)

Antônio vê a semelhança entre o cerrado e o sertão, e isso lhe é acolhedor. Os pássaros estão presentes no dia-a-dia. Não é uma cidade tão ameaçadora quanto uma grande metrópole como São Paulo. Mas certamente o fato de ele gostar de Brasília está muito associado à idéia do novo trabalho, do seu novo cargo enquanto encarregado. Ele agora tinha cinco funcionários sob sua chefia, e isso era motivo de grande orgulho. Em termos salariais, houve um prejuízo, mas ele não se importava.

Aí eu vim trabalhando animado, nossa, felicidade de ser encarregado, trabalhava, entrava seis da manhã e saía dez da noite, mas porque eu queria mesmo. Feliz. [...] Agora imagina o salário. O salário daqui é diferente de São Paulo. Lá como peixeiro eu ganha 560. Eu aqui de encarregado ganhava 430. Mas eu tava empolgado porque era encarregado. O crachá com nome, entendeu? “Encarregado de setor”. Com aquilo eu nem ligava. Ficava empolgado com o nome, encarregado de setor. [...] Tinha cinco funcionários. Eu ficava mais empolgado era com isso. Era chefe. Ficava empolgado com isso, não pensava nem no salário. (Antônio, 33 anos)

Chegando a Brasília, Antônio foi morar com uma irmã já bem estabelecida. As condições eram muito superiores às do barraco em São Paulo. Havia uma estrutura de família, com roupa lavada e comida, além da

companhia familiar. Tudo parecia estar indo muito bem. Porém, o cargo de chefia que possuía, e do qual tanto se orgulhava, viria a se transformar em um tormento.

Antônio, no momento da entrevista, apresentava um quadro de adoecimento psíquico grave, e ele atribui boa parte da responsabilidade ao seu novo ofício. Após três anos em Brasília, ele era respeitado pelos clientes e pelos diretores e já era encarregado por cinco peixarias da rede de supermercados onde trabalhava. Entretanto, a pressão da gerência sobre seu serviço aumentava. Além dos gerentes, boa parte das reclamações dos clientes era passada a ele, que substituíam a gerência, principalmente quando o trabalho era receber reclamações e recriminações de clientes insatisfeitos, mesmo que a queixa não tivesse sido ocasionada pelo seu setor. E vinham as humilhações. De que vale ocupar um cargo de chefia se agora as humilhações são maiores do que quando era um simples peixeiro?

Quando alguém vem reclamar, o gerente manda é o encarregado da sessão falar. Não é ele não. Cara, eu já fui humilhado, humilhado, humilhado, humilhado mesmo, de vontade de chorar. As minhas pernas ficavam tremendo. E eu não posso falar nada. Tem que ficar calado. Se eu falar alguma coisa, e o 0800 descobrir, eu vou pra rua. [...] Eu ia atender o cliente, ele dizia “Você não é o gerente, você é um peixeiro. Você não sabe de nada. Eu quero falar é com o gerente.” “Senhora, o gerente não tá aqui. A única pessoa que tá aqui é eu”. “Aqui não existe gerente. Você é um peixeiro. Eu quero falar é com o gerente.” (Antônio, 33 anos)

Antes de prosseguirmos com a análise do adoecimento de Antônio, explicitaremos a questão das pessoas de Brasília. Conforme discutido anteriormente, é de praxe entre os migrantes entrevistados a queixa acerca da frieza e da distância das pessoas de Brasília. Antônio as acha arrogantes, principalmente no contexto do seu trabalho, lojas localizadas em bairros de classe média alta e alta. Mas ele faz uma ressalva em relação aos moradores das periferias, as chamadas cidades-satélite.

São muito, muito arrogantes. Aqui as pessoas, ali no Lago Sul, 310, aqui nesse lado aqui. Não nas satélites. Mas pelo menos aqui no Plano (Plano Piloto), tudo, as pessoas é tudo advogado, “Eu sou agente federal, eu sou deputado”, tudo isso. (Antônio, 33 anos)

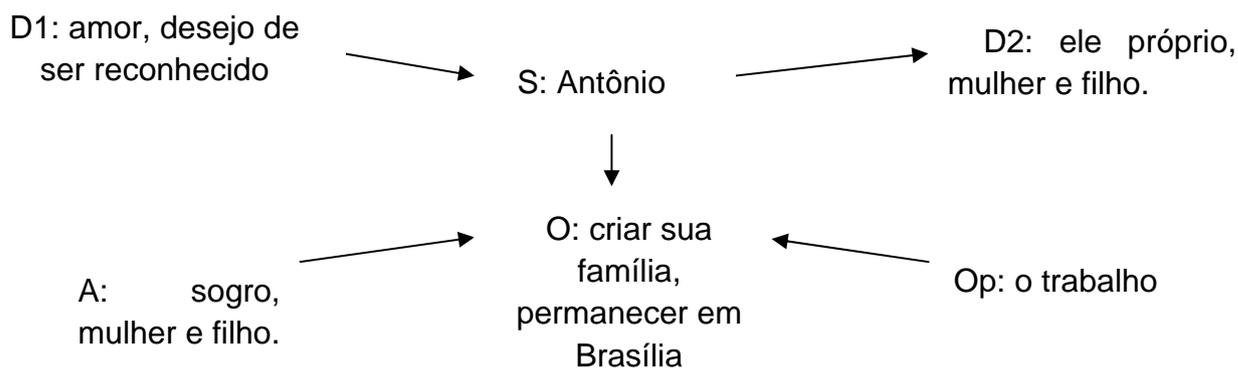
A percepção a respeito das pessoas de Brasília é semelhante entre os migrantes. Contudo, há exceções e exemplos de situações de acolhimento extremo por parte de pessoas de Brasília com os migrantes.

Antônio, mesmo humilhado em seu serviço, é um desses casos. Ele conheceu sua esposa em uma das lojas em que trabalhava. Ela, moça de classe média, interessou-se pelo peixeiro. “Eu atendi ela, e a gente ficou conversando, como amigo, ela me deu o telefone dela, ficamos conversando, brincando.” Casaram após somente um ano de namoro. Hoje têm um filho pequeno, de dois anos de idade. Com ela, Antônio, mesmo com todas as dificuldades no trabalho, viveu os melhores momentos de sua vida e conseguiu atingir uma situação muito mais confortável do que a vivida no Ceará ou em São Paulo. Podemos dizer que ele prosperou por meio desse relacionamento.

Foram os melhores momentos da minha vida foi depois que eu conheci ela. Namorei, tudo, ela tem uma família que tem condições, bem de vida. [...] Agora eu moro numa casa no Guará que é em condomínio, uma casa grande com três quartos, cozinha, sala, varanda, uma área grande e um carro. Tudo de bom. Só tem coisa boa. Lá só mora mesmo gente classe média alta. É só casarão. A minha casa é bem bonita, tá toda terminada, mas nenhum centavo meu. (Antônio, 33 anos)

Caso não houvesse conhecido sua atual esposa, a situação financeira complicada provavelmente permaneceria a mesma. A partir do casamento de Antônio e com todas as dificuldades relacionadas ao seu trabalho, podemos traçar mais um modelo actancial.

Figura 12. Modelo actancial 3: o casamento, o trabalho e a permanência em Brasília.



Vemos aqui a dinâmica dos personagens da vida de Antônio nesse momento em que ele consegue formar uma família em Brasília e assegurar a sua permanência, mas onde também começa a ter dificuldades.

Seu objetivo principal ainda permanece sendo trabalhar. Afinal, ele possui uma família para criar. No entanto, é plausível o questionamento acerca da função de provedor de Antônio. Na realidade, ao se casarem, ele e sua esposa recebem de presente um carro e uma casa em condomínio de classe média alta em Brasília. O sogro possui uma situação econômica bastante estável e gosta de Antônio. A filha ainda é estudante e dependente financeiramente. Mesmo assim, é o salário de Antônio que fornece o sustento do dia-a-dia em sua casa.

A partir de então, parece não mais haver o interesse em retornar em definitivo ao Ceará. Brasília é seu lar. O que ele busca é ficar nessa cidade e trabalhar para poder dar o sustento à sua família. No entanto, a situação no trabalho não é nada boa. A pressão em ser chefe e alcançar metas o deixa muito inquieto. O gerente não possui a menor flexibilidade e parece puxá-lo até seus limites, propondo tarefas outrora inconcebíveis ao peixeiro nordestino. O medo de ser demitido faz com que ele se submeta a humilhações vindas dos superiores.

[...] é porque eu já tinha casado e já tinha filho. Entendeu? Porque quando era solteiro nem tinha filho eu nem me preocupava tanto. Voltava pro Ceará e tava de boa. E era muita perseguição, ficava dois fiscais de loja de frente pra peixaria, mas os caras meus amigos. E falavam pra mim. “é o cara que coloca a gente pra ficar aqui de frente pra peixaria em dia de promoção”. Eu falava... ”caramba, o tanto de moral que eu tinha aqui e agora tô numa situação dessa... tô ferrado”. Perseguiu mesmo. Os caras mesmo falavam que o meu salário era muito alto, porque era mil conto, entendeu? É muito alto e vai ter que me mandar embora. Cara, lá em São Paulo eu ganhava 660 e ninguém falava nada, empresa grande. [...] Eu ficava muito ansioso, eu ia trabalhar sem ânimo. em casa tava tudo bem, mas quando eu chegava lá, tinha até vergonha de levar minha esposa. Se fosse fazer compras tinha até vergonha de alguém gritar comigo na frente dela. Gritavam mesmo. No meio de todo mundo. Uma vez no Lago Sul o cliente até falou pro gerente. “Você não tem respeito não? Não estudou? Que ignorância é essa com o rapaz no meio da loja.” O cliente até apelava às vezes. Aí aquilo vai acumulando na cabeça da gente. Algo que tocou muito em mim foi de eu fazer o fechamento da loja, e eu moro no Guará e não tinha ônibus. Eu comeci a sentir foi aí. A loja fecha às 23 e o encarregado fica de plantão e fecha a loja. Aí eu ficava de plantão e só saía

duas da manhã. Essa hora não tem ônibus pro Guará. E eu falava pro gerente que não podia fechar porque não tinha ônibus. Não tem. Eu vinha pra rodoviária, pegava pra Santa Maria ou pro Gama, descia no balão e ia à pé até onde eu morava. Uma hora certinho andando a pé, três horas da manhã. Passei mais ou menos dois anos nessa vida. Foi aí que eu comecei a sentir. Eu falava pro gerente... "Poxa, vamos ver o horário". E ele falava pra pedir pro meu sogro ou esposa pegar. E minha esposa não dirige à noite porque ela não enxerga bem. Eu ia a pé todo dia, minha esposa pedia pra eu sair do Carrefour e tudo, porque senão eu ia morrer. Eu falava que gosto, e é a única coisa que eu sei fazer na minha vida é trabalhar em peixaria. (Antônio, 33 anos)

Portanto, o trabalho passa agora a ocupar a posição de opositor (Op). O sogro está na posição de adjuvante, pois o apóia integralmente e o ajuda, oferecendo as condições materiais necessárias à sua permanência. E, finalmente, a esposa e o filho pequeno também ocupam esse papel e o fazem querer continuar vivendo em Brasília. Veremos que essa dificuldade em trabalhar, aliada à pressão em ser pai de família irão contribuir para o adoecimento grave de Antônio.

Antônio, face essas dificuldades, acaba por iniciar uma série de crises de ansiedade e pânico que se estendem até o presente. Segundo ele, a primeira crise ocorreu no caminho para o trabalho.

Deu a primeira crise quando eu tava indo pro trabalho, crise de começar a tremer todinho, meus braços ficaram amarelo, minhas pernas tremendo todinha e sem ar. Eu falei "Eu vou morrer, vou morrer, pára o carro". O cara ficou foi rindo de mim achando que eu tava brincando, pois eu brinco muito com os meninos. Eu abri a porta do carro andando, eu não agüentava não. Vontade de vomitar, fazer xixi, cocô, agonia na cabeça... Eu corri na barraca e tomei uma água de coco. E muita secura, uma sede que nada matava. Eu tomei e melhorei. Voltou tudo normal. Fui trabalhar, cheguei lá não comentei nada com ninguém. Ficou só entre mim e o cara. Comentei só com minha esposa, mas ela não acreditou também não. (Antônio, 33 anos)

Desde então o quadro se agravou muito, ao ponto em que Antônio, apesar de insistir muito, não mais conseguiu voltar a trabalhar. As crises de ansiedade e pânico foram se tornando cada vez mais freqüentes.

Fiquei um ano. Um ano trabalhando e correndo pro hospital. O médico do Carrefour quando viu meus exames falou que eu não ia trabalhar. "Você não pode trabalhar." Que eu não conseguia nem olhar pra ele assim, entendeu? E tonto. Chegava lá e ele me pediu minha carteirinha, eu dei foi o cartão do banco pra ele. De tão aéreo que eu tava. [...] Se falasse "Vamos pra casa" aquilo já arruinava. Eu não queria saber de casa, não

queria saber de nada. Meu negócio era ir trabalhar. Era ficar e trabalhar mesmo. E o médico dizia que eu não agüentava, que eu não podia ir trabalhar daquele jeito. Eu disse pra ele que trabalhar iria ser melhor, que eu não agüentava ficar em casa. “Então tá bom. Vou liberar. Se você não se sentir bem você vem aqui e me fala.” (Antônio, 33 anos)

Apesar de ter insistido, acabou sendo afastado por sete meses e depois não retornou mais. Seu adoecimento possui alguns elementos interessantes. Ele relata sofrer demais, ter crises muito fortes, sempre com características muito históricas em sua sintomatologia. Faz uma série de sintomas conversivos. Não consegue percebê-los de outra maneira que não seja no corpo. Como mesmo afirma, cansou de ir ao neurologista.

Antônio insiste que seu maior sonho é se recuperar. Contudo, faz muito pouco para isso. Esteve recentemente num serviço de atendimento psicológico, mas não deu continuidade ao tratamento prescrito nem buscou alternativa para obter assistência. Seu benefício secundário é elevado. Enquanto doente, ele não pode ser contrariado. Os barulhos da esposa e do filho o deixam tonto. Não precisa mais enfrentar a dura realidade da vida de peixeiro, papel que desempenhava antes de adoecer.

Curiosamente, esse adoecimento ocorre simultaneamente às grandes transformações ocorridas em sua vida em função do casamento com alguém de uma classe social mais elevada e a chegada de seu primeiro filho. Todo o processo com sua esposa ocorreu de maneira rápida. Ele encontrou nela e no sogro o suporte que lhe faltava. Este lhe dá a casa e o carro, além de confiar sua filha a ele. E Antônio não consegue sustentar seu trabalho. Tem crises que levam a um afastamento. Que movimento seria esse? Hoje passa o dia em casa, apenas em função de seus pássaros.

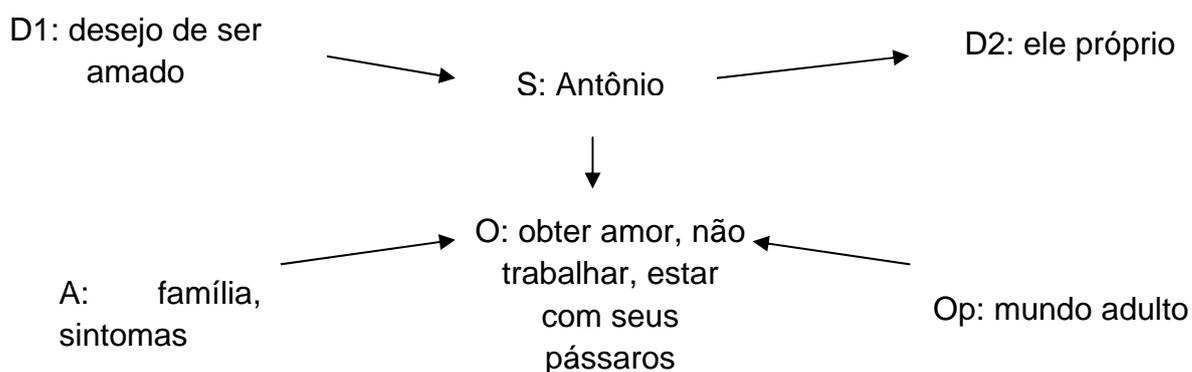
Lá no Ceará eu criava passarinho, aqui eu crio também, compro na loja do Ibama, tudo certinho. Igualzinho lá no Ceará eu fiz. A casa é bonita, graças a Deus. E eu fiz um viveiro, tenho quarenta passarinhos, tudo registrado, tudo bonitinho. Tem açum preto, cardeal, lambu, tudo lá do Nordeste eu tenho. Ele eles reproduzem lá no viveiro. (Antônio, 33 anos)

Parece buscar o que lhe é familiar. Não assume risco algum. Não sai mais de casa. Se acerca de referências à sua terra. Assim, nem é mais preciso

retornar. Mesmo afirmando sonhar com poder visitar seus pais, não sai dessa posição de vítima. O trabalho, na figura de seus chefes, é o responsável pelo seu adoecimento. Encontra-se numa posição muito regredida, pois é incapaz de assumir seu papel de adulto homem, de provedor, de pai. Permanece como um filho do sogro. Este o leva e traz em seu carro para onde deseja ir. Por meio desse adoecimento, obtém o reconhecimento e o amor que tanto lhe faltam, tendo vindo de uma família miserável de catorze irmãos.

Sobre o seu adoecimento e os benefícios secundários, é possível traçarmos mais um modelo actancial.

Figura 13. Modelo actancial 4.



Novamente temos a pulsão de amor impulsionando nosso sujeito. Antônio, ao mesmo tempo em que sofre muito com seu adoecimento, é por ele também beneficiado. Seguramente, seu objeto (O) é inconsciente. Em seu discurso, o que ele mais deseja é voltar ao trabalho. Entretanto, há claramente um movimento na direção contrária. Doente, ele recebe toda a atenção de que necessita, além de não mais voltar a se submeter às humilhações enquanto peixeiro de supermercado. Estando afastado, Antônio não precisa se deparar com o fato de não ocupar a mesma posição que sua esposa, hoje estudante, mas no futuro uma profissional possivelmente com mais prestígio que ele.

Lembremos que enquanto ele tem até a quarta série primária, ela cursa a faculdade. Pode ser que narcisicamente isso tenha um peso considerável. Seu adoecimento e sua família, na figura da esposa e do sogro, estariam

alimentando esse adoecimento e afastamento do trabalho. Enquanto oponente (Op), estão todas as exigências do mundo adulto, principalmente poder ser homem, pai, marido e trabalhador.

O questionamento sobre qual seria outro possível desdobramento de sua história caso não tivesse se casado nessas circunstâncias é bastante pertinente. Teria ele dado conta de seu trabalho? Será que essa pressão sobre esse “estrangeiro” foi muito grande? Enquanto um favelado em São Paulo, mesmo desde sempre mostrando uma emotividade exacerbada (as cenas de retorno do Ceará para São Paulo mostram isso, ver ANEXO C), juntamente a uma angústia residual constante, ele não fazia sintomas tão severos.

Ao ascender na vida com sua chegada em Brasília, as coisas começaram a se complicar. O novo cargo, o casamento com a moça rica, a solidão, tudo isso pode ter agravado sua sensação de não pertencimento, de ser estrangeiro não somente à cidade, mas também ao lugar que agora ocupa. E isso, por outro lado, é o que mais desejou durante toda a vida. É o sucesso que sempre buscou. Tem o respeito de seus parentes no Ceará, encontrou o amor e formou uma família em condições muito mais propícias do que as que encontrou ao chegar nesse mundo. No entanto, seu adoecimento pode pôr tudo isso a perder.

CONCLUSÃO

O tema migração é vasto o suficiente para ser estudado durante toda uma vida. Pode ser analisado de vários lugares diferentes, utilizando referenciais teóricos e perspectivas diversas. O presente trabalho não foi proposto com o objetivo de analisar este ou aquele aspecto da migração. Introduziu o tema buscando um olhar clínico, centrado nas histórias individuais dos que mudaram recentemente para Brasília.

O trabalho surgiu da inquietude do autor em relação à sua própria história de vida, marcada pelos deslocamentos e pelo estabelecimento e adoção de Brasília como lar definitivo. Surgiu também do questionamento clínico, trazido da prática do consultório, onde são freqüentes as queixas das pessoas de fora em relação à singularidade de Brasília e sua gente, e da observação do crescimento e da importância da cidade no cenário nacional, tendo deixado de ser movida somente pela política e extremamente dependente das decisões governamentais. Brasília cresce e se torna mais atraente. Além disso, nasceu da constatação de uma lacuna de pesquisas sobre o tema que enfoquem a clínica psicológica e os indivíduos, notadamente em nível regional.

Mesmo buscando esse enfoque, fez-se necessária uma introdução sobre o tema que não se restringisse à psicologia (capítulo I), para que pudesse abarcar, ainda que resumidamente, as principais questões relacionadas ao tema da migração, que é indissociável da história brasileira. A formação do país se deu por meio dela, e daí decorre a imensa diversidade cultural e social encontrada no Brasil.

O enfoque econômico precisou ser mostrado para que, no capítulo seguinte, pudéssemos demonstrar que os motivos de migrar não podem ser restritos à questão macro. Ainda nesse capítulo, discutimos a questão do adoecimento psíquico e sua correlação com a migração. Pressupúnhamos, e até havia um objetivo inicial de enfoque nessa questão, que a migração estaria

muito ligada a questões de adoecimento psicológico. Entretanto, ao longo das entrevistas e da revisão bibliográfica, constatamos que tal correlação não pode ser demonstrada e que restringiria a análise das ricas experiências trazidas pelos sujeitos entrevistados. Mesmo assim, buscamos, ainda que de maneira resumida, trazer questões ligadas ao que chamamos de uma *psicopathologia* do migrar.

Esse primeiro capítulo partiu das questões macro da migração, desde as características históricas e os tipos, regional e entre países, voluntária e forçada, para introduzir a necessidade de uma análise individualizada. A limitação dos estudos macro, feitos a partir de questionários com um grande número de sujeitos, apesar de produzir dados populacionais muito importantes, pouco acrescenta no entendimento do migrante enquanto sujeito único e particular.

Destarte, justificamos a opção pelo estudo exploratório de cada história individual de migração, propondo um contraponto em relação aos dados estatísticos generalizáveis. Para tal, utilizamos um modelo de entrevista semi-estruturada, com perguntas que pudessem dar ao entrevistado a possibilidade de respostas mais abertas e que gerariam outras perguntas em consequência. O modelo proposto abrangeu desde uma anamnese psiquiátrica até a história de todo o processo migratório, da decisão até o presente; do presente aos sonhos futuros e também o futuro do pretérito, expressando o que poderia ter sido caso não houvesse a migração. As entrevistas produziram resultados bem distintos, como esperado. Cada sujeito se expressou de uma forma, o que reforça a relevância de um estudo individualizado.

O capítulo II se iniciou com a apresentação do grupo dos sujeitos pesquisados com o objetivo de mostrar a realidade de alguns, privilegiando cada história. Primeiramente, discutimos a questão da motivação da migração, apresentando dados da literatura e contrastando-os com os obtidos na pesquisa. Os motivos para se migrar emergiram dos dados em duas atividades humanas pulsionalizadas: o amor e o trabalho.

O amor surgiu entre metade dos entrevistados como o principal fator motivador da migração. Isso talvez tenha ocorrido pelo fato de termos entrevistado pessoas que migraram acompanhando os cônjuges, estes sim migrantes em busca de trabalho. No entanto, defendemos o amor como categoria principal, pois em casos de migração voluntária, como esses, o sujeito sempre tem a opção de acompanhar ou não a decisão do parceiro.

Ficou também caracterizado que o mais importante seria acompanhar o outro, mesmo que essa decisão não trouxesse benefício algum. Até o contrário. Em alguns casos, um dos cônjuges sacrificou sua posição profissional em prol do que migrou, o que ocorreu com Cristina, Carolina e Pedro. Para Carolina, houve outra importante variável. A decisão de migrar levou em conta a impossibilidade, ao menos para ela, de viabilizar seu casamento estando próxima à família de Francisco, seu marido, também entrevistado. Portanto, apesar de ela ter vindo para Brasília para estar com ele, houve algum tipo de influência muito forte dela e de sua família nesse processo. O pai dela, sogro de Francisco, oferece a ele uma oportunidade de trabalho em Brasília quase irrecusável. Poder-se-ia então afirmar que, mesmo na decisão de Francisco, o amor esteve presente enquanto pulsão mais básica.

As opiniões sobre a cidade de Brasília em si, representada por sua gente e sua atipicidade urbana, divergiram. Entre as opiniões positivas, destacaram-se as que afirmam que Brasília é sem dúvida um lugar que ainda transmite uma sensação de segurança e possui uma boa qualidade de vida, em termos de trânsito, presença de áreas verdes e comodidade de serviços. Porém, o aspecto mais citado positivamente foi o das oportunidades profissionais. Todos afirmaram que, profissionalmente, Brasília tem muito a oferecer. Isso se deve principalmente às oportunidades de trabalho em âmbito governamental.

Em relação às opiniões negativas, podemos afirmar haver uma padronização das respostas, mesmo considerando o reduzido número de sujeitos. Sobre a cidade, vimos respostas semelhantes, afirmando que ela demanda uma renda elevada, devido aos altos custos de vida. Aspectos

urbanísticos e arquitetônicos, a necessidade de se possuir veículo próprio e a ausência de pessoas nas ruas foram mencionados. Entretanto, o ponto que mais chamou a atenção foi a impressão negativa acerca das pessoas de Brasília. Nesse ponto, as respostas foram unânimes.

Para a maioria dos entrevistados, os brasilienses, ou seria melhor dizer os considerados pelos migrantes recentes como pessoas de Brasília, são frios, distantes e pouco acolhedores. As pessoas não se falam muito. Não há um ambiente de boa vizinhança e cordialidade. Não há sorrisos. Não há calor humano. Sobre isso, propusemos uma longa discussão no capítulo levantando algumas hipóteses acerca do que possa ter levado a essa percepção. Entre elas, o fato de que Brasília, diante de sua particularidade urbanística, esconderia as pessoas e não propiciaria o contato. Mesmo assim, acreditamos que isso é pouco para entender uma percepção, a nosso ver, amplamente disseminada entre os que chegam de fora. Esse foi sem dúvida um dos aspectos mais intrigantes nas respostas obtidas e que mereceria um aprofundamento por meio de mais pesquisas.

Ato contínuo, apresentamos as falas mais relevantes sobre as experiências do sofrer e as queixas dos migrantes de Brasília. As vivências de sofrimento em sua maioria estavam justamente relacionadas à solidão da cidade desconhecida e à sua gente pouca acolhedora. Porém, qualquer migração nesse aspecto se assemelha. A solidão é companheira dos migrantes, especialmente se não há uma rede social *a priori* estabelecida. Inicialmente, vive-se o luto da partida, com sentimentos contraditórios como a culpa de deixar para trás entes queridos. O estranhamento inicial é praticamente inevitável, salvo casos em que a necessidade de estar distante se sobrepõe à falta da terra natal e das pessoas deixadas. Não foi o caso entre os entrevistados. Todos relataram a dificuldade de se inserirem na nova vida num lugar bastante estranho. A falta de um trabalho foi determinante nesses casos.

Como a amostra foi composta por alguns migrantes que vieram numa situação de incerteza profissional, acompanhando a vinda do cônjuge, a falta de

um trabalho se fez muito presente. Trabalhar é um dos pilares de sustentação do equilíbrio psíquico. Significa ter lugar no mundo. Estar em um lugar estranho e sem trabalho contribui para essa sensação de não pertencimento e dificulta enormemente os vínculos sociais. Além de todas as dificuldades já inerentes a qualquer migração, soma-se a pressão por um bom emprego. No caso de Brasília e desses migrantes de bom nível educacional, trabalhar significa ter uma renda e até um *status* condizente com o alto custo de vida da cidade. Há a percepção entre eles de que estar em Brasília se justifica pelas oportunidades profissionais e pela estabilidade que ela pode oferecer, geralmente por meio de um emprego no serviço público.

Isso nos leva ao último ponto discutido no capítulo 2, que diz respeito exatamente aos sonhos dos migrantes. Em geral, salvo nos casos em que o amor e o casamento predominam, os sonhos levam os migrantes à busca incessante de se firmarem profissionalmente, de alcançarem a tão sonhada estabilidade. Só assim poderiam obter o reconhecimento da família e justificar sua mudança. Por meio do trabalho, podem propiciar uma vida de mais conforto e segurança, seja para seus filhos ou até mesmo para os pais, caso de Joana e Marina. Em geral, querem permanecer em Brasília, pois percebem que é um local que tem muito a oferecer.

Não vemos uma fantasia de retorno à terra natal que seja concreta. Pedro menciona isso como um desejo seu, desejo esse que se concretizaria apenas na hipótese de que não consiga um bom posicionamento profissional que justifique sua permanência em Brasília. Por serem migrantes recentes, ainda predomina o sonho inicial que os trouxe para a cidade: uma vida melhor, em todos os aspectos.

Finalmente, o capítulo 3 propôs o aprofundamento de três dos casos entrevistados, mas, dessa vez, utilizando o modelo actancial de Greimas (1976). Por meio deles, é possível visualizar os diferentes momentos da migração do sujeito, entendendo as relações dele consigo próprio, desde o seu desejo e suas pulsões, e também em relação ao papel desempenhado pelos outros partícipes

inseridos na migração, em geral os familiares. Os modelos também nos permitem inserir como personagens da migração outros fatores, tais como o trabalho, o amor, o casamento e o adoecimento. Todos esses elementos se combinam para formar as figuras que representam graficamente a dinâmica da migração. Os três casos escolhidos foram interpretados sob esses modelos e também sob o viés clínico psicanalítico.

Retomamos nesse momento a discussão acerca da importância de uma análise individualizada de cada processo migratório enquanto único. Todos carregam elementos muito semelhantes, mas, descendo ao nível mais detalhado, encontramos diferenças fundamentais que remetem à estrutura e à história de cada sujeito.

Cristina teve todo o seu processo motivado pelo sonho de um casamento e de uma família, não importando o local ou o que ela estaria fazendo. Marina ocupa um lugar de filha pródiga, que decide pela família e também se sente responsável. Vive um conflito entre realizar seus sonhos pessoais que se apresentam mais possíveis em Brasília e sentir-se obrigada a ter condições de prover um futuro mais seguro para seus pais. Antônio é o migrante pobre saído do sertão nordestino em busca também de seu sonho. Realiza muito em pouco tempo de Brasília, mas principalmente por meio de um casamento com uma pessoa bem de vida. A partir de então, ele adoce violentamente e se vê incapacitado de trabalhar.

Teria sido o adoecimento de Antônio uma conseqüência da insuportável necessidade de ser adulto, pai e marido e ainda trabalhar? Qual o valor de seu ofício de peixeiro de supermercado agora que possui uma casa e um carro próprio dados pelo sogro? De alguma maneira, esses presentes o destituem de seu lugar de migrante “burro de carga”, disposto a tudo para conseguir algum dinheiro. Qual é agora seu sonho? Não acreditamos na idéia de retorno, tampouco ao supermercado ou ao sertão do Ceará. Ele então se acerca de referências familiares, os pássaros e a tranqüilidade do condomínio onde mora, que o remetem ao Ceará, e nada mais consegue fazer. Nem sair de casa.

O presente trabalho, inicialmente centrado nos aspectos macro da migração, desde sua história até os aspectos econômicos e sociais, foi caminhando em direção ao sujeito, o foco principal da nossa prática clínica. O trabalho surgiu da escuta de pacientes provenientes de outras cidades que traziam consigo a queixa da solidão e da estranheza em relação a Brasília.

A experiência do migrar não necessita carregar consigo a radicalidade de uma mudança para outro país de língua e cultura diferentes para trazer o estrangeiro presente em cada um de nós à tona. Mesmo para brasileiros e mesmo povoada por pessoas provenientes de todo o país, Brasília tem essa capacidade. É também capaz de aflorar os sonhos de uma vida melhor, seja por meio do trabalho, seja do amor.

Esperamos ter contribuído para a abertura de um campo de pesquisa que busque entender o sujeito migrante por meio de uma perspectiva clínica e psicológica mais humanizada.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA CITADA

AKHTAR, Salman. *Immigration and Identity*. New Jersey: Jason Aronson Inc., 1999.

ALMEIDA-FILHO, N.; MARI, J. J. ; COUTINHO, E. S. F. Migração, inserção produtiva e saúde mental na modernidade tardia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, São Paulo, v. 26, n. 5, p. 236-245, 1999.

AREAL, Augusto C., *A História de Brasília: Um Pouco Sobre Lucio Costa*. Internet. Disponível em < <http://www.infobrasilia.com.br/lucio.htm>> Acessado em 30/jun/08.

BEÚ, Edson. *Expresso Brasília: a história contada pelos candangos*. Brasília: LGE, 2006.

BERGERET, J. *Psicopatologia: teoria e clínica*. 9ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BORGES, H. e MARTINS, A. Migração e Sofrimento Psíquico do Trabalhador da Construção Civil: uma leitura psicanalítica. *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, vol. 14(1):129-146, 2004

BHUGRA & JONES. Migration and mental illness. *Advances in Psychiatric Treatment* (2001), vol. 7, pp. 216-223.

CARNOY, Martin et al. *The New Global Economy in the Informational Age*. University Park. PA: Pennsylvania State University. 1993.

CASTLES, Stephen, MILLER Mark J. *The Age of Migration*. 3ª ed. New York: McMillan, 2003.

CODO, Wanderley, SAMPAIO, José Coelho, HITOMI, Alberto Haruyoshi. *Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

DIAS, J. B. Projetos Migratórios e Relações Familiares em Cabo Verde. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Projeto Migratório. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2006.

FERREIRA, Ademir Pacelli. *O Migrante na Rede do Outro*. Rio de Janeiro: TeCorá, 1999.

FERREIRA, Assuéro. *A aventura da sobrevivência: migrações cearenses na década de 1990*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. 2159 p.

FERREIRO, L. El grupo de reflexión com migrantes: um modo de investigacion em psicoanálisis acerca de la experiência migratória. REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Projeto Migratório. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2006.

FREUD, Sigmund. (1923). *O ego e o id e outros trabalhos*. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. vol. XIX.

_____. (1925-1926). *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1972. vol. XVIII.

_____. (1917). *Luto e Melancolia*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud-ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.

_____. (1919). *O Estranho*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud-ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Vol. XVII.

FUKUDA, F. H. A greve dos imigrantes ilegais na França. *Internet*. Disponível em < [http:// www.pucminas.br/conjuntura](http://www.pucminas.br/conjuntura) > Acessado em 20 de outubro de 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica Estrutural: Pesquisa de Método*. 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

GRINBERG, L. e GRINBERG, R. Trad. Nancy Festinger. *Psychoanalytic Perspectives on Migration and Exile*. New Haven and London: Yale University Press, 1989.

IBGE. *Dicionário demográfico multilíngue*. Versão brasileira. Rio de Janeiro, 1969.

_____. *Censo Demográfico 2000*. Migração e deslocamento. Resultados da amostra. [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 15 de janeiro de 2008.

_____. PNAD. *Síntese de indicadores 2006*. [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 10 de setembro de 2008.

_____. PNAD. *Síntese de indicadores 2008*. [online]. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 2 de outubro de 2008.

KRISTEVA, Julia. *Strangers to ourselves*. New York: Columbia University Press, 1991.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LUCAS, R. *International migration and economic development: lessons from low income countries*. Stockholm: Edita Stockholm, 2005.

MAALOUF, J. F. O sofrimento de imigrantes: um estudo clínico sobre os efeitos do desenraizamento. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

MARTINS, Francisco. *O Complexo de Édipo*. 1ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

_____. *Psicopatologia I - Prolegômenos*. 1. ed. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2005.

_____. *Psicopatologia II - Semiologia Sindrômica*. 1. ed. Brasília: Laboratório de Psicopatologia e Psicanálise - ABRAFIPP, 2003.

NUNES, B. F. Urbanização e migrações: reflexões gerais para auxiliar na interpretação do fenômeno migratório no Brasil. In: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios – CSEM. (org.). *Migrações e Situações de Fronteira*, 1 ed. Brasília: CSEM, 2002, v. 1, p. 11-21.

PHILO & PARR. 'They shut them out the road': Migration, Mental Health and the Scottish Highlands. *SGJ* v.120 (2004) nos.1+2 p.47-70

PASTORE, José. *Brasília: A cidade e o homem, uma investigação sociológica sobre os processos de migração, adaptação e planejamento urbano*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969. 161 p.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. Trad. Cristina Murachco. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHAPPO, S. Migrantes-nômades: chegar, partir ou ficar? *Revista de Ciências Humanas*. Florianópolis. Vol. 35. p. 225-240. 2004.

The American Heritage Dictionary of the English Language, 4ª ed. Boston: Houghton Mifflin, 2000

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BIBIOGRAFIA CONSULTADA

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70, 1977. Original francês.

BURSZTYN, Marcel; ARAÚJO, Carlos Henrique. *Da utopia à exclusão: Vivendo nas ruas em Brasília*. Rio de Janeiro: Garamond, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 1985.

MORAIS, Fernando. *Corações Sujos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MOURA, M. L. S. ; FERREIRA, M. C. . *Projetos de Pesquisa: Elaboração, redação e apresentação*. 1ª ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

POLETTI, I. (2006). Migração – Direito ou Subversão? REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana, Projeto Migratório. Brasília: Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 2006.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. MOURA, H. (Coord.) *Migração Interna: textos selecionados*. Fortaleza: Ed. BNB, 1980.

SAFRA, Gilberto. *A Po-ética na clínica contemporânea*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.

SAFRA, Gilberto. *Hermenêutica na situação clínica*. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

WEIL, S. (1949) – *O Enraizamento*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE ENTREVISTA UTILIZADO

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Identificação:

Data e Local de Nascimento:

Estrutura Familiar:

Antecedentes - História Médica e Psiquiátrica:

Antecedentes - História Pessoal:

VIDA PREGRESSA

1. Local de residência anterior a Brasília (quanto tempo, com quem morava, o que fazia)
2. Como era sua vida lá (boa, ruim, difícil, melhor, pior; quais eram as dificuldades)
3. Problemas e/ou dificuldades emocionais e físicos relacionados a esse local.

A DECISÃO

1. Antes de vir para Brasília, você já havia se mudado antes? Onde? Motivos? Já havia pensado em se mudar? Por quê?
2. Motivo da decisão; (explorar influência de outros na escolha – família; promessas, sonhos)
3. Tomada de decisão (fácil ou difícil; tempo decorrido entre as primeiras idéias e a tomada final de decisão)
4. A escolha por Brasília (motivos, outras alternativas?)
5. Tempo decorrido entre a decisão e a mudança (razões)
6. Concepção a respeito de Brasília (anterior à mudança)
7. Expectativas, desejos e sonhos em relação a essa mudança

A CHEGADA

1. Os primeiros momentos (hospedagem, impressões, sensações, rotina, relacionamentos, trabalho, prazer/desprazer)
2. Do primeiro ao quarto mês (hospedagem, impressões, sensações, rotina, relacionamentos, trabalho, prazer/desprazer, expectativas, frustrações, estranhamento, saudades, faltas; adaptado?)
3. Do quinto mês em diante (trabalho, círculo social, rotina, apoio e suporte, além dos itens acima; *caso o entrevistado não consiga fazer essa cronologia não há problema algum.*)
4. Problemas físicos e psíquicos nesse período; (*buscar informações não presentes durante a anamnese*)

O PRESENTE

1. Como está agora (adaptação, trabalho ou estudo, relacionamentos)
2. Os sentimentos presentes (Prazer, desprezo, gozar; frustrações, esperanças, desejos)
3. O que gosta e não gosta em relação à cidade e às pessoas (acolhimento, adaptação, comunicação);
5. Do que e de quem mais sente falta;
6. Comparação entre o local ou locais anteriores e Brasília;
7. Vida social e afetiva atual (relacionamentos, prazer)

O FUTURO

1. Planos imediatos e futuros (retorno? Outro local? Quando? Permanecer em Brasília? Justificativas)

2. Sonhos, desejos, expectativas, esperanças e sentimentos em relação ao futuro; (o que pretende conquistar, ter, ser)

O QUE PODERIA TER SIDO (E SE...?)

1. Se você não houvesse se mudado para Brasília, como você imaginaria sua vida nesse período até agora? E no futuro? Você teria continuado onde você? Teria ido para outro local?

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa

Imigrantes brasileiros em Brasília: do sonho à queixa.

Coordenação

Trabalho de dissertação de Mestrado do aluno Alberto Rodrigues Câmara de Carvalho sob orientação do Prof. Dr. Francisco Martins.

Natureza da Pesquisa

Você está convidado (a) a participar de uma entrevista de pesquisa que tem como finalidade investigar as causas e conseqüências de uma imigração para Brasília. Como se trata de uma pesquisa em Psicologia Clínica, interessa-nos saber se esse processo de mudança tem ocasionado ou ocasionou algum tipo de sofrimento ou adoecimento, além de entender as causas da migração.

Participantes da Pesquisa

Aproximadamente dez homens e mulheres adultos participarão da pesquisa.

Envolvimento na Pesquisa

A pesquisa apenas envolve a entrevista. Caso seja necessário, mais uma entrevista poderá ser realizada, se você estiver disponível. Você tem a liberdade de solicitar que sua entrevista não seja utilizada, bem como de responder apenas o que quiser.

Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isto, entre em contato com o entrevistador por meio do telefone 81824040 ou do correio eletrônico albertocarvalho@unb.br.

Riscos e desconforto

Não há nenhum risco envolvido na participação nessa entrevista. Caso alguma pergunta seja desconfortável, você tem todo direito de encerrar a entrevista ou de não responder à pergunta.

Confidencialidade

Todas as informações coletadas nessa entrevista são estritamente confidenciais. Seu nome não estará exposto em nenhum relatório. Utilizaremos apenas suas iniciais ou então um nome fictício para identificar as entrevistas. Depois de transcrito, o áudio da entrevista será prontamente apagado. Apenas o pesquisador e seu grupo de pesquisa terão acesso à íntegra das transcrições.

Benefício

Participando da pesquisa você não terá nenhum benefício direto. No entanto, esperamos que esse estudo nos dê informações importantes a respeito dos riscos e experiências envolvidas no processo de migração e que então novas pesquisas mais específicas possam ser desenvolvidas a partir desses primeiros indicadores.

Pagamento

Você não terá nenhum tipo de remuneração por participar dessa pesquisa. Tampouco os pesquisadores serão remunerados. Caso tenha interesse, você poderá nos contatar para ter acesso à íntegra da dissertação de mestrado que ajudou a construir.

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu interesse em participar da pesquisa.

Nome do participante

Coordenador do projeto

Local e data

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO COMPLETA DAS ENTREVISTAS REALIZADAS

ENTREVISTA 1 - CRISTINA

E: Como é a sua estrutura familiar?

C: Eu sou a mais velha La de casa, tenho uma irmã de 26 e um irmão de 21. Minha irmã é advogada e meu irmão está no segundo grau.

E: Os dois moram lá?

C: em BH

E: e seus pais fazem o que?

C: meus pais são comerciantes.

E: De que ramo?

C: Meu pai mexe com som e acessórios para carro e minha mãe com bufê.

E: Então é uma família de comerciantes? É uma tradição na família?

C: não, minha família é toda de fazendeiros. Meu pai era fazendeiro só que quando eu e minha irmã nos mudamos da Bahia para BH para estudar, nós ficamos cinco anos sozinhas lá, só que meus pais não deram conta e meu pai vendeu as coisas e veio para BH ficar com a gente.

E: mas você nasceu na Bahia?

C: não, eu nasci em Nanuque – MG, com quatro anos eu fui pra Bahia, fiquei dez anos lá depois mudei para BH, fiquei dez anos lá depois mudei para Brasília.

E: durante a sua infância você teve algum problema de saúde?

C: não.

E: E na família?

C: não.

E: nenhum caso de depressão, suicídio?

C: não.

E: Então você foi criada na Bahia, passou a infância e início de adolescência lá?

C: Isso.

E: em qual cidade?

C: Vitória da Conquista.

E: E como era sua vida lá?

C: Era ótima. Eu tive uma infância muito típica do interior. É porque lá tem muitos valores tradicionais até hoje, por isso eu nunca fui de ficar na rua, minha adolescência foi muito de ficar em casa mesmo. Fui pra BH estudar, fui seguindo a risca lá também.

E: mesmo estando sozinha com sua irmã lá?

C: mesmo estando sozinhas. Isso nunca mudou pra mim e pra minha Irma. Sempre foi como se meus pais estivessem lá. E também depois de um ano que eu estava em BH, eu comecei a namorar o J. que foi meu primeiro namorado e é meu marido, foram 10 anos de namoro e casamos.

E: mas vocês têm alguma religiosidade, alguma coisa que sustente essas questões na família?

C: Sim, nós somos todos católicos. Mas lá em casa até hoje eu sou a mais devota.

E: então você pratica mesmo?

C: pratico. Minha família não é mais assim hoje. Eles têm lá os valores religiosos, mas não têm costume de praticar como eu.

E: você vai à missa e tudo mais?

C: vou.

E: e você ficou até que idade em Vitória da Conquista?

C: até os 14.

E: em relação aos pais, como era na infância e na adolescência?

C: Sempre foi ótimo. Tanto para mim como para minha irmã, o meu irmão que era mais rebelde que enfrentava meus pais às vezes. Meu marido até diz que a gente tem idolatria para com meus pais. Porque a gente tem um respeito muito grande, um amor muito grande, um afeto sabe. Meus pais sempre tiveram um lugar muito forte na nossa família. Tudo girou em torno deles. E sempre foi assim e acho que vai morrer assim. Eles sempre foram muito carinhosos. A lei lá em casa sempre foi uma lei severa, mas eles sempre foram muito doces, principalmente meu pai. Apesar de ter levados uns tapas, a gente nunca levou isso como agressão.

E: mas você nunca os enfrentou, mesmo na adolescência?

C: não, nunca. Minha irmã é até um pouco mais saidinha assim, mas eu não.

E: e você bebia, fumava?

C: não, nunca botei nem um cigarro na boca. (Rs)

E: Ok. E anteriormente a Brasília você estava em BH? E como era sua vida lá? Nessa época de faculdade, início de vida profissional, como foi esse período sozinha?

C: quando eu estava no quinto período da faculdade, meu pai teve uma crise financeira muito grande, e aí a gente foi trabalhar, tanto eu quanto minha irmã. Eu virei vendedora do Boticário, e foi assim até quando faltava um ano para eu me formar. Quando faltava um ano para eu me formar, eu saí do Boticário porque eu já estava fazendo parte de um programa de formação de gerentes lá e eu já estava ganhando muito mais dinheiro do que eu ganharia em alguns anos de profissão como psicóloga, mas eu saí para ser psicóloga por que eu sei que se eu ficasse e formasse como gerente eu não iria

seguir a carreira de psicologia. Então eu saí do boticário, fiz alguns estágios e usei o dinheiro que eu ganhei lá para terminar de pagar a faculdade por um ano e também para me sustentar. E aí eu abri um consultório com duas colegas.

E: e nessa época morava você e sua irmã?

C: não, meus pais já moravam em BH.

E: E aí eles transferiram o comércio deles para lá?

C: Isso. Meu pai além da fazenda ele também mexia com comércio lá. Então a nossa vida mudou radicalmente. Meu pai já veio com esses problemas financeiros da Bahia para BH, já era muito difícil. E as coisas foram piorando e chegaram num ponto que a gente percebeu que tínhamos que trabalhar. Foi um momento muito traumático porque eu minha irmã começamos procurando emprego escondidas porque a gente sabia que seria a maior ofensa da vida do meu pai. A gente acha que até hoje meu pai nunca se recuperou disso emocionalmente.

E: de não ter dado conta?

C: Isso. Para o meu pai foi um choque muito grande. Um baque.

E: E sua mãe tinha alguma formação?

C: Não. Nenhum dos dois tem curso superior. Eles fazem o que eles aprenderam durante a vida inteira. Minha mãe mexe com cozinha porque foi com isso que ela mexeu a vida inteira.

E: e seu pai é de onde? Ele é mineiro?

C: Não ele é baiano.

E: e sua mãe?

C: de Nanuque.

E: e lá é uma cidadezinha muito pequena?

C: Bem pequena, e fica quase na divisa com a Bahia. Até a Bahia só tem mais uma cidadezinha.

E: E essa questão de fazenda é alguma coisa grande, da família dele?

C: Da família, todos os irmãos dele tinham fazenda e todos foram quebrando.

E: Por quê?

C: porque fazenda é isso, ou você dá muito certo, ou...

E: mas é plantação?

C: Isso. Plantação de Café. Meu avô pai do meu pai sempre teve gado, e aí quando meu pai foi para Conquista começou a mexer com café porque a região é muito forte disso. Mas na verdade foi uma crise geral. Na cidade inteira. Todo mundo quebrou junto.

E: então foi coisa do setor mesmo?

C: isso, do setor.

E: E Cristina, você tem um sobrenome meio gringo, de onde é?

C: É alemão, por parte de mãe que tem descendência alemã.

E: e é o que, avó?

C: meu bisavô. Que veio para cá e ajudou a construir a estrada de ferro que liga Minas à Bahia, ele é engenheiro.

E: mas ele veio tentar a vida ou ele já veio com esse emprego já certo?

C: não sei.

E: e ninguém da família voltou para a Alemanha?

C: não.

E: E seus olhos claros?

C: São da família da minha mãe.

E: Mas você tem um pouco do sotaque mineiro mas também tem sotaque baiano e tem essa cara de gringa, então fica uma coisa bem misturada.

C: E quando eu estou nervosa por algum motivo eu fico baianíssima. Meu marido fala "Meu Deus só de escutar o sotaque já sei quando você está nervosa".

E: eu lembro de você nas aulas e eu e você tinha mais o sotaque de nordestina mesmo. De baiana, porque baiana é mais leve, não é assim como pernambucana.

C: antes era bem mais forte só que eu ainda tenho um pouco. E quando você vem para Brasília o sotaque vai se perdendo um pouco. As coisas vão se afastando. Porque aqui não tem um sotaque característico.

E: e lá nessa época de faculdade, você era boa aluna?

C: Era.

E: mas você era aquela q foi boa aluna desde o início, que era Caxias, que anotava tudo?

C: Era.

E: porque tem gente que só toma jeito no final, eu mesmo passei os dois primeiros anos na gandaia.

C: é porque eu nunca tive esse perfil, eu sempre fui a menina desde quando eu nasci. Estudei em colégio de freira a vida toda. Eu sempre fui aquela que sentava na primeira cadeira da fila, anotava tudo, o meu caderno todo mundo da turma xerocava, sabe essas coisas?

E: você sempre foi muito responsável?

C: sempre.

E: Mas foi devido à minha criação, os meus pais têm um casamento muito bacana e sempre tiveram, então eles sempre saíam juntos e nunca deixavam de sair por causa de filho, lá em casa nunca teve isso. Então quando eu fiz 10 anos eles começaram a sair e me deixava sozinha com meus irmãos em casa, então eles falavam que a empregada não precisava mais dormir em casa porque já tinha a Cristina.

E: e esse seu senso de responsabilidade era uma coisa que você tinha naturalmente ou tinha a ver com o que seus pais falavam, faziam?

C: Eu fui criada para ser desse jeito. E eu já melhorei muito porque antigamente se eu fizesse alguma coisa que eu achasse que tivesse magoado alguém... Eu sempre me preocupava com o que os outros fossem achar, o que os outros iam dizer. Eu era louca com relação a isso. Só muito tempo de análise depois que eu melhorei.

E: mas porque você era muito santinha?

C: era muito severa comigo mesma.

E: perfeccionista?

C: muito, pra tudo.

E: e você começou a namorar com que idade mesmo?

C: Quinze.

E: namorou esse tempo todo, até os 25?

C: (Rs) até os 25.

E: e como foi a questão do casamento?

C: esse sempre foi o grande plano da minha vida. Meu pai nunca ia permitir que a gente se casasse sem estar formada e estável financeiramente, meu pai era prioridade e sempre foi. Mas eu fui preparada para o casamento, como prendas domésticas, eu costuro, eu bordo, cozinho, tudo. Isso foi todo um preparo, eu fui moldada para isso, entendeu? Então o casamento sempre foi uma coisa muito esperada por mim, muito sonhada.

E: e ainda tem mulheres iguais a você lá na sua terra?(Rs)

C: Tem! Claro que tem. Mineiro é muito assim. O casamento é o maior evento da família de um mineiro. Então mesmo aquela pessoa que não tem condição financeira junta dinheiro, durante a vida, pra poder fazer o casamento. Eu fiquei noiva dois anos, tudo meu foi pedido oficial, tudo do jeito que tem que ser.

E: quanto tempo depois de casada você mudou pra cá?

C: eu casei e vim para cá. Quando o Meu marido passou no concurso, aí a gente já estava planejando o casamento porque ele já tinha fechado o escritório dele fazia um ano e tava querendo estudar para concurso. Então a gente sabia que não ia demorar muito porque ele é muito inteligente e ia passar logo em um concurso. E foi o que aconteceu, em menos de um ano ele passou, aí a gente marcou o casamento para seis meses depois. Eu só vim depois que eu casei.

E: e ele é mais velho que você?

C: quatro anos de diferença.

E: então primeiro ele passou no concurso? E vocês apressaram o casamento em função disso?

C: não. Tudo já estava ajustado. Buffet já escolhido...

E: você já estava noiva, né?

C: já estava noiva.

E: mas essa perspectiva dele de fazer concurso, e eventualmente vir para cá, como era isso na sua cabeça?

C: nunca imaginei que iria vir para cá. Eu estava preparada para qualquer outra coisa.

E: mas para onde ele estava fazendo concurso?

C: para juiz.

E: lá?

C: não. Para o Brasil inteiro. Então eu estava preparada para morar em Manaus, morar em Boa Vista, que foram os estados que ele fez.

E: então você sabia que ia sair?

C: sair de Belo Horizonte. Isso para mim nunca foi problema.

E: Por que você acha que não era problema?

C: porque eu me adapto bem em qualquer lugar. Eu tenho uma coisa assim que psicóloga se dá em qualquer lugar. E eu acho que se a gente tem força de vontade a gente consegue cavar um lugar ali. E minha prioridade era ele, aonde ele fosse eu ia atrás. Desde o começo do namoro, quando ele estava na faculdade eu sabia que ele ia querer sair da cidade porque ele queria ser juiz. Era o sonho da vida dele.

E: então você sabia que ia embora.

C: é. Que não ia ficar lá.

E: e até também se você fosse do Boticário talvez isso não fosse possível.

C: impossível porque as lojas de lá da Boticário são lojas da fábrica não são filiais, então ou eu ia para Curitiba, que tem lojas da fábrica também, ou eu ia pra Fortaleza, que é onde hoje em dia que tem lojas da fábrica. As outras no Brasil inteiro é tudo filial.

E: então isso era claro para você, essa opção de acompanhá-lo.

C: com certeza. Isso nunca foi um duvida para mim.

E: faz parte do seu estilo, da sua criação, do seu jeito?

C: sim. Não vejo problema nisso, entendeu? E eu ia achar emprego em qualquer lugar, marido igual ele não eu não ia achar em outro lugar, tenho na minha cabeça sempre assim. (Rs)

E: (Rs) e quanto tempo demorou para vocês saberem que era Brasília e para vocês virem para cá?

C: quando ele fez o concurso para Brasília, logo depois saiu o gabarito, a gente já soube que ele tinha ficado bem colocado e já suspeitava que ele ia passar. Quando saiu a lista dos aprovados, a gente marcou o casamento para seis meses, certinho.

E: e geralmente demora quanto tempo para essa chamada?

C: ele foi chamado logo depois, é porque a igreja não tinha data, se eu tivesse casado no outro dia eu já teria vindo, entendeu?

E: mas ele veio sozinho?

C: veio sozinho, ficou morando aqui sozinho.

E: quanto tempo?

C: seis meses.

E: então você ficou lá para continuar os preparativos para o casamento?

C: é e também porque meu pai não iria permitir em nenhuma hipótese que eu viesse morar com ele antes de estar casada.

A questão toda era essa.

E: Lá vocês não moravam juntos então?

C: de jeito nenhum, ficava cada um em sua casa.

E: nada de ficar um dormindo na casa do outro?

C: não. Claro que acontecia, mas tudo escondido. Eu acho que meu pai me levou para o altar achando que eu era virgem. Acho que isso ainda passava no imaginário do meu pai.

E: sabendo que você viria para Brasília, o que você pensou, o que você sentiu? Em relação, assim, você disse já estava preparada para a mudança, mas a partir do momento que você já teve essa certeza de que viria para Brasília, o que passou pela sua cabeça?

C: a primeira coisa que passou pela minha cabeça foi que seria bom porque era perto, porque todos os outros lugares nos quais o meu marido fazia concurso eram tudo longe, muito longe. A primeira coisa que eu pensei foi essa. Mas logo quando eu cheguei eu tomei horror da cidade. A primeira vez que a gente veio para cá foi para procurar apartamento, pois em tese seria o mesmo apartamento que eu moraria quando eu estivesse casada.

E: isso antes de casar?

C: antes de casar. Aí eu vim procurar apartamento e tomei pavor da cidade porque não via gente na rua, a cidade não tinha calçada. Foram as coisas que mais me chamaram atenção. E aí a gente alugou um apartamento lá no sudoeste.

E: Antes disso qual era sua concepção em relação à Brasília? Além de ser um lugar perto? O que você imaginava? Já tinha vindo para cá de férias?

C: nunca. Nunca tinha vindo pra Brasília. Essa é uma pergunta difícil porque eu não criei nenhuma imagem daqui.

E: você não tinha nada.

C: tinha mais pelo que a gente via no Jornal Nacional. Os ministérios, a corrupção, mas nada assim vai ser uma cidade boa ou ruim. Eu não criei nada, não pensei em nada.

E: Ninguém te falava nada?

C: nada, nem o Meu marido que conhece o mundo todo, nunca tinha vindo para Brasília. Brasília foi um choque para nos dois. Nem em escala quando se está viajando para outro lugar, nada. Então pra gente foi um choque. Ninguém da nossa família conhecia Brasília.

E: e também porque Brasília e BH não têm nada a ver né?

C: é, e também o que a gente viria fazer em Brasília, "vou passar minhas férias em Brasília", isso não existe (Rs). Então acho que por isso nunca aconteceu de a gente vir. Mas ninguém da nossa família conhecia isso aqui. estranho isso né? Acho que por isso eu não tinha nenhum conceito a respeito.

E: E tirando o fato, assim, deixando a cidade um pouco de lado, quais foram as expectativas que você criou a partir do momento que você soube que viria pra cá, enfim, em relação a sua vida? O que você sonhava, desejava ainda antes de vir?

C: Brasília poderia ser o pior lugar do mundo, mas para mim seria o paraíso porque eu ia casar e sair de casa. Eu ia poder experimentar essa liberdade, estar com o J., sem olhar hora, sem precisar fazer as coisas escondidos. Então a gente sonhava com isso, a gente sempre olhava para Brasília como um paraíso. Para qualquer lugar que a gente fosse.

E: então qualquer lugar seria assim?

C: sim. Brasília foi assim porque foi para cá que a gente veio.

E: então você já estava cansada dessa falta de liberdade?

C: muito. Tanto eu quanto o meu marido, a gente não agüentava mais isso.

E: 10 anos de namoro né?

C: 10 anos de namoro nessa peleja. A gente brincava que já tinha estourado a validade de filho já. Já estava começando a ficar chato, já estava implicando com a minha mãe, quando ela não fazia determinada coisa direito e ela falava "você tá boa de casar já, para ter sua casa e parar de ficar dando opinião na minha!". E também teve o desgaste no namoro, sábado uma e meia tínhamos que estar em casa. Se não meu pai tinha um troço.

E: Mas no período que você esteve sozinha isso não melhorou?

C: claro, melhorou demais porque eu e minha irmã sempre fomos muito amigas, a única coisa que a gente foi de transgressão era isso, a gente não tinha hora para chegar, o Meu marido às vezes dormia lá em casa.

E: então foi um retrocesso quando seus pais vieram, além da crise toda que já era, da ida deles, ainda tinha isso?

C: foi eu tive pavor quando meus pais foram para BH. Eu fiquei em pânico. Não queria de jeito nenhum. E eu nunca me dei muito bem com a minha mãe, a gente tinha lá nossas rugas assim de mãe com filha, essas coisas bem tradicionais, típicas, sabe? Então eu já imaginava morar com a minha mãe como seria. Eu já tava há cinco anos morando sozinha. Mas foi tudo ótimo.

E: e você chegou a ficar cinco anos morando sozinha?

C: fiquei.

E: então já tinha que casar, né?

C: Nossa Senhora, e ainda namorei cinco anos enquanto eles estavam lá, até eu casar.

E: e em relação ao trabalho, você não teve grilo nenhum de ter largado o que você já tinha conquistado lá, para vir para cá, nesse momento de decisão?

C: não.

E: não tinha decisão, já estava decidido então? Só no processo de vir mesmo?

C: é, teve momentos que eu pensei "ai meu Deus vou começar tudo do zero, quem vai me indicar pacientes? Não conheço ninguém". Isso me passou pela cabeça mas era um processo tão natural isso pela minha criação. Isso não existe de eu ficar lá e o Meu marido vir. Era uma coisa muito natural para mim. É como esse incômodo esse sofrimento nem coubesse, nem tivesse vocabulário, sabe? Não tem escolha. É muito por aí. E eu vinha por ficar com uma pessoa que eu amava muito e para mim independente se alguma coisa desse certo ou não eu estaria com ele. E isso era muito recíproco, a gente é muito unido muito amigo antes de qualquer coisa. Então isso me passava muita segurança. Ele dizia olha as coisas vão dar certo mas até dar certo eu dou conta da casa, sustento a casa.

E: isso não foi problema?

C: nenhum. Até porque eu acho que tem que ser assim mesmo.

E: esses seis meses passaram rápido, Cristina?

C: De jeito nenhum. Depois que eu mudei para cá foram muitas mudanças, quando eu mudei para cá eu fiquei treze dias aqui dentro, eu não dei conta. Por que o telefone não tocava, eu não conhecia ninguém, as pessoas eram mal educadas, ninguém me oferecia um café, um bolo.

E: mas os seis meses que você ficou lá em BH sozinha, como foi?

C: ele ia para lá todo final de semana.

E: então foi tranquilo?

C: foi tranquilo.

E: Mas você o que você dizia foi quando você chegou, né, a chegada?

C: isso

E: os primeiros momentos, como foram? Você veio de mala e cuia, e aí? Você disse que a primeira vez que vocês vieram foi para ver o apartamento e a primeira impressão não foi boa. O que você achou além da falta de gente na rua e de calçadas?

C: eu acho as coisas muito caras. Eu tomei um choque com o preço das coisas. a primeira coisa foram os apartamentos porque a gente via um de 2 quartos sem garagem que custava 1200 reais, e para gente alugar um apartamento sem garagem não existe, isso não existe lá em BH. Ai gente começou a procurar apartamento com garagem, e a gente foi achar esses apartamentos com preços razoáveis no sudoeste. Só que mesmo com os preços razoáveis ia ficar muito pesado para gente, pra gente juntar dinheiro para depois comprar uma casa, então a gente palpitou em alugar uma quitinete para poder juntar dinheiro, pra gente poder ter uma economia. E é aí que foi o pânico.

E: mas isso foi antes, ele ficou seis meses nessa quitinete?

C: achando ótimo! Pro Meu marido não tinha problema nenhum.

E: lá no sudoeste mesmo?

C: lá no sudoeste.

E: e são muito pequenas as quites lá, né?

C: muito! Nem sabia que existia aquela categoria de moradia em algum lugar.

E: e ainda mais no preço que eles cobram.

C: acho que com o preço que a gente pagava na quite dava para alugar um Ap de três quartos em um bairro bom em BH. Então o primeiro susto da gente foi isso, o preço. Tanto que essas coisas para casa a gente comprou em BH e mandava trazer.

E: e aí quando você chegou que você achou as pessoas mal educadas?

C: é. Primeiro por que não davam bom dia nem boa tarde pro morador novo, isso pra mim é um pânico. Porque se um tem um morador novo no seu prédio em BH, você faz um café pra receber, dá as boas vindas, oferece o que ele for precisar, lá eles tratam com se fosse uma família. E aqui as pessoas passavam por cima das minhas caixas de mudança e nem paravam para falar bom dia, muito menos ofereciam ajuda. Eu dizia “nossa não vou dar conta...”, o telefone não tocava, eu não conhecia ninguém. Depois de uns 10 dias lá eu falei pro Meu marido que a gente tinha que mudar pra uma casa se não eu ia ficar doida. Pelo menos para eu ter uma horta, pra me ocupar. Isso enquanto eu procurava lugar para consultório, essas coisas.

E: e quais eram seus contatos?

C: nenhum.

E: mas você não conhecia ninguém? Nem da UNB?

C: ninguém mesmo. Zero pessoas! Aí nós fomos atrás de uma casa e alugamos uma. Aí pronto, meu coração sossegou. Eu tinha uma cozinha de verdade, o Meu marido vinha almoçar em casa todo dia.

E: casa em condomínio?

C: isso.

E: mas era longe?

C: era longe. Lá no Jardim Botânico perto da Esafe.

E: mas é no início ou lá pra dentro?

C: lá pra dentro, o meu é o penúltimo condomínio. Hoje nós já compramos a casa lá mas naquela época era outra casa alugada. E aí pronto ele só trabalha de manhã de sete as uma, vinha almoçar em casa todo dia, eu fazia almoço todo dia. Eu estava satisfeita, eu tava realizando.

E: e era só você e ele?

C: só eu e ele.

E: e você não tinha nem um parente aqui?

C: ninguém. E aí quando eu fui pro condomínio no dia vizinha a já veio se apresentar com o neném, com os cachorros e aí pronto, eu conheci essa moça, e hoje nos somos comadres eu sou madrinha do neném dela. E aí a coisa mudou toda de figura.

E: então la você foi mais bem recebida?

C: muito mais. O condomínio é um lugar a parte, quanto maior o condomínio, você não mora em Brasília. Porque as pessoas caminham de noite e se cumprimentam, trocam uma conversa a toa. O condomínio é isso. Pelo menos lá onde eu moro.

E: então o clima lá era muito mais familiar?

C: muito mais.

E: porque você esta acostumada com o interior e tudo, certo?

C: isso.

E: e você chegou e foi rapidamente para o condomínio?

C: é.

E: você disse que ficou bem, mas e com relação à cidade, você continuou com esse estranhamento?

C: continuei estranhando. Na verdade até hoje, sabe. Eu não amo Brasília não. Eu nem sei se vou continuar aqui. O Meu marido esta estudando de novo para juiz, porque ele não passou para juiz, e no segundo semestre ele vai fazer de novo e meu sonho é que ele passe para a gente ir embora. Não tenho nada que me prenda aqui. E eu gosto daqui, mas não é a cidade que eu sonho de criar filho, acho que os valores daqui são muito estranhos, ligados ao dinheiro, ao poder, à aparência, sabe? E isso até hoje me chocou. Eu não tenho vida social nenhuma aqui em Brasília. A minha casa é um clube, todos os meus amigos vão para lá, todo final de semana lá em casa tem churrasco, tem jantar, tem um fondue. Lá em casa é estocado de vinho, de cerveja, de tudo que você puder imaginar. Eu compro carne lá em casa de estoque! Porque sempre vem muita gente.

E: mas essas pessoas são de onde, esses amigos?

C: são mineiros.

E: mas de onde vocês se conhecem, porque quando é mineiro vai se conhecendo e vai se juntando, é isso?

C: é, parece que tem um imã. Tem os colegas do Meu marido do STJ, a gente vai logo se atraindo assim, pelo sotaque. As faltas são as mesmas.

E: quais são?

C: essa receptividade, a hospitalidade, as pessoas serem gentis. Todo mundo sente falta mais ou menos disso. Sabe aquela coisa falta de cerimônia? Por exemplo, vem um amigo nosso ou um casal de amigos nossos, lá em casa a gente tem um quarto de hospedes arrumado de domingo a domingo. E como lá em casa é longe, se vier uma pessoa, vai dormir sem cerimônia, entendeu? Aqui as pessoas são formais, não tem aquela liberdade. tá em casa com uma pessoa “vou dormir aqui”, normal. Isso pra mim não tem problema.

E: É isso é diferente mesmo. E nesse início você teve alguma tristeza, alguma depressão?

C: não. Eu sou muito guerreira, é muito difícil de as coisas me abaterem. E também porque eu estava com o Meu marido. Qualquer coisa que acontecesse com nós, a gente já estava casado isso para nós era a melhor coisa.

E: vocês se bastavam, né?

C: isso.

E: isso é importante porque se você tivesse vindo, por exemplo, para estudar e sozinha.

C: eu não viria nunca!

E: nunca existiu essa possibilidade, então? (Rs)

C: eu viria se fosse para ganhar dinheiro. Então hoje, o Meu marido ganha muito bem. Então isso nos faz estar muito bem aqui em Brasília. Quando você entra no STJ você entra naquele cargo do edital, você vai subindo de função lá dentro. Vai mandando seu currículo pra outro gabinete, etc. Então hoje ele está bem, entendeu? Só vale a pena por causa disso. Hoje eu não teria o que eu tenho na minha casa, essa facilidade de receber as pessoas, se a gente não tivesse ganhando o que a gente ganha. Porque Brasília não te permite isso. Aqui não dá pra ganhar pouco. Se você esta casado, querendo ter filho, e ganhar pouco não existe! Aqui é impossível isso.

E: e você voltava muito para BH? Para visitar sua família?

C: não. A gente vai só quando tem algum evento. Sempre foi assim. Eu sempre achei isso importante porque eu sei que se eu ficasse indo todo final de semana a minha adaptação aqui seria muito difícil. Eu vim para cá e sabia que tinha que me

adaptar. Gostando ou não eu tinha que me adaptar. Até hoje a gente vai muito para eventos. Vai para batizado, qualquer evento a gente está lá.

E: e feriados vocês ficam aqui?

C: aqui.

E: viajam por aqui por perto?

C: a gente foi a Pirinópolis uma vez. Mas a gente gosta muito do nordeste. A gente viaja muito só nós dois. Viajamos com a família também. Nossas férias são sempre divididas assim, um tempo para ficar só nós dois e um tempo para a gente viajar com a família.

E: E você sentiu muito a falta da sua família no início? Ou não pelo fato de você estar casada?

C: eu senti, mas foi menos do que eu imaginava que eu sentiria. Eu passei alguns momentos muito difíceis aqui. Eu fiquei grávida ano passado e perdi o bebê, quando eu perdi o bebê quase morri. E nessa hora eu senti muita falta de ter mãe, sabe? O Meu marido não foi trabalhar, ficou o dia todo comigo.

E: Então por mais que você já tivesse amigos, pessoas aqui, essa sensação de estranhamento, de não ser a sua terra, nessas horas bate?

C: com certeza. Eu fui pro hospital, fiquei seis horas lá. Porque não tinha um medico amigo. Lá a gente conhece todo mundo. Minha cunhada é medica. Eu nunca teria passado o que eu passei nesse hospital. Minha medica aqui agora é uma medica nova, não é a médica que me acompanhou muitos anos lá. Essas coisas que você sente falta. E nessa época eu fiquei muito mau.

E: e você se considera mineira mesmo?

C: mineira. Sempre fui, porque o costume na minha casa sempre foi. Os valores. Tanto é que quando eu fui estudar, eu não fui para salvador, todas as minhas primas foram para Salvador.

E: Mas por quê? É mais perto?

C: mais perto, mais barato, mais fácil. Meu pai nunca pensou. Sempre pensou de a gente ir para BH. Minha casa nunca foi uma casa de baianos. Da cultura.

E: e como está agora? Como estão os sentimentos em relação à vinda para cá, a sua vida atual?

C: É isso que eu te falei. Eu gosto daqui, acho que é uma cidade que tem mil vantagens, tipo não tem violência, como tem hoje em BH, não tem transito, quando você para no sinal não precisa ficar travando porta e subindo o vidro, essas coisas. Mas eu tenho a consciência que a gente tem uma vida de ilusão, porque a gente vive ali no jardim botânico, meu consultório está em casa, eu não vou para as cidades satélites, entendeu? Eu sei que é uma ilusão, Brasília para mim é uma vida ilusória. Todo mundo finge que não tem nada acontecendo aqui. Eu vou muito a São Sebastião que é perto de onde eu moro. Quando eu vou para São Sebastião é outro mundo, e eu vejo que as pessoas aqui fingem que isso não existe. Mas eu gosto daqui. Acho que oportunidade de trabalho tem muita aqui. As pessoas estão muito mais dispostas a pagar. Lá em BH todo mineiro é pechincheiro. Aqui não, você dá seu preço de consulta, e é isso mesmo.

E: e a clinica aqui? Como as coisas foram acontecendo?

C: eu pra essa clínica e conheci umas pessoas, uns psiquiatras e quando eu saí eu já estava muito amiga de uma psiquiatra que trabalhava lá, e ela começou a me indicar paciente. Nesse intervalo de tempo eu fiz uma pós no CEUB em psicanálise e foi o que me abriu as portas aqui. Foi onde eu subloquei consultório, tudo para mim aconteceu depois que eu fiz essa pós lá no CEUB. Os professores começaram a me indicar paciente, entendeu? Então as coisas começaram a acontecer depois disso.

E: isso faz diferença, né?

C: faz, com certeza. Eu me coloquei no mercado. Eu acho que é isso. Muitas vezes as pessoas que vem para Brasília esperam que o mercado vá até elas. Você tem que se abrir para Brasília. Você tem que dar a cara, tem que ir atrás. Essas coisas não acontecem assim naturalmente.

E: você se arrepende de ter vindo para cá?

C: não, de jeito nenhum. Acho que a minha vida hoje está muito melhor do que era em BH. Em todos os aspectos, pessoal, financeiro, tudo.

E: mas não necessariamente por ser Brasília especificamente. Talvez se você tivesse ido pra outra cidade? Ou você acha que aqui, profissionalmente, é melhor?

C: profissionalmente não existe melhor. O Meu marido iria ganhar esse salário em qualquer lugar que ele passasse, mas para mim, se eu tivesse ido, por exemplo, para o interior, eu não teria feito nem minha pós nem meu mestrado nem nada. Então profissionalmente para mim foi uma benção estar aqui em Brasília.

E: os planos futuros são de sair daqui?

C: não, o Meu marido quer passar aqui. Ele gosta muito mais daqui. Ele tem muita gratidão por Brasília. Hoje ele é chefe de gabinete do ministro. Esse ministro é de BH, então eles dois são unha e carne.

E: e você está conformada em ficar aqui? Criar seus filhos aqui?

C: para mim tá ótimo. Se for isso tá bom. Mas se tivesse outra opção, por exemplo, morar em Maceió, eu ia morar em Maceió.

E: mas você tem essa consciência de que é uma vida ilusória.

C: totalmente.

E: não vai entrar nessa coisa daqui, da grana e tal?

C: de jeito nenhum. Se meu filho morar aqui, é muito engraçado a gente ficar pensando onde ele iria estudar, etc. Eu fico desesperada com esses valores meio malucos daqui. Então eu falo pro Meu marido que a gente vai botar os filhos no carro, levar para as cidades satélites, mostrar que tem carroça na rua, sabe? Meus pacientes criança que vão no consultório não tem noção de nada. Agora lá em casa... minha médica diz que minha casa parece um zoológico, porque eu crio cachorro, tenho pé de jabuticaba, de amora, de tudo. Minha casa também é um mundo à parte nesse sentido, sabe. Eu planto, eu colho, eu faço tudo.

E: e o que você sonha pro seu futuro?

C: ver meus filhos, que sempre foi o projeto prioritário da minha vida. Se eu tivesse que largar tudo profissionalmente por causa de filho eu faria isso, sem problema nenhum. E dar aula, que profissionalmente é o meu objetivo. Estou fazendo mestrado só por isso.

(39:20)

ENTREVISTA 2 - PATRÍCIA

E: Você nasceu aonde?

P: Porto Alegre.

E: a sua família toda é de Porto Alegre?

P: não, é bem misturado, tem gente de Porto Alegre e tem gente de Bagé. Bagé faz fronteira com o Uruguai, a região da campanha. A família do meu pai é toda de lá. Eu nasci em Porto Alegre, meus pais moravam lá e a gente se mudou para Bagé, e eu morei lá até os 12 anos de idade. E aí fomos para Porto Alegre.

E: seus pais faziam o que nessa época?

P: o meu pai administra uma estância que é da família. Estância é tipo uma fazenda. E a minha mãe é farmacêutica, bioquímica, e na época quando a gente foi para Porto Alegre, ela tinha um laboratório na cidade, de análises clínicas e foi em função do trabalho que ela foi para Porto Alegre. Aí ela foi trabalhar no hospital da PUC.

E: e seus pais continuaram casados nessa época?

P: nessa época sim. Mas eles já se separaram já tem uns 14 anos. Meu pai ia para Porto Alegre nos fins de semana porque ele passava a semana na estância.

E: na sua infância você teve algum problema de saúde?

P: sérios não.

E: e na sua família tem algum histórico de doença mental, depressão?

P: tem. Tem histórico de depressão. Meu avô paterno teve um episódio assim, bem grave. E tem uma coisa na minha família paterna que é uma neurose obsessiva. Do Obsessivo compulsivo, assim. É muito forte isso. Eu acho que tem a ver com a própria cultura do sul. Como as pessoas das famílias são muito próximas, até fechadas, eu diria. Tem alguns códigos que vão sendo passados.

E: mas de internação, alguma coisa?

P: não. É mais um jeito assim que a gente percebe.

E: você passou a maior parte da sua infância e adolescência em Porto Alegre?

P: sim.

E: e como foi a adolescência, foi tranquila? P: Eu acho que teve um período que agravou minha adolescência que foi justamente essa mudança de cidade.

E: você mudou quando você estava com quantos anos?

P: estava com 12 quase fazendo 13. Então era um período que quando eu estava em Bagé, tinha um monte de amigos e amigas. Eu fui assim, uma criança antecipada, porque eu estava adiantada no colégio e minhas amigas eram mais velhas um ou dois anos. Então eu já saía, curtia, já ia namorar. Então eu fui para Porto Alegre e me senti muito solitária. Foi um período muito difícil para mim. Mas superável, eu acho.

E: então nessa primeira migração, quando você foi de Bagé para Porto Alegre, houve uma ruptura?

P: houve, foi difícil.

E: até você se reorganizar lá e refazer suas redes todas?

P: isso. E não é que eu não tivesse amigos. Eu sempre fui uma pessoa que tive facilidade em fazer amigos. Me comunicar, ter intimidade com as pessoas e tudo. Mas foi um luto mesmo. Acho que foi um momento de sentir muito uma perda muito grande, que eu acho que também se refere ao meu pai, porque eu comecei a vê – lo menos. Eu acho que tem a ver com isso. Talvez um luto que eu ainda vivo, novamente, aqui em Brasília, que é justamente das referências culturais, as referências da tradição.

E: mas Porto Alegre é tão diferente de Bagé?

P: não como Brasília para Porto Alegre. Mas é diferente sim

E: é uma cidade mais interiorana, né, na fronteira.

P: é na fronteira, é uma cidade pequena. O jeito de falar é diferente. Eu com treze anos tinha um sotaque diferente. Não que as pessoas não gostassem, até achavam bonitinho e tal, mas assim, a gente tem que aprender a linguagem dos outros, sabe? Acho que até para ser aceita. Acho que para se inserir, a gente vai adquirindo tonalidades, expressões diferentes. E por ser capital. Acho que a capital sempre concentra muitas diferenças.

E: tem muita gente de fora em Porto Alegre?

P: não. Tem gente do interior.

E: como era sua relação com os pais? Na sua infância e adolescência.

P: sempre foi muito boa, eu sempre senti muita confiança nos meus pais. Acho que morar no interior proporciona uma infância muito livre, tanto para mim quanto pro meu irmão. Claro que na nossa época não tinham todas essas coisas tecnológicas que dizem que é para nos libertar, mas eu acho que nos prendem em casa. Tivemos muito contato com a natureza, sempre em função de animais, de plantas, sempre na rua. Raramente a gente ficava dentro de casa. Às vezes inventando alguma brincadeira. E os meus pais me criaram assim, muito livre. Não eram autoritários. Eu sempre fui muito ativa, uma criança que não parava, mas muito obediente, talvez por isso eles não precisassem ser autoritários.

E: qual é a história da sua mãe, a família dela veio lá de Bagé mesmo?

P: lá de Bagé.

E: porque ela se diferenciou, de uma forma. Lá tem faculdade, e tudo?

P: tem faculdade. Agora tem uma universidade federal.

E: mas ela fez lá mesmo?

P: não, ela fez na federal de Porto Alegre. Mas isso é força da minha mãe que é a da profissão. Ela tinha uma visão diferente sobre isso.

E: a família dela já era uma família mais liberal?

P: sim.

E: que às vezes a gente pensa que no Rio Grande de Sul as pessoas são mais conservadoras, mais rígidas...

P: pois é, no geral sim. Os meus avós paternos acham que eram mais rígidos sim. De tudo assim, com a educação, a polidez, o cuidado com a imagem, o que as pessoas vão falar. No interior tem isso. Além de ser uma cidade pequena tem gente que não tem o que fazer, acho que em todo lugar tem. Mas no interior isso é impressionante. As rodas de chá, as pessoas aproveitam esse momento para falar sobre os outros. E os meus avós maternos, sempre foram liberais. Eu tenho contato, sou bem próxima da minha avó, mãe da minha mãe. E ela é muito liberal, sempre foi. Meu avô também. A mensagem que eles passam é de que estão criando seus filhos para o mundo. Para sobreviverem e fazerem o seu melhor. E o meu pai, embora tenha vindo de uma família que eu acho que é bastante tradicional, de patrimônio, dinheiro, uma família de fazendeiros, acho que achou uma saída para ele. Ele conseguiu encontrar um refúgio. Meu pai é super tranquilo, liberal.

E: e na escola como era? Você ia bem?

P: ia. Sempre gostei da vida acadêmica. Por isso estou fazendo mestrado. Eu adoro estudar, adoro ir pra aula. Até eu passar por esse período difícil que foi mudar pra Porto Alegre, porque lá é outra coisa, é outra vivência de escola, outra vivência de amigos, e tudo. Mas eu sempre tive facilidade, mas eu fui começar a estudar quando eu fui para Porto Alegre. Porque eu senti um pouco de dificuldade. Como se eu não conhecesse aquilo. Mas estudar sempre fez parte da minha vida.

E: e aí você terminou a escola lá em Porto Alegre e entrou na faculdade lá mesmo?

P: lá mesmo, na PUC.

E: já para psicologia?

P: isso. Eu fiz um vestibular também para jornalismo. Mas aí já passei para psicologia. Mas às vezes penso que fiz essa decisão muito cedo.

E: você entrou muito nova?

P: não, eu acabei entrando com dezenove anos. E acho nova. Mas não tão nova quanto algumas amigas. Mas acho que pra mim foi cedo.

E: Continuou morando com os pais durante a faculdade?

P: é que teve muita migração nessa parte. Quando a gente estava em Porto Alegre, meu pai ficou mais freqüentemente com a gente, com a minha mãe meu irmão e eu. Depois a gente se mudou, dentro da cidade, para uma casa, aí meus pais se separaram.

E: você estava com que idade?

P: dezessete. Nisso, a minha mãe, ela trabalhava na secretaria de saúde do Rio Grande do Sul e aí começou a viajar pelo Brasil em função de um projeto de lá. E aí o meu pai, como eles haviam se separado, começou a ficar bem mais em Bagé e vinha nos fins de semana nos visitar e tal. Meu irmão foi pra Passo Fundo e depois foi para Belém – PA. Porque ele entrou numa companhia aérea e a base era Belém.

E: ele é piloto?

P: é piloto. Aí minha mãe foi convidada para trabalhar aqui em Brasília no Ministério da Saúde, e veio para cá. Aí fui morar com minha avó materna lá em Porto Alegre. Morei um tempo lá e depois voltei a morar na casa que era nossa com um amigo meu.

E: isso já na faculdade?

P: isso. Na faculdade eu morava com a minha avó. Durante a faculdade, eu morei na casa da minha avó, fui pra nossa casa e voltei pra casa da minha avó.

E: e aí você se formou e aí? Começou a trabalhar?

P: não. Eu me formei, e comecei a procurar trabalho, e não tinha! Não encontrava, não conseguia. Eu e noventa e nove por cento das minhas colegas. E aí eu comecei a estudar para concurso. Mas no sul não tem muito concurso como tem aqui. O dinheiro lá vem muito do privado.

E: mas você se formou e ficou um tempo lá? Uns dois anos?

P: eu me formei, eu tava com vinte e quatro. Aí eu comecei a estudar para concurso e claro procurando emprego. E nada acontecia. Eu também não sabia para onde eu queria ir, profissionalmente. E como eu não conseguia emprego, e eu precisava trabalhar. Eu não consigo ficar sem fazer nada. Costuma me fazer muito mal. E a minha mãe morava aqui já, e aí ela me perguntou por que eu não vinha para cá, passar uns tempos aqui. Aí eu vim para Brasília. Isso foi em 2002. Fiquei seis meses aqui, procurei emprego, falei com um monte de gente.

E: e o que você achou aqui?

P: eu não tinha uma rede aqui. Não tinha uma amiga.

E: você já conhecia Brasília? Já tinha vindo de férias?

P: eu vim uma vez. Minha mãe morava aqui e eu vim visitá-la. E eu adorei, achei uma cidade super simpática. Super agradável. Gostei do clima, principalmente. Achei muito legal. E aí como eu fiquei esses seis meses aqui, e foram muito difíceis porque eu acabei que eu não me associei a nenhum lugar, a nenhuma instituição. Não comecei a trabalhar em nenhum lugar e então senti que era uma coisa sem sentido. Aí voltei para Porto Alegre. Lá em Porto Alegre eu fiz algumas coisas, alguns trabalhos avulsos, isolados. Atendia um pouco no consultório de uma amiga, trabalhei um pouco na empresa de um primo na área comercial, vi que não tem nada a ver comigo. E era algo que eu não via sentido, achava que era capitalismo demais (Rs). Não consegui vestir essa camisa. Trabalhei também na empresa de uma amiga minha de recursos humanos, mas ela mesmo em seguida fechou essa empresa porque não tava rolando. Aí eu ainda estava estudando para concurso, me preparando.

E: você tinha uma vida social boa lá? Em Porto Alegre?

P: muito, também tenho uma boa vida social aqui, agora. Mas em Porto Alegre tem gente que desde o colégio, sabe? E essas redes se interligam e eu me sinto muito acompanhada lá. E aqui em Brasília tem um traço de solidão. Aí me casei.

E: do dia para noite? (Rs)

P: não. A gente namorava desde a primeira vez que eu tinha vindo para Brasília. Resolvemos casar e aí foi muito bom. Gostei de ter casado.

E: ele é de lá?

P: é de lá. Eu achei muito bom. Uma experiência legal. Quero casar de novo. Mas, eu não tinha trabalho.

E: ele trabalhava? Com o que?

P: na época meu marido trabalhava com comunicação visual. Ele é publicitário. Está aqui, ficou em Brasília, agora. E essa questão de não trabalhar, é uma morte social. É como se você desaparecesse. E isso começou a interferir em toda a minha vida. Eu queria trabalhar!

E: você nunca tinha trabalhado além dessas pequenas experiências?

P: eu fiz estágios, trabalhei em empresas, em clinica. Mas durante a faculdade só estagio. Até porque na PUC, para psicologia, tu estuda das duas as sete. Todos os dias. E aí eu estudando para concurso, decidi que ia entrar para o funcionalismo público. Vou buscar vaga para psicóloga, e vou entrar para o serviço público, porque eu não vejo (via) saída. O que é um horror, hoje em dia eu tenho uma crítica com isso. Mas eu entendo que quando a pessoa não tem saída, ela faz qualquer coisa. Aí chegou um ponto que eu tava super mal, não tava bem. E aí minha mãe me disse...

E: e seu marido que sustentava as coisas? Ele tava bem ou tava meio capenga?

P: tava meio capenga. Mas conseguia pagar a maioria das contas, meus pais me ajudavam também nas minhas coisas tipo analise, e tal. E aí eu conversando com minha mãe e o marido dela que é daqui, mora há 30 anos aqui. Ele é do Recife, mas mora aqui. Então eles dois começaram a pensar comigo, a me ajudar. Porque eu via muitas colegas passando pelas mesmas coisas, e que até hoje não estão assim, trabalhando legal, mas já tem consultório e tudo. Mas eu via as pessoas muito tranquilas. E eu desesperada, precisando trabalhar, me sustentar. Aí eu me decidi que eu ia vir para Brasília. Porque, afinal de contas, eu estava fazendo concurso, estudando para concurso, e as pessoas me dizia: "aqui é a terra dos concursos". Aí eu decidi vir. Conversei com o meu marido, ele sabia que eu não tava bem, a gente conversava

sobre isso. Eu dizia para ele que ele talvez não tenha experimentado isso na vida dele, não sabe o que é uma pessoa ficar sem trabalho. Aí conversamos e eu vim para cá.

E: sozinha ou com ele?

P: sozinha. Essa foi a segunda vez.

E: isso em 2005?

P: sim.

E: e essa tomada de decisão, foi fácil? Pelo fato de sua mãe estar aqui, foi uma coisa mais simples? Demorou tempo para você decidir? Sabendo que o seu marido não viria.

P: eu fiquei dividida sim. Fiquei em dúvida. Mas era uma dúvida que tinha algo muito forte que me fez tomar essa decisão, que era que acreditava que estava indo procurar trabalho.

E: então a mudança foi pelo trabalho?

P: foi pelo trabalho. Eu não tinha um trabalho. Mas foi para buscar trabalho.

E: e porque Brasília?

P: foi pela minha mãe. Senão eu teria ido, sei lá, para São Paulo.

E: mas você não estava com esse plano de concurso público? Ou poderia ser qualquer trabalho?

P: qualquer trabalho. Concurso público foi uma solução que eu encontrei.

E: então a escolha por Brasília foi por sua mãe estar aqui?

P: foi, sem dúvida. Foi a minha única referência. Eu não conhecia ninguém que morava em Brasília. Até que minha mãe veio para cá eu só sabia que Brasília existia.

E: e o tempo decorrido entre a decisão e a mudança, foi uma coisa rápida?

P: geralmente quando eu tomo uma decisão a coisa acontece rapidamente. Eu não me lembro, acho que foi em março, perto do meu aniversário. Eu sei que foi rápido.

E: foi rápido porque não tinha nada te prendendo profissionalmente?

P: é. E aí tem uma coisa muito importante, dessa decisão. Antes da decisão, na idéia de ir para outro lugar, outra cidade. É importante porque na minha família materna, tem muito essa mobilidade, assim. Eu digo materna porque a família do meu pai sempre ficou no mesmo lugar. Mas acho que é algo familiar, mesmo. Tenho o apoio de ir morar em outro lugar. Talvez por isso não tenha sido tão traumático.

E: então a sua família ajuda nesse processo?

P: a família ajuda. Minha mãe sempre diz que somos descendentes de ciganos.

E: mas e o seu marido? Ou tinha um prazo certo para você ficar sozinha e ele ir depois? Ou isso não necessariamente ficou explícito?

P: ficou. Não tinha o prazo para meu marido vir, mas tinha a idéia. Eu ia primeiro e ele depois. E levou um ano. Porque ainda não tinha sido uma escolha dele. Demorou para ser dele.

E: mesmo depois que ele veio ou até ele vir?

P: até ele vir. E eu também não queria que ele viesse a contragosto. Porque eu estou aqui. Fica pesado isso para mim. Eu queria que ele quisesse.

E: e aí quando você veio foi direto para casa da sua mãe? E como foi assim o seu início? É diferente porque você já tinha vindo uma vez e já tinha uma referência que era a sua mãe. Então você viveu um estranhamento nesse início?

P: sim. Eu fiquei triste, no começo. Porque eu decidi, e vim de mala e cuia. Eu trouxe o carro. Eu tomei um certo susto quando eu me dei conta que estava aqui. E o meu marido ficou lá no apartamento que a gente morava, alugado, com todas as nossas coisas. E eu estava aqui na casa da minha mãe. Foi difícil porque eu estava na casa de outra pessoa, não era a minha casa. Por mais que eu me sinta em casa, era a casa da minha mãe. Me dou super bem tanto com minha mãe quanto com o marido dela. Muito bem mesmo, eles são ótimas pessoas. Mas depois que eu tive a minha casa, e as coisas que a gente tinha, era muito bom. Eu adorei casar. Então é muito bom, sempre vinham amigos na nossa casa, a gente sempre saía nos fins de semana. A gente estava sempre se divertindo. E eu me senti um pouco sozinha. No primeiro fim de semana chorei bastante. Uma dor do tipo "Por que eu vim?". Eu não sei se eu já tenho essa resposta.

E: e qual foi a sua rotina esse início? Você entrou na vida de concourseira?

P: minha vida mudou tanto, sabe? Eu fiz curso para concurso, de manhã. Mas esse curso foram três meses. Uns três meses eu fiquei aqui, estudando pra concurso. Estudando, procurando algumas pessoas, também. Eu devo ter ficado uns dois meses estudando sem o curso, depois eu entrei nele. Eu ia pro curso de manhã e estudava de tarde e a noite em casa. Estudava umas 10 horas por dia, coisas que eu nunca tinha visto. Estou até revendo agora, porque estou estudando de novo, e agora é outra coisa. Entendo, sei o que estou lendo, e eu acho que isso também tem a ver com Brasília, porque morar aqui nos familiariza com a política, e assim com as questões do direito, sabe.

E: você acha que essa questão dos concursos aqui é muito maior do que em outros lugares?

P: imensamente maior! (papo) ultimamente eu tenho estudado para um concurso que eu escolhi por causa da localização. Porque é no sul. Eu deixei de tentar para outros porque eu quero escolher onde eu quero morar.

E: você acha que dessa vez você não escolheu muito?

P: não.

E: veio por oportunidade?

P: isso. Um dia meu colega me perguntou se eu queria voltar a morar no sul e eu respondi que ainda não sabia o quanto queria voltar para lá, assim como eu não sei o quanto eu quero ficar aqui. Mas a idéia que eu tenho é que eu ainda não escolhi Brasília. E ele disse "ninguém escolhe Brasília!" (Rs).

E: ele é de fora?

P: é de fora e mora há muito tempo aqui. E ele me disse que a gente vai ficando em Brasília. Isso às vezes me apavora um pouco. (RS)

E: e você ficou assim "bitolada" quanto tempo? Assim, só estudando?

P: uns 10 meses.

E: e não passou em nada ou você não fazia qualquer coisa que aparecesse?

P: eu fazia os mais difíceis. (Rs)

E: Câmara, Senado?

P: é. Mas na verdade os melhores concursos estão aparecendo agora. Os que apareceram no final de 2005 e início de 2006, que foi quando eu comecei a estudar, eu quase não consegui fazer as questões porque é muito volume. É um volume de informação absurdo. É por isso que as pessoas estudam um tempo, no mínimo um ano. Então eu fiz concursos muito nada a ver um com os outros. Mas foi a partir daí que eu resolvi entrar no curso de especialização da UNB. Aí é que mudou tudo.

E: seu marido não tinha vindo, na época?

P: não. Ele veio em agosto de 2006.

E: e você ia, com frequência, visitar seu marido ou ele vinha?

P: não.

E: vocês ficaram um tempão sem se ver?

P: sim.

E: e como foi para sustentar isso?

P: olha, até que a gente sustentou bem. Foi super tranquilo para mim. Eu estava muito investida em mim, na minha profissão, com o que eu ia fazer da minha vida. Acho que minha família que me passou isso, mas acho que o objetivo da vida não é casar. Casar acontece, é uma consequência. E aí eu sempre tive essa mensagem, uma coisa muito forte e que eu incorporei. O trabalho é a coisa mais importante. A tua profissão ninguém te tira. E tava firme nisso aí.

E: e quando ele veio, mudou muito?

P: sim, a gente foi morar juntos lá no C.A. A gente morou na casa da minha mãe um mês. Foi meio estranho, assim, porque ele mal conhecia a minha mãe. Só quando minha mãe ia de vez e quando a Porto Alegre eles se encontravam. Mas só foi um mês, ele conseguiu trabalho aqui, começou a trabalhar numa agência, e aí a gente foi lá pro C.A. foi muito bom. Minha vida ficou muito melhor porque eu tava com o meu marido aqui, ele estava legal aqui, e a gente começou uma vida social nossa. Em função dos colegas dele, dos amigos dele. Porque eu estava recém entrando na especialização. E os meus amigos mesmo, essa rede que eu fiz aqui que é muito forte, são do mestrado.

E: você foi bem recebida aqui? Você acha que as pessoas são legais?

P: muito. Eu digo que fui muito bem acolhida aqui. Desde o começo. Uma coisa é ser bem recebida e acolhida, outra coisa é fazer amigos. Mas eu fui muito bem recebida, também, pelos amigos que fiz.

E: então você não tem uma queixa de que Brasília é um lugar difícil de fazer amizades ou de interagir com as pessoas? Porque isso é uma queixa bem comum.

P: eu não tenho essa queixa. Eu tenho amigos maravilhosos.

E: você ainda acha que Brasília é um lugar muito estranho?

P: é muito estranho (Rs).

E: por quê?

P: tenho uma amiga que diz que em Brasília a gente se sente estrangeiro, sempre. Porque é uma cidade em que tudo é possível. E isso faz todo sentido, sabe? Acho que pela estrutura da cidade. Eu, por exemplo, aqui onde eu moro, vejo pessoas caminhando, mas são pessoas da vizinhança. Pra eu ver gente, eu vou até uma quadra. Daqui até o trabalho eu devo ver uma ou duas pessoas na rua, porque eu vou pela L4. Acho que as pessoas não se vêem, porque é uma cidade que tem muito asfalto, que as ruas são muito largas, tem muito carro e tu anda muito de carro. Quando eu fui para o sul, a primeira coisa que eu pensei foi "nossa que cidade viva!". Tinha vida na rua. Mas não que eu ache que é difícil fazer amigos, porque eu fiz amigos.

E: mas isso porque você estava inserida, num lugar, né?

P: estava inserida, justamente. Até eu entrar na UNB tinha essa coisa de não ter uma rede. Eu tinha duas amigas, assim, separadas uma da outra. Mas não uma rede.

E: então o que mudou muito foi o curso de especialização?

P: isso.

E: e em consequência fazer o mestrado?

P: é. Isso é muito importante.

E: e quando você começou a trabalhar aqui?

P: foi no ano passado. Eu comecei a especialização em 2006, o mestrado também. E depois, já pro fim do curso de especialização, foi que eu entrei na clínica. Eu tive algumas experiências de atendimento em outra clínica, que graças a Deus eu saí, e aí entrei na clínica que estou agora.

E: você só está lá?

P: só lá. E com um consultório.

E: nesse momento que você entra o mestrado, apesar de você dizer que adaptada nunca está, você se sentia mais a vontade?

P: sim, sim. Eu me sinto muito a vontade aqui. Embora estrangeira.

E: e você ficou quanto tempo casada depois que o seu marido veio?

P: uns oito meses.

E: e você acha que a migração, de alguma forma, teve a ver com a sua separação?

P: teve a ver. Embora depois eu perceber que já era uma idéia, que já acontecia antes. Mas eu acho que contribuiu.

E: idéia sua ou dele?

P: minha. Mas contribuiu. Eu acho que o que acontece aqui em Brasília, é que a gente tinha alguns amigos, mas a gente fica, pelo menos no meu caso, a gente ficou muito concentrada em casa. É uma cidade diferente, lógico, como eu estava te dizendo que a gente não vê a vida sempre na cidade. A gente saía de carro, às vezes, eu e ele. Só que não tinha nada na cidade. A gente ficava muito em casa. Eu acho que tem certo isolamento em Brasília, e acho que isso contribuiu. Muito em função dessa minha entrada na psicanálise, também. Porque eu sempre gostei, afinei com a psicanálise. Eu deixei de estudar psicanálise por um tempo, inclusive eu "briguei" com ela. Mas foi justamente nessa entrada na UNB que eu entendi o que era mesmo a psicanálise. Foi uma outra coisa que me apareceu, muito legal. Muito em função disso. Acho que eu passei por um período de transformação, sabe?

E: a separação foi muito difícil?

P: não.

E: e como está agora, para você? Tudo.

P: esses dias eu falei o seguinte, que eu tenho sentido algo com tanta força que parece que é a primeira vez que eu sinto isso na minha vida. Eu estou gostando da minha vida. Tenho uma lucidez a respeito disso. Grande parte desse meu contentamento, do gosto pelo momento que eu estou agora, tem a ver com eu ter encontrado um sentido no meu trabalho. Acho que é decorrência de um monte de coisa, é efeito de análise, acho, é decorrência de eu ter um grupo de amigos aqui, de eu fazer parte de um grupo. Eu acho que houve um encontro de pessoas que já se conheciam mas não eram unidas, assim, num nível profundo. Tem a ver com isso.

E: então tem uma coisa do trabalho, você tinha esse sonho, e de alguma forma ele está se realizando.

P: sim. Está se realizando, eu tenho consciência disso. Estou solteira agora, não estou namorando. E é claro que eu quero me casar de novo, namorar, encontrar alguém interessante. Mas não tenho condições nem tempo para isso, porque agora é momento de trabalho, é muito íntimo, até. Com o sentido do trabalho. Tanto trabalho de escrita, quanto o trabalho na clínica.

E: mas aí como fica o seu plano de concurso fora, você estando nesse movimento aqui? Independe disso? Esse seu "se achar" não te prende à Brasília.

P: pois é, não está relacionado com a cidade. Eu ainda estou questionando isso!

E: mas está mais forte, por causa dos amigos que você fez aqui? Mas você tem pessoas lá, né?

P: também tenho amigos em Porto Alegre, isso me deu tranquilidade para migrar para qualquer lugar, porque eu penso assim, eu acho que existem pessoas com as quais a gente se encontra, afetivamente, profundamente, em qualquer lugar. Pode até demorar, mas tem.

E: então você pensa em ir para lá?

P: exatamente, não é uma volta, seria ir para lá, mesmo.

E: é diferente da idéia de retorno, né?

P: é diferente e não é assim, ir para lá porque eu quero ir, sem ter trabalho. Eu não vou passar de novo pelo que eu passei.

E: mas isso é um plano para quando?

P: não, o concurso é em seguida, infelizmente não pude escolher. Se passar eu vou mas eu estou tranqüila porque concurso é assim. Não necessariamente vão chamar em seguida, se eu passar pode ter uns dois anos ainda. Eu estou abrindo portas, entendeu?

E: e se você não tivesse vindo para cá, como você imagina sua vida?

P: acho que eu seria muito diferente. Eu acho que eu me tornei melhor. Para mim, pelo menos. Primeiro em relação à psicanálise, talvez eu pudesse encontrar pessoas lá, que eu pudesse estudar psicanálise e ter um encontro com essa psicanálise que eu me refiro que eu acho que é muito mais ampla do que eu achava que era. Acho que seria interessante e poderia me transformar. Mas essa pergunta é difícil! (Rs). Um pouco antes de vir para cá, eu fiz um concurso pra residência integrada à saúde mental. E eu passei na prova e tudo só não entrei na entrevista. Poderia ter tentado de novo. Acho que foi fundamental ter vindo pra cá, para a minha vida.

ENTREVISTA 3 - MARINA

E: Como foi sua infância como um todo?

M: Em que sentido?

E: Como é que você se refere à sua infância? Boas lembranças?

M: Ah, foi boa. A minha família se mudava muito.

E: Por que?

M: Meu pai sempre mudou. Por trabalho. Mas não foi porque o trabalho dele exigia. Meu pai só tem o ensino fundamental. Então, ele perdia o emprego ou acontecia alguma coisa e surgia uma oportunidade em outro lugar e ele ia. Nunca teve muito de raiz não.

E: E geralmente ele trabalhava com o que?

M: Ele sempre trabalhou com comércio. Até antes da gente vir para cá ele trabalhava com farmácia e agora ele trabalha numa loja de carro de troca de óleo, essas lojas de peça pra carro. Ele é gerente.

E: E sua mãe também tem pouca escolaridade?

M: A minha mãe tem o ensino médio, ela fez magistério e até os meus 10 anos ela foi professora. Depois ela foi trabalhar no comércio e hoje ela trabalha como recepcionista no Itamaraty. Não é concursada. É contratada.

E: Seus pais são paulistas?

M: Não, minha mãe é cearense, meu pai é mineiro e se conheceram em São Paulo.

E: E em relação a essas várias mudanças? Você mudou quantas vezes de cidade?

M: de São Paulo a gente foi pra Minas, aí a gente foi pra Rio Pomba, a cidade do meu pai, de lá a gente foi Juiz de Fora, de lá a gente voltou pra Rio Pomba...

E: Quanto tempo entre as mudanças?

M: um ano entre uma mudança e outra. Depois a gente morou em Vitória até os meus 12 anos, aí a gente foi pra Belo Horizonte e o ano passado eu vim pra cá.

E: Você ficou mais tempo em Belo Horizonte...

M: Isso, onde eu vivi 8 anos.

E: Como foi a adolescência como foi?

M: foi muito boa... Apesar dessa coisa da adaptação.. ter sempre que me adaptar a um lugar diferente.. quando eu mudei de Vitória pra BH no início da adolescência isso teve um impacto, até uns treze anos, era bem complicado.

E: O que?

M: Ah, ter que me adaptar, me reinserir socialmente, e foi bem no período de maior crise, que eu mudei mais, tava mudando o corpo, tava mudando tudo, a aparência. E aí foi um período mais crítico, junto com essa mudança, de não ter um referencial, ter que construir tudo de novo... mas minha adolescência foi muito boa. Eu sempre me dei bem na escola, então com 15 anos eu fui estudar numa escola muito conceituada lá em BH, uma escola federal. Mas tinha muito crise, acho que é normal. Marcado por muita crise.

E: Mas você nunca foi internada, nunca teve problema com droga, bebida...

M: não, não. Eu comecei a beber com 17 anos, bebo até hoje. Fumo de vez em quando. Eu experimentei cigarro com 16 anos, e até hoje eu gosto quando to bebendo, mas eu nunca fumei fora desses contextos e nunca senti necessidade. E drogas eu experimentei só maconha.

E: então antes de você vir pra Brasília você tava em BH, né? Então lá você ficou quantos anos?

M: oito.

E: E só estudava... chegou a trabalhar?

M: cheguei a trabalhar com 19 anos. Trabalhei durante 9 meses. Foi quando eu passei no vestibular eu passei para o segundo semestre. Então como eu fiquei meio ano à toa, eu trabalhei numa loja de fast food.

E: lá sua vida era do mesmo jeito... você morava com seus pais, a mesma estrutura familiar. E em relação à sua vida lá? Além da questão da adolescência, quais eram as dificuldades, quais eram as coisas boas, em relação a Belo Horizonte, ao lugar...?

M: dificuldade financeira sempre teve por essa questão de meu pai não ter muito ensino. Então a gente sempre passou por dificuldade, mas nunca foram dificuldades muito drásticas.

E: mas muita instabilidade...

M: é!! Tinha períodos melhores, de mais aperto... e BH é uma cidade muito violenta. Então a vida lá era muito marcada por isso. Esse cuidado e essa preocupação constante com a violência.

E: e você morava num lugar perigoso?

M: não, o lugar que eu morava era até tranquilo. Mas lá é meio que generalizado. Não é igual aqui que existem os lugares mais perigosos.

E: você acha mais perigoso que São Paulo?

M: não, mas tá quase igualando, tem que tomar cuidado com pra onde sair, com quem o horário, essas coisas.

E: você não sente isso aqui em Brasília?

M: não. Aqui eu acho muito tranquilo. Eu não sinto nem essa preocupação. Lá você tá andando na rua preocupada, olhando pra todos os lados, no centro de BH.

E: você acha que sua vida era boa lá em BH?

M: muito boa.

E: melhor que aqui?

M: eu acho que no mesmo nível. Tão boa quanto está agora. Aqui também teve o problema da adaptação.

E: tem quanto tempo que você mudou?

M: um ano que eu to morando aqui direto. Que minha família já está há 2 anos, mas eu tive que ficar um tempo La por causa da faculdade até conseguir transferir.

E: quantos semestres você cursou lá? Na psicologia?

M: eu cursei três. Isso.

E: você passou de primeira no vestibular?

M: não, de segunda. É um vestibular por ano. Metade dos aprovados entra no início e metade no segundo semestre.

E: então você tinha lá em BH esse problema em relação ao receio da violência, e quais outras dificuldades? Você falou da instabilidade financeira de sua família, e mais pessoalmente, nas suas relações?

M: eu sempre tive um problema de iniciar relações, do contato inicial, de amizade, qualquer tipo de contato inicial, sempre foi mais complicado pra mim. Mas como eu já estava morando lá há oito anos, no início foi complicado, eu sentia muito, muita angustia mesmo de ter que conhecer pessoas novas. Mas assim, depois, agora quando eu vim minhas relações já

estavam bem estabelecidas. Eu tinha um grupo de amigos variados, e eu gostava muito de lá, do ritmo de vida de BH, da faculdade também, gosto muito da UFMG.

E: Então você tinha uma vida boa lá.

M: tinha.

E: então você morou antes em BH em Vitoria, antes de Vitória em Rio Pomba...

M: antes de Rio Pomba em Juiz de Fora e antes em São Paulo.

E: em sempre pouco tempo, tirando BH...

M: é!

E: e qual foi o motivo da decisão de mudar pra Brasília?

M: meu pai tava desempregado, ele tinha acabado de ter um problema.. ele tinha um lava-jato e não deu certo. E ele recebeu uma proposta de um primo dele de vir trabalhar aqui.

E: esse primo já morava aqui?

M: já. E aí ele veio... como a questão financeira tava pegando ele veio pra ver se iria gostar, se adaptar. Gostou de Brasília e reuniu a família e perguntou o que a gente achava. Aí eu vim, fiquei 6 meses aqui também pra ver se eu ia me adaptar à cidade, se eu ia gostar, se eu achava que aqui tinha oportunidade.

E: você veio sozinha?

M: a gente alugou um apartamento, aí eu vim, só que logo depois minha mãe veio. Dois meses depois ela já veio.

E: então ficou só você e seu pai....

M: é.. uns dois, três meses pra... porque minha mãe pediu pra eu vir, porque meu pai é meio idealista demais. Ele se empolga com as coisas, então ela pediu pra eu vir para ver o que eu achava de Brasília. E eu achei a qualidade de vida aqui muito boa. A cidade acho que tem oportunidade pra quem estuda. Eu e meus irmãos estudamos ainda. Pros meus pais acho que qualquer lugar seria difícil, pela escolaridade deles.

E: se não fosse Brasília, teria alguma outra opção? Seu pai chegou a pensar? Ou era só por conta dessa questão do primo que chamou?

M: é.. acho que foi por essa questão do primo.

E: ele já pensava antes em Brasília?

M: ele já conhecia Brasília, sempre falou muito bem daqui, mas nunca, a gente nunca tinha imaginado morar aqui. Como surgiu essa proposta na época que ele tava sem trabalhar, foi o que fez a gente vir. Como lá tava muito difícil, porque meu pai acabou fechando muitas portas lá de oportunidade de emprego, aí a gente veio. Aí eu fiquei em dúvida por causa da faculdade, porque eu não queria de forma nenhuma deixar de fazer...

E: você trancou?

M: tranquei. Aí depois eu voltei pra lá um tempinho porque eu não sabia como era a transferência pra Ca, aí fiquei um tempo sozinha lá morando em república. Eu tranquei um semestre e no semestre seguinte eu fui pra lá, fiz a prova aqui em julho do ano passado, passei de transferência e vim embora em definitivo.

E: e nesse primeiro momento como você recebeu essa decisão de mudar? Você se sentiu um pouco obrigada a vir?

M: eu me senti um pouco...é.. ao mesmo tempo em que me senti obrigada, senti uma responsabilidade muito grande, porque acabou ficando na minha mão ficar entre meu pai e minha mãe, ser uma mediadora. A minha mãe não queria vir, e meu pai queria. E jogaram para mim, como sou a filha mais velha, a responsabilidade da decisão. (interrompido por fim de pilha)

Retomando:

E: então só para deixar registrado, quando seus pais resolveram vir para cá, de alguma forma você veio aprovar essa decisão. Por que você acha que te atribuíram esse poder?

M: apesar de eu ser mais velha em casa, apesar do meu irmão apenas três anos mais novo do que eu, eu sempre tive um papel muito ativo na minha casa. O meu pai sempre fala isso, ele até faz muita comparação com meu irmão, uma coisa que eu não gosto. Ele diz que sente falta disso no meu irmão. Como eu nunca fiquei calada para as coisas que aconteciam, eu sempre me posicionei dei sugestões, ele gerou essa coisa de ter confiança, de me ouvir, de saber o que eu tava pensando. Acho que por isso que eles me deram esta responsabilidade. E acho também porque eu ia ser uma das mais afetadas, eu era quem estava com a vida mais estabilizada. Meus irmãos ainda estavam no ensino médio. Para eles tanto faz ir para qualquer lugar. Eu estava numa faculdade federal, já tinha uma vida estruturada, tinha um namoro longo. Acho que eles consideraram importante saber minha opinião.

E: há quanto tempo você namorava?

M: dois anos.

E: e você pensou nisso quando teve que vir aqui fazer esse período probatório?

M: não muito, meu namoro já estava no meio em crise, acho que eu já não gostava mais muito, não foi o principal.

E: e o que você pensava a respeito de Brasília, mesmo ouvindo estas histórias do seu pai, o que você tinha na cabeça a respeito daqui?

M: eu só tinha vindo a Brasília uma vez. E não pensava em mudar para cá. E eu conheci um aspecto de Brasília diferente da minha realidade. Eu vim para ficar na casa de uns primos ricos, que tem muito dinheiro, que moram no Lago, que tem toda uma vida. E eu lembro que eles que me falaram, olha, Brasília não tem ônibus, não existe isso de não ter carro aqui, e tinha essa imagem e de que Brasília é uma cidade muito cara, qualquer coisa é muito caro, que não tem a infra-estrutura que uma cidade como Belo Horizonte tem, como São Paulo ou Rio tem para quem vive na periferia, eu achava que Brasília era feita para pessoas que vivem aqui no plano, que tem todas as condições. E isso pesava demais, eu falava, o que eu vou fazer nesse lugar, eu não tenho carteira, eu não sei dirigir, só tem um carro para a família inteira, eu gosto de sair, e ir para barzinho, eu falei, gente, eu vou para um lugar que só tem gente de alto nível, que gosta de boate que eu detesto.

E: e você via Brasília como um lugar de oportunidades, profissionais ou de estudo?

M: sim por causa de influência dessa minha família desses meus tios aqui, um era desembargador, se aposentou agora, e ele sempre falava: Brasília é a cidade do concurso, para quem estuda é o melhor lugar para se viver, por que você faz concurso e aí você pode ganhar bem... e tinha toda essa imagem. Aí eu vim para cá conhecer, primeiro eu vi que não era bem assim essa coisa de dinheiro, que tinha como sobreviver sem ser milionária. O que realmente é uma cidade cara, que tem um custo de vida muito alto...

E: você acha mais caro que Belo Horizonte?

M: é tudo muito mais caro, principalmente a questão de moradia. A gente mora de aluguel. Aqui o apartamento que a gente morava lá o aluguel seria em torno de 1000 e poucos reais. E lá a gente pagava 400, entendeu, coisa assim. E todo mundo falava que salários aqui são altíssimos, não são. São para quem é concursado. Para quem trabalha normal, não é concursado, é assalariado, os salários são muito baixos. São mais baixos do que lá. E por aqui o custo de vida e ser muito mais alto salários teriam que ser bem maiores.

E: O seu pai fala isso também?

M: Também. Mas pro meu pai está melhor aqui. Acho que para todo mundo. Então quando vim para Brasília eu vi que não era bem assim, que não existia só aquele padrão altíssimo, e hoje em dia e já tem uma visão totalmente diferente da cidade, da vida aqui. E tá bem melhor.

E: nessa primeira vinda temporária para saber se vocês iriam ficar, antes ainda disso, quais eram as expectativas, os sonhos, os desejos em relação a essa mudança?

M: a gente tinha uma expectativa de realmente conseguir uma estabilidade financeira que a gente nunca teve, a expectativa que meu pai conseguisse encontrar um emprego em que ele sentisse realizado, por que todos os problemas que a gente sempre teve, meu pai sempre teve muita insatisfação, eu entendo esse lado dele de frustração, de sempre ter que trabalhar demais e ganhar pouco... de não ter uma oportunidade de se expressar e fazer o que goste, e ele sempre quis isso, então a gente tinha expectativa de que ele conseguisse isso aqui.

E: porque aqui? Devido a essas concepções que ele tinha, disse que os primos falavam...

M: dessa idéia de que Brasília era uma cidade diferente, dessa proposta que ele recebeu que foi uma proposta para gerenciar a empresa do primo dele. Então a gente tinha essa expectativa de que ele iria trabalhar menos, porque lá ele trabalhava com o comércio, farmácia era 12h e 14h por dia sábado e domingo, e aqui a gente veio procurando muito qualidade de vida, foi uma das coisas que mais pesou pra gente resolver mudar. Por que Brasília tem um ritmo diferente de vida mais lento mesmo, as pessoas trabalham menos. É uma cidade mais tranqüila, e realmente tem oportunidade para quem quer trabalhar com o concurso público, eu não quero, mas na época eu não pensava assim, eu queria fazer um concurso, ter um salário bom para poder dar essa estabilidade para os meus pais, a gente não tem mais esperança que eles consigam um emprego ideal.

E: e você na sua casa é a mais estudiosa?

M: sou.

E: você tem isso né? Acho que você é uma pessoa bem estudiosa...você lê bastante..

M: eu gosto muito de ler, eu acho que não sou Caxias assim de me preocupar com ter nota mais alta, mas eu sempre gostei muito então...

E: mas você carrega dentro de você essa vontade de poder ter um bom emprego e poder de ajudar seus pais?

M: é contraditório. Se tivesse que pensar só em mim eu não pensaria muito em ter um bom emprego, eu queria trabalhar com uma coisa que me realizasse, e é o que eu quero. Mas tem essa questão que os meus pais estão envelhecendo, então vai chegar um momento em que a responsabilidade de dar uma estabilidade para eles vai ser minha e dos meus irmãos.

E: seus irmãos pensam assim também?

M: Pensam. Pensam muito. Principalmente o do meio que está com 20 anos, sabe que vai bem chegar um momento que a responsabilidade vai ser nossa de conseguir uma coisa que eles não conseguiram. Que meus pais não conseguiram. Então é muito contraditório em mim. Porque fazer psicologia, não existe uma possibilidade muito grande de ganhar bem, principalmente logo depois de formada.

E: então são dois momentos distintos. Essa primeira vinda, que era só você e seu pai, tinha um caráter ainda provisório não definitivo?

M: tinha. Totalmente de experimentação, de conhecer cada detalhe que ia ser importante na nossa vida, o ritmo da cidade, de conhecer as oportunidades de emprego, para minha mãe...

E: seu pai já veio trabalhando...

M: trabalhando. Tinha que pensar na minha mãe também. De conhecer o custo de vida, saber se a gente ia conseguir se manter aqui, de conhecer a UnB, que seria para onde deveria estudar, a única opção, de conhecer escolas para os meus irmãos, principalmente para o mais novo, o de conhecer o lugar onde a gente iria morar, se é perigoso, tranqüilo, se tinha infra-estrutura por perto...

E: vocês vieram primeiro para onde?

M: pro Guará.

E: no mesmo lugar onde vocês estão?

M: é. Para o mesmo apartamento onde a gente está. Quando eu vim, logo quando cheguei, a gente ainda não tinha alugado um apartamento. Eu fiquei na casa da minha prima e a gente começou a procurar apartamento e achamos esse no Guará. Com 15 dias a gente mudou para lá. Então eu vim para conhecer cada detalhe da cidade mesmo.

E: então quando você passou esses seis meses aqui, você tava sem fazer nada?

M: não, eu tava trabalhando. Fiquei trabalhando na empresa do meu tio. Como eu não estava estudando, tava trancado, eu fiquei trabalhando. Até para ver se eu conhecia pessoas...

E: mas você considera sua vinda nessa primeira vez ou quando você veio depois?

M: eu considero quando vim depois. Porque para mim continuou em caráter provisório. A família inteira ter vindo, para mim continuou em caráter provisório porque a prioridade continuava sendo a faculdade. Então como não tinha nada decidido em relação à faculdade, para tomar a decisão eu pensei na família. Eles vão ficar melhor aqui? Vão. Então aí sim eu fui pensar se eu iria ficar em Belo Horizonte sozinha ou vir morar com minha família?

E: então a sua decisão foi depois. Então você ainda tinha essa possibilidade de ficar lá?

M: tinha. Tinha. Então eu fiquei seis meses aqui trabalhando aqui, decidindo pela família. Aí a família veio. Aí eu comecei a pensar em mim. Eu fiquei seis meses lá estudando e morando numa república para ver se eu teria condições de agüentar mesmo. Porque lá não dava para trabalhar, era mais ou menos o mesmo ritmo daqui, estudar o dia todo.

E: e o que foi determinante? Nessa escolha pessoal sua?

M: na verdade foi meio que a prova. Eu ter passado. Eu fiquei lá e foi bom também, foi uma experiência ótima...

E: mas se você fez a prova era porque você já imaginava vir...

M: foi por pressão mais do meu pai. Meu pai achava que eu estava de corpo mole. Que eu queria ficar lá sozinha, queria festa, aproveitar a vida e tal, e, realmente tinha um lado disso, mas eu tava por causa da faculdade. E aí para mostrar pro meu pai que a minha prioridade era faculdade e não a minha vida lá, eu vim fiz a prova (prova de transferência para a universidade de Brasília), mas eu achei que tinha ido muito mal e voltei pra lá, fiz a prova em julho voltei pra lá em agosto, comecei semestre lá, consegui moradia na universidade, já ia mudar, e quando eu ia mudar sai o resultado da prova. E aí eu vim porque a UnB realmente tem um curso de psicologia muito conceituado, mais do que lá, mais estruturado, eu já estava começando a ficar insatisfeita com algumas coisas do curso lá, e aí eu vim. Porque realmente eu prefiro morar com minha família. A gente é muito ligado então eu sempre preferi estar com eles.

E: então isso pesou né?

M: pesou.

E: e quais foram seus primeiros sentimentos, aqui é difícil eu conceituar se é nessa primeira vinda, ou na segunda vez que você veio mesmo para ficar .

M: eu acho que ...

- E: eu acho que você pode pegar na segunda, mas assim, os primeiros sentimentos, impressões, expectativas também, frustrações, estranhamento.
- M: tá. Nessa primeira vez que eu vim que eu fiquei morando com meu pai, eu estranhei totalmente a estrutura de Brasília. Tem muita coisa diferente de Belo Horizonte. A estrutura física, o ritmo de vida das pessoas, aqui é menos corrido, eu tenho a sensação de que as pessoas aqui são mais tranquilas. Lá é tudo muito caótico muito frenético, a cidade de Belo Horizonte é uma cidade totalmente caótica totalmente rápida. Então eu estranhei muito isso, gostei muito da qualidade, de não ter essa pressão da violência, de não viver com essa angústia de de que você pode ser assaltado a qualquer momento, que você pode ser assassinado, porque lá tem umas coisas assim. A gente vive pensando nisso. Com relação às pessoas, todo mundo me falava que eu ia odiar Brasília porque todo mundo aqui é muito fechado, porque as pessoas aqui são mal educadas, e eu não senti isso é momento algum. Nesses primeiros seis meses que fiquei trabalhando eu conheci pessoas ótimas, já consegui conhecer pessoas da minha idade, estabelecer amizade ...
- E: mas de onde? Do Plano ou do Guarará?
- M: do Guarará. Por coincidência as principais pessoas de quem eu fiquei amiga moravam no Guarará mas eu conheci por causa do trabalho. Não conheci ninguém lá .
- E: você acha que tem diferença entre as pessoas do plano e as pessoas do Guarará?
- M: não. Não. Tem diferença no tipo de vida que levam. Realmente as pessoas do lago levam uma vida que é difícil acompanhar. Pagar R\$100 por uma balada não faz parte da minha realidade. Mais diferença em tratamento eu nunca senti. E aí quando eu vim em definitivo, quando passei na universidade de Brasília, aí foi mais difícil. Porque quando eu entrei não tinha um semestre definido, não conhecia ninguém, eu me apeguei muito à D., que também veio transferida, e a gente, nossa foi muito bom Poder contar com ela, porque agente foi passando por tudo juntas, de conhecer a universidade, as pessoas, os professores, de se situar. O primeiro semestre que eu fiquei aqui foi muito difícil. Eu ficava muito angustiada, com muito medo de me relacionar. Medo de conhecer as pessoas daqui.
- E: mas a questão principal era a universidade? Você já tava com sua família, tinha pessoas que conhecia, a questão era a universidade onde você passava o tempo todo.
- M: era. Passava o dia todo aqui e não conhecia ninguém e tinha medo de conhecer as pessoas, de me aproximar. Eu sempre tive essa dificuldade. E aqui é tudo muito fechado, principalmente aqui na universidade de Brasília, em Brasília toda, os grupinhos, realmente para você conhecer, quando você conhece uma pessoa você consegue conhecer e entrar no grupo. E aí são pessoas ótimas.
- E: mas você não falou que as pessoas a receberam bem e tudo mais?
- M: sim, mas tinha essa questão minha de ter medo de me aproximar, entendeu, as pessoas que eu fui conhecendo foram muito receptivas comigo. Mas, como que eu vou explicar, eu me fechei. Tanto é que depois que eu venci esse medo, eu saí conhecendo, entrei para o centro acadêmico, foi entrando para os laboratórios e conhecendo gente e acabou esse receio.
- E: esse é o seu segundo ou terceiro semestre?
- M: terceiro.
- E: foi então vou primeiro semestre é que foi essa dificuldade?
- M: foi. Angústia, esse medo, eu tinha vontade de voltar para Belo Horizonte porque lá eu conhecia as pessoas e aqui não, e eu sempre senti muita falta disso, para mim sempre foi muito importante ter pessoas para ter uma referência.
- E: então do que você mais sentiu falta, em relação a Belo Horizonte?
- M: nesse primeiro momento eu senti falta das amizades. Dos contatos sociais. Só agora que eu to conhecendo gente fora da universidade que já está ampliando bastante meu círculo social, mas eu acho que isso normal. Não teria como chegar aqui e já sair conhecendo todo mundo. Não é uma questão de Brasília. Acho que é uma questão minha que em qualquer lugar que eu me mudasse teria essa dificuldade inicial. A minha família com relação a Brasília, a qualidade de vida realmente mudou a nossa estrutura familiar. Essa coisa de trabalhar menos de ter mais tempo para estar junto, melhorou muito. A minha mãe é outra pessoa depois que veio para cá. Ela trabalhava em comércio também e trabalhava todo dia demais, agora trabalha pouco tenho fim de semana para ela, para a família.
- E: e financeiramente melhorou?
- M: financeiramente está melhorando agora. Como meu irmão começou a trabalhar, eu tenho bolsa aqui, tá começando a melhorar. Mas ainda tão longe do ideal que a gente veio pensando de estabilidade e tal. Mas eu acho que isso é normal.
- E: e se você não estivesse com a sua família nesse momento você veio para a universidade de Brasília, você acha que teria sido mais difícil?
- M: com certeza. Porque eu me apoiava totalmente neles. Se eu ficava o dia todo na UnB calada, que chegava em casa doída para falar, para dividir mesmo coisas daqui. Até questões acadêmicas. Eu não tinha com quem discutir e chegava lá e era com eles que eu discutia.
- E: seus irmãos tiveram dificuldades nesse início?
- M: o meu irmão do meio teve muita, muita dificuldade. Ele pensou até em voltar para Belo Horizonte, porque ele já tinha terminado ensino médio. Então ele não tinha onde conhecer pessoas. E ele foi direto trabalhar. Ele trabalha com mecânica náutica. Só trabalha com pessoas mais velhas num contexto bem fechado e então para ele foi muito difícil por causa dessa questão dos vínculos, de chegar fim de semana e tem que ficar em casa, sem sair, não ter que fazer. E com meu irmão mais novo não. Ele tinha 14 anos quando a gente mudou e ele já conheceu os meninos da quadra no segundo dia que a gente estava em casa e já desceu e foi jogar bola e pronto.
- E: e sua mãe?
- M: a minha mãe ficou tempinho sem trabalhar. Para ela foi meio difícil. Ficar só dentro de casa. Mas a partir do momento que ela começou a trabalhar ela se adaptou muito rápido, e ela gosta muito, pelo menos pelo que ela fala.
- E: e então agora, como estão as coisas para você?
- M: para mim está ótimo. Melhor do que em Belo Horizonte. O meu referencial é a faculdade. Eu passo o dia todo aqui e eu não tenho nenhuma outra atividade que não seja aqui. E eu já consegui me inserir em uns projetos muito importantes para mim, que estão me ajudando muito na parte acadêmica e eu mudei totalmente essa visão de concurso público, eu não quero fazer, a não ser em último caso, mas eu não quero. E o meu irmão do meio, que teve mais dificuldade, a nossa família é espírita, e ele foi frequentando o centro lá perto de casa, conheceu pessoas, estabeleceu vínculos, então ele está se sentindo muito bem e não fala mais em voltar para Belo Horizonte. Nem cogita a possibilidade. E agora a gente sente que a gente tem que batalhar para conseguir chegar o mais próximo possível de ter pelo menos tranquilidade financeira. Essa é a parte que mais pega.
- E: então para o futuro, ainda é necessário construir. E atualmente você está bem emocionalmente e fisicamente?
- M: muito bem.
- E: e o que você mais gosta e o que você não gosta em Brasília, Já conhecendo bem a cidade.
- M: eu não gosto aqui da distância das coisas, é muito difícil você se locomover em Brasília, o transporte público aqui é horrível, e com relação às pessoas, essa questão de ter grupos muito fechados ainda é difícil quando você tem que

conhecer gente nova de um grupo novo. É uma parte que realmente aqui é mais evidente. Mas a partir do momento que você conhece uma pessoa essa dificuldade quebra.

E: e você está namorando atualmente?

M: não.

E: em termos de vida social o que você mais faz?

M: barzinho, a gente vai muito para churrasco.

E: então você é entrosada com pessoal daqui... Você tem um grupo mais próximo?

M: tenho. Depois que eu entrei para o centro acadêmico e eu acabei conhecendo muita gente. E os amigos de fora daqui a gente faz um churrasco, muita festinha, é o que eu gosto de fazer. Viajar, acampar, eu não gosto de boate, show só de vez em quando.

E: planos imediatos e futuros?

M: planos imediatos é continuar consolidando aqui na faculdade o que eu já estou conseguindo, continuar experimentando. Planos futuros é conseguir encontrar um meio de juntar o que eu quero aqui na faculdade com essa cobrança de dar um retorno para minha família, algum tipo de retorno. Mas não sei como fazer isso. Retorno financeiro.

E: não é uma coisa muito simples, né?

M: pois é.

E: e planos de voltar para Belo Horizonte? De ir para outro lugar?

M: não, não. Eu quero ver se consigo finalmente criar raízes. Porque a vida inteira marcada por mudanças, a vida inteira marcada por quebra, quando você começa a estabilizar tem aquela ruptura, tem que quebrar de novo. E para conseguir criar raízes aqui o que eu tenho que fazer é procurar um jeito de me manter, por que o meu pai é normal dele esse padrão de ficar insatisfeito e eu acho que ele nunca vai conseguir um emprego do jeito que ele acha legal.

E: você acha que pode acontecer o dele se mudar?

M: pode. Eu acredito que não agora porque a gente acabou de chegar, mas e eu acho que se ele não conseguir...

E: ele tem um ciclo né?

M: é, a gente fala que a vida começa a ficar muito boa com uns quatro anos, então 5 ou 6 anos começa a ficar insatisfeito, no sétimo ano ele já quer mudar, já quer ir embora, já acha que não vai conseguir nada aqui, e sempre sonhando que vai conseguir um lugar onde a vida vai ser ideal. E eu acho difícil de mudar isso nele. Então o que eu tento fazer é mudar isso em mim. Se ele quiser ir tudo bem, mas agora eu não vou acompanhar. Eu quero me estabilizar em um lugar.

E: você quer morar sozinha independente de ele ir embora ou não?

M: quero. Quero muito. Minha família é muito tranqüila muito de boa, mas eu quero ter minha individualidade. Como minha família é grande, três filhos, pai e mãe, eu quero ter minha casa, ter essa experiência de ter meu canto.

E: e você quer fazer isso quando? Só depois de formada?

M: é, não sei depois de formada, provavelmente sim, porque eu só devo começar a trabalhar pra ter uma renda um pouquinho melhor depois de formada. Porque aqui estudando o dia todo não dá pra conseguir. O máximo que eu consigo é bolsa de trezentos reais.

E: ok, então. Muito obrigado pela sua atenção e cooperação.

ENTREVISTA 4 - JOANA

E: me fale um pouco da sua infância. Como foi seu desenvolvimento?

J: a minha infância foi muito boa. Eu cresci e sempre tive relações familiares muito boas, apesar de ser filha única eu nunca estava sozinha, porque eu morava em condomínio. E sempre tinha crianças da mesma idade, então eu brincava muito, meus primos também vinham em casa, foi uma infância muito feliz.

E: você tem uma família grande?

J: eu considero uma família média. Nem pequena nem grande. Minha mãe tem quatro irmãos, e meu pai tem três irmãos parte de pai e mãe, depois ele tem mais três só por parte de pai.

E: doenças na infância?

I: nunca tive. Sempre tive rinite alérgica. Mas minha mãe me colocava na natação, desde pequena faço natação, melhorou. Com a natação e tratamento homeopático melhorei.

E: e a sua adolescência? Como foi? Foi tão boa quanto a infância?

J: a adolescência sempre é um pouco mais difícil. Na minha adolescência tive o período que eu não acreditava em nada, não acreditava em deus. Acreditava em deus, mas não queria seguir o catolicismo, que era a religião que a maior parte da minha família seguia. E aí eu comecei a criar certas dúvidas, a religião não estava me bastando. Eu estava indo na igreja com meu namorado ou com os meus amigos, mas não porque aquilo me fizesse bem, mas porque eles estavam indo. Aí eu comecei a me questionar muito, e parecia que nada que os outros me falavam tava bom. A última missa que eu fui um padre fez um escândalo para falar de dízimo, porque tinha que dar o dízimo, porque se não desse dízimo queimava no fogo do inferno. Essa missa basta. Foi ao último missa que eu assisti, e aí eu não queria saber de religião nenhuma. E os meus pais estavam conhecendo a doutrina espírita. Só que como eles não tinham segurança, eles não mostraram antes para mim. Por isso que eu fui criada no catolicismo. Aí eles quiseram me mostrar. Aí eu fui um dia na Mocidade, que é o grupo de jovens espíritas, tinha aula de música, de desenho, várias idades dentro desse grupo. E eu não me senti a vontade. Esse negócio de muita gente dentro do grupo, de desenhar, eu fiquei com vergonha, tímida, aí eu falei pra minha mãe que eu não queria, mas que não era por causa da doutrina que eu não tinha gostado, mas acho que foi por essa situação que eu vivenciei. Aí eu não quis. E minha mãe insistia. Aí até teve uma senhora que falou "não se preocupa que uma hora amadurece o fruto e ela vai descobrir sozinha o que ela quer". Aí demorou um tempinho e eu fui novamente ao centro espírita, e aí eu descobri, fiquei encantada.

E: isso com que idade?

J: isso eu já tava com 17 pra 18 já. Essa fase piorzinha eu tava com uns 13 pra 15 anos mais ou menos. Aí eu me envolvi no departamento social, participava da campanha do quilo, fazia visita pra asilo, aí eu não me dei muito bem com o asilo e a gente visitou uma instituição que era só de deficientes físicos e mentais, sabe? E foi uma experiência muito forte, mexeu muito comigo ver aquilo, eu fiquei "nossa, porque que eu sou tão saudável e eles são assim tão diferentes, tão incapacitados, estórias tristes, a situação que eles viviam"; aí eu busquei dentro da religião explicações, comecei a ler muito, aí me envolvi com os amigos, sabe, e foi muito bom também.

E: então você diria que essa segunda parte da adolescência foi melhor que essa primeira.

J: foi com certeza.

E: e essa parte do início da menarca, da descoberta da sexualidade foi tranquila pra você?

J: foi, foi, foi tranquila. Eu nem me lembro direito como aconteceu, quando foi a menarca. Eu acho que é porque foi tranquilo o negócio, por que quando a gente traumatiza a gente não esquece, né? (RS) Mas eu lembro que foi tranquilo, que minha mãe me ensinou, me explicou...mas também assim, no colégio a gente tem instrução.

E: e você era uma boa aluna? Como era sua vida escolar?

J: era. Sempre fui muito responsável. Eu sempre estudava demais. Assim, isso me incomodava um pouco na infância, porque eu sempre deixava de brincar pra estudar.

E: mas por conta própria ou por pressão?

J: por conta própria. Meus pais sempre me deixavam muito confortável. Eu que não aceitava notas menores que nove, dez. Eu só queria dez. Teve uma vez que eu tirei 9,9 e já fiquei assim triste. (RS). Eu era muito exigente comigo.

E: de onde você acha que veio essa auto-exigência?

J: isso daí eu queria descobrir. RS. Por que até hoje eu sou assim. Mas hoje eu acho que eu aprendi a levar um pouco mais leve. Eu tento é um exercício. Porque senão a gente sofre demais. Não vive.

E: e você sempre teve amigos?

J: sempre tive amigos.

E: tem amigos de infância?

J: sim. Tenho amigas de 10 a 15 anos. Porque o colégio que eu estudei chamava Olavo Bilac. Tinha para criança e depois passavam automaticamente para o ensino fundamental e médio. Então todas as pessoas que começaram criança me acompanharam e formaram juntos. E então eu tenho amigas que se preservam até hoje. Tanto que foi muito difícil quando a gente se separou. Tava todo mundo muito unido. Aí cada um foi para um canto. Cada um queria fazer uma coisa.

E: você acha que isso é uma característica de uma cidade mais do interior? Por que São José é uma cidade grande mais é interior... o pessoal costuma muito ir para São Paulo para estudar? Existe uma tradição?

J: é muito perto né, mas é um fluxo natural. Não diria que é coisa de cidade de interior. O ritmo não é assim. Eu acho aqui uma cidade bem interiorana. Em Brasília. Porque em São José as coisas ficam abertas por mais tempo, as pessoas estão num ritmo mais frenético, vi por ser muito perto de São Paulo tem uma vida cultural mais rica, é fácil de ir para lá. E também é muito mais perto da praia.

E: seus pais são casados?

J: sim.

E: que idade tem seus pais?

J: minha mãe tem 53 e meu pai 52. Acho que por aí.

E: seus pais fazem o que?

J: Meus pais são professores.

E: universitários?

J: não. De colégio público do estado.

E: eles são paulistas?

J: são paulistas os dois. Minha mãe nasceu em Apiaí, que aí é interior mesmo, e meu pai nasceu em Caraguatatuba.

E: e qual é ascendência familiar? Tem alguém europeu próximo?

J: tem. Minha bisavó é italiana, meu bisavô também. Os dois lados da família tem ascendência italiana.

E: qual é sua renda familiar lá? Quantos salários mínimos?

J: 10.

E: e eles que te sustentam?

J: sim, eles.

E: já precisou uma vez tomar medicação psiquiátrica?

J: não nada. A única coisa que eu tomei quando tive uma crise de enxaqueca muito forte foi remédio natural. Calmante .

E: você tem hábito de tomar remédio?

J: não. Fujo de remédio o máximo que eu posso .só que eu tenho cólicas menstruais muito fortes. Eu já fiz todos tipos de tratamentos. Desde os naturais até os tradicionais. Agora eu to controlando com a pílula. Mas eu cheguei a tomar muito antiinflamatório. Muito mesmo.

E: e já teve alguns episódios de depressão na infância ou na adolescência?

J: tive um quadro, mas não cheguei a tomar remédio ou ir ao psiquiatra. Eu que identifiquei. Minha família. Meus pais se preocupavam muito. Foi assim: para passar no vestibular de medicina sabia que era difícil. Então quando saí do terceiro colegial e tinha a idéia que eu não iria passar. Tinha certeza. Eu estava fazendo só para conhecer a prova. Nem sabia que era vestibular. Daí eu fiz um ano de cursinho, me dediquei, vi o tanto de coisa que eu precisava saber. Muita base, muita rapidez. Muitas coisas juntas. Aí eu fiz a prova mais num tava tão confiante. Aí depois da prova fiquei muito triste. Eu pensava "é muito difícil, por mais que eu vá bem não é suficiente"

E: você fez primeiro em São Paulo?

J: eu evitava muito as provas de São Paulo porque eu tenho uma séria dificuldade com física, com exatas. Lá eles contam muito. Então eu priorizava os estados que era mais pesado na biologia, na parte de química, na parte de redação e português. Aí eu fazia muito vestibular no Rio. Aí eu tava namorando e o meu namorado acabou passando lá. Eu me motivava mais ainda fazer lá. E as provas coincidem. Não dá para fazer tudo. E tem também a questão financeira, que fica muito cara a viagem, ficar viajando, a inscrição. Nesse ano eu fiquei muito triste e aí no primeiro semestre do segundo ano de cursinho eu fiquei tão triste que não conseguia estudar. Só queria dormir. Eu tava assim muito triste. E a matéria passou e eu acordei depois de meus pais falarem, depois de eu me ver que eu tava errada, que eu tinha que sair disso, e com a ajuda da religião também, aí eu peguei e acordei. Só que aí já era tarde. Eu já tava no segundo semestre de um ano de cursinho. Aí eu tentei fazer por onde a e aí eu consegui. Eu fui nas provas bem mas ainda não o suficiente pra passar.

E: você demorou quantos vestibulares pra passar?

J: eu fiz três. Três anos.

E: e nesse período que você ficou três anos estudando, você ficou bem? Porque é um tempo longo.

J: é...tinha altos e baixos. Mas eu tinha muitos amigos que tavam me acompanhando, que tavam na mesma situação. Isso ajudou muito. O apoio dos meus pais...em nenhum momento minha mãe falou que eu não ia conseguir. Pelo contrário. Toda hora ela falava que ia dar certo que era pra eu confiar. Meus amigos tavam com o mesmo sofrimento, alguns tinham até mais anos do que eu tentando, alguns com 4 anos, tinha outros com mais. E tava todo mundo assim se esforçando. E no meu terceiro ano de cursinho a gente mudou tudo. A gente pegou uma carga horária diferente no cursinho, que abriu lá uma turma pra medicina, professores diferentes. Aí tudo isso melhora. Porque você mudar sua rotina, mudar seus professores...a aula era diferente. Aí motivou.

E: e você nasceu em São José e viveu sua vida inteira lá?

J: isso.

E: até se mudar pra Brasília?

J: até mudar pra cá.

E: você considera então que sua vida era boa em São José?

J: Minha vida em São José era excelente. Feliz. Amigos perto. Família perto. Só assim... como eu tava no cursinho eu tinha que abrir mão de muita coisa. Não tinha tempo livre com meus pais, tinha que estar sempre estudando, cansada, ou então estava dormindo. Tinha momentos difíceis, mas eu era feliz.

E: em relação a lá, tinha alguma coisa que você não gostava?

J: não. Tinha nada que eu não gostasse não. Assim, né? Questão de segurança, violência. O normal, né? Assim como tem aqui também essa preocupação.

E: então me fala agora como foi essa decisão de você vir estudar aqui em Brasília especificamente. Como foi isso?

J: na verdade foi assim. Minha amiga tinha descoberto essa faculdade, que até então eu não tinha prestado, nunca. E aí ela passou pra mim.

E: nem pra Unb você tinha tentado?

J: não. Aí eu me interessei, porque ela passou, ela tava aqui, ela tava instalada...e ela tinha feito cursinho comigo. Então eu peguei e resolvi fazer o vestibular daqui. E foi o último que eu fiz. Assim, eu não decidi "ah, eu vou para Brasília", entendeu? Era porque minha amiga tinha passado na faculdade, ela tava bem, eu vi a prova e achei que tinha capacidade de me dar bem. Então eu resolvi tentar porque eu tava dando tiro pra todos os lados. Eu queria passar. Eu queria sair do cursinho. Eu tava cansada. Eu sempre passava pra segunda fase, ficava perto, mas nunca era suficiente. E assim, no terceiro ano de cursinho eu tinha ficado mais triste porque tinha segunda fase que eu nem tinha passado, mas que eu tinha passado no ano anterior. Então eu fiz a inscrição pra vir pra cá e eu nem tava pensando em como seria minha vida aqui se eu passasse. Meu objetivo era sair do cursinho. Eu nem tava pensando que ia morar sozinha. Isso veio depois quando eu passei e aí a ficha caiu.

E: e você veio fazer a prova aqui?

J: sim. Tive que vir fazer a prova aqui.

E: e o que você achou quando você veio dessa primeira vez? Já conhecia Brasília?

J: não. Foi a primeira vez. Eu fiquei na casa da irmã de um amigo meu do colégio. A irmã dele morava aqui, já tava instalada aqui, morava com a tia. Aí eu fiquei na casa dela. Eu nem pude conhecer direito Brasília, porque ela pelo trabalho dela só podia me buscar 8 horas da noite no aeroporto. E eu chegava de manhã. Então eu fiquei o maior tempão no aeroporto. O aeroporto eu conheci muito bem. RS. Fiquei na sala de leitura, fiquei estudando lá. E eu tava tentando ficar bem por que eu tinha acabado de terminar com esse meu namorado que tava no Rio. Então foi bem difícil, porque eu terminei com ele numa terça-feira e na quinta-feira eu tava vindo pra cá pra fazer a prova. E um namoro de um ano e meio. Tanto que quando eu tava entrando na fila da Gol, o funcionário falou assim "nesse avião só entra gente feliz". RS. Eu pensei "nossa, acho que eu estou muito mal mesmo." Aí eu vim pra cá me esforçando. Tava até confiante, sabe? Eu falei assim."eu vou passar, vou passar". Tinha muita gente, e todo mundo pra medicina, porque nessa faculdade só tem medicina. Muita gente de fora, de Goiânia. Mas eu pensei "a minha hora é agora e eu vou passar nessa prova." Então foi o vestibular que eu fiz mais confiante. E aí eu passei.

E: que mês foi isso?

J: isso foi em janeiro e o resultado saiu em fevereiro. O resultado saiu no dia 22 e no dia 26 era a matrícula. Uma coisa assim. Então eu fiquei desesperada. Eu tinha que tá aqui logo. De mala e cuia. E arrumar documentação, então foi tudo muito rápido. Ao mesmo tempo em que eu me emocionei por que eu passei, depois começou a cair a ficha de que eu tava

indo embora, de que tinha acabado o meu convívio maior com meus pais, aí que foi começando a mexer um pouco comigo. Aí eu cheguei aqui e fiquei na casa dessa minha amiga que me indicou a faculdade. Ela me deu uma assistência material porque eu tive que vir com pouca coisa.

E: já ia começar as aulas imediatamente?

J: já ia começar! Muito rápido. Acho que dia 28 começavam as aulas. Dia 26 a matrícula, aí vinha o final de semana e na segunda começava.

E: até então você nunca tinha morado sozinha?

J: nunca.

E: você era independente?

J: a minha mãe sempre fala que eu era muito independente. Mas às vezes eu não consigo me enxergar assim.

E: Mas você viajava sozinha?

J: já viajei sozinha. Na viajei com amigos, mas não era tanto. Eu sou muito família. Gosto muito de estar com os meus pais.

E: e como foi para eles essa mudança brusca?

J: foi difícil.

E: o que eles te diziam?

J: a minha mãe ficava chorando, se preocupando. Falando para eu me cuidar. Para não deixar ninguém me fazer sofrer. Essas coisas de mãe. Meu pai já é mais introspectivo. Então eu via que ele estava triste, mas que ele estava consciente de que aquilo era meu caminho.

E: em algum momento eles te influenciaram nessa decisão de fazer medicina?

J: não. Assim, faz tempo que eu decidi. Porque eu tinha muita vontade de ajudar, e sentia muito impotente quando eu via algum acidente. Não podia fazer nada. Eu sempre gostei muito da área saúde, sempre gostei muito de biologia no colégio, aí eu comecei a pensar. Comecei a ler sobre, até fiz orientação vocacional, deu medicina entre as opções. E os meus pais gostaram, porque é uma profissão que você não fica desempregado, dificilmente você vê um médico desempregado, eles ficaram tranquilos porque acham uma profissão boa. Admiram.

E: seus pais são formados?

J: São formados. Minha mãe é formada em letras e meu pai fez economia e depois fez pedagogia.

E: então você tinha esse sonho de ser médica.

J: sempre tive. Essa coisa de médicos sem fronteiras, essa questão da África, dessa miséria toda. Eu sempre tive um sonho de poder ajudar, de fazer esse tipo de trabalho.

E: e em relação a ajudar seus pais, você tem isso também?

J: tem também.

E: de que forma?

J: de todas que eu puder. Eu penso em ajudar meus avós. Na verdade vai depender de quanto eu ganhar, mas eu queria dar uma casa para os meus avós, porque até hoje eles vivem de aluguel. E a minha mãe é quem fica mais responsável, porque meus tios são comerciantes, e não tem uma renda fixa. E a minha mãe por ser funcionária pública ela sempre tem uma renda fixa. Então é muito ela que ajuda, e meus avós vivem só com a aposentadoria, então eu penso muito neles, penso também nos meus pais, de poder bancar viagens, essas coisas.

E: e seus pais são classe média, mas não tem direito a muitos luxos...

J: exatamente. Classe média baixa. A gente não tem luxos mesmo não.

E: e nesse período após a prova, você pensou em como seria vir para Brasília? De alguma forma você sabia que poderia passar...

J: engraçado que eu não pensava em como seria minha vida aqui. Quando eu passei, aí sim. Comecei a pensar. Nossa como será que vai ser lá. Quando tava chegando aqui, aí eu pensava. Enquanto lá eu só ficava pensando. Ai meu deus será que vou passar. Porque enquanto você não vê aquele resultado ali... então eu tava pensando em várias coisas. E se eu não passar? Ficava assim. Era só isso que eu pensava.

E: mas a sua mudança foi totalmente motivada pelo curso. Não pela cidade, pelo lugar.

J: exatamente.

E: você tinha uma concepção a respeito de Brasília, antes de vir para cá? Alguma imagem formada?

J: só o básico. Cidade planejada, capital federal, onde fica tudo, poder. Só isso.

E: e em relação às pessoas?

J: em relação às pessoas, meu amigo falava um pouco daqui, porque a irmã dele estava aqui, e a tia dele também, e ele estava prestando o PAS. Aí ele falava que aqui tinha muita influência do nordeste, só isso.

E: então a decisão de vir foi pela aprovação, e até a mudança foram três dias.

J: Muito rápido.

E: e você ficou quanto tempo nessa casa dessa pessoa que te acolheu inicialmente?

J: acho que foi mais ou menos uns sete meses, por aí. Fiquei uns seis, sete meses mais ou menos. Era aqui no andar de cima exatamente.

E: quem morava nessa casa?

J: essa minha amiga de São José, ela morava sozinha.

E: então você ficou dividindo apartamento com ela.

J: a gente dividia as contas, tudo.

E: e quais foram as primeiras impressões? Sobre Brasília, sobre sua vida aqui. Nesse período que você ainda estava morando com sua amiga.

J: no começo era difícil, eu acordava não via meus pais, era meio difícil. Por que as coisas mais simples me faziam falta. Levantar e dar bom dia, ter alguém pra conversar quando você chega. Essas coisas me faziam muita falta. Às vezes dá um vazio, isso era difícil. Mas coisas boas foram acontecendo também. Tive momentos difíceis com minha amiga também, porque ela tem um gênio diferente do meu. Mas coisas resolvíveis, simples. Mas quando a gente está sozinha, parece que a gente fica mais frágil. Tinha medo de andar sozinha na rua, ficava assim que nem paulista mesmo. Visão de 360 graus. Só que eu tive pessoas ótimas que me acolheram. Tive uma amiga que saía da 405 e vinha me pegar pra me levar na 605. Ela saía do caminho dela. Depois que eu tive a noção da volta que ela fazia só pra me ajudar. Que eu também não conhecia a estrutura daqui. E aí foi bom. As pessoas me ajudaram muito.

E: essas pessoas eram principalmente da faculdade?

J: é. Na verdade foi uma amiga em especial que é a C. que me deixou mais tranquila em relação a Brasília, que ela é espírita também então ela me levou pra conhecer o centro, ela também me levou pra conhecer um trabalho voluntário que ela já fazia e eu me encaixei dentro desse trabalho. Aí eu fui me realizando.

E: você acha que a religião teve um papel muito importante nesse início?

J: muito! Porque eu comecei a sentir que aqui era o meu lugar, pois as coisas iam acontecendo tão certinho, sabe? Tudo que eu sonhava em fazer... porque o trabalho voluntário eu sempre gostei de fazer e no cursinho eu tive que deixar de lado porque eu não tava conseguindo conciliar.

E: e nesse início, até esse primeiro ano, do que você sentiu mais falta? Mais saudades?

J: eu sentia muita saudade de estar com meus pais, ficar com eles, ir pra casa dos meus avós, porque meus avós moravam do lado da minha casa, então todo domingo tinha almoço lá, e todo mundo se reunia. Aí eu sentia muita falta disso, porque eu ajudava minha avó. Sentia falta dos meus amigos, do aconchego deles. Porque uma amizade de anos não é uma amizade que você acaba de conhecer a pessoa. Apesar de eu ter sido bem acolhida aqui, tem coisas que é difícil explicar... a única que me fazia sentir esse aconchego era a C., então eu ficava sempre muito próxima a ela.

E: e o que você estranhou aqui nesse primeiro momento?

J: assim... estranhei o ritmo da cidade. A questão de alimentação, de moradia, achei muito caro a moradia aqui. Com o valor que eu alugo essa kit eu alugaria uma casa em São José. Uma vez eu fiquei doente aqui e eu falei "ah, eu vou levantar domingo mais cedo pra poder ir na farmácia". Tem uma farmácia logo aqui embaixo. Aí eu levantei cedo. E a farmácia estava fechada. Isso não acontece em São José. A farmácia de bairro fechada. Ficam abertas pelo menos até 5 horas da tarde. Isso quando não tem uma de plantão. A questão de ficar doente também é difícil quando você não tem sua família. Você tá doente, mas assim, você que tem que fazer suas coisas pra comer, você que tem que lavar, a vida não pára, né?

E: isso que você falou do ritmo, aqui é mais lento? Mais rápido?

J: eu acho mais lento. As coisas fecham mais cedo, você não tem tudo a qualquer hora, em São Paulo tem muito disso, você tem tudo a qualquer hora. E São José é assim também.

E: e o transporte?

J: transporte é horrível. Horrível. Detesto. Ainda bem que eu não preciso muito, e quando eu preciso eu fico chateada. Porque aqui foi a cidade que eu fiquei meia hora no ponto esperando. Isso nunca tinha acontecido comigo. E eu moro num lugar bom. Então as vezes eu queria ir pro Guará, que meu namorado mora lá, e eu demorava mais esperando o ônibus do que pra chegar lá. O metrô, podia ter uma rede muito melhor. Mais efetiva. Não tem acesso nenhum pra deficiente físico. Acho terrível.

E: você adoeceu alguma vez nesse período?

J: algumas vezes.

E: mais do que lá em São José?

J: não, não. Só faringite. Eu sempre tenho pelo menos uma vez por ano. Mas episódios de tristeza, de ficar depressiva, bem mais aqui. Bem mais.

E: isso foi mais presente? Já no início? Ou depois de quanto tempo?

J: no início não, depois de um tempo... é que no início eu tava na fase de encantamento com a faculdade, eu consegui, era meu sonho. Então supria demais. Isso no primeiro semestre era essa novidade. E o trabalho voluntário que eu tava fazendo me alimentava muito. E aí depois no segundo semestre eu comecei a conhecer também um trabalho de palhaço de hospital, sabe, que era um sonho meu também. Isso me supria muito. Eu ficava o sábado inteiro por conta desses trabalhos. Porque assim, eu não tinha família nenhuma aqui. Nessa época eu não namorava.

E: você passou quanto tempo sem namorar?

J: sozinha eu passei um ano e meio quase dois anos. Agora tem um ano e meio que eu to namorando.

E: e a partir de quanto tempo você ficou mais triste? Tendo esses episódios?

J: sempre quando eu volto de São Paulo, mesmo nesse período, nesse um ano que eu falei que foi mais fácil por causa desses encantamentos, sempre quando eu voltava eu passava assim pelo menos uma semana muito triste. Muito triste mesmo, sabe?

E: de chorar?

J: triste de chorar, de querer esconder o choro, sabe... porque aqui assim... você vê que não tem privacidade. Eu divido com uma amiga. Aí isso aqui é provisório porque uma amiga que vai chegar de São Paulo vai ficar aqui. Mas somos em duas. Então é difícil, tem momentos difíceis sim. Então sempre quando eu volto eu fico muito triste.

E: ainda acontece isso?

J: ainda. Sempre. Parece que agora tá pior.

E: por que você acha?

J: não sei. Talvez seja isso. Talvez por agora eu conhecer mais o curso eu já tenha frustrações, né, dentro do curso, porque nada é perfeito. Tem assim de já estar mais consciente de que eu não vou voltar mais a morar com meus pais. Não vai ser como era antes. Porque no começo ainda tinha um pouco disso, né? Vou fazer o curso e vou voltar. Agora eu já sei que isso é muito difícil.

E: e então agora, você se considera adaptada, apesar dessa situação de ficar triste?

J: aí, eu não me considero adaptada. RS. Eu queria me considerar, mas eu sofro muito ainda. Sofro muito mesmo, quando eu chego. Quando eu entro aqui. O que me ajuda muito é o meu namorado. É a família dele, é o carinho que eu recebo, sabe? Eu sinto falta deles.

E: pelo que você me falou até agora eu não vi uma coisa direcionada à Brasília especificamente, em relação ao sofrimento. Porque tem gente que fala claramente. Eu odeio Brasília!

J: não. Pelo contrário. Eu gosto de Brasília.

E: no seu caso é o que?

J: é a falta da família. Talvez essas pessoas que falem isso, eu acho, talvez elas estejam descontando, entendeu? Essa coisa de querer achar um bode expiatório. Porque assim: Brasília tem os seus defeitos, mas eu acho que eu fui muito bem acolhida, to tendo boas experiências.

E: você já falou um pouquinho do que você não gosta, e do que você gosta em Brasília?

J: eu gosto das pessoas que me acolheram aqui, eu gosto dessas áreas abertas, tipo o Parque da Cidade. Gosto do Pontão, do Pier, eu gosto desses lugares assim.

E: você se arrepende de ter vindo pra Brasília?

J: não, não me arrependo. Eu gosto daqui. Só é difícil.

E: e quais são seus planos pro futuro?

J: vixe... isso é difícil. RS. Olha, eu vim pra cá com o objetivo de estudar e voltar. Mas com meu namorado aqui e o trabalho dele, e eu penso muito assim. Eu não quero que ele sofra o que eu to sofrendo, por estar longe da minha família. Então eu não teria coragem de tirar ele de perto da família, de todo mundo. Então eu não sei. Eu tenho vontade de voltar pra São Paulo, fazer uma especialização lá, mas não sei.

E: você se vê mais ficando em Brasília ou indo pra um outro lugar que não seja nem São Paulo nem Brasília?

J: eu não sei. Eu acho que as facilidades pra eu ficar aqui são maiores. O meu namorado tá aqui. A faculdade aqui. A família dele tá aqui há muito tempo. Os professores da faculdade, os contatos estão aqui.

E: quais são seus planos mais imediatos.

J: voltar pra casa. Rs. Semana que vem eu vou e vão ser as ultimas férias longas que a gene vai ter antes do internato. Agora eu só volto depois do carnaval.

E: seu namorado vai?

J: não. Isso que é difícil.

E: e em relação ao futuro, quais são os sonhos, os desejos?

J: acho que meu maior sonho é ser realizada dentro da medicina. Fazer com amor. Colocar em prática tudo aquilo que eu acredito. Eu penso muito em pediatria, quero ter um trabalho voluntário, de fazer essas missões, não precisa ser diretamente com o MSS, eu tinha um sonho de ir pra África com o MSS. Não sei porque! Mas eu vejo que com namorado, com família, as coisas vão mudando um pouco. Aí eu não sei. E eu tenho alguns medos de abrir mão e depois ser uma profissional frustrada. Não quero ser uma profissional frustrada.

E: você tá falando de sonhos profissionais. E mais pessoais?

J: esses são mais difíceis.

E: você acha que prioriza o profissional?

J: em questão de sonhos, eu passei muito tempo sonhando com isso (a medicina). E eu tenho uma certa dificuldade de crescer. Então às vezes eu não consigo me ver mãe, com família... eu tenho uma certa dificuldade com isso. Apesar de eu achar lindo, de eu adorar criança. Mas parece que eu sou muito pequena.

E: mas talvez seja porque você queira conquistar essas coisas profissionais primeiro, que são muito importantes pra você.

J: é. Acho que é mais ou menos isso. Acho que eu vou passar a sonhar mais com família depois que eu estiver estabelecida. Mas assim, não que eu priorize mais o lado profissional. Eu dou muito valor à família. Eu procuro dar atenção às pessoas que eu amo.

E: mas então você tem claro que voltar pra casa não faz muito sentido...voltar pra casa dos seus pais pra morar.

J: é... eu acho meio... não sei. Mas meus pais ainda... machuca. É difícil falar assim. Meus pais esperam que eu volte. Minha mãe principalmente.

E: e o que ela fica pensando? Você aqui, com namorado...

J: minha mãe? Não sei o que ela pensa. Mas ela tem firmeza que eu volto pra casa. Ela fala assim "ah, vai ser muito difícil pro seu namorado ficar longe de você quando você voltar" RS. Ela fala assim. RS. Mas o meu pais, acho que ele é mais consciente.

E: e pra terminar. Se você não tivesse mudado pra Brasília, como você estaria? Como você imaginaria sua vida? Você teria continuado lá? Só um exercício assim de imaginar. Como seria?

J: se eu não tivesse vindo pra Brasília é porque eu não teria passado. Porque as outras chances eram bem remotas. Então provavelmente eu estaria lá em São José, mas eu não estaria me sentindo completa, já que eu ainda estaria no cursinho, continuar naquela ralação, continuar abrindo mão de muita coisa. Apesar de ter o lado do apoio, eu me cobrava. Eu queria sair daquilo.

E: e essa opção de mudar era a opção número um? Ou não?

J: Lá em São José só tem faculdade particular. Então não era opção.

E: ok. Agradeço muito a sua colaboração.

ENTREVISTA 5 - MARTA

E: Nome?

M: Marta.

E: data de nascimento?

M: 04/09/1981

E: local de nascimento?

M: Campina Grande, Paraíba.

E: você Tem algum histórico de problema de saúde quando era mais jovem? Algo mais serio?

M: eu lembro que eu Tive hepatite A.

E: como é sua estrutura familiar? Quantos irmãos?

M: meu pai, minha mãe e uma irmã sete anos mais nova. Só que meu pai tinha um casamento anterior que ele teve cinco filhos. Aí três anos depois de ficar viúvo ele casou com minha mãe e teve nós duas.

E: e todos moravam juntos?

M: só nós quatro. Eles não.

E: seu pai fazia o que?

M: meu pai antigamente era mestre de obra, hoje ele está aposentado há uns seis anos.

E: e a sua mãe?

M: minha mãe é dona de casa.

E: você passou toda a sua infância lá em Campina Grande?

M: eu fiquei lá só até os cinco anos. E depois a gente foi para João Pessoa. E fiquei lá até 2005.

E: como você considera sua infância? Boa, ruim, tranquila?

M: foi ótima. Não tenho do que reclamar.

E: e adolescência?

M: a adolescência também foi boa, mas acho que foi meio conflituosa. Eu era muito religiosa e não podia fazer nada por conta da religião.

E: católica?

M: é. Então na época eu achava maravilhosa, mas hoje eu fico pensando que talvez eu tenha perdido várias oportunidades, em vários sentidos. Mas na época eu vivia tranquila e não tinha problema nenhum.

E: você tinha muitos amigos na sua infância e adolescência?

M: na infância não lembro de ter tido muitos amigos, porque eu era muito mais próxima da família. Dos primos, enfim. Agora, na adolescência, tinha muitos. Na escola, na igreja.

E: e era boa aluna?

M: acho que fui sim. Sempre. Eu lembro que até a sexta série eu era a aluna numero um da sala.

E: você disse que seu pai era mestre de obras. Você considera sua família como sendo de classe media baixa?

M: baixíssima. Talvez até hoje.

E: família grande, né?

M: sim. Mas assim, meu pai não tinha que gastar dinheiro com os meus irmãos porque a maioria já era casado, mas ele ganhava muito pouco. Então estudei sempre em escola publica, minha irmã também.

E: e por parte de pai e mãe você é a mais velha?

M: sou.

E: e essa coisa de estudar, era uma coisa espontânea sua ou seu pai pressionava?

M: não. Não lembro dele me pressionar. Ao contrário.

E: e seus irmãos eram assim também? Dedicados aos estudos?

M: olha, resumidamente eu posso dizer que da família eu sou a única que tem ensino superior.

E: você traçou seu caminho, né?

M: é. Mas também tem muito dessa questão financeira. Porque eu via muito faltar coisa, eu querer alguma coisa, algum curso e não ter dinheiro. Eu sabia que eu tinha que ter alguma renda. Como eu iria ter? ou estudando, pra ser alguma coisa que me desse mais postos ou então fazer algum concurso publico. Desde pequena eu tinha isso como meta.

E: tem algum antecedente na família com problemas psiquiátricos, depressão, alcoolismo?

M: bom, alcoolismo o meu irmão. Por parte de pai. Na minha infância eu lembro que ele bebia e tinha confusões, inclusive com minha mãe, por conta disso. Ele não morava com a gente, mas teve uma época que ele morou. Mas já tem uns 10 anos que ele está no AA. Agora ,psiquiátricos, próximo a mim, não que eu lembre. Mas eu sei de historias, assim, do tio do meu pai que tinha problemas, o pessoal que morava no interior. Eu lembro que eu tive uma tia, mas acho que ela morreu quando eu tinha quatro anos, que chegou a ser internada varias vezes.

E: você já teve alguma crise depressiva quando era mais nova?

M: eu acho que não. Mas na adolescência tinham aqueles namoricos que terminavam e eu sofria bastante.

E: mas não era algo que você tinha que tomar remédio?

M: não, nunca tomei.

E: você está casada, hoje?

M: sou solteira. No civil eu sou solteira, mas eu moro com uma pessoa.

E: o seu marido é de onde?

M: na verdade não é "marido". (RS). Mas é de Natal. Nós estudamos juntas na UFPB.

E: então vocês vieram juntas?

M: foi. A gente terminou o curso juntas e viemos juntas.

E: então você morava em João Pessoa desde os 5 anos. Nunca saiu de lá nesse período?

M: não.

E: você esta com quantos anos mesmo?

M: vinte e seis.

E: e lá em João Pessoa, antes de vir pra cá, você morava com quem?

M: com a minha família.

E: você se formou quando?

M: em 2004.

E: e logo que você se formou você quis vir pra cá?

M: sim.

E: quanto tempo demorou?

M: uns três meses. Nossa formatura foi em novembro, aí em janeiro teve uma prova do mestrado, aí eu já vim, fiz só que não passei. Só que aí me falaram dessa possibilidade de ser aluno especial. Aí voltei pra lá e em fevereiro já vim pra ficar.

E: e como era a sua vida lá em João Pessoa?

M: a vida em João Pessoa era boa. Tinha muitos amigos e era muito próximo da família. Só que mais o núcleo da família porque com os meus irmãos eu não tinha muito contato. Mas era muito bom, eu não tinha o que reclamar, exceto da questão financeira. Isso era complicado principalmente quando eu terminei o curso. Lá é muito ruim de clínica e concurso público, então não tinha muita perspectiva profissional. Mas nas outras áreas da minha vida eu não tinha o que reclamar.

E: então você acha que a decisão de se mudar foi estritamente profissional.

M: sim.

E: e antes de você decidir vir para cá, você já pensava em se mudar? Durante a graduação ou antes?

M: eu nunca tinha essa idéia de sair, morar sozinha. Minha questão era realmente acadêmica e profissional. Então eu já tinha pensado em fazer mestrado só que em Recife. Uma coisa que eu estava vendo se valeria a pena estudar lá, porque lá seria numa particular, porque teria o gasto de pagar a faculdade e seria difícil se manter. Foi o único lugar que eu pensei em morar além de Brasília.

E: e quando você era mais nova, você já pensava em sair de João Pessoa?

M: não, quando eu era mais nova não. Eu comecei a pensar quando eu entre na faculdade.

E: e por que Brasília?

M: Brasília, na verdade, pra mim se resumia à UnB. Porque os professores com quem eu fazia pesquisa tinham feito mestrado e doutorado aqui, então eles queriam muito que eu fizesse mestrado aqui. Então sempre tive Brasília com esse objetivo, e também por que aqui tinha mestrado em clínica e lá não.

E: você era uma boa aluna também na faculdade?

M: acho que sim (RS) .mas também era só o que eu fazia.

E: você não trabalhava?

M: não. As vezes eu dava uma aula de violão, vendia cosméticos, vendia peças íntimas, só no mercado informal porque era pra eu ter minha grana. Mas trabalhar mesmo, ter horário, essas coisas nunca.

E: você falou que teve influência dos professores, mas em relação a família, da decisão, houve um apoio? Foi uma coisa que partiu mais de você?

M: foi absoluto. Eu tinha uma amiga da igreja, que ela já estava morando aqui há três anos, então nessa época a gente se ligava e ela me contava de Brasília. Porque como eu falei eu pensava só na UnB. Não tinha nem idéia do que era Brasília. Então ela me dizia que estava gostando, que era tranquilo, que estava com trabalho, fazendo cursos, então as possibilidades foram ficando mais concretas. Então lá em casa, quando eu tava terminando o curso, porque lá são duas habilitações, a licenciatura e a formação. Então três anos e meio que eu entrei na faculdade eu terminei licenciatura em 2002/03. e aí já pensei em vir nessa época, porque só com a habilitação eu já poderia fazer mestrado em Social. Mas aí foi quando eu comecei a fazer estagio que eu me apaixonei pela clinica aí vim fazer em Clinica. Eu falava muito pros meus pais que queria vir. Outros amigos que eram do mesmo núcleo vieram antes de mim, fazer estudo em Social. Então o meu contato aqui era com eles, principalmente por internet. E meu pai e minha mãe me deram apoio assim em tudo. Emocionalmente ficaram muito abalados, principalmente minha mãe e eu também, obviamente. E lá em casa o bem que a gente tinha além da casa era um carro. E só eu que dirigia. Meu pai disse que era a única coisa que ele podia me dar que era pra eu vender e me sustentar com o dinheiro. E foi o que eu fiz.

E: quanto tempo demorou desde quando você decidiu até você se mudar? Ou era uma coisa que já vinha decidida?

M: o pensamento eu já vinha tendo há pelo menos um ano. Agora a certeza, quando eu decidi e quis vir pra cá foi menos de um mês.

E: você teve muitas dúvidas para decidir?

M: tive.

E: o que pesou mais?

M: o que pesava mais eram duas coisas. Primeiro ficar longe da minha família, e a segunda era essa questão financeira, porque a minha amiga que morava aqui me dizia que aqui era tudo caro. Eu tinha medo de que mesmo vendendo o carro daria tempo de ficar aqui até eu entrar no mestrado. Era isso que me assustava.

E: só tinha essa pessoa aqui?

M: só. Hoje em dia eu descobri que eu tenho uma prima, mas na época só ela.

E: e você sonhava que viria pra cá, construiria coisas, que tudo daria certo?

M: sim.

E: e nesse momento de tomada de decisão? Foi fácil?

M: a decisão foi fácil. Tive apoio de todo mundo, o medo que deu foi no dia que o avião pousou, porque a gente chegou aqui absolutamente sem chão.

E: você veio sozinha?

M: não, nós viemos juntas. E quando a gente chegou a gente ia ficar na casa dessa minha amiga, só que foi no dia que ela e o marido dela tiveram uma briga e aí pronto. Fiquei sem chão, mesmo.

E: como é o nome da sua companheira?

M: Maria Luiza.

E: você a conhece há quanto tempo?

M: oito anos. Desde o primeiro dia de aula que a gente estudou juntas em psicologia na UFPB.

E: isso pra você foi sempre uma coisa bem resolvida?

M: não.

E: porque você diz da historia da igreja, eu fico imaginando que deve ter tido um conflito aí.

M: não era algo bem resolvido. Acho que foi se resolver melhor quando eu vim pra cá. Afinal de contas era quem eu tinha e tenho até hoje.

E: mas era uma relação aberta para a família?

M: no inicio não, porque a gente começou em 2000, aí em 2002 ela teve câncer, e pra mim foi péssimo, nessa época a gente tava com essas dúvidas todas. E a gente não tava juntas quando isso aconteceu, ela tinha ido pra França com o pai dela. Acho que nessa época me deu um pouco de depressão. Mas não tomei remédio, estava fazendo terapia porque era uma demanda do curso, quase uma obrigação. E aí eu contei pra minha mãe. Ela não agüentava mais me ver chorando pelos cantos e foi quando ela e minha irmã ficaram sabendo. Mas acho que meu pai até hoje não sabe. E na família dela todo mundo sabe.

E: e será que de alguma forma, isso tenha influenciado pelo fato de que vindo para cá vocês estariam mais afastadas?

M: não. Isso não. Eu viria pra Brasília independente disso. Ela que quis vir comigo.

E: a decisão foi mais sua então?

M: a decisão foi só minha. Tanto que a gente veio e no final do ano ela já queria voltar.

E: qual era a concepção que você tinha de Brasília antes de você se mudar? Você já tinha vindo aqui?

M: não, só quando eu vim em janeiro pra fazer a prova. Então pra mim Brasília era o que a minha amiga me falava, e ela já estava montando um negocio, já estava casada, então o que eu via era um futuro promissor pra mim profissionalmente, essa era a expectativa que eu tinha. Eu tinha um pouco de medo pela questão dos valores, que tudo era muito caro, principalmente aluguel. Era o único receio que eu tinha. Pra mim a verdade era o que ela dizia, de que tudo é caro, mas as pessoas ganham bem.

E: e em relação com as pessoas, qual era a imagem que você tinha?

M: eu acho que nem pensava nisso.

E: mas o fato de você ter vindo com a Isabelle, foi mais fácil?

M: sem dúvida. Eu viria sozinha sem problemas, mas com certeza com ela foi mais fácil.

E: e quando você veio pela segunda vez você já sabia que não tinha passado na prova de mestrado? Você veio já como aluna especial?

M: isso.

E: e nesse primeiro momento você ficou na casa dessa sua amiga?

M: isso.

E: quanto tempo você ficou lá?

M: fiquei uns vinte dias.

E: e quais foram as primeiras impressões, sensações?

M: nossa! Acho que o início foi o período mais difícil de todos. Porque primeiro a gente tentou alugar apartamento, foi aí que eu vi realmente o quão caro era o aluguel. Porque lá com trezentos reais você mora quase em frente à praia. E aqui a gente conseguiu um subsolo por quinhentos reais. A primeira coisa que me assustou foram os preços de aluguel, a burocracia que era muito grande, aqui para se alugar era muito mais complicado que lá e ao mesmo tempo que andando de carro tudo parece perto, quando se anda de ônibus ou a pé tudo é muito longe. Pra mim as quadras são todas iguais e eu nunca sabia onde eu tava. Depois eu comecei a estranhar as pessoas.

E: por quê?

M: vou dizer no popular, sabe aquela coisa meio falsa? Os serviços eram ruins, sei lá. Eu era acostumada com as pessoas com um sorriso no rosto, conversava a viagem todinha com o cobrador, motorista. Isso eu achei muito diferente. Esses primeiros dias foram complicados pra mim. Primeiros dias não, primeiros meses.

E: quanto tempo demorou até você conseguir se mudar?

M: acho que fora uns vinte dias.

E: e quando você se mudou? Como foi?

M: foi muito pior (RS). Quando eu lembro da 110 eu lembro do porteiro e só. Que também era nordestino. Mas não lembro de mais nada. Sem falar que no subsolo era só comercial.

E: era uma quitinete no subsolo?

M: era. Era complicado.

E: sem carro?

M: tinha carro, porque a Isabelle tinha carro e apartamento lá, então a família dela pagou pra trazer a mobília e o carro.

E: então ela tinha mais condições do que você?

M: tinha.

E: você percebeu que se você tivesse vindo sozinha você tava enrolada?

M: eu sei que seria mais difícil. Financeiramente e pessoalmente. Certamente as relações seriam mais difíceis.

E: e ela veio fazer o que?

M: ela também estava como aluno especial. Porque quando a gente veio fazer a prova ela não passou a entrevista. Então como ela não tinha passado só pela entrevista seria mais fácil ela entrar como aluno especial.

E: então vocês viviam de que?

M: quando eu cheguei, eu tinha o dinheiro do carro. Mas não era nenhuma Ferrari. Então os pais dela mandavam um dinheiro, e eu fui trabalhar numa clínica, ganhava muito pouco, e no programa de clínicas, estava precisando de alguém para digitar umas coisas, cuidar da papelada e então eu fiquei como secretária de lá. Aí a gente foi se virando. Quando foi em outubro eu consegui emprego. Fui trabalhar como psicóloga lá em Águas Lindas de Goiás.

E: e como você fez esse contato lá?

M: porque eu conheci uma menina no CPHP na clínica onde eu trabalhava que estava coordenando um curso lá. Aí surgiu essa vaga, eu mandei o currículo pra ela e ela me chamou.

E: pagava bem?

M: 970 reais.

E: e você sentia muita saudade nesse início?

M: acho que o início foi o pior de tudo. Porque sentia saudade da família, dos amigos, sentia saudade até do que eu não gostava.

E: você estranhou ou o fato de não ter muita gente em Brasília?

M: eu lembro que a primeira coisa que eu estranhei foi a questão estrutural mesmo. Não tem muro, não tem esquina. Quando a gente encontrava uma pessoa no corredor no máximo falava "bom dia". Quando eu fui pra 110, não foi tanto porque tinham muitos barzinhos. Então sempre quando a gente saía principalmente a noite sempre tinha gente. Era bem movimentado por ser uma quadra comercial.

E: você ficou quanto tempo nesse apartamento?

M: a gente ficou lá um ano. Aí de lá fomos pro sudoeste.

E: e como vocês conseguiram sair da quite?

M: eu já estava trabalhando, mas mesmo assim eu ralei, fiz até festinha infantil. Mas a gente já estava precisando sair de lá porque não estava bom, tudo era ruim ali. A gente começou a procurar apartamento, mas aí uma parente da Joana morava nesse apartamento no sudoeste mas aí ela foi transferida pro Rio. E aí a gente começou a ter contato com ela e aí ela nos ofereceu o apartamento. Aí ela fez um preço melhor pra gente. E melhorou bastante.

E: lá é residencial ou comercial?

M: lá na verdade é misto.

E: então depois desse primeiro ano você já se considerava adaptada?

M: já. Já estava fazendo especialização em neuropsicologia, já tinha alguns amigos, na verdade até hoje não me sinto com amigos mesmo, mas já tinha muita gente pra sair e pra conversar, pra ir à casa um do outro. Já estava no segundo semestre como aluna especial.

E: e quando você conseguiu abrir o consultório?

M: foi em março do ano passado. Estava atendendo nesse outro lugar o CMDB, aí tinha uma amiga minha que alugou esse consultório com outra menina, e aí quando foi em março do ano passado, eu já estava de saco cheio de ganhar pouco, ela me convidou pra atender aqui. Aí eu me associei com ela.

E: vocês dividem?

M: isso.

E: você tem bastante paciente?

M: não. Sempre em início de ano é complicado, mas no ano passado eu tinha. Até novembro/ dezembro eu tinha alguns pacientes. Não são muitos, mas ano passado eu estava com dez pacientes que dava pra eu pagar as contas e ainda sobrava uma grana. Acho que porque eu me acostumei a viver com pouco.

E: e esses pacientes vinham de quem?

M: uns indicavam os outros, ou então alguma amiga psicóloga indicava. Mais ou menos assim.

E: você teve algum problema de saúde depois que você veio pra cá?

M: não, sério não. Mas senti que meu sistema imunológico enfraqueceu. Não sei se por causa do clima...

E: e como está no presente?

M: agora eu não tenho que reclamar de absolutamente nada na minha vida. Estou terminando o mestrado, que era meu sonho. A gente era acostumado a viver com pouco então a gente juntou uma grana, aí eu consegui uma bolsa, e compramos um terreno em Sobradinho. Já terminamos de construir a casa, ou seja, não pago mais aluguel, me considero bem no consultório, enfim, tirando a saudade de casa...

E: e você volta lá?

M: sim. Eu volto pra lá umas duas ou três vezes no ano. No ano passado eu tive que ir mais porque uma tia minha faleceu nos braços da minha mãe e ela teve uma parada cardíaca. Mas geralmente eu vou duas vezes por ano.

E: seus pais estão felizes que você está aqui?

M: sim.

E: orgulhosos?

M: Meus pais estão felizes e orgulhosos de eu estar aqui. Mas também isso acaba sendo uma responsabilidade. Porque agora sou o espelho da família, quando eu chego lá parece que chegou Jesus. Então é meio complicado por isso. Até ontem eu tava reclamando com a minha mãe por causa disso, porque eu acabo passando uma imagem de forte, batalhadora. E quando eu quero carinho às vezes não sou correspondida.

E: Você acha que ficou muito como a auto – suficiente da família?

M: é bem por aí.

E: em relação à Brasília mais especificamente, o que você gosta e o que não gosta?

M: essa aí é difícil, porque eu acabo gostando de quase tudo, da organização da cidade que hoje em dia pra mim é simples. Eu acho que quando eu penso no que eu não gosto eu penso em relação, nas relações interpessoais, é algo que ainda me incomoda. É tudo muito próximo e ao mesmo tempo muito distante.

E: diferente do nordeste, né?

M: em tudo. Lá no condomínio eu não conheço ninguém nem meu vizinho. Isso é o que eu não gosto daqui.

E: do que você mais sente falta?

M: sem dúvida, é da minha família.

E: da praia, de João Pessoa, nem tanto?

M: pode – se dizer que sim, mas é bem mais distante. Já teve vezes que eu voltei pra lá e nem fui pra praia. Mesmo porque, a falta que eu sentia anteriormente dos amigos agora eu não sinto mais. A gente nem se escreve mais tanto e tal.

E: então você diria que gosta daqui?

M: gosto.

E: talvez mais pelas coisas que oferece a você, do que em relação ao lugar em si?

M: sim

E: poderia ter sido em outro lugar?

M: sem dúvida. Eu acho que não é que eu goste de Brasília, eu gosto da vida que eu tenho aqui. E de fato poderia ser em qualquer lugar desde que me proporcionasse as mesmas possibilidades.

E: certo. E quais são seus planos pro futuro?

M: pra um futuro assim bem curto, é ir pra um congresso agora em Madrid, que estou juntando grana.

E: você já viajou pra fora?

M: pra fora nada!

E: e mais pro futuro? Você quer permanecer aqui?

M: hoje em dia eu já me vejo aqui por que eu já tenho uma casa, essa coisa que já vem trazendo raiz, mas também se eu arranjar um emprego melhor em outro lugar eu vou sem o menor problema. Claro que hoje vai depender muito da Joana, porque antes eu vim e ela veio agora a gente se vê mais como família. Eu penso em fazer doutorado mas não nesse ano, mas penso em fazer ano que vem. E não sei se você percebeu, mas quando eu vou falar de mim a questão profissional é primordial. Eu acho que é por aí mesmo, minha família nuclear hoje em dia tem o mesmo amor, mas, querendo ou não, os vínculos são outros. Quando eu chego lá às vezes me causa uma estranheza. Tipo nos dois primeiros dias beleza, mas quando eu vou ficando mais, aí já...

E: você não pensa em voltar pra lá não?

M: não. Quando eu penso em João Pessoa, eu tenho certeza que eu iria morar em outra casa, mesmo que eu não tivesse com a Isabelle. Mas eu não tenho esse desejo. Talvez depois quando eu terminasse o doutorado e passasse num concurso pra UFPB, talvez eu volte (RS).

E: se você não tivesse mudado pra cá como você imaginaria sua vida?

M: quando eu penso isso eu acho que, até porque eu vejo minhas amigas que terminaram o curso lá, não seria muito bom. Ou eu teria me formado em Psicologia e terminado vendendo roupa na C&A, como boa parte das minhas amigas. Tenho até uma amiga que veio pra cá a pouco tempo e já tem três empregos, que montou um consultório ótimo lá, num lugar ótimo e já fechou. Então das duas possibilidades uma, ou eu não teria tanto sucesso em Clínica, como psicóloga clínica estaria vendendo roupa ou algo assim, ou eu teria feito mestrado em Psicologia Social e simplesmente não estaria feliz.

E: você acha que estaria morando com sua companhia se estivesse lá?

M: não sei. Na mesma casa acho que a gente não estaria. Acho que não ficaríamos juntas como a gente está aqui.

ENTREVISTA 6 - LUÍS

E: Nascido aonde?

L: Porto Alegre.

E: os pais são de Porto Alegre também?

L: não. Meu pai é de Palermo – Itália, e minha mãe é do interior do Rio Grande do sul, esqueci o nome da cidade! (RS)

E: mas a família dela é toda de lá?

L: é.

E: seu pai veio pro Brasil com o seu avô? Ou sem motivo nenhum?

L: veio com o pai dele.

E: veio criança ainda?

L: não, eles vieram na Segunda Guerra Mundial.

E: então eles vieram fugindo?

L: isso. Meu pai já não era criança.

E: e seu pai ainda é vivo?

L: é. Mora em Porto Alegre.

E: seus pais estão juntos ainda?

L: não. Há muito tempo estão separados.

E: eles separaram quando você ainda era criança?

L: minha mãe se separou do meu pai quando estava grávida de mim.

E: você tem irmãos?

L: não. Sou filho único.

E: você tem contato com o seu pai?

L: atualmente não tenho contato com meu pai. Faz uns dois anos que a gente brigou. Desde que eu vim pra cá. Então até o momento não fiz contato com ele. Mas na infância eu tinha.

E: você nasceu em Porto Alegre em passou a vida toda lá?

L: a vida toda.

E: então Brasília é o primeiro lugar que você mora fora?

L: isso.

E: você tem família numerosa lá? Por parte de mãe?

L: tenho. Bastante. Minha mãe teve doze irmãos. Só um tio meu tem quinze filhos. Tem outro que tem cinco ou seis. Acho que minha mãe foi a única que teve só um, e acho que tenho uma tia que mora no interior que não tem filhos.

E: mas por que isso? Será que porque o pessoal é do interior?

L: não sei...

E: sua mãe faz o que?

L: minha mãe é funcionária pública aposentada.

E: e seu pai?

L: meu pai era comerciante, mas hoje está aposentado também.

E: você teve alguma doença mais grave durante sua infância e adolescência?

L: tive. Teve uma vez que eu tive uma gengivite com início de piorrêia. Acho que foi o mais grave que eu tive.

E: com que idade?

L: doze ou treze anos.

E: mas você teve que ser internado e tudo?

L: não, eu quase tive que operar. Mas eu fiz o tratamento e não precisei.

E: você já teve algum tipo de depressão?

L: já tive.

E: na adolescência?

L: sim, no final da adolescência.

E: lá em Porto Alegre você morava com a sua mãe?

L: isso. Eu só saí da casa da minha mãe quando eu me casei.

E: e tem quanto tempo que você se casou?

L: faz uns quatro ou cinco anos.

E: e como era sua relação com sua mãe até então?

L: até que a gente se dava bem. Mas eu sou muito chato e ela é muito chata então a gente batia de frente às vezes. Mas acho que era uma relação normal como de todo filho e mãe.

E: mas vocês eram muito grudados, dependentes um do outro?

L: não. Acho que essa era nossa principal briga porque eu sempre quis me desgrudar e minha mãe sempre tava no meu pé. Eu sempre quis andar com as próprias pernas.

E: e no colégio? Você terminou o segundo grau?

L: sim.

E: ia bem na escola?

L: eu nunca fui um aluno tão estudioso, mas eu nunca fui um péssimo aluno. Na verdade as vezes que eu rodei (reprovei), eu rodei duas vezes a oitava série porque eu só matava aula pra andar de skate. Nessa época eu só queria saber de andar de skate e não queria saber de colégio. Mas no resto nunca tive notas baixas, sempre fui um aluno bom. Não um aluno exemplar, mas um aluno bom.

E: e você chegou a fazer faculdade?

L: fiz. Não me formei, mas fiz.

E: e o que você iniciou?

L: publicidade e propaganda.

E: antes de vir pra cá?

L: sim.

E: e você desistiu ou o que?

L: um pouco antes de vir pra cá eu tinha trancado. Porque já era meu plano vir pra cá e tal. Quando eu vim, minha esperança era transferir pra cá, mas até agora não consegui. Porque eu tenho muito trabalho e por causa de grana, também.

E: mas você pretende terminar mais pra frente?

L: com certeza.

E: e Porto Alegre, pra você? Você gostava?

L: eu amo Porto Alegre. É uma cidade muito boa pra se viver.

E: você tinha bastante amigos lá?

L: bastante.

E: sua vida lá era boa, ruim, difícil?

L: eu não tinha do que reclamar, assim.

E: você tinha algum motivo de vir pra cá, além do casamento?

L: eu sempre digo que é cinquenta por cento porque minha esposa veio pra cá, e cinquenta por cento porque eu também queria mudar, estava cansado de lá. Porto Alegre é muito bom, hoje eu vejo Porto Alegre como meu porto seguro. Mas não é uma cidade que te dá muitas oportunidades de você crescer na carreira, sabe?

E: e como foi essa decisão de vir pra cá? Foi sua esposa que decidiu?

L: ela que decidiu por causa da mãe dela. A mãe dela já morava aqui e ela veio pra tentar um mestrado na UNB. Ela veio primeiro e acho que a gente ficou separado quase um ano. Ela aqui e eu lá e a gente se via de três em três meses. Na primeira vez que eu vim pra cá, eu vim pra conhecer mesmo. Só pra ver se eu me acostumava com a cidade.

E: mas você já veio pra morar?

L: não eu vim pra passar as férias e conhecer mesmo. Já vim procurando emprego, e tentando agilizar alguma coisa.

E: então assim, inicialmente, a decisão foi dela?

L: foi dela.

E: não foi algo que vocês decidiram juntos?

L: não, a decisão foi dela mesmo (RS)! Pra mim era muito difícil decidir isso, na época, porque eu estava numa situação muito confortável. De emprego, tava trabalhando há quatro anos numa empresa que pagava bem, e era difícil pra mim sair daquela vida. E quando eu decidi foi porque eu queria mudar um pouco, sabe? Dar um passo mais a frente, na carreira.

E: mas foi fácil tomar essa decisão?

L: não foi fácil.

E: então ela veio e você ficou ali, ou você vinha, ou você...

L: ficava sem mulher. Também tinha isso. Mas isso foi muito conversado entre nós, se eu quisesse vir não seria só por causa dela, mas porque eu queria alguma coisa aqui. E quando isso se tornou real, quando eu vi que podia ter uma vida que fosse legal pra mim, mesmo não estando com ela, que eu tomei o passo de vir pra cá.

E: nessa primeira vez que você veio, qual foi a impressão que você teve? Você já conhecia Brasília? Conhecia alguém aqui?

L: não conhecia Brasília. Mas eu adorei! Achei tudo diferente de todas as cidades que eu tinha conhecido. Se eu não tivesse gostado daqui nessa primeira impressão, eu acho que eu não teria vindo. É como dizem, não existe a segunda oportunidade por causa da primeira impressão, e a minha primeira impressão foi a melhor que eu tive.

E: e aí passou quanto tempo dessa primeira impressão até você vir?

L: seis meses. Eu vim em fevereiro, passei minhas férias aqui. E depois eu vim em julho, e nessa segunda vez eu vim já querendo emprego. Alguma coisa que eu pudesse voltar pra Porto Alegre, pedir demissão e voltar pra cá trabalhando. E foi o que aconteceu.

E: e foi fácil você tomar essa decisão de largar tudo e vir?

L: nessa época já tava fácil.

E: você já tinha alguma coisa engatilhada aqui?

L: já. Foi até muito engraçado porque eu vim das minhas férias, que eu passei quinze dias aqui, e passei procurando emprego que nem um louco. E quando eu tava voltando pra Porto Alegre, tinha três empregos pra me dar resposta.

E: na área de publicidade?

L: é. E eu me lembro que eu comecei a trabalhar na segunda, isso em Porto Alegre já, e numa terça me ligaram falando que eu tinha que estar em Brasília na quinta feira. Eu disse pra eles terem calma porque eu estava me mudando e tal e disse que segunda eu poderia chegar. E foi o que aconteceu. Pedi demissão na mesma hora. Deixei minha mudança pra ser feita com a minha mãe e a avó da Bete (esposa). Elas que ajudaram tudo, botaram as coisas no caminhão e tal.

E: e você queria vir mesmo?

L: queria.

E: e quais eram suas expectativas, seus desejos em relação a essa vinda pra cá?

L: ah de início eu achei que ia ficar rico (RS)! Não sei, eu achei que Brasília ia me trazer alguma coisa mais profissional, assim. E até hoje é muito profissional. É uma coisa bem diferente de Porto Alegre, porque eu trabalhava lá e eu esperava crescer. E aqui eu cresci mais em dois anos do que eu cresci o tempo todo que eu trabalhava em Porto Alegre na mesma área.

E: e em relação ao casamento?

L: era o seguinte, a Patrícia ainda estava estudando muito e a minha pretensão era que logo depois a gente tivesse um filho. Mas depois que eu vim pra cá durou seis meses o casamento, porque ela queria outra coisa profissionalmente.

E: concurso? Além do mestrado?

L: é, ela estava estudando pra tudo. Concurso, mestrado. E eu tava ali vivendo a propaganda na prática. E é uma relação não tem hora pra entrar, não tem hora pra sair. E eu vim pra fazer campanha política, então era relação demais.

E: você tinha mesmo a expectativa de ficar rico?

L: sim. E fora isso eu sempre quis morar fora de Porto Alegre. Durante muito tempo eu alimentei isso. Mas na verdade eu não iria morar dentro do Brasil, a minha esperança era fazer um intercâmbio na Itália, algo assim.

E: você tem cidadania Italiana?

L: sim. E quando apareceu essa oportunidade de vir à Brasília, eu achei que poderia ser quase a mesma coisa só que talvez mais fácil. Talvez eu tivesse muito medo de ir pra Itália e coisa e tal, de ir pra lá lavar prato, essas coisas que todo estrangeiro chega lá faz. Aqui eu tinha a oportunidade de continuar minha carreira.

E: se não fosse Brasília, dentro do Brasil teria outro lugar que te atrairia?

L: acho que Curitiba, Belo Horizonte talvez fosse legal, não conheço, mas pretendo conhecer. Mas hoje eu não volto pra Porto Alegre. Mas moraria em Curitiba ou BH.

E: isso é possível?

L: bem possível.

E: e antes de vir à Brasília qual era a concepção que você tinha?

L: era uma selva de pedras. (RS)

E: por quê?

L: sei lá, eu achava que era frio. Tipo uma cidade fria, não de clima.

E: as pessoas?

L: não as coisas mesmo serem meio estáticas demais ou meio duronas demais, sabe? Aquelas coisas de que Brasília não tem esquina, sabe?

E: e você achou isso quando veio?

L: de certa forma sim. Tem algumas coisas que me irritam muito em Brasília. Eu gosto dessa coisa futurista assim. E de repente você vê que Brasília nasceu do nada, por causa do sonho de alguém, e ela é construída toda planejada e as coisas funcionam, sabe. E não é assim em Porto Alegre. Lá as coisas vão envelhecendo, ficando ruins, e o movimento é de guardar as coisas velhas e não construir coisas novas, entendeu?

E: então isso, de alguma forma, te seduz? Essa coisa do novo?

L: com certeza.

E: quando você chegou aqui, aonde você foi morar?

L: a gente morou quinze dias na casa da mãe da Patrícia. Logo depois a gente ia conseguir um apartamento lá no Lago Norte. E fomos morar lá.

E: e você gostava?

L: adorava. O ruim é que era longe, porque eu trabalhava no Lago Sul e morava no Lago Norte, então tinha que fazer toda a volta. Mas era bom.

E: e nesses primeiros seis meses, do que você sentiu mais falta?

L: primeiramente da minha mãe, e segundo os amigos. Aí vêm as minhas primeiras dificuldades em Brasília, amizades. De construir, digamos assim, uma turma. E eu senti muita falta disso.

E: esse período, como você disse, coincidiu com a separação. Foi muito difícil?

L: é sempre doloroso. Mas a gente não se separou brigando, a gente entrou em um consenso de que não dava mais, e eu quis, digamos assim, "partir pra carreira solo". E foi difícil porque a gente morou três anos juntos dividindo casa, então é meio complicado.

E: porque eu penso assim: você largou tudo pra vim pra cá, e então aconteceu a separação, se você não tivesse realmente a fim de vir, teria sido muito pior a separação você não acha?

L: com certeza. Digamos que depois que eu me separei foi a minha segunda adaptação. Eu sinto que eu me adaptei ao estilo de vida vivido pela maioria dos brasilienses. Porque daí eu tive que procurar apartamento pra morar sozinho, e aí eu senti realmente que a cidade tinha algumas coisas estranhas. Ela acaba tendo uma magia que separa a gente, não que ela tenha sido culpada da minha separação, mas, por exemplo, aqui no sudoeste a maioria das residências são individuais. E ela nos faz pensar, ainda mais depois da separação, mais pra dentro, ficar mais introspectivo. Também tem uma coisa engraçada aqui que é a quantidade de seitas religiosas, religiões. Cada pessoa tem a sua crença e parece que Brasília te deixa mais próximo dessas coisas. Tipo mais próximo do teu encontro contigo mesmo e com Deus. Eu sei que fiquei mais religioso depois que me separei.

E: e de alguma forma é contraditório, esse isolamento propicia uma busca, não é? Através dessa distância.

L: exatamente.

E: você disse que já passou por uma depressão. Você passou por algo assim aqui no período que você ficou sozinho?

L: tive. Tive momentos difíceis. Não por causa da separação. Mas nesse momento comecei a trabalhar em outra empresa e foi difícil porque já trabalhava demais, fui cobrado demais. Foi quase um inferno na minha vida. E nessa época eu fiquei doente mesmo, que foi quando eu caí na real e pensei até em voltar pra Porto Alegre. Foi muito difícil, mas não por causa de grana, mas porque tava sentindo falta demais dos meus amigos, da família, tudo isso. E aí eu tive que dar um tempo, cheguei à minha chefe e falei que tinha que passar uma semana em Porto Alegre, pra ver se realmente eu queria ficar em Brasília. Aí fui pra Porto, passei uma semana lá, meio que me abastecendo. E voltei não querendo voltar pra lá.

E: por quê?

L: não sei, mas acho que Brasília é melhor pra mim do que Porto Alegre.

E: mesmo longe dos seus amigos?

L: mesmo longe.

E: e nessa época você ficou mal a ponto de ter que tomar remédio?

L: não. Mas eu fiz terapia um bom tempo.

E: você já tinha feito lá?

L: já.

E: você se sente adaptado?

L: totalmente.

E: e você acha que demorou quanto tempo?

L: acho que um ano

E: incluindo os primeiros seis meses?

L: é.

E: e você conseguiu formar um círculo de pessoas, que não sejam só do trabalho?

L: sim. Não são muitos, mas são bons amigos.

E: mas são lá do ambiente de trabalho?

L: hoje até não. Hoje até tenho outros amigos nesse outro lugar que eu estou trabalhando. Fiz boas amizades também.

E: gente daqui ou gente de fora?

L: gente daqui. Mas o meu melhor amigo não é daqui, é de Maceió.

E: você prefere Brasília a sua antiga cidade?

L: acho que sim.

E: por quê?

L: acho que Porto Alegre é muito província ainda. Aqui as coisas chegam mais rápido, acho. No nordeste existe o tal do Coronelismo e no Sul, por outro lado, existem quatro famílias que comandam tudo. E se você não for nem um pouco agregado a eles, as coisas ficam muito mais difíceis. Aqui o valor das pessoas se dá pela competência, lá não. Lá é da onde você veio e quem você é. Rola muito isso.

E: então o lado positivo daqui seria pelas oportunidades, e ser um lugar cosmopolita?

L: isso. Eu gosto dessa questão das oportunidades. Também gosto do clima daqui, não sofro de renite desde que eu vim pra cá. Lá é muito úmido. Eu vim do extremo úmido para o extremo seco. Eu gosto muito de Brasília, mas eu não sei realmente explicar por que.

E: e o que você não gosta?

L: é exatamente a distância entre as pessoas. Eu fui criado nos costumes porto – alegrenses. As pessoas vão às casas das outras. Não é cada um na sua, cada um no seu quadrado. Aqui é um pouco diferente, as pessoas não te convidam pra ir às suas casas. Existe uma certa resistência, o que é delas é delas. E como porto – alegrense eu sinto um falta desse calor humano, de ter um pouco mais de contato fora do bar, ou fora do ambiente de trabalho. Não que eu não tenha, eu tenho, mas isso era uma coisa que eu achava muito estranho, não só eu, mas também minha ex – mulher.

E: mas tem bastante gaúcho aqui, né?

L: tem. (papo)

E: então, atualmente, como você está? Em relação a tudo?

L: atualmente estou feliz em Brasília. Às vezes eu imagino como eu estaria em Porto Alegre. Acho que estaria pior. Estaria mais perto dos meus amigos, teria mais apoio, porque eu ainda me sinto um pouco sozinho, mas eu acho que aqui está bem melhor.

E: você mora sozinho?

L: sozinho.

E: tem carro?

L: não tenho carro. Mas eu consigo me divertir muito aqui.

E: o que você faz?

L: vou pra bares, faço churrasco com uns amigos meus. Esse meu amigo de Maceió, a gente vai a casa dele, toma banho de piscina. Se eu quiser eu tenho coisa pra fazer quase todos os dias. Não fico parado.

E: frustrações?

L: de achar que eu poderia estar muito melhor agora. O plano inicial de vir pra cá, eu olho para trás e penso que não consegui fazer o que queria. Mas acho que é uma coisa que eu ainda estou construindo.

E: o que está faltando?

L: um emprego melhor, oportunidades melhores.

E: você acha que tem isso aqui?

L: sim. Só que ainda tenho que trabalhar pra isso.

E: em relação as pessoas daqui você não se sentiu acolhido, então?

L: não. Com certeza.

E: você namorou depois que se separou?

L: namorei. Eu terminei um relacionamento agora faz três meses. Namorei três vezes.

E: todas as garotas eram daqui?

L: uma era gaúcha e as outras eram daqui.

E: e não quis casar com nenhuma?

L: sim com essa última.

E: você tem esse sonho de casar?

L: depende do que você considera o sonho de casar.

E: mas você tem essa vontade essa vontade de casar?

L: tenho. Mas agora no momento não. Eu acho que nunca dei tempo pro meu coração, sabe. Eu terminei com a minha mulher, duas semanas eu já estava envolvido com outra, e depois terminamos e veio outra e mais outra. Quase não fiquei parado em questão de relacionamento. Agora eu estou dando um tempo.

E: você se arrepende em ter vindo pra cá?

L: não. Mas acho que foi uma loucura minha.

E: você faria tudo de novo?

L: faria. Eu penso, como eu te disse, ir pra Curitiba nas mesmas situações, sozinho, tentar a vida em outra cidade.

E: mas com alguma coisa certa, já empregado?

L: não sei, talvez na tora mesmo. Sair procurando...

E: mas você largaria tudo aqui?

L: mas o que eu deixaria aqui? Meus amigos, mas eu acho que não teria grande coisa pra perder, hoje em dia eu estou mais egoísta, mais brasiliense.

E: e o que você planeja, o que você está a fim de conquistar?

L: gostaria de ganhar um premio de publicidade, to trabalhando pra isso.

E: e quais são as suas opções, você pensa em viajar?

L: eu gostaria de viajar pra fora, por um tempo, fazer um curso no exterior. Ainda são planos de médio ou longo prazo. (papo)

ENTREVISTA 7 - FRANCISCO

Local de nascimento: Fortaleza

E: estrutura familiar. Você tem quantos irmãos?

F: tenho três irmãos, meus pais são casados e vivos. Eu sou o mais novo.

E: você teve algum problema sério de saúde?

F: tive escoliose que foi detectado quando eu fiz exame pro colégio militar. O médico detectou e não queria que eu passasse pro colégio porque era um colégio de formação militar. Mas com muito choro da minha mãe eu consegui entrar. Além desse problema o médico detectou que eu tinha problema no testículo. Aí meu pai nessa situação resolveu que era melhor resolver o problema sexual e nem ligou pra minha coluna. Então ele me colocou no urologista. E então com quatorze anos eu comecei a sentir muitas dores. Fui ao médico e ele me disse que era muito sério e que eu devia usar aquele colete. Mas não adiantou quando eu fui pra outro médico ele me indicou pra cirurgia. Então eu decidi fazer a cirurgia que era de grande risco, mas felizmente foi um grande sucesso. Tive uma vida com poucas namoradas, a namorada que eu fiquei mais tempo foi a mulher que eu escolhi pra casar. No início da relação tivemos tentativas de relação sexual, mas essas tentativas foram meio frustradas porque eu tinha um problema muito feio de ejaculação precoce. Ela também tinha um problema que dificultava um pouco a relação sexual. Então nos procuramos ajuda médica e nos últimos dois anos eu nós conseguimos ter uma relação sexual.

E: tinha também a questão da ansiedade?

F: sim

E: desde a adolescência?

F: sim. Ela é muito forte em relação à fobia de sangue que continua até hoje. Eu tenho tentado ler alguma coisa sobre isso, mas não tive muito sucesso. Até hoje quando vou tirar sangue eu fico ansioso.

E: a medicação não tem te ajudado nesse sentido?

F: não. Nos vezes recentes que eu fui tirar sangue eu até criei esperanças de não desmaiar só que essa esperança só me deixou mais ansioso eu acabei desmaiando.

E: então você sofre de fobia mais direcionada a isso. Não é uma síndrome do pânico?

F: não, eu tenho uma fobia específica de sangue. (papo)

E: você morou em Fortaleza de que idade a que idade?

F: de zero a vinte um anos eu morei em Fortaleza.

E: e depois?

F: depois eu morei de vinte e um aos vinte três em Recife.

E: sozinho?

F: não, eu dividia apartamento.

E: mas você foi sozinho?

F: sim.

E: nessa primeira mudança pra Recife você sentiu alguma dificuldade?

F: senti bastante. Muita saudade da família, eu ia muito a Fortaleza, porque é perto, mais ou menos de três em três meses. E uma coisa que acontecia comigo era que na primeira semana que eu chegava a Recife eu ficava muito ruim. Meio deprimido, não falava muito com as pessoas. Também procurava fazer atividades domésticas. Eu não tinha faxineira então pra eu esquecer isso eu fazia muito almoço em casa. Chamava muitos colegas talvez porque eu me sentisse muito sozinho. Também lavava roupa, passava, varria a casa. Eu sou assim, concentrado pra estudar eu não estudo mais que duas horas no dia. Então eu passava essa semana ruim e depois eu começava a entrar no ritmo do mestrado e esquecia dessa questão da tristeza e saudade da família e da Juliana.

E: em relação à sua família, você era mais apegado à sua mãe ou ao seu pai nessa época?

F: eu diria que sou muito apegado aos dois mais acho que mais pelo meu pai. Sou muito parecido com ele.

E: e ele também tem esse apreço por você?

F: claro. Tanto ele como ela tem apreço por mim.

E: seu pai é advogado?

F: sim

E: e ele é conhecido lá onde ele mora?

F: não, ele não é muito bem sucedido como advogado, é mais por conta que ele assumiu os negócios da família.

E: é uma família grande, importante de lá?

F: na verdade eu não sei bem, mas eu sei que meu avô deixou herança, e como a família é pequena meu pai meio que cuidou disso.

E: e você sabe o que o seu avô fazia?

F: meu avô era um empreendedor. Acho que ele não tinha nem o primeiro grau completo. Ele comprava um terreno, contratava gente para construir nele e alugava a casa. Isso que ele fazia.

E: ele era de lá mesmo?

F: sim. O meu bisavô casou quatro vezes e meu avô teve trinta e seis irmãos. Por isso acho que ele nem conhecia o pai dele direito. Então ele ralou e conseguiu montar esse empreendimento.

E: e seu pai é de Fortaleza ou do interior?

F: do interior. De Sobral. E eu nasci em Fortaleza.

E: depois que você estava em Recife...

F: aí eu voltei para Fortaleza.

E: e ficou quanto tempo?

F: eu fiquei dois anos, ou um pouco menos. Eu voltei pra Fortaleza e nessa época eu tinha um certo desejo de ir morar nos EUA porque a Juliana tinha ido morar lá pra fazer mestrado. Era uma forma de eu fazer o meu doutorado, mas eu queria mesmo me reaproximar da Juliana. Então eu estudei para todos os exames, tive alguns insucessos nas provas, e não consegui a bolsa. Então eu desisti. Naquela época eu tinha uma decisão de ir pros EUA mesmo sem a bolsa de doutorado, para morar lá e tentar a vida com a Juliana. Então aconteceu o "11 de setembro". Com isso eu desisti.

E: e nessa questão de ir pros EUA como ficaria essa questão da família já que era uma distância muito grande?

F: na verdade isso era mais um desejo de reaproximação com a Juliana, e isso estava sendo muito difícil até porque eu sou muito próximo da minha família.

E: então era de alguma forma uma decisão dividida?

F: isso. E também eu estava vivendo bem em Fortaleza, dando aulas, morando com os pais, então foi uma época de decisões.

E: e o motivo da escolha de ir para Brasília? Da decisão?

F: o pai da Juliana morava aqui em Brasília desde 1998. Aí ele vislumbrou uma possibilidade de eu vir para Brasília. Ele queria muito que eu fosse pros EUA porque ele gostava de mim e queria que eu casasse com a Juliana, mas vendo as dificuldades ele me indicou uma pessoa que era influente por aqui. Ele me disse para mandar o currículo porque esse cara era da Universidade Federal. Então ele me passou o contato dessa pessoa e fez uma certa influência para que eu viesse. Então eu liguei para ele e fiz uma espécie de entrevista por telefone e ele me disse que tinha a vaga. Aí eu fiquei muito interessado principalmente pela questão salarial. Porque aqui eu ganharia o triplo do que eu ganhava lá em Fortaleza.

E: quanto tempo demorou para você tomar essa decisão?

F: na verdade foi tudo muito rápido. Foi mais ou menos um mês e meio para decidir isso tudo. O cara da entrevista me deu muita confiança para ir. E eu sabia que se eu quisesse continuar com a Juliana, porque desde o início do nosso relacionamento havia um problema de relacionamento dela com os meus pais, então eu tinha que procurar um local que fosse meio neutro, que não estabelecesse um certo ciúme da relação. Aí eu decidi que era melhor ir para Brasília porque eu ficaria mais perto da Juliana e visitaria meus pais em Fortaleza e ou eles viriam pra cá, porque aí não ia criar uma zona de atrito tão forte.

E: mas já tinha um plano claro da Juliana de vir para Brasília?

F: depois que eu já tinha vindo pra cá, eu fiquei sabendo que o pai dela tinha feito a seguinte jogada. Ele falou que já que eu estava aqui trabalhando com ele, no MEC e tal que eu poderia ir fazer um curso nos Estados Unidos. Ele disse que conhecia o pessoal que conseguia bolsas, e que eu poderia tentar uma. Só que as coisas não aconteceram bem assim. Na verdade eu fui pros EUA, fiz um curso lá, aí eu passei nos exames, só que eu não consegui a bolsa da CAPES.

E: você chegou a ficar lá quanto tempo?

F: dois meses.

E: e do momento que você veio pra cá até você ir pra fora, quanto tempo se passou?

F: foi mais ou menos um mês e meio. Foi muito rápido. Foi o tempo de sair de tudo em que eu estava trabalhando, eu estava dando aula em duas universidades.

E: e o que seus pais acharam disso?

F: de início meus pais ficaram um pouco receosos, mas depois eles vislumbraram essa possibilidade de eu praticar outras coisas de conhecimento, de vivenciar outras coisas. Depois eles ficaram mais confortáveis porque meu pai tem um primo que é militar e justamente nesse período ele tava vindo morar aqui em Brasília. Ele ficou feliz pois eu poderia compartilhar o apartamento com ele. Foi assim que aconteceu. Só que eu cheguei a Brasília em 2002 pra ficar na casa do pai da Juliana e aconteceu um conflito muito grande porque a mãe dela não queria que eu ficasse lá por causa de uma separação que foi um pouco complexa. A Juliana também não queria que eu me envolvesse com o pai dela. Então foi um pouco complicado por causa disso. Eu passei quinze dias lá, e quando eu saí a mãe da Juliana não queria mais falar comigo. Aí eu comecei a procurar apartamento e quitinetes só que eu achei tudo muito caro e muito ruim.

E: e o motivo da vinda. Era um sonho muito mais em relação a esse relacionamento ou também contava a vida profissional?

F: era mais em perspectivas profissionais, porque lá em Fortaleza as oportunidades são muito pequenas. Eu nunca fui um empreendedor para poder montar uma empresa. E aí eu sabia que se eu continuasse vivendo naquela vida eu ficaria muito sobrecarregado, pois eu só tinha um título de mestrado e só o que eu poderia fazer é dar aula em faculdade particular. Mas quando eu vi essa oportunidade de trabalhar com o governo e com salário duas vezes maior pra começar. Acho que esse foi o principal motivo.

E: qual era sua concepção de Brasília antes de você vir? Você já conhecia?

F: eu tinha um amigo que morava aqui em Brasília, e ele falava que aqui era uma cidade interessante, e que aqui era muito superior ao melhor bairro de Fortaleza. As pessoas também falavam muito sobre esse negócio do avião, das quadras, mas eu não tinha idéia alguma do que seria normalmente. Também não cheguei a fazer pesquisas. Pra mim foi tudo realmente muito novo. Engraçado que esse meu colega também não conhecia direito a cidade ainda. Então ele se perdeu quando foi me deixar na 302 sul que era aonde morava meu sogro. Achei o fato de as ruas não terem nome muito esquisito.

E: mas você não tinha escutado que as pessoas eram esquisitas, algo assim? Porque isso é algo que circula lá no nordeste

F: lá o que dizem é que aqui as pessoas vivem intensamente de segunda a sexta e no fim de semana as pessoas vão embora. Que não tem nada pra fazer na cidade, que as pessoas não têm amigos, são frias, tem um receio de falar da vida. E isso é fato. Aqui as pessoas falam muito sobre emprego, concurso público, governo.

E: então você ficou quinze dias na casa do seu sogro e depois?

F: depois fui procurar apartamento, quitinetes e achei uma coisa muito estranha. A primeira que eu vi tinha um cheiro muito forte de mofo e que custava trezentos reais. Com isso lá Fortaleza você aluga um apartamento de, no mínimo, dois quartos e perto da praia ainda. E nesse meio tempo, um cara lá do MEC me disse que tinha um amigo querendo dividir apartamento. E aí eu fui pra casa dele. E isso também foi uma experiência muito ruim. Esse cara já era um senhor e ele tinha uma característica muito peculiar que ele era muito avarento.

E: ele é de onde?

F: de minas. Ele era um cara muito avarento, controlava muito as contas da casa. Teve um dia que ele questionou por que eu tomava dois banhos por dia (RS). Aí eu fiquei dois meses com ele e meu primo chegou de Fortaleza, e ele morava num apartamento na 208 sul. Era uma ap. enorme, e ele morava sozinho. E aí ele me convidou, eu ajudava um pouco nas contas da casa, e foi uma época muito boa porque eu tava morando na naquele apartamentão e ele viajava muito.

E: a questão de você já ter vindo com trabalho fez toda a diferença, né?

F: com certeza. Isso foi decisivo. Eu tenho essa característica de ser muito cauteloso com as minhas ações então antes de dar um passo eu analiso muito. Por isso eu não viria se não tivesse já com o emprego garantido.

E: nesse início, como você se sentia?

F: no início eu tava me sentindo muito só. Meu sogro viajava muito. Nesses quinze dias que eu fiquei na casa dele eu diria que encontrei com ele umas quatro vezes. Eu não tinha carro, eu mal sabia andar de ônibus. Então foi meio difícil nesse começo. Eu tinha até esse meu colega de Fortaleza só que era um cara bem Nerd, ele tava fazendo doutorado na UNB.

E: você sentiu saudade da família do mesmo modo que você sentia quando morava em Recife ou foi diferente?

F: acho que foi diferente. Na verdade na primeira semana que eu tava aqui eu meio que me envolvi com o trabalho, eu achei muito interessante porque eu já estava meio cansado da linha de pesquisa que eu tive no mestrado. Eu entrei pra essa linha de pesquisa porque eu achei que seria mais fácil de fazer o doutorado, mas eu gostava mesmo era de mexer com redes e era o que eu estava fazendo no MEC. Também gostei muito da equipe, eles me trataram muito bem e eu achei até estranho. E depois eu descobri que eles estavam me tratando muito bem, mas porque meu sogro era muito influente. Depois eu fui descobrir que meu sogro era um diretor que comandava oitenta pessoas. Mas ele me colocou numa área que era outra diretoria. Na primeira semana o pessoal da equipe me levou pra passear, pra almoçar e eu percebi que era tudo muito caro. Aí na sexta feira dessa semana eu fui perguntar pra secretária onde ela almoçava (RS) porque o pessoal da equipe já veio me convidar pra almoçar nesses lugares caros. Aí ela me disse que tinha o "Mecão", o

restaurante do MEC. Eu disse “é pra lá que eu vou” (RS). Aí eu comecei a freqüentar o lugar que eu gostava que era com a piãozada mesmo.

E: e você ficou quanto tempo sozinho até a Juliana chegar?

F: um pouco mais de dois anos. Mas aí nessa época eu meio que virei um louco pelo trabalho. Um colega lá do MEC me indicou pra dar aula numa faculdade, e depois cheguei a dar aula de segunda a sábado e também trabalhava no MEC. Eu chegava ao MEC oito da manhã, ficava até cinco da tarde, ia pra faculdade dar aula.

E: isso antes dela chegar?

F: isso.

E: esse movimento todo era por dinheiro?

F: na verdade tem de tudo, por dinheiro, pra não ficar sozinho, também pra fugir um pouco dessas minhas psicoses. Essa questão aí da fobia do sangue, na verdade ela é bem antiga, mas como o problema persiste na minha cabeça, o trabalho me faz esquecer.

E: e você acha que o fato de estar aqui intensificou isso?

F: não, acho que não.

E: você chegou a ficar deprimido aqui?

F: não. Nunca cheguei a ter depressão. Mais ansiedade mesmo. Acontecia, por exemplo, quando eu voltava de Fortaleza pra Recife eu ficava uma semana triste mas depois ficava bem.

E: e isso acontecia aqui também?

F: acontecia. Só que eu ia pra lá com uma freqüência muito menor. Eu vou pra Fortaleza umas duas vezes por ano, no máximo.

E: então a questão do trabalho foi que você mergulhou mesmo?

F: foi. Isso foi até difícil no início do casamento. Casamos em 2004 e nesse início eu tava trabalhando muito. Eu a via no sábado à tarde e no domingo.

E: e problemas físicos? Você teve?

F: não. Na verdade eu evitava todo tipo de check-up. A minha necessidade de fazer um check-up foi quando eu procurei ajuda psicológica. Então eu fiz e o médico disse que eu estava com a pressão muito alta. O médico então ficou muito envolvido com o meu caso e a gente acabou descobrindo que ele era um parente meu, muito distante. Ele me disse que era pra eu procurar um psiquiatra.

E: pela questão da fobia do sangue?

F: pela fobia, ansiedade.

E: a questão da sexualidade veio de segundo momento?

F: veio meio que em paralelo. Nessa hora que eu fui fazer o check-up, eu tava na ansiedade de resolver todos os meus problemas físicos. E eu estava pensando que já que eu ia casar, nos íamos ficar muito mais tempo juntos e o número de tentativas iria aumentar e a coisa poderia se resolver naturalmente. Essa era nossa esperança. Ela mesmo me disse que não precisava procurar ajuda médica. Só que aí eu procurei um urologista. Ele me indicou um medicamento para ansiedade e me disse pra eu não ler a bula. Eu levei esse medicamento ao meu clínico geral e ele me disse que não era necessário aquela medicação, então me passou outro remédio.

E: você se considera adaptado?

F: sim. Eu acho que eu vivo a vida do brasileiro, que é trabalhar bastante e nos fins de semana ir pros shoppings, passear nas feiras, ir pro eixão. Eu acho que estou bem adaptado. Agora, eu e a Juliana temos estudado a questão dos concursos, porque eu continuo trabalhando muito, mas não ganho o que um concursado no tribunal ganha na minha área. Eu tenho tentado esse movimento de estudar, mas pra mim tem sido difícil largar algum trabalho para isso. E isso me impede de estudar. Na verdade eu diria que não tenho mais saco para estudar.

E: o plano de vocês é de permanecer em Brasília?

F: é.

E: pela questão do trabalho?

F: têm vários motivos. Tem o do trabalho, de ficar longe da família. É uma coisa meio contraditória porque eu gosto da família, mas tenho que ficar longe dela porque eu gosto muito da Juliana também. Mas eu mesmo estando distante da família me sinto muito próximo. Até porque é muito fácil pegar um vôo, tem muita promoção. Têm também alguns familiares que estão vindo morar aqui. Tem uma prima que passou num concurso e está vindo pra cá. E outro motivo são as oportunidades de trabalho, a Juliana tá estudando pra concurso. E aqui a gente tem uma impressão de segurança. Num sei se é uma falsa esperança...

E: com relação à violência?

F: isso. Por exemplo, eu vou pro trabalho todo dia de ônibus, pego aqui na L2. Agora lá em Fortaleza mesmo de dia quando se está na parada de ônibus tem que ficar olhando pra um lado e pro outro. Aqui você pode andar de relógio dentro do ônibus, em Fortaleza eu nem saio de relógio. Então eu tenho essa impressão.

E: você está feliz com relação à cidade?

F: estou. Tirando no mês de setembro que eu acho muito quente e seco. Me incomoda muito.

E: e a questão das pessoas te incomoda ainda ou você conseguiu fazer amigos?

F: eu penso assim, os meus amigos são amigos do meio que você se relaciona, ou seja, no trabalho. E eu já tive várias experiências de trabalho aqui, e você tem amigos intensos no trabalho e sai do trabalho os amigos todos somem. É uma coisa muito normal. Uma coisa também é que dificilmente as pessoas nos convidam para almoçar em suas casas. Eu fazia muito disso, mas recebi poucos convites. Também tem aquela história do “vamos marcar alguma coisa” e nunca marca.

E: mas você ser casado faz toda a diferença. Como você acha que seria a sua vida se não fosse casado? Porque assim (casados) vocês não dependem tanto de outras pessoas.

F: sim, com certeza. Eu sinto uma necessidade, uma falta de estar com pessoas. Talvez por isso eu goste de dar aulas. Eu acho que não me adapto bem morando sozinho. Nunca morei sozinho, sempre procurei dividir apartamento e até quarto eu dividi lá em Recife.

E: e do que você sente mais falta? Ou de quem?

F: da minha família.

E: de Fortaleza em si?

F: não. Para falar a verdade eu me acostumei com o clima de Brasília e quando eu chego a Fortaleza passo dois dias inquieto. Com calor e muita transpiração. Eu me adaptei muito ao clima daqui, até alergias que eu tinha em Fortaleza melhoraram.

E: e você ainda acha que Brasília é uma terra de oportunidades?

F: ah, não. Eu me preocupo porque acho que a densidade populacional aumentou muito e acho que não tem emprego suficiente. Então as pessoas têm arriscado a fazer bicos e cobrar muito caro porque sabem que existem pessoas aqui que

ganham muito bem. A cultura aqui está girando em torno dos serviços. Porque aqui não tem um setor de indústrias forte. Um dia desses eu contratei um rapaz pra fazer um furo de um quarto pro outro e ele me cobrou oitenta reais! Aqui por exemplo eu coloquei todas as luminárias porque o cara queria cobrar trinta reais por luminária.

E: você se arrepende de ter vindo pra cá?

F: não.

E: se você não tivesse vindo, como você acha que seria sua vida? Você teria ficado lá?

F: acho que sim. Talvez eu não tivesse casado, não sei se a Juliana teria voltado dos Estados Unidos pra Fortaleza, não sei como estariam minhas condições de trabalho. Talvez eu estivesse lá dando muita aula e até tivesse um sucesso nisso. Mas eu não sei como estaria, talvez estivesse com os meus pais...

E: e se transferir para o Serpro de lá você não pensa?

F: não. Tenho até a oportunidade agora, se eu quiser pedir transferência daqui, porque eu estou trabalhando numa área que também tem em Fortaleza e em todo o Brasil. Se eu quiser eu posso me transferir pra qualquer lugar, mas eu prefiro ficar aqui.

ENTREVISTA 8 - ANTÔNIO

E: Nascimento?

A: 25/10/75, 32 anos.

E: Quantos filhos?

A: 15. Morreu um tem 14 agora.

E: seus pais faziam o que lá?

A: só na roça. Interior de Ipaporanga, Ceará.

E: tem seca lá?

A: seca demais. Foram colocar energia lá tem 3 anos. Teve uma vez que passou 5 anos sem chover.

E: e o que dá lá na roça?

A: a gente sobrevive lá do que a gente plantava. Arroz, feijão, milho e mandioca. Carne que a gente comia era de umas ovelhas que a gente criava, porco e galinha. Só do que a gente tinha. Dinheiro ninguém tinha. Eu fui criado comendo só feijão mesmo, feijão com farinha. A gente plantava feijão e guardava pra comer durante a seca. Lá chove 4 meses e o resto é seco. A gente plantava a mandioca e fazia a farinha. O arroz era difícil dar por que precisa de chuva. Acabava rápido.

E: a família era humilde?

A: humilde. Bem humilde mesmo. Na seca mesmo não tinha como vir dinheiro de lugar nenhum. Não trabalhava pros outros. Trabalhava pra comer. Não tinha de onde vir dinheiro de lugar nenhum.

E: mas a terra era de vocês?

A: a terra era nossa.

E: seus avós eram de lá também?

A: eram. Meu avô morreu e tinha muito filho também. E dividiu. Deixou a terra pros filhos. Deu pouquinho pra cada um. Ai meus irmãos.. assim... de acordo eles foram começando a completar 18 anos, São Paulo. Ia pra São Paulo.

E: por que?

A: atrás de emprego, né?

E: e por que era São Paulo?

A: é porque o lugar mais que tinha emprego nesse tempo, trabalhar naquelas construção civil.

E: você é o mais novo?

A: não. Ainda tem outro ainda.

E: seu irmão mais velho tem que idade?

A: acho que tem 55.

E: já era uma tradição esse negócio de ir pra São Paulo?

A: é. Completou 18 anos. É todos. Não tem um que ficou lá. As mulheres não. De 5 mulher foram 3. As outras ficava Lá.

E: mas quem que determinava isso?

A: era a gente mesmo.

E: mas seu pai falava?

A: o pai da gente falava. Que era pra gente conseguir alguma coisa. Por que lá não tinha como conseguir nada. Ele falava, que pra conseguir alguma coisa tinha que se virar. Por que estudar não tinha como. Lá não tinha colégio... na época onde tinha colégio era 12 quilômetros. E nesse tempo não tinha carro pra levar, não tinha nada. Agora hoje eu vou lá e tem carro pra levar, tem tudo.

E: e por que ninguém ia pra Fortaleza?

A: Fortaleza não tem emprego. Até hoje não tem. Assim, o pessoal lá de casa mesmo, meus irmãos mesmo tudinho, nenhum, nunca nem foram em Fortaleza.

E: mas esse lugar é longe de Fortaleza?

A: 380 km. Mas nunca andaram em Fortaleza. Todos. Meus pais mesmo são de lá, nasceram e se criaram mas nenhum dos dois, nunca andaram em Fortaleza. Meu pai tem 72 anos, a minha mãe tem 70 mas nenhum dos dois nunca andaram em Fortaleza. Nunca viram praia, nunca viram nada disso. Nunca, nunca. Eu vim ver praia tem 3 anos. Lá em Fortaleza. Agora que eu voltei pra visitar, depois que eu casei. Minha esposa queria passar por lá. Três anos. Eu nunca tinha visto. E meus irmãos, os poucos que viram, acho que tem 2 que viram, mas foi em São Paulo, em Santos. A vida da gente era assim. Ai começou a melhorar assim. Teve uma seca lá que passou uns 4, 5 anos sem chover. Acho que eu tinha uns 4 anos.

E: nessa época como fizeram? Passaram fome?

A: não. Vinha água num carro pipa de Fortaleza, vinha deixar pra gente. Tomar banho mesmo ninguém tomava. Eu mesmo não tomava. É difícil tomar banho. A água que tinha era só pra beber mesmo. Ai vinha a água, enchia todas as cabaças, balde, tudo.. e o gado mesmo morreu todo. Papai tinha umas vacas lá, umas 10, morreu tudo. Tinha umas ovelhas, umas 40, morreu tudo, umas galinhas, teve que comer tudo. E ficamos sem nada. Dava meio-dia eu chorava. Eu lembrando hoje chega dói. Chorava de manhã pra comer...

E: por que?

A: não tinha comida. Nem farinha, cara, que hoje em dia... açúcar, minha mãe escondia o açúcar debaixo do chão. Que era pra fazer o café. La o pessoal é muito viciado em café. Se deixasse a gente comia. Se deixasse fora a gente comia mesmo. À noite também a gente ficava chorando, sem comer nada.

E: isso você novinho.

A: novinho. Até os meus oito anos eu lembro muito bem de eu chorando com fome, entendeu? E minha mãe e meu pai não podia fazer nada. Ia trabalhar onde? Não tinha nada. Era só esperar, entendeu? A única coisa que tinha mesmo era o governo que dava uma tal de cesta básica. Não sei como chamava antigamente. Era uma cesta que dava mas acabava em 5 dias. Mas todo mês vinha de Fortaleza o caminhão...

E: e todo mundo na mesma situação na cidade?

A: todo mundo. Era pouca gente que tinha as coisas. Lá em casa tinha dia que não acendia nem o fogo, não tinha energia nem nada. Pra comprar querosene não tinha dinheiro pra colocar na lamparina, à noite. Lenha tinha muito. Na sequidão. Só não tinha comida pra fazer. Arroz era dia de domingo. Papai dava um jeito de guardar o arroz para domingo. Comia feijão e arroz. Ai veio melhorando mais quando meus irmão foram pra São Paulo. Eles trabalhavam lá nas construção lá e mandava dinheiro.

E: isso nos anos 80, né?

A: é. Bem na época que todo mundo ia pra lá.

E: mas isso era um negócio generalizado lá? Ou só na tua família que mandava os filhos pra São Paulo?

A: era só na minha família não. Era todos lá. Todos lá do interior que eu morava era assim.

E: agora o primeiro que foi já conhecia alguém lá em São Paulo?

A: eu não lembro. Eu sei que um foi e desse um foi levando todos. Depois do primeiro. Tipo eu mesmo. Depois que eu fui, fui eu que incentivei o caçula a ir. Entendeu? Ai era assim. A gente recebia o dinheiro que vinha de lá e fazia a festa. Comprava saco de arroz, saco de feijão...

E: todo mundo que ia mandava dinheiro, ninguém sumia no mundo não...

A: ninguém sumia no mundo não. Era carta, quase todo mês mandava carta, quase todo mês mandava um pouquinho de dinheiro. O que sobrava lá ele mandava. Não pagava aluguel nem nada, porque morava mesmo na obra...qualquer dinheiro que ganhava já mandava.

E: e fazia diferença esse dinheiro...

A: nossa!! Como fazia! Demais! A gente fazia a festa mesmo. E meu pai no lugar de comprar carne ele comprava osso. Ia pra cidade e comprava osso pra gente comer com feijão.

E: osso?

A: saco de osso. Hoje em dia ninguém vê mais isso lá.

E: fazia o que? Caldo?

A: caldo. Cozinhava junto com feijão. Jogava os ossos..

E: derrete depois? Ele dissolve?

A: não. A gente raspa aqueles nervos que fica no osso, e aquele tutano que fica no osso. A gente comia muito isso também. E aquele restinho de carne que ficava no osso, a gente raspava aquilo e chupava os ossos. Meu pai comprava de saco.

E: pra render mais?

A: pra render muito. Aquele montão assim de filho.

E: tem pai ainda é vivo? Mora lá?

A: é vivo. Mora lá ainda. Ta bem velhinho, é cego, não caminha mais. 72 anos. Fica na cadeira direto.

E: foi muito trabalho, né?

A: muito trabalho. Ele cegou por causa do suor. De tanto suor o médico falou.

E: e tua mãe?

A: minha mãe ta com 70, mas ta bem...

E: mas agora a situação financeira melhorou...

A: melhorou. Os 2 se aposentaram. Mas só por causa do aposento dos dois, entendeu? Mas se não fosse.. hoje em dia já tem 3 anos que tem energia, tem geladeira, televisão... eu casei aqui e falava tudo isso pra minha esposa. Ela não acreditava. Ele veio acreditar quando eu levei ela lá.

E: sua esposa é daqui?

A: é. Ela não acreditava nas histórias que eu falava. quando ela foi La ela acreditou. A gente dormindo a noite lá, as portas de madeira, os buracão bem grande nas portas, a casa feita de barro...

E: e você tinha problema de saúde quando era pequeno?

A: o único problema que eu tive era febre. Mas eu sempre fui magro e sempre fui assim meio amarelado, entendeu? E eu lembro que eu ficava caçando passarinho de estilingue, e eu sentia muita tontura no meio do mato lá. Eu andando lá. Hoje eu lembro disso. E uma dor bem aqui mesmo na nuca. A doença lá era febre, por que a gente tomava banho lá naqueles lagos...

E: e os passarinhos, tu comia?

A: comia. Matava passarinho pra comer com feijão.

E: e tu não ia pra escola não?

A: era assim. A gente trabalhava na roça e a escola era à tarde. Eu fiz até a sétima série. Na primeira série eu fiquei 3 anos... hoje em dia passa tudo...mas no meu tempo era assim. La no interior só ensinava até a quarta série. Aí depois tinha que estudar na cidade. Na cidade não tinha transporte pra gente ir. Eu consegui ir pra cidade ainda dois anos.

E: você começou a trabalhar na roça com que idade?

A: cinco anos. Ficava na roça. Ia todo mundo. Eu não tinha que trabalhar, mas eu tinha que ficar lá, debaixo de uma moita, alguma coisa. Ia todo mundo. Mulher, menino...

E: calor?

A: era um calor danado. A gente ficava lá debaixo de uma moita e só vinha meio dia mesmo.

E: brinquedo tinha pouco...

A: não existia brinquedo. Brinquedo nesse tempo era só andar em cima das moitas. Brincar em cima dos pés de árvore. Meu sonho era comprar uma bicicleta quando eu tinha meus 15, 16 anos. E eu louco para completar 18 anos que era pra ir para São Paulo. Pra trabalhar e comprar a bicicleta.

E: e tinha que esperar completar 18 anos?

A: tinha que esperar.

E: e você queria ir?

A: nossa! Muita vontade. Que era pra ter as coisas. Meu sonho era ter a bicicleta. Nesse tempo lá só quem tinha era aquele pessoal mais bem de vida lá.

E: você nem pensava em ficar lá?

A: eu tinha muita vontade, até hoje eu tenho vontade. Toda vez que eu ia para São Paulo eu ia chorando. Ia chorando mesmo. Saía de casa chorando. De deixar, deixar aquele lugar que eu gosto. Tudo. Até hoje mesmo. Tenho casa aqui em Brasília, tenho tudo, mas nossa, tenho saudade de lá. Mas eu saí de lá chorando porque eu me sentia obrigado. Porque quem era que ia me dar bicicleta, a roupa que eu usava.. eu usava a roupa dos meus irmãos... tudo. Até cueca. Completava 18 anos, começava a ficar rapazinho, sem nada. E todo rapaz ia pra São Paulo e consegui comprar uma bicicleta, ficava lá.. tinha aquele dinheirinho pra comprar roupa. Aí eu consegui ir. Completei 18 anos, tirei a minha carteira de trabalho e já fui direto.

E: e você chegou lá e ficou aonde?

A: tinha 4 irmãos meus que moravam num barraco lá. Lá na favela de Heliópolis. Morava num barraco lá de aluguel. Barraco bem miudinho. Muito mais pequeno que isso aqui. Morava 5 irmãos. Era umas beliches. Aí eu dormia no chão com mais dois e três dormia na beliche.

E: e o frio?

A: um frio danado. A gente tinha uns cobertores. Mas era muito frio. Estranhei demais. E louco pra ir trabalhar. Meu irmão trabalhava e me arrumou uma vaga lá no Carrefour. Aí eu fui e comecei a trabalhar nas verduras. Abastecia as verduras. Nesse tempo, rapaz, eu entrava seis da manhã e saía 10 horas da noite. No começo eu até que agüentava, acostumado a trabalhar na roça. E os encarregados e os gerentes, muito ignorante com a gente mesmo... e trabalhava mesmo. Só faltava mesmo era bater na gente. A gente pedia pra ir embora e eles não deixavam, entendeu? Aquilo eu achava bom, porque eu sabia que tava ganhando, entendeu? Aí no primeiro pagamento eu comprei roupa, fita de música, um monte de coisa. Eu fiquei 3 anos no Carrefour.

E: continuava todo mundo no mesmo barraco?

A: continuava. Tinha dinheiro não. Até hoje, um barraquinho lá é muito caro o aluguel.

E: e continuam todos lá?

A: tem três lá e o resto todo morando no Ceará.. um morreu matado na Santa Maria..

E: é? Por que?

A: meu irmão de 45 anos, o terceiro mais velho. Ele tava vindo do trabalho e mataram ele de pedrada e paulada na cabeça.

E: ele tinha inimigo lá?

A: não tinha. Era casado, tinha uma filha...

E: quanto tempo faz isso?

A: tem 2 anos. Era 10 horas da noite. Aí a gente mandou o corpo pro Ceará, pra ser enterrado lá.

E: e nunca pegaram o assassino?

A: pegaram... mas a gente não tem dinheiro... hoje tem que ter dinheiro, era um cara dragado, só vive drogado lá na rua, a polícia ficou 3 meses com ele lá na cadeia e depois soltou. Hoje a gente vai na Santa Maria e vê ele lá na rua. Mas ninguém tem dinheiro pra mexer com advogado, nada.

E: e em São Paulo tu ficou...

A: eu fiquei 3 anos e peguei o dinheiro e fui embora pro Ceará. Fiquei lá 2 meses e o dinheiro acabou. Cheguei lá comprei logo uma moto. Tinha vontade de comprar uma bicicleta comprei logo uma moto. Com 3 meses o dinheiro acabou, as roupas novas tava tudo rasgando e ...

E: e tu voltou pra trabalhar na roça de novo?

A: não. Voltei pra ficar lá na boa, só usando o dinheiro. O dinheiro acabou. Aí o próprio gerente do Carrefour mesmo ligou pra mim de novo... aí começou tudo aquilo de novo.. ter que voltar pra aquela vida de novo... porque lá é assim.. eu só almoçava. Eu não jantava lá em São Paulo. Passei seis anos lá e só almoçava. Nunca jantei lá. Porque era no Carrefour, porque no barraco não tinha fogão, geladeira, nada. A água a gente tomava da torneira. O banheiro era um só pra todo mundo de um monte de barraco. Nem filtro a gente comprava. E toda vez que eu ia de férias pro Ceará o que era pior era a choradeira... nossa... dava vontade de chorar.. tentava segurar mas não agüentava mesmo, porque tava deixando lá a terra mesmo, deixando tudo. Nossa, quando entrava no ônibus dava aquele desânimo na vida... hoje eu fico lembrando...ah eu pensava.. se esse ônibus virasse, capotasse... seria bom para mim. Pra sair dessa vida.

E: era muito ruim...

A: nossa! Você imagina você sair do seu lugar.. passava fome e tudo, mas era livre, me sentia livre. E ir pra um lugar que você não tinha amigo, você entrar dentro de uma favela e ficar dentro de um barraco...

E: e o lugar era perigoso?

A: muito perigoso. Em São Paulo qualquer favela lá é perigoso. E quando entrava dentro do ônibus.. obrigação cara.. não tinha como ficar.. como ia ficar? Meu pai não tinha dinheiro nem trabalho, minha mãe também. Ninguém lá de casa trabalhava. A única chance mesmo era São Paulo. Entrava dentro do ônibus e ficava aquele desânimo.. e sem dinheiro pra nada, e todo mundo parava pra almoçar... só era o dinheiro da passagem. E a mãe fazia farofa, colocava dentro de uma lata, farofa de galinha. Mas a vergonha de comer... de dia... eu com ia à noite, tarde da noite eu comia a farinha com frango frito.

E: o ônibus saía de onde?

A: saía de uma cidade maior perto. Crateúres. Era três dias e três noites de viagem. Chegava lá com os pés tudo inchado. Fome no caminho, dava dor de barriga...

E: você tava sempre sozinho?

A: sempre sozinho. Só fui com meu irmão a primeira vez.

E: essa é a segunda vez que tu vai. E aí vc fica quanto tempo lá em São Paulo.

A: da primeira vez eu fiquei 3 anos, mas todo ano eu ia pro Ceará, de férias. Pegava as férias, no mesmo dia já comprava a passagem e já ia pro Ceará. E era tudo de novo, choradeira no ônibus da volta. Mais um ano de sofrimento. Eu entrava no trabalho seis horas e só saía à noite. Só dormia e trabalho, entendeu? E sem conhecer ninguém, só mesmo do trabalho pro barraco.

E: e valia à pena?

A: valia não, porque não tinha outra opção. Você não conseguia ganhar nada. Eu comecei a trabalhar em 94, o salário era 113. Até hoje tá nas minhas carteiras. Aí foi aumentando até 500. Quando foi com cinco anos que eu já tava no Carrefour já tava em 560. Aí passei pra peixaria, eu era auxiliar de peixaria, e eles aumentaram quando eu passei pra peixeiro. Aí começou a melhorar mais. E eu mandava pro Ceará, eu recebia, comprava minhas roupas e tudo, guardava um pouquinho que era pra comprar a moto... toda vez que eu ia pra lá eu vendia a moto pra poder voltar pra São Paulo. RS. Tirava uma onda lá, mas era 2 ou 3 meses, entendeu?

E: e tu era respeitado quando tu voltava lá, porque tava em São Paulo?

A: era. Pelos pais e tal, comprou uma moto, entendeu? E tudo aquilo...mas rapidão acabava o dinheiro, porque não tinha conta, eu nunca na minha vida abri uma conta e falei assim "eu tenho mil reais na minha conta". Nunca na minha vida. Hoje eu tenho casa, tenho carro mas é porque eu casei e o meu sogro é tribunal de contas, e o salário dele é bem alto mesmo. Aí ele deu uma casa e um carro pra gente. Só isso que ele deu. Pra gente se virar, entendeu? Eu só tenho essas coisas por causa disso. Mas o dinheiro que a gente ganha mesmo é só pra pagar água, luz, telefone...

E: sua esposa faz o que?

A: minha esposa tá terminando faculdade. Ela não trabalha. Tem 27 anos.

E: você conheceu ela onde?

A: aqui em Brasília. Espera aí... aí eu tava em São Paulo, a última vez eu voltei de novo pra lá e o gerente me colocou em outro Carrefour, porque não podia voltar pro mesmo. Aí trabalhei mais 3 anos de novo, mas todo ano ia pro Ceará, e sempre era aquela choradeira na volta. Aí voltei pro Ceará de novo. A terceira vez eu fui mandado do Carrefour humilhado, entendeu? Eu saí de férias e gastei todo dinheiro das férias, 13º e tudo, confiando que ia chegar e tinha o emprego, né? Aí voltei e trabalhei uma semana e fui mandado embora. Quebrado, devendo...tinha saído de férias e me mandaram embora porque o Carrefour fechava meia noite e um irmão do gerente veio comprar um peixe era meia noite e meia. E já tava fechado. Eu falei que não limpava mais, porque eu já tinha lavado tudo e era meia noite e meia, e eu tinha que pegar meu ônibus uma hora lá na parada. Não tem como limpar mais não cara... e eu não sabia que era irmão do gerente o cara.. o cara "você vai limpar sim, você vai limpar agora, eu vou chamar o gerente". O gerente veio ..."você vai limpar agora porque você tá aqui pra isso, você tá aqui pra fazer o que a gente manda". Limpo não. Se você quiser pode limpar, mas eu não limpo não. Aí no outro dia ele me mandou embora. Descobri que o cara era irmão do gerente. E nesse tempo eu quase ia dando esse mesmo problema que eu dou hoje. Eu lembro que à noite eu chorava demais... nossa o que vai ser da minha vida agora? Aí eu chorava à noite e tudo, e agoniado, não conseguia dormir.. agora que eu vim lembrar...depois que eu peguei esse problema que eu vim lembrar. E eu ligava pro Ceará e falava com meus irmãos... e fiquei dois meses lá tentando arranjar emprego, não arranjei e fui embora pro Ceará. Cheguei lá e melhorei, entendeu? Me senti melhor, as pessoas lá me dando apoio e tudo... fiquei bem tranquilo. Quando foi com um mês que eu tava lá, um diretor do Carrefour que me conhecia foi transferido pra Brasília. Foi na época que eles compraram a rede Planaltão que tinha aqui. Aí o diretor de algum jeito descobriu meu telefone no Ceará... tinha uma irmã minha que morava na cidade e tinha um vizinho que tinha um telefone, entendeu? E eu não sei como ele descobriu esse telefone... acho que foi com meus irmãos de São Paulo. Aí minha irmã foi lá no interior e falou que tinham ligado pra falar comigo. Eu pensei logo "é emprego". Na mesma hora eu peguei a moto e já fui pra cidade e liguei pra ele.

E: então você ficava lá bem mas tu queria saber de trabalhar...

A: eu queria saber de trabalhar, mas é que lá é que não tem como trabalhar mesmo. Só quem trabalha lá é quem é parente de prefeito. Se não for não trabalha. Aí tem que ser roça. Só familiar do prefeito mesmo. Aí eu liguei pro diretor e ele falou "Antônio eu tô aqui em Brasília, você não quer vir trabalhar aqui?" "rapaz, eu vou agora!". Era uma terça, na quinta eu já viajei. Tomei emprestado lá... não dava mais tempo de vender a moto, peguei 500 reais a 10 por cento e vim aqui pra Brasília. Foi em 2000.

E: e tu conhecia Brasília?
A: não. Nunca tinha andado em Brasília.
E: e o que tu achava, pensava?
A: eu achava que era uma cidade maior que São Paulo, por que era a capital do Brasil..entendeu? achei que era uma cidade muito maior do que São Paulo.
E: e por que antes você não pensava em vir pra Brasília, já que era mais perto?
A: porque não tinha ninguém aqui. Porque era um levando o outro, e vir pra cá não tinha como.
E: mas o povo lá no Ceará falava o nome de Brasília?
A: não, ninguém. Só São Paulo e Rio. Outro lugar eles não falam. Ai eu vim pra cá com esse diretor, cheguei na quinta, na segunda feira ele já me botou pra trabalhar.
E: e tu veio pra ficar onde, já que tu não conhecia ninguém?
A: tinha uma Irma minha já que morava na Santa Maria. É por isso também que eu já me interessei em vir pra cá. Mas o diretor se ofereceu. "se tu não tiver onde morar vc mora comigo, no meu apartamento..." ele gostava muito de mim porque eu fazia sushi, fazia tudo, entendeu? Quando abria as lojas lá no interior de São Paulo ele me mandava pras inaugurações.. e quando ele descobriu que eu fui mandado embora lá ele ficou louco e me puxou pra cá. Me colocou na rede Planaltão e já, sem eu saber de nada, aumentou meu salário. Me botou pra encarregado. Pra aumentar o salário. Ai eu mostrei serviço mesmo, porque de peixaria eu conheço muito, entendeu? Eu entendo tudo. Não sei fazer outra coisa a não ser mexer com peixe. Mexo com tudo.
E: mas tu aprendeu tudo em São Paulo.
A: foi. Não sabia o que era nada, sardinha, nada. No Ceará o único peixe que eu conheci na minha vida foi tilápia, cará e traíra. Lá não existe outro peixe a não ser isso. Ai eu vim trabalhando animado, nossa, felicidade de ser encarregado, trabalhava...entrava seis da manhã e saía 10 da noite, mas por que eu queria mesmo. Feliz.
E: e teu salário foi pra quanto?
A: agora imagina o salário... o salário daqui é diferente de São Paulo. Lá como peixeiro eu ganho 560. Eu aqui de encarregado ganhava, 430. Mas eu tava empolgado porque era encarregado. O crachá com nome, entendeu? "Encarregado de setor". Com aquilo eu nem ligava. Ficava empolgado com o nome, encarregado de setor.
E: e tu tinha funcionário que tu comandava?
A: tinha 5 funcionários. Eu ficava mais empolgado era com isso. Era chefe. Ficava empolgado com isso, não pensava nem no salário. Rsrtrs.
E: e tu estranhou muito aqui no início?
A: eu achei melhor. Achei melhor por que aqui é parecido com o Ceará. Aqui é muito parecido com o Nordeste.
E: o que?
A: assim, muito mato, entendeu? A gente vê pássaro, não tem aqueles engarrafamentos.. hoje já tem, mas quando eu cheguei não.
E: tu ficou morando em Santa Maria?
A: foi. Fiquei morando até...hoje eu moro no Guará. Eu conheci minha esposa no Carrefour, ela fazendo compra... e eu trabalhando na peixaria. Eu todo sujo lá. Ralando lá... pegou, gostou de mim. Rsrts. E eu todo sem jeito pensando, essa menina não me quer. Ela vai querer um peixeiro todo largado, sujo aqui..
E: foi logo no início que você conheceu ela?
A: não. Mais ou menos 1 ano.
E: mas quando você veio pra cá, continuava voltando pro Ceará?
A: todo ano.
E: mas ainda era a mesma choradeira?
A: a mesma choradeira.
E: mesmo morando aqui?
A: mesma coisa. Até eu indo com a minha esposa, que eu já fui, não me agüento não, quando eu saio de lá.
E: é a terrinha...
A: é a terrinha. Não tem como não, você não se agüenta não. Você vê sua mãe chorando, seu pai, você saindo da porta assim... é triste demais. É triste. Hoje em dia eu choro, mas eu já tenho uma família, meu filho, minha esposa e uma casa. Triste é você ir pra um lugar que você não tem casa, nada. E chegar lá e ser mandado pelos outros. É humilhação vc trabalhar de peão nessas empresas grandes. O cara sabe que você não tem estudo e depende daquilo.
E: e depois você não terminou o estudo não?
A: não tive tempo. Era muito trabalho. Nenhum dos meus irmãos tem estudo. Dos 14 só tem um que terminou o segundo grau. Quem trabalha em mercado não agüenta, chega quebrado, não tem a menor condição de trabalhar. Não agüenta não. Tem dois anos que eu adoei e não consigo ir no Ceará. A minha preocupação é os velhinhos morrerem e eu não ver. Mas eu não consigo. Se eu botar na minha cabeça que vou pro Ceará, cara eu já fico me tremendo todo. Já fica aquele negócio agoniado. Antes eu ligava pra minha mãe, falando no telefone e já chorava. Hoje já to mais tranquilo, de dois anos pra cá que eu adoei. Converso tranquilo, não choro mais... a minha vontade é de voltar lá e passear, pois hoje to tranquilo. Eu fico lembrando de lá, mas não tenho mais vontade, não tenho mais coragem de nada.
E: você veio rapidamente pra Brasília, né?
A: foi. O dinheiro acaba rapidinho e tinha que vir.
E: e quando você chegou aqui, qual era a sua expectativa? Seu sonho? O que vc sonhava? Porque quando você falou que foi pra São Paulo era a sobrevivência..e quando você veio pra cá estava com quantos anos?
A: de 24 pra 25. Eu vim animado, porque fui chamado pelo diretor. Eu achei que o salário ia ser bem mais alto. Mas quando chegou aqui ele falou que ia ser 430 porque o salário daqui é diferente de lá. Mas tudo bem, porque eu era respeitado por todo mundo. Eu era feliz com isso.
E: e você sonhava alguma coisa, com o futuro, vindo pra cá?
A: não. Eu não sentia vontade de vir pra cá não. Só vim mesmo porque fiquei animado com o chamado pra trabalhar.
E: mas nessa época, o que você queria pro seu futuro?
A: eu sempre tive vontade de fazer era trabalhar mesmo no Carrefour. Sempre gosto do Carrefour, gostei mesmo. A última vez que não gostei foi quando fui mandado embora e fui humilhado pra caramba. O que não presta no Carrefour é quando coloca um gerente ruim. Ele pode fazer o que quer. Ele que manda. Quando foi com três anos que eu tava aqui em Brasília, eu tomava conta das cinco peixarias no Carrefour bairro, todo respeitado.

Segunda parte.

E: você acha que ter ficado na casa da sua irmã facilitou sua vida aqui?

A: facilitou, porque eu não sabia lavar roupa, cozinhar, nada... por isso que em São Paulo eu só comia uma vez por dia... e lá eu comia bem, tinha roupa, tudo. Eu ajudava, dava 50 reais, pra ajudar. Eu ficava lá, só não tinha como juntar dinheiro porque o salário era muito pouco. Eu passei pra encarregado com um mês e pouco de serviço. Ficava tranquilo, não tinha estresse nem

nada. O meu estresse aqui veio começar mesmo quando eu virei encarregado. Mas eu gosto muito de Brasília, eu saía, ia pra casa dos conhecidos no fim de semana, ou ia trabalhar no fim de semana, porque eu gostava mesmo. Me sentia bem com os clientes. Eles me adoram, até hoje me ligam e tudo. Mas quando a responsabilidade foi aumentando. Eu não ficava em casa, era só trabalhando. Por isso que eu falo tanto do Carrefour. Eu nunca fui de sair. Aqui eu nunca fui num baile, num lugar de salão, nunca fui no Parque da Cidade. Era igual em São Paulo. Só ia dormir e voltava. Entrava no trabalho 6 horas. Acordava as 4 da manhã. 7 horas a loja abre e tem que estar tudo ok. Pegava o ônibus de 4 e meia. Na rodoviária pegava outro ônibus. Tudo lotado. Em pé.

E: e em relação a São Paulo, você acha que aqui é pior, o transporte?

A: é melhor. Era melhor quando tinha os piratas, porque pra Santa Maria tinha aqueles carros pequenos que fazia pirataria, lotação. Era isso que fazia eu chegar em casa mais cedo ainda. Se fosse depender de ônibus mesmo. Eu entrava as 6 e ficava até... tinha vez que nem voltava. Demora 3 horas pra chegar em casa.

E: mesmo assim é melhor que São Paulo?

A: eu acho. Porque lá eu pegava ônibus, metrô, metrô de novo, saía do metrô e pegava outro ônibus. Eu não contei as vezes que eu trabalhava até meia noite, pegava o último metrô, dormia e acordava lá no terminal no escuro. O pessoal da faxina assustado. Eu saía pra fora e ficava esperando o dia amanhecer. Deitava no chão em lugar que não tinha perigo e esperava o dia amanhecer. De la mesmo voltava pro trabalho. Tomava banho no trabalho também. O barraco mesmo era só pra dormir. O negócio era trabalhar. Em São Paulo eu nunca sai também. Nem eu nem meus irmãos. A mesma história minha é a deles. Ninguém foi preso, usou drogas, nada. Tudo gente da roça mesmo. Até camiseta meu pai proibia a gente de usar. Ele falava que era coisa de malandro. R\$rs. Camisa era social. Eu até agradeço isso.

E: o povo é religioso lá?

A: católico, fiel mesmo.

E: devoto de quem?

A: Padre Cícero.

E: sua mãe fazia muita promessa?

A: fazia. Tem até uma do dia que eu adoeci que achei que ia morrer que tenho que pagar também. Quando adoeci dessa vez agora. Porque eu nunca adoeci na minha vida. Vim adoecer agora que eu achei que iria morrer. E quando eu vi mesmo que ia morrer eu fiz a promessa.

E: e depois de três anos que você tava aqui, quanto tempo demorou pra casar?

A: eu comecei a namorar e com um ano eu casei. Já tava aqui há 3 anos.

E: e foi ela que deu em cima de você?

A: eu atendi ela, e a gente ficou conversando, como amigo, ela me deu o telefone dela.. ficamos conversando, brincando.

E: e tu já tinha namorado aqui?

A: tinha nada! Não saía pra canto nenhum, nada. Só na roça eu namorava.

E: mas não sentia falta quando tava aqui não?

A: até que não. Não tinha nem tempo. Tinha nem cabeça pra isso. Só de conseguir alguma coisa e voltar pra lá.

E: o sonho era o que...?

A: conseguir voltar pra lá e conseguir botar algum comércio lá. O sonho era esse.

E: voltar pra ficar?

A: pra ficar. Não ficar voltando. Quando eu voltava pra lá eu ia todo sorridente. Mas na volta... chegar lá vou ter que ser humilhado de novo. O ruim era isso. Na ida era só coisa boa na cabeça. Eu chego no Ceará parece que eu to livre. Me sinto bem, todo mundo me conhece... pego a moto saio andando tranqüilo, entendeu? Não essa perseguição que tem aqui na cidade grande. Você se sente livre. Ai quando ta faltando três dias pra voltar, meu amigo, aí começa tudo, aquele desânimo... você compra a passagem pra vir para cá... você não aguenta não. Você chora mesmo.

E: e qual foi o significado desse namoro na sua vida, você morando aqui...

A: foi ótimo. Foram os melhores momentos da minha vida foi depois que eu conheci ela. Namorei, tudo, ela tem uma família que tem condições, bem de vida.

E: sua vida melhorou muito.. do barraco...

A: isso. Agora eu moro numa casa no Guará que é em condomínio, uma casa grande com 3 quartos, cozinha, sala, varanda, uma área grande e um carro. Tudo de bom. Só tem coisa boa. La só mora mesmo gente classe média alta. É só casarão. A minha casa é bem bonita, ta toda terminada, mas nenhum centavo meu.

E: como você se sente em relação a isso? De você não ter construído isso?

A: nada. Eu me sinto ótimo. É tipo uma coisa que eu dei sorte. Uma esposa muito boa e muito humilde, cara, muito humilde mesmo...

E: Apesar de ela ter dinheiro ela é uma pessoa muito simples?

A: Ela não tem dinheiro, entendeu, o meu sogro que deu sso ai entendeu, e ele não dá, ele não dá mais. Ele deu a casa e o carro, entendeu? Pra gente começar. E paga a faculdade da minha esposa ele dá todo mês pra minha esposa 1200, pra ir pra faculdade, entendeu, 1200 ele dá, todo mês automático na conta dela.

E: ela faz o que?

A: só estuda, não trabalha. Estuda pra ser professora. Vai terminar agora.

E: e seu sogro foi a favor do casamento?

A: foi. Nossa, ele gosta de mim demais. É ele que cuida, me leva pra todo lugar, entendeu?

E: ele é aposentado?

A: é. Me leva pra todo lugar. Na hora que eu precisar...

E: então as pessoas te receberam bem aqui em Brasília...

A: ótimo, ótimo.

E: você não sentiu o pessoal daqui muito frio não?

A: não senti. A única humilhação que eu tinha aqui em Brasília era só no trabalho mesmo depois que eu passei a ser encarregado.

E: mas isso você acha que poderia acontecer em outro lugar também?

A: humm..

E: la em São Paulo não acontecia também?

A: acontecia. Mas acontecia menos porque eu não era encarregado. Eu era só peixeiro. Não vinha nada pra mim. Se chegasse um cliente, quem vai atender aquele cliente? O cliente vai conversar com você. Quando alguém vem reclamar...o gerente manda é o encarregado da sessão falar. Não é ele não. Cara, eu já fui humilhado, humilhado, humilhado, humilhado mesmo, de vontade de chorar. As minhas pernas ficavam tremendo. E eu não posso falar nada. Tem que ficar calado. Se eu falar alguma coisa, e o 0800 descobrir, eu vou pra rua.

E: humilhado pelo cliente?

A: pelo cliente. Eles humilham mesmo entendeu?

E: como assim?

A: eu ia atender o cliente, ele dizia "você não é o gerente, você é um peixeiro. Você não sabe de nada. Eu quero falar é com o gerente." "senhora, o gerente não tá aqui. A única pessoa que tá aqui é eu". "aqui não existe gerente. Você é um peixeiro. Eu quero falar é com o gerente."

E: você acha as pessoas aqui arrogantes?

A: são muito, muito. Aqui as pessoas, ali no Lago Sul, 310, aqui nesse lado aqui. Não nas satélites. Mas pelo menos aqui no plano, tudo, as pessoas é tudo advogado, "eu sou agente federal, eu sou deputado", tudo isso.

E: e você não é nada. É isso?

A: não sou nada. Eu sou o peixeiro. É isso que eles falam. Eu ia direto na Justiça por causa de detergente que caía no paletó deles. "Po, você não tem responsabilidade não? Botar isso sem tampa. Você sabe quem eu sou?", "sei não". "Eu sou advogado, eu sou deputado". "vou botar na justiça". E chegou a intimação.

E: e qual era o resultado?

A: ganhava. O Carrefour dava outro paletó. Era aquele estresse. Ficava lá discutindo a responsabilidade, entendeu? E isso vai acumulando. E todo dia tem esse tipo de problema. Todo dia. Todo dia. Tipo a última vez agora, foi um cliente que comprou meio quilo de carne meio dia. Esse dia eu tava de plantão. Sete horas da noite ele voltou. E eu tava de plantão. E ele chegou bravo, e era um sábado de carnaval. Ele chegou bravo, se tremendo todinho, só de short e camiseta. "Eu sou agente federal. Quem é o gerente?" aí eu já me assustei. Eu falei "senhor, o gerente não tá mas eu to no lugar dele. Posso resolver?" "eu comprei essa carne estragada. E vou fechar essa loja aqui agora. E você sabe quem eu sou? Eu sou agente federal." Eu fiquei pensando "to enrolado". E a carne não tava estragada, mas ele falou que tava. E ele ficou ligando pra advogado, imprensa. E minhas pernas tremendo. Ele dizendo que ia levar imprensa. E era sábado à noite. Ele passou uns 40 minutos lá esperando, mas ninguém apareceu. Aí ele foi embora. Foi pra delegacia. Rapidão o telefone tocou. O delegado ligou. Eu tinha dito a ele se não queria outra carne ou o dinheiro de volta. É assim o procedimento. Mas ele não queria sair. O negócio dele era fechar o mercado. Ele foi lá fez ocorrência, e depois de 2 meses chegou a intimação. O processo ainda tá correndo. Por causa de meio quilo de carne.

E: e esses seus problemas de saúde começaram quando?

A: teve a vez que eu fui mandado embora do Carrefour de São Paulo, eu lembro que eu chorei muito em casa. Pensando o que eu ia fazer da minha vida. Desempregado. Eu chorava muito à noite, não conseguia nem dormir. Mas sozinho, entendeu? E triste, desanimado com tudo. Aí eu fui pro Ceará e fiquei bom, me sentia bem. Você tem os seus pais que cuidam de você e tudo, sem pressão, sem nada. Você esquece dos problemas. Aí foi na época que me chamaram pra cá. Eu me senti muito bem. Mas depois que o diretor que me convidou foi embora e eu fiquei aqui que começou tudo de novo.

E: então foi a questão do trabalho?

A: eu acho que foi. Porque eu me sentia muito mal. À noite eu não dormia preocupado com o balanço, porque o gerente fazia reunião e falava. Olha, se você no final do mês não atingir a meta de venda, eu vou ter que te mandar embora. Cara, aquilo ficava na minha cabeça.

E: por que você tinha tanto medo de ser mandado embora?

A: é porque eu já tinha casado e já tinha filho. Entendeu? Porque quando era solteiro nem tinha filho eu nem me preocupava tanto. Voltava pro Ceará e tava de boa. E era muita perseguição, ficava 2 fiscais de loja de frente pra peixaria, mas os caras meus amigos. E falavam pra mim. "é o cara que coloca a gente pra ficar aqui de frente pra peixaria em dia de promoção". Eu falava..."caramba, o tanto de moral que eu tinha aqui e agora to numa situação dessa..." to ferrado. Perseguiu mesmo. Os caras mesmo falavam que o meu salário era muito alto, porque era 1000 conto, entendeu? É muito alto e vai ter que me mandar embora. Cara, lá em São Paulo eu ganhava 660 e ninguém falava nada, empresa grande.

E: e teve um dia que você sentiu um negócio... como foi?

A: eu senti. Eu ficava muito ansioso, eu ia trabalhar sem ânimo. em casa tava tudo bem, mas quando eu chegava lá, tinha até vergonha de levar minha esposa. se fosse fazer compras tinha até vergonha de alguém gritar comigo na frente dela. Gritavam mesmo. No meio de todo mundo. Uma vez no Lago Sul o cliente até falou pro gerente. "você não tem respeito não? Não estudou? Que ignorância é essa com o rapaz no meio da loja." O cliente até apelava às vezes. Aí aquilo vai acumulando na cabeça da gente. Algo que tocou muito em mim foi de eu fazer fechamento, e eu moro no Guará e não tinha ônibus. Eu comecei a sentir foi aí. A loja fecha às 23 e o encarregado fica de plantão e fecha a loja. Aí eu ficava de plantão e só saía 2 da manhã. Essa hora não tem ônibus pro Guará. E eu falava pro gerente que não podia fechar porque não tinha ônibus. Não tem. Eu vinha pra rodoviária, pegava m pra Santa Maria ou pro Gama, descia no balão ia à pé até onde eu morava. Uma hora certinho andando à pé, 3 horas da manhã. Passei mais ou menos 2 anos nessa vida. Foi aí que eu comecei a sentir. Eu falava pro gerente..."poxa, vamos ver o horário". E ele falava pra pedir pro meu sogro ou esposa pegar. E minha esposa não dirige à noite porque ela não enxerga bem. Eu ia à pé todo dia, minha esposa pedia pra eu sair do Carrefour e tudo, porque senão eu ia morrer. Eu falava que gosto, e é a única coisa que eu sei fazer na minha vida é trabalhar em peixaria.

E: e porque você não pode arrumar trabalho de peixeiro em outro mercado?

A: Porque ele só pegam se tiver o segundo grau completo. Mas o Extra me chamou, mas foi na época que eu já tava ruim.

E: tem uns 2 anos que tá assim?

A: mais de 2 anos já. Dois anos e dois meses. Mas eu trabalhando. Eu segurando.

E: mas o que você tava sentindo?

A: muito estresse, muito nervosismo, tontura, muito nervoso mesmo. Eu já tava começando a discutir com o cliente. Eu falava e minhas pernas não agüentavam. Umas 4 vezes que eu não agüentava olhar pro rosto do cliente, minhas pernas começavam a tremer, eu já vazava e botava alguém pra entender. Corria pro depósito e ficava lá sem ar, com as pernas tremendo. Eu não sabia o que tava acontecendo. Eu nunca adoeci na minha vida. Depois melhorava, tomava um chá de camomila, vitamina...

E: quando você viu que não dava mais pra ficar sem ajuda médica?

A: deu a primeira crise quando eu tava indo pro trabalho, crise de começar a tremer todinho, meus braços ficaram amarelo, minhas pernas tremendo todinha e sem ar. Eu falei "eu vou morrer, vou morrer, pára o carro". O cara ficou rindo de mim achando que eu tava brincando, pois eu brinco muito com os meninos. Eu abri a porta do carro andando, eu não agüentava não. Vontade de vomitar, fazer xixi, cocô, agonia na cabeça... eu corri na barraca e tomei uma água de côco. E muita segura, uma sede que nada matava. Eu tomei e melhorei. Voltou tudo normal. Fui trabalhar, cheguei lá não comentei nada com ninguém. Ficou só entre mim e o cara. Comentei só com minha esposa, mas ela não acreditou também não. Tava bonzinho em casa, mas falei "quase morro". No outro dia acordei e fui trabalhar bonzinho. Depois de 5 meses eu peguei férias e fiquei em casa. Fiquei de boa, só estressado. Depois disso aí eu fiquei estressado. Muito nervoso, sem paciência. Não agüentava ficar mais na seção no trabalho, ficava andando de um lado pro outro, no depósito. Eu fazia porque gostava, mas ficava forçando mesmo. Não podia perder emprego. Passei um ano e três meses ainda trabalhando assim. Não, cinco meses. Aí peguei férias, viajei pro Ceará, praia, fiquei de boa com minha esposa e filho. Mil maravilhas, fui pro interior passei 20 dias. Voltei, cheguei dia 28 de julho aqui em Brasília. Faltava 4 dias pra trabalhar. Voltava na quarta feira. Na terça eu jogando baralho com meu irmão e meu sogro. Tava bonzinho, jogando, sorrindo, brincando, tudo. Aí bateu aquela tristeza que eu tinha que voltar a trabalhar. Bateu aquela tristeza assim. Começou tudo de novo. Minhas mãos começou a suar, aquele calorção, os braços começou a ficar tudo amarelo, e as pernas também... aquela

agonia no corpo todinho. E não conseguia ficar sentado, nem deitado. Vontade de fazer xixi e cocô, e aquela sede, aquele negócio de sair correndo mesmo, ou então bater a cabeça na parede. Ou então injeção pra dormir, acabar.

E: você pensou em morrer?

A: Pensei, pensei muito nisso. Mas só que na mesma hora vinha minha esposa e meu filho. Era a única coisa que eu pensava. Na esposa e no filho. Mais nada mesmo. E fiquei agoniado e tentando disfarçar, e meu irmão percebendo. Meu irmão caçula. Aí eu fiz assim pra ele pra ele não comentar nada. Eu tento esconder. Se as pessoas descobrem aí que eu passo mais mal ainda. Fui pra atrás da casa lá, tomei água, corri pra debaixo do chuveiro. E não melhorava, só aumentava mais ainda. O negócio sério mesmo. Minha esposa estranhando. Não enxergava, não conhecia caminhar, tinha cabeça PR mais nada. Se fechasse o olho tudo rodava. Não agüentava olhar pra ninguém. Aí dei um grito, “me leva pro hospital, pro hospital, me leva pro hospital agora!!” minha esposa “vou trocar de roupa”, e eu dizia, “não, não precisa trocar não, me leva agora”, corri pro hospital do Guará. A moça disse que tinha que aguardar porque tinha muita gente na fila. “Deus me livre, não posso esperar não! Vamos vamos!”. Fui pra outro hospital, me atenderam e não me deram nada. Eu falei que queria calmante. “calma calma! Você está só nervoso e estressado. Você não tem nada não. Tenta pensar em coisa boa.” Na hora que falava isso chega dóia. Aí que piorava mais ainda. Que não existia nada bom pra mim. Nada, nada. Eu tentava, eu nunca tinha adoecido. Eu lembrava da praia, lá do interior que eu moro, morava, das coisas boas lá. Mas não existia nada bom quando eu pensava. Aí que dava vontade de dizer... to desequilibrado mesmo. E meu filho me puxando na cama lá onde eu tava.. eu meu filho.. “vamos, pai, pra casa...” e eu chorava, não agüentava não vendo o filho de 3 anos. E os médicos bateram exame de tudo e dizendo que não tinha nada. Só o colesterol que está alto. Nada dava nada. Fiquei 3 dias no hospital. Eu saí do hospital porque não tinha mais remédio, não tinha calmante, tavam me dando uns remédios lá que não era calmante. Eu queria calmante. Meu negócio era sair andando sem destino, pegar uma estrada e sair andando, porque eu não queria ficar deitado. Parado não podia. Só aquele negócio na cabeça.. até hoje eu não sei explicar.

E: depois disso você começou a ser afastado do trabalho, com atestado médico?

A: é. Aí eu saí do hospital, o médico do hospital falou que eu tava bom, me deu só 3 dias de atestado. Eu achei foi bom, pois eu queria voltar pro trabalho mesmo. Fiquei animado, porque ele falou que eu estava bom. Mas eu falei “doutor, eu não posso nem caminhar! E essa tontura?” “não, não. Isso é só fraqueza. Lá na frente você se alimenta e fica bom.” “tá bom.” Fui pra casa, quando cheguei em casa tonto, aquela agonia, de vez quando vinha a mesma coisa. Hospital. Todo dia eu ia pro hospital.

E: você ficou quanto tempo nesse negócio?

A: fiquei um ano. Um ano trabalhando e correndo pro hospital. O médico do Carrefour quando viu meus exames, falou que eu não ia trabalhar. “você não pode trabalhar.” Que eu não conseguia nem olhar pra ele assim, entendeu? E tonto. Chegava lá e ele me pediu minha carteirinha, eu dei foi o cartão do banco pra ele. De tão aéreo que eu tava.

E: então a situação lá já estava ruim...

A: já.

E: você continuava como encarregado?

A: continuava. E a pressão mais ainda. Eu fazia fechamento e levei os remédios pra mostrar pro gerente pra ele me tirar do fechamento. Não não. Primeiro o médico queria me dar três meses pra eu ficar em casa. Eu falei “não doutor, pelo amor de deus, faça isso não. eu quero trabalhar.” Eu não agüentava ficar em casa. Se falasse “vamos pra casa” aquilo já arruinava. Eu não queria saber de casa, não queria saber de nada. Meu negócio era ir trabalhar. Era ficar e trabalhar mesmo. E o médico dizia que eu não agüentava, que eu não podia ir trabalhar daquele jeito. Eu disse pra ele que trabalhar iria ser melhor, que eu não agüentava ficar em casa. “então tá bom. Vou liberar. Se você não se sentir bem você vem aqui e me fala.”

E: ninguém mandou você procurar um psiquiatra?

A: ninguém. Quando ia completar um ano é que vieram mandar. Eu não sabia nem o que era. “psiquiatra”, ave Maria.. psiquiatra pra mim..todo nordestino, pessoal do interior tem cisma de psiquiatra. Acha que é doido. Lá ninguém sabe que eu to em tratamento psiquiátrico. Ninguém. Só o pessoal da minha família e eu pedi pra não falar pra ninguém. Se chegar lá o povo comenta que está doido, entendeu? Fala que ta doido, que ta louca. Se alguma pessoa disser que ta no psiquiatra, ta louca. Aí eu fui trabalhar. Eu ia e as vezes voltava no caminho, ligava no caminho pro meu sogro me buscar e depois quando voltava ficava agoniado. No ônibus olhava pra cara das pessoas e dava vontade de vomitar. Agoniado. E quando tinha alguém atrás, cara, se ficavam conversando aquilo já me deixava nervoso. Eu saía, tonto, sem tomar calmante, e o coração apertado. Meu sogro falando pra ir atrás de cardiologista porque era coração. Ia lá, fazia tudo e tava tudo ok. Tem nada.

E: então você acabou sendo afastado e ta afastado já tem quanto tempo?

A: 7 meses. Direto. Foi aí que eu trabalhei um ano e pouco ainda, mas o gerente descobriu que eu tava com esse problema e aí foi que ele pegou no meu pé. Falou que era besteira minha, porque eu não queria fechar a loja. “pelo amor de Deus, cara. Me coloca de manhã. De manhã é muito bom porque eu não tenho que ir à pé do Parkshopping até o Guará. Eu to tomando esses remédios aqui. Eu tava tomando um calmante bem fraquinho. De manhã eu tava até tranqüilo. Mas aí começou muita pressão nos balanços. Eu não conseguia nem olhar pros números, porque ficava me tremendo todinho, nervoso, entendeu? E ele falava que se não desse certo eu ia ser mandado embora. E ele fazia de propósito. Eu chegava de manhã pra trabalhar e ele dizia “você veio de manhã! Não veio à tarde não? Então você vai ficar de manhã até o fechamento.” Eu ficava de 6 horas até duas da noite. Porque se eu não ficasse ele falava que ia me dar advertência. Três advertência ia me mandar embora. E dava certinho pro que ele queria, que era me mandar embora. A Matriz me conhece e não deixava eu ir embora. Ele queria um motivo bom. E eu ficava de 6 até 2 da madrugada. Ficava e só pra não dar o gosto pra ele.

E: quase não dormia...

A: dormia não. Chegava em casa e não dormia por causa do nervosismo. Chegava em casa e desabafava pra minha esposa. E ela ficava brava! E tem que ficar calmo. Com o gerente não pode falar nada. Se eu falar algo pra ele vai me mandar embora. De tanto eu ir no hospital foi que eu encontrei um clínico geral, não, foi um médico da cabeça. Eu fui no neurologista por causa do nervosismo. Foi ele que me encaminhou pro psiquiatra. Eu cheguei no psiquiatra e ele me passou os remédios e nada de melhorar. Ele me encostou pro INSS. E nada de dar certo. No terceiro mês ele passou o frontal. E sertralina. Foi aí que minha vida veio a melhorar. Mas o que me deu ânimo foi o frontal. Aí eu comecei a usar esse remédio e veio a me aliviar.

E: e quais são seus planos?

A: o meu sonho é de ficar bom e voltar ao que era antes. De ter alegria que eu tinha antes, poder andar com meu filho e minha esposa. Quando eu ando sozinho até que eu me sinto melhor. Mas se eu for com eles eu já passo mal.

E: então seu sonho é ficar bom...

A: é ficar bom. Poder viajar. Se eu conseguisse ir no Ceará e ver meus pais que são bem velhinhos...nossa!! agora eu to melhor. Antes eu não conseguia nem ligar e ouvir a voz dela que eu já começava a chorar. Hoje já converso tranqüilo, falo pra ela que to bem, mas que não consigo ir lá. Tenho dinheiro mas não agüento. Não dou conta.

E: e aquele seu plano de fazer um pé de meia e voltar pro Ceará mudou, né?

A: mudou. Nossa, eu me sinto ótimo aqui. Adoro onde eu moro. Condomínio não tem barulho de nada.

E: lembra um pouco tua terra?

A: lembra. Lá no Ceará eu criava passarinho, aqui eu crio também, compro na loja do Ibama, tudo certinho. Igualzinho lá no Ceará eu fiz. A casa é bonita, graças a Deus. E eu fiz um viveiro, tenho 40 passarinhos, tudo registrado, tudo bonitinho. Tem açum preto, cardeal, lambu, tudo lá do Nordeste eu tenho. Ele eles reproduzem lá no viveiro. O vizinho me denunciou, o Ibama foi lá mas me

deram foi parabéns. Tudo registrado. Mas já foi outro susto quando eu vi um bando de polícia florestal na minha porta. E eu já tava com esse problema. Minhas pernas ficaram bambas, mas não comentei nada. Mas me deram foi parabéns. A casa é grande mesmo.

E: você quer é voltar a trabalhar e ser peixeiro?

A: é. Adoro isso.

E: não pensa em terminar os estudos?

A: eu penso. Isso aí é que já era pra eu ta estudando mas eu não consigo. Dentro do tempo que eu fiquei parado eu pensei em voltar a estudar. Mas eu não consigo. Se falar assim, cou matricular... eu não agüento entrar no prédio. Fica aquele negócio na minha cabeça, eu não consigo. Fico sem plano pra nada. É a mesma coisa de me chamar pra viajar.

E: e se você não tivesse mudado pra Brasília? Como estaria sua vida? Como seria?

A: tenho nem a mínima idéia. Mas meus irmãos que vivem lá no Ceará vivem uma vida tranqüila, tem a sua motinha. Porque a pessoa lá quer um transporte pra andar e ter o que comer. O pessoal lá não tem ganância com dinheiro não, entendeu? Não é como aqui em Brasília. Aqui o povo quer queimar um com o outro. O que eu observei aqui e em São Paulo é ganância com dinheiro.

E: os seus irmãos em São Paulo estão bem ou ainda pobres?

A: tudo pobre. Mas moram em casa sua, não é mais em barraco de aluguel e trabalham tranqüilo, tem filho, esposa, fogão, geladeira, é a casa, entendeu? Casinha. Mais tranqüilo. Minha irmã que mora em Santa Maria, é perigoso, mas é a casa dela mesmo. Todos no Ceará tem a sua casa. Hoje em dia a situação dos meus pais também é boa.

E: e o pessoal que saiu de lá, ajudou muito os seus pais?

A: ajuda. Eu mesmo até hoje ajudo. Ajudo pra limpar minha consciência. Eu fico pensando no que eu passava lá, entendeu?

E: você é o que ta melhor financeiramente?

A: é, graças ao meu sogro.

E: mas você ainda sonha construir coisas com seu próprio suor?

A: sonho. É o meu sonho. É isso. Trabalhar... mas a gente é simples. Eu não gosto de me mostrar nem nada. A gente quase não usa o carro. Eu ando é de ônibus mesmo. Não gosto de falar que tenho isso ou aquilo, entendeu? Andar bem arrumado... eu não. Não gosto disso não. A minha esposa também é bem humilde. Tranqüilo.

E: Muito obrigado!

ENTREVISTA 9 - CAROLINA

E: Nome completo?

C: Carolina Barbosa do Nascimento.

E: data de nascimento?

C: 21 de maio de 1977. 31 anos. Em Fortaleza.

E: seus pais são de lá?

C: meu pai é de Fortaleza e minha mãe é de Itapipoca no Ceará.

E: seu pai faz o que?

C: hoje ele é aposentado mas era professor da Universidade Federal do Ceará.

E: de que área?

C: estatística. E minha mãe é servidora pública do INSS.

E: irmãos?

C: dois homens, e sou a mais velha. Tem um irmão Ernesto, em Fortaleza e o Felipe mora aqui em Brasília.

E: como foi sua infância?

C: a infância foi bem tranqüila. Não tem muito o que falar. Eu fui a primeira neta tanto do lado da minha mãe quanto do meu pai. Acho que sempre fui muito querida. Sempre fizeram tudo que eu queria.

E: e como era a sua relação com seus pais na infância?

C: meu pai sempre quis ter uma filha mulher. Então, ainda hoje é muito gritante o que ele faz. A diferença de mim com meus irmãos. Ele sempre fez muita coisa por mim. Não era assim de dar muita coisa, mas tudo ele "a Carolina não precisa fazer isso. A Carolina não vai fazer isso." Já com meus irmãos não. Eu sempre fui mais protegida. Minha mãe, eu não tenho o que reclamar dela.

E: tem algum histórico de doença psiquiátrica na sua família?

C: tem. Meu irmão do meio tem depressão severa e ansiedade. Já tentou suicídio 2 vezes.

E: ele mora com seus pais?

C: mora com minha mãe. Eles se separaram.

E: mais alguém?

C: a minha mãe tem depressão, mas não é alguma coisa assim muito severa não. Meu irmão é o pior. Tem um tio por parte de pai, mas não tenho convivência.

E: e a adolescência? Como foi?

C: foi... meus pais se separaram quando eu tinha 17 anos, então foi meio complicado. Essa parte da minha vida, que foi o último ano do colégio. Então eu não passei no vestibular... assim, eles eram muito bem casados, pra mim.. eu não tinha o que falar deles. Foi um choque muito grande pra gente.

E: por que você acha que eles se separaram?

C: meu pai tava se relacionando com outra pessoa. Mas eu não percebia. Minha mãe diz que não, mas eu acho que sim. Hoje eu acho que sim, que ela percebia de alguma forma.

E: até então você era boa aluna?

C: sempre fui, mas nunca fui brilhante. Sempre passei por média. Mas nunca brilhante. Mediana.

E: e na questão social? Tinha muitos amigos? Saía bastante?

C: não, não tinha muitos amigos não. Sempre tinha meu grupo, umas 4 amigas e a gente sempre saía. Mas nunca fui de ter muitos amigos no colégio não.

E: e você passou esse período todo em Fortaleza?

C: na minha infância eu morei 2 anos nos EUA. Dos 9 aos 11. E depois com 13 anos eu também morei um ano lá. Por conta dos estudos do meu pai. Da primeira vez ele trabalhava e da segunda ele tava fazendo pós doutorado.

E: e foi legal?

C: a primeira vez sim, que eu era criança. Mas a segunda não foi tão boa, porque.. adolescência, pré-adolescência. Não tinha minhas amigas, não conseguia fazer amizade, só assim uns 2 meses antes de eu voltar pro Brasil que eu arranjei um namorado e pronto, não queria mais voltar. Mas coisa de adolescência mesmo. Queria voltar pra ficar com minhas amigas.

E: onde era?

C: em Nova York, mas no estado.

E: e você? Teve algum problema emocional mais sério?

C: não. Só quando eu tava nos EUA que eu chorava muito, queria vir embora. Aí quando a gente mudou de colégio e eu não gostava das pessoas, meu pai foi lá pra ver se conseguia me colocar em outras aulas... foi melhorando. Aí esse coordenador pediu pra eu ficar ajudando gente de outros países, e eu ficava ajudando esses alunos que não falavam inglês. Aí foi melhorando. Mas que eu me lembre foi mais isso.

E: e aí você voltou pra Fortaleza. E faculdade?

C: quando eu fui fazer o vestibular eu não sabia pra que iria fazer. Não tinha a mínima idéia. Em Fortaleza na época só tinha três universidades. Hoje tem várias. A federal, a estadual e uma particular boa. Pra cada uma eu botei um curso diferente. Totalmente diferente. Administração, direito.. onde eu passar eu vou fazer, porque eu não sabia o que eu queria. Mas eu não passei. Não estudei. No segundo ano eu passei pra economia na particular, mas eu também não gostava, porque tinha muita história, as cadeiras básicas. Não gostava. Fiz de novo vestibular pra federal, agora estatística. Passei. Fiz 2 anos e foi aí que eu consegui uma bolsa pra ir pros Estados Unidos. Só que lá não tinha estatística. Voltei pra economia lá. Mas lá economia é muito cálculo. Pouca história. Eu me dei bem por causa disso.

E: mas essa idéia de ir pros EUA, como surgiu?

C: foi meu pai que me falou que tava tendo essa bolsa, ele sabia, e em falou e se eu não queria aplicar. Aí eu disse sim. Apliquei, fiz o TOEFL, e eles aceitaram. Aí eu fui.

E: você não foi com muita convicção não?

C: eu queria ir. Apliquei, pensei, vai ser ótimo morar lá. Fiquei lá, morei lá quase cinco anos. Fui pro Arizona.

E: você ficou bastante tempo lá, então. E nessa época, você já conhecia o seu marido? Já namorava?

C: sim. Uma loucura. Quase cinco anos.

E: e nessa fase no Arizona, como foi pra você? Já é uma migração, afinal, são cinco anos.

C: é. Lá foi ótimo. Eu gostei demais de morar lá. Eu terminei a graduação lá. Essa bolsa era pra ficar só um ano como aluna de intercambio. Depois iria voltar de lá pra Federal do Ceará. Só que eu fiz de tudo pra ficar lá e terminar. Aí eu terminei, apliquei pro mestrado, eu gostava muito de morar lá. Quando eu voltei pra Fortaleza, quando terminei o mestrado, aí eu fiquei ruim, porque eles não queriam aceitar o meu título. Até que eu terminei economia e foi reconhecido meu título como administração. Bem complicado. Mas o mestrado é em economia. Eles reconheceram o mestrado.

E: e isso foi que ano, que você voltou em definitivo?

C: 2003. Pra Fortaleza.

E: e depois?

C: passei um ano em Fortaleza...

E: trabalhando?

C: dando aula de inglês, e depois vim pra cá em 2004. Passei um ano lá, exato.

E: e por que você decidiu vir pra cá?

C: decidi vir porque o Francisco tava aqui, tava trabalhando aqui, e aí a gente casou e eu vim pra cá.

E: mas você queria vir pra Brasília?

C: ah, eu tava assim um pouco anestesiada... assim, eu não tinha uma coisa muito própria na minha cabeça.

E: por que?

C: eu não queria ficar em Fortaleza e eu não conhecia Brasília. Eu só vinha pra cá e passava 2 ou 3 dias. Ele já morava aqui tinha uns 2 anos.

E: então vocês ficaram muito tempo separados fisicamente...

C: é, fisicamente.

E: e qual era a idéia que você tinha de Brasília antes de vir para cá?

C: eu achava que era uma cidade organizada, eu não tinha uma opinião muito formada da cidade. Eu não achava boa. Não era uma cidade que me atraía pra vir pra cá. É até estranho, porque eu não tenho muita dificuldade pra me adaptar em outros locais, não tive. Mesmo em Nova Iorque quando eu morei, eu acho que foi mais brusco quando eu vim pra cá morar em Brasília.

E: e demorou quanto tempo entre a sua decisão e você vir pra cá? Foi um processo aos poucos?

C: foi aos poucos, porque quando eu saí dos EUA foi mais porque a gente decidiu: ou casa ou separa. Eu já tava com isso na minha cabeça. E eu não queria morar em Fortaleza porque a família do Francisco é muito complicada. Então eu dizia assim. "prefiro morar em qualquer lugar menos perto da família dele. Não queria morar lá. Adoro Fortaleza, sinto muita falta de lá. Mas eu não queria morar lá por causa disso.

E: e ele topou isso de imediato, de sair de lá por causa disso?

C: não, porque ele já morava aqui. Então, assim, não foi tão ruim por causa disso. Porque ele já morava aqui.

E: mas quando vocês se casaram?

C: a gente casou em 2004.

E: ele já tava aqui?

C: tava desde 2002 aqui. Tinha um ano e meio mais ou menos.

E: e vocês se vendo nos recessos?

C: é. Como eu tava ganhando pouco em Fortaleza, aí ele mandava a passagem pra vir pra cá ou então ele ia. Mas eu vinha mais pra cá.

E: você veio pra estar com ele? Foi essa a razão principal?

C: isso. Isso.

E: e o que sua família achou da tua vinda pra cá?

C: eu acho que meu pai ficou um pouco chateado. Porque ele preferia que eu tivesse ficado nos EUA. Não queria que eu tivesse voltado pro Brasil. Minha mãe, assim, ela disse que tudo bem se eu quisesse voltar pro Brasil, mas que não ficasse em Fortaleza, porque ela tem a mesma opinião que eu sobre a família do Francisco. Então ela dizia muito isso pra mim. "se você for casar com o Francisco você não pode ficar perto da família dele, senão seu casamento vai..."

E: por que?

C: é porque eles, é uma família muito complicada, é uma família que não tem privacidade nenhuma, não tem. Não respeita. Mesmo assim, quando eu chego em Fortaleza eles falam que ia ser tão bom se a gente morasse lá. Iam passar todo final de semana na sua casa, ia dormir lá, não sei o que, e se você diz um não pra eles, sempre tem que ta dizendo "tudo bem". Porque sempre um não pra eles é muito difícil de escutar.

E: então você veio pra cá e como foi sua chegada aqui, quando você veio em definitivo?

C: quando eu cheguei aqui não tinha nenhum amigo, nada...

E: já conhecia a cidade, né?

C: conhecia porque meu pai morou aqui 8 anos, depois da separação.

E: mesmo assim você não se interessava tanto pela cidade?

C: ai, eu não suportava. Acho que foi por isso. Por causa da separação, então eu vinha muito pouco. Quem vinha mais era meus irmãos.

E: a relação ficou meio estremeada entre vocês dois?

C: ficou. Mas hoje em dia não. Já ta tudo bem resolvido. Mas eu fiquei muito revoltada com a separação dos meus pais. Fiquei muito revoltada com ele. E aí eu não queria vir pra cá. Sempre inventava alguma coisa. Foi aí que eu fui morar nos EUA. Então quando eu vinha de férias ficava mesmo em Fortaleza, não vinha pra cá. Fiz de tudo pra não vir pra Brasília. Quando eu vim mesmo pra morar aqui, eu não gostava da cidade. Muito difícil superar. Pra me acostumar mesmo com a cidade.

E: e o que mais te incomodava?

C: ai, eu acho as pessoas muito frias aqui. Muito frias. Às vezes as pessoas falam: ah, os americanos são muito frios. Mas eu acho que aqui as pessoas são muito mais frias que os americanos. Porque lá eu conseguia ter amigos. Aqui eu não tenho. Não posso dizer que eu tenho amigos aqui.

E: e isso te impactou mais no início ou foi uma coisa esse tempo todo?

C: não... faz 4 anos que eu to aqui e acho que de um ano e meio pra cá eu já to mais acostumada. Não é uma cidade que eu ame. Não é. Mas como é uma cidade que te dá muito conforto, uma vez que você mora aqui você se sente...é difícil acostumar em outra cidade. É uma cidade que dá conforto. Mas como amizade, é difícil. Eu acho as pessoas muito estranhas.

E: mas nesse início, nesse primeiro ano, o que você mais sentia falta?

C: eu sentia muita falta das minhas amigas que eu tinha feito nos EUA, minhas amigas de Fortaleza, da minha família, da praia. Tudo eu achava ruim aqui. Tudo. Tudo. O clima. Tudo. Achava feia, achava as pessoas chatas, não me interessava por nada daqui.

E: e você ficou triste nesse início?

C: fiquei. Eu fiquei tão assim que eu nem lembro quando exatamente. Mas eu acho que eu tava aqui há uns 2 anos eu entrei em depressão. Após 2 anos que eu tava aqui. Aí eu procurei um médico, psiquiatra, e aí foi constatado mesmo que eu tava com depressão, e fiz tratamento e foi aí que eu melhorei. Foi depois desse tratamento que eu fiz com ela que eu comecei a melhorar e a aceitar mais Brasília. Antes eu não aceitava.

E: você relaciona essa depressão a estar aqui? À sua relação com a cidade, ao que mais?

C: eu acho que a relação de estar aqui, casamento também... como eu era filha mulher única, meus irmãos dividiam um quarto, eu nunca. Só quando eu era pequena. Então o máximo que eu dividia com eles era o banheiro. Eu sempre fui muito

arrumada. Minhas coisas eram muito metódicas. Eu era muito. Os livros tinham que ficar de uma maneira, todas minhas roupas eram muito arrumadas, e o Francisco é muito bagunçado. Então aquilo pra mim me deixava muito perturbada. Dividir é muito difícil.

E: e também você estava aqui por conta dele...

C: é. Também pesava.

E: e a questão do trabalho? Você chegou aqui e começou a trabalhar?

C: quando eu cheguei aqui, no último dia de agosto, eu fiquei até dezembro sem nada. 4 meses. Aí eu consegui um emprego como auxiliar administrativa. Só pra sair de casa mesmo. Aí eu trabalhei lá uns 3 meses, na CGU, eu gostava. Menos do salário que era baixo. Aí eu consegui trabalhar como professora de uma universidade no Valparaíso. E depois de um ano, além de dar aula eu comecei a trabalhar como consultora no Ministério do Desenvolvimento Social. PNUD um ano. Em 2006 que eu entrei em depressão. Foi lá que realmente eu entrei em depressão. Foi muito ruim. Eu não gostava do trabalho, não gostava do chefe, trabalhava muito sob pressão, e eu não gosto. Então, eu chegava lá 9 horas e não tinha hora pra sair. E ele sempre atrás de mim todo tempo. "terminou, terminou? Terminou o trabalho?" pra mim foi muito difícil.

E: nessa época você não tinha amigos ainda?

C: nesse trabalho, eu fiz uma amiga. Assim, eu ainda entro em contato com ela mas ela é bem diferente de mim. Mais velha, tem filhos, tinha muitos problemas com o marido dela... uma pessoa diferente.

E: você chegou a ter algum problema físico de saúde?

C: não.

E: e sua vida social? Você saiu? Tanto nesse período atual quanto antes.

C: agora eu já saio mais, depois que eu deixei o ministério eu passei 6 meses só dando aula mesmo, e depois disso eu entrei no cursinho e agora tô estudando pra concurso.

E: você parou de trabalhar?

C: parei agora, nesse semestre agora. Aí comecei a estudar pra concurso, fiz amizade no cursinho, então eu às vezes vou pra casa dessa amiga, no Sudoeste. A gente combina sempre de sair e se encontrar. Melhorou mais. Às vezes eu puxo o Francisco de dentro de casa, "vamos sair!".

E ele é caseiro?

C: assim... ele é muito pão duro. Ele não gosta de gastar dinheiro pra ir em restaurante, coisa assim. Mas eu faço de tudo. "a gente vai, a gente vai". Até ele se convencer.

E: e antes de você vir, você tinha alguma idéia do que você faria profissionalmente?

C: eu achava que eu ia conseguir alguma coisa de algum trabalho na minha área.

E: você achava que era melhor profissionalmente?

C: eu achava que seria melhor que Fortaleza. Lá é uma cidade menor, eu tinha uma idéia que aqui seria mais fácil. Então assim que eu cheguei eu fui comprando jornal, mandava currículo sempre. Mas nunca fui chamada pra nada, pra fazer entrevista. Nada. Nada.

E: por que você acha que nunca foi chamada?

C: olha, quando eu trabalhei no ministério, eu comecei a ver muitas irregularidades. As pessoas mandam os currículos mas a seleção já tá feita. Eu mesmo consegui esse emprego porque meu pai conhecia alguém lá dentro, eu mandei meu currículo... já tava selecionado. Mas eu não tinha essa idéia. Eu achava que era como nos EUA, uma seleção mesmo. E lá as vezes eu fazia análise de currículo e tinha gente muito melhor. Muito melhor do que aquela pessoa que ia ser chamada. E eu tinha que dar mais pontos pra que ia ser selecionada. Então depois eu me toquei. Hoje em dia eu nem compro mais jornal. E não é só lá.

E: então agora você resolveu estudar pra concurso...

C: isso. Porque desde os 18 anos eu dou aula. Dava aula de inglês. Sempre fiz isso. E eu não gosto. Sempre eu dei aula pelo dinheiro. E aí quando eu vim pra cá, achando que ia conseguir alguma coisa sem ser dar aula, aí eu vi que tinha que sair disso. Foi aí que eu decidi sair e estudar.

E: e como está sua vida no presente?

C: eu me sinto melhor do que eu tava antes. Mas eu preciso ter alguma coisa profissional. Eu acho que é importante pra mim. E eu acho que eu vou conseguir passar, eu tô melhorando, tô conseguindo fazer bons resultados. Eu acredito nisso. Tô esperando isso, pois acho que tá faltando na minha vida a área profissional.

E: e em relação à Brasília? Como está?

C: não... já gosto da cidade. Já me identifiquei, já não penso mais em morar em outro local como antes. Esse pensamento sempre antes, "ah, eu quero morar em outro local.." não tenho mais.

E: e o que te faz querer ficar aqui?

C: eu gosto da comodidade da cidade. Acho que já tô mais acostumada de morar aqui, já conheço os lugares, eu gosto muito dos parques... sou preguiçosa pra fazer caminhada, mas eu gosto desse negócio de sair, de andar de não ter tanta violência. Quando eu chego em Fortaleza eu sempre tô muito apavorada. Já fui assaltada muitas vezes. Aqui eu já acho que não vou ser assaltada. Isso. Segurança.

E: e você acha que profissionalmente é uma cidade que pode te oferecer?

C: eu acho. Muito mais que lá. Não tenho dúvida disso. Concurso lá é mais é mais difícil, trabalho lá é mais difícil. Mesmo sem ser concursado. Aqui mesmo, se eu desistir daqui um ano ou dois de fazer concurso, essa faculdade mesmo onde eu dava aula me disse que se eu quiser voltar eu posso. No dia que eu quiser. E no Ministério mesmo eles falaram que se eu quiser voltar eu posso. Então eu tenho alguma porta aberta aqui. Mas Fortaleza não tem nada, nada mesmo.

E: e em relação ao seu casamento e sua vinda pra cá? Tá contente agora?

C: tô melhor, bem melhor. No começo eu acho que foi muito difícil. A gente morava longe um do outro, não tinha a prática da convivência. Isso foi muito ruim. Essa parte assim...eu não me acho uma pessoa egoísta, mas eu era muito arrumada, muito certinha. Hoje em dia achamos um meio termo. Hoje mesmo ele tava reclamando de mim. "seu guarda-roupa tá muito desarrumado". "se você brigar comigo por isso eu vou ficar organizada de novo."

E: e quais são seus sonhos pro futuro?

C: ah... tenho vontade de ter um emprego, tenho muita vontade de ter um filho, ou dois. É isso que eu penso mais da minha vida. Um trabalho legal e de ter uma família mesmo. Ter filhos. Sinto muita vontade.

E: e quando você veio pra cá você sonhava isso?

C: sim. Sonhava sim.

E: mas na sua vinda, o relacionamento pesou mais que o trabalho?

C: pesou.

E: e se você não tivesse vindo pra cá, como você imagina sua vida?

C: eu acho que eu teria que estar nos EUA. Teria ficado lá. Não teria voltado.

E: lá tinha oportunidades de trabalho pra você?

C: eu tentaria o doutorado. E aí iria tentar um trabalho.

E: ok. Obrigado!!!

ENTREVISTA 10 - PEDRO

E: data e local de nascimento?

P: 25/12/78, Rio de Janeiro.

E: estrutura familiar?

P: pais, eu tenho mais um irmão e irmã mais velhos. Um é de 71 e a outra de 72. Minha mãe já faleceu. Só meu pai e irmãos. Minha Irma foi casada uns 15 anos e está separada.

E: você passou sua infância no Rio?

P: sempre no Rio, infância e adolescência.

E: seus pais faziam o que?

P: meu pai é policial militar e minha mãe era professora.

E: vocês eram uma família o que, em termos de renda?

P: se fosse classificar ao longo do tempo ficaria em média-baixa, baixa-média, média-alta.

E: vocês moravam na Zona Norte?

P: isso, subúrbio.

E: casa própria?

P: parte do tempo sim, mas depois dos meus 12 anos foi pra aluguel. Agra é que meu pai fez uma casa pra ele.

E: e como foi sua infância? Teve algum problema de saúde?

P: normal.. algumas doenças de criança, mas nada grave.

E: você tem algum antecedente psiquiátrico na família? Alcoolismo, depressão...

P: alcoolismo parece que eu tive um tio-avô que teve problemas e até morreu disso. E um tio mesmo que teve problemas com cirrose e acabou morrendo. Agora psiquiátrico eu ouço dizer que tinha um tio mais distante, como as pessoas são leigas a expressão que eu ouvia era "morreu louco de tanto estudar", não sei como é isso. Isso nos idos de 1900 e alguma coisa. Diziam que ele estudava tanto que um dia surtou. Minha mãe até falava "pára de estudar menino."

E: você sempre estudou muito?

P: isso, eu gostava mas não que eu ficasse o tempo todo. Mas eu sempre fui muito curioso, observador, quando tinha 5, 6 anos e saía com meus pais e ficava olhando tudo. Aprendi a ler e ficava olhando tudo, etc. sempre pensava atenção nas aulas. Nem conversava. Então era uma coisa mais concentrada nas aulas. Mas em casa não era de ficar estudando tanto. Fazia minhas tarefas e preparava pras provas.

E: mas seu pai era exigente em relação à escola?

P: com meus irmãos era porque eles deixavam um pouco a desejar. Mas tanto meu pai e minha mãe vinham que eu, por mim mesmo, fazia tudo que eu tinha que fazer e tal. Ele só conversavam comigo pra saber o andamento. Mas não havia necessidade de fazer pressão.

E: e sua adolescência, foi boa, mais ou menos?

P: é.. mais ou menos. Mas em casa com os pais não. Não houve conflito. Mais uns conflitos existenciais, da idade. Não sei.

E: e você começou a namorar cedo?

P: não, não. Comecei a namorar com 19 anos. Relativamente tarde.

E: e fazia muita farra quando era novo?

P: de sair? Só mais nessa idade, depois dos 17... saía mais com os amigos pra beber, dançar, extravasar. Nada de extremo.

E: você teve alguma depressão na adolescência?

P: não. Na adolescência não.

E: então você terminou o segundo grau e foi fazer faculdade, primeiro engenharia civil né?

P: isso.

E: e nessa época, como era sua vida?

P: então, na verdade eu fiz técnico em eletrônica e queria fazer engenharia eletrônica.

E: começou a trabalhar logo?

P: eu fazia estágio no técnico e logo comecei a trabalhar. Nessa transição para a faculdade eu senti alguns impactos. Primeiro eu queria uma carreira e não conseguia. Fiquei frustrado que não consegui passar pra engenharia eletrônica, mas só passei pra civil. Eu trabalhava ao longo do segundo grau, então não fiz cursinho nem nada. Dei sorte de conseguir passar. Mas me senti muito penalizado de não ter passado pra aquilo que eu queria. Na época chorei muito, fiquei, vamos dizer assim, em depressão um ou 2 dias.

E: eletrônica era mais difícil?

P: era. A diferença era pouca, mas foi suficiente para eu não entrar. Era minha terceira opção. Depois ao longo do curso eu até fui chamado pra transferência eletrônica, mas aí não quis mais ir. Já tinha gostado de civil. E outro impacto que eu senti foi onde eu fiz estágio e ia trabalhar, mas teria que trabalhar integral. Quando eu ia assumir não deu. Eu tinha que escolher entre a faculdade ou o trabalho. O custo não compensava.

E: na federal não tinha seu curso à noite?

P: não. La no Rio não tinha uma federal que tenha. Mas eu segui, fiz a faculdade, fui gostando e comecei a fazer planos em cima daquilo.

E: e foi nessa época que vc conheceu sua esposa?

P: não. Ela eu conheci numa fase quando já não estava gostando muito de engenharia civil. Mais pro fim da faculdade. Depois de 99. Em 2001.

E: aí nesse fim, quando você teve essa decepção com a faculdade, você levou a coisa mais "light"?

P: é, foi inconsciente. Eu até queria, mas ficava sem disposição. Acordava tarde, não conseguia me concentrar pra estudar. Não por querer, mas não conseguia me dedicar. Começou uma coisa a ficar diferente. E até me formar não pensava em sair da área, apesar da decepção.

E: e quando você se formou você logo foi pra Embraer?

P: pois é. Ali foi outro baque. Foi logo depois. Não vou dizer que foi uma perturbação, mas foi um momento de indecisão, de ter que tomar decisões. Porque quando eu saí da faculdade, eu já tinha me inscrito e passado pro mestrado lá mesmo na UFRJ. Em uma área que eu queria, recursos hídricos, área ambiental. Eu comecei a cursar. Ainda na graduação, por conta das greves, mas eles aceitaram. E nisso, já acabando o primeiro trimestre, eu tive essa oportunidade na Embraer. Honestamente. Por pura questão de horizonte profissional e financeiro eu preferi optar pela Embraer. Apesar de eu não gostar daquilo eu via que muitas pessoas acabavam fazendo até doutorado pra ganhar bolsa se sustentar. Tava difícil de empregabilidade nessa área de recursos hídricos. Então eu ficava pensando se valia a pena, apesar que eu queria, mas a gente tem que pensar no lado prático. Como a Embraer tinha uma oferta interessante, não só de dinheiro, mas de

perspectiva profissional, eu larguei o que eu queria, o que eu gostava mesmo para ir para lá. São José dos Campos em julho de 2002.

E: foi a primeira vez que você morou fora do Rio?

P: foi. Na verdade todas as minhas ausências sempre foram rápidas, nunca excederam 7 dias fora de casa. Uma vez ou outra.

E: e qual o lugar mais longe que você já tinha ido até então?

P: até os 19, 20, nenhum. Não tinha ido pra praticamente nenhum lugar. Depois eu fui conhecer o interior de Minas, até 2001. Mas então eu era bem voltado pra casa.

E: mas então essa sua mudança pra São José foi uma decisão rápida que você teve? O tempo que demorou entre você decidir e você ter que está lá foi uma coisa rápida?

P: é, ao longo do processo seletivo nem foi tão rápido. Foram uns 4 meses. Só que eu não acreditava que fosse passar, não tinha certeza. Agora de quando eu me dei conta que ia ter que mudar até mudar foi uma coisa de 3 semanas. Como era muito concorrido eu não tinha certeza. E também não tinha certeza se mesmo passando eu iria. Tava na dúvida.

E: e você acha que foi uma decisão errada você ter ido?

P: talvez. Porque eu decepcionei muita gente também lá. Isso me deixou um pouco magoado. O professor conseguiu uma bolsa pra mim, não só por ele, mas pela minha pontuação também. Mas era difícil. Eu larguei tudo, sem fazer avaliações, ficou meio chato.

E: o problema lá foi a questão do sono também?

P: o sono tava atrapalhando um pouco sim. Eu tava chegando atrasado porque o mestrado era de manhã. Mas o problema lá foi o medo do futuro, de largar. No Rio. Eu tinha que finalizar o do Rio pra estar na Embraer, na mesma semana. Eu meio que larguei sem nem conseguir falar com alguns professores. Depois no final do ano eu vim tentar reassumir esse mestrado mas não consegui. Deixei aberto, ouvi sermão dos professores.

E: mas em São José?

P: em São José foi do sono, sem dúvida. Mas assim, eu não sei o que causava o sono.

E: você começou a boicotar?

P: é, mas não por vontade consciente. Eu queria e ficava muito chateado porque não conseguia ir no horário e tal.

E: então você acabou largando lá na Embraer. E depois?

P: voltei pro Rio, fiz concurso e entrei na prefeitura.

E: e a Petrobrás?

P: eu tava decepcionado com o plano de carreira, com a perspectiva de futuro e o salário atual lá na prefeitura. Era abaixo do piso. E com o serviço em si. Então eu queria sair realmente. Era muita política. Então eu procurei outras perspectivas na engenharia. Não na Petrobrás especificamente. Mas a Petrobrás oferecia possibilidades de carreira. Muito investimento. Foi quando eu comecei a pensar no concurso e fiz e acabei passando.

E: nunca foi difícil pra você passar nesses concursos...

P: é. Nunca precisei dedicar anos estudando. Realmente. Em 2006 entrei lá e já era casado.

E: e sua vida no Rio e na Petrobrás, tava numa fase boa?

P: minha vida pessoal eu conseguia levar. O trabalho eu atrasa um pouco. O problema do sono eu conseguia administrar, ficava um pouco cansado. Mas eu tinha problemas na equipe que eu coordenava. As pessoas tinham síndrome de perseguição, mas isso é problema normal de trabalho. Mas eu ficava meio perturbado. Falava no sono como se estivesse em reuniões, brigando. Ficava bem agitado e estressado.

E: e como era sua vida no Rio com sua esposa e sua família?

P: pois é. Em 2004 minha mãe morreu. Nisso eu fiquei com um sentimento de culpa que até hoje eu tenho. Quando eu comecei a namorar, como qualquer pessoa, você passa a se dedicar mais à namorada e tal. E menos pra casa. Então eu não tive os últimos momentos muito próximos à minha mãe. No final de 2003 ela teve câncer. Eu ainda não era casado. Mas eu sentia que ela se ressentiu da minha ausência depois, pois ela era muito apegada a mim. Eu poderia ter dado mais atenção. Depois que minha mãe se foi, desestruturou um pouco a família original. Meu pai foi morar em outro lugar, depois apareceu com outra namorada, rolou uma série de conflitos, e a coisa ficou tumultuada. Enfim. Mas a minha vida com a minha esposa não. Tava bem.

E: e aí sua esposa passou no concurso para vir para Brasília quando?

P: em 2007 se formou e começou a estudar pra concurso. Passou num pro Rio, até chegou a assumir, mas a remuneração era baixa. Ela passou a buscar outras possibilidades, de satisfação profissional e de carreira. Ela tem isso. O ambiente nesse lugar também não era bom. Ela fez biblioteconomia. Ela tem esses ideais de querer aplicar o que aprendeu, etc. e tal. Ela fez o concurso do TSE para biblioteconomia, coisa raríssima de surgir. Ela veio aqui fazer a prova, foi bem, passou. E até a gente conversou bastante antes dela tomar essa decisão de sair do Rio. Eu falei "Cris, eu não posso realmente querer cortar a sua carreira. Você vai e eu vou dar um jeito de ir pra Brasília também através da Petrobrás. A iniciativa de vir para cá foi dela, mas consentida. Combinado antes. Ela veio em agosto do ano passado. Eu consegui vir em outubro. Ficamos alguns meses separados. Tem 10 meses que estou aqui.

E: esse processo da tomada de decisão, foi difícil, demorado?

P: foi um pouco difícil sim. Porque tinha fatores externos, a própria família, a mãe dela. Todos achavam uma loucura vir pra outra cidade bem mais longe. Isso influencia na decisão. E a gente mesmo. Eu não tinha certeza da minha transferência. Quando saiu a aprovação dela eu já comecei os contatos pra conseguir. Eu fui vendo que o processo era difícil, que aqui era bem disputado. Tinha várias pessoas nessa mesma situação, esposas e maridos. Então tinha que ter o conhecimento, e eu não conhecia ninguém. Então eu falava pra ela "mesmo você indo, não há uma garantia que eu vá". E isso era uma dificuldade a mais na decisão. Mas acabou que levou um tempo grande mas decidimos arriscar.

E: até então nenhum dos dois conhecia Brasília?

P: nunca tinha vindo aqui.

E: qual era a imagem que você tinha?

P: eu achava que aqui fosse tudo realmente girando em torno do poder, dos tribunais. Minha imagem visual era mais nesse sentido. Brasília era aquela praça dos três poderes e algumas casas. Nem imaginava as satélites. Eu inclusive quando vim aqui, nesse tempo eu também almejava vir pra cá, antes mesmo dela vir. É até curioso. Quem começou com essa história de vir pra Brasília fui eu. Em 2005 eu descobri aqui que tinha o tribunal de contas, e comecei a querer fazer concurso pra cá. Na verdade fiz o primeiro em 2004 na minha área de engenharia ainda. Remuneração excelente, trabalho bom, não é só voltado pra engenharia, já tem uma coisa do direito e eu já gostava.

E: você já tava fazendo direito?

P: isso. Direito eu comecei em 2004. Então eu já desde 2004 vinha tentando concurso pra cá pra Brasília. Mas eu fazia prova sempre lá no Rio. Uma prova que eu fiz aqui foi da Câmara Legislativa. Local aqui. E eu levei um susto. Na verdade eu nem consegui fazer essa prova. Foi uma história louca que o ônibus tinha uma previsão de horário e chegou em outro. Quando eu cheguei na rodoviária foi uma visão assustadora. Eu não imaginava. Eu vi aquela poeira, aquela terra, tudo

feio. Nem saí da Rodoferroviária. Comprei a passagem pra mais cedo e voltei. Então realmente Brasília era uma coisa muito folclórica. Depois teve até uma série na televisão, JK, a gente até acompanhou um pouco, e foi um pouco desmitificando, mas não muito porque é em torno da construção. Não dá pra ver a Brasília de hoje em dia. É diferente.

E: e então ela veio primeiro, e você chegou a visitá-la nesse período?

P: não. A gente combinou. Quando você tiver condições financeiras e tal, é melhor você vir porque você mata saudade da família. Na verdade eu vim com ela em junho quando ela veio fazer exames médicos e tal. Consegui uns 2 dias de dispensa. Foi quando eu e ela vimos de fato a cidade.

E: e o que vocês acharam?

P: ela tinha visto na prova, mas muito rapidamente. Ela tinha achado até interessante, a gente achou bem tranqüila. Só vimos coisas positivas realmente. Diferente, menos, carro, com mais verde. Arborizado. Foi mais pra sexta-feira, fim-de-semana, julho, a cidade tava um pouco mais vazia. Mas achamos interessante. Dessa vez eu não tive o impacto da rodoviária. Vim de avião. Então eu acompanhei. E nessa época inclusive, eu até me arrependo hoje em dia, eu tive a oportunidade de ficar em Brasília. Eu tinha feito outro concurso pro DNIT, já tinha passado pra trabalhar aqui. Por isso que eu vim com ela também, porque eu tinha que dar início ao processo de admissão. Então fui lá e comecei o processo. Fiquei em casa quando voltei pro Rio, conversando com ela nessa dúvida, se eu assumiria no DNIT ou não.

E: e o que fez você não assumir?

P: pois é. Sempre essa questão salarial. Eu fico me guiando por isso e não é o melhor. Mas o DNIT realmente ia ser uma queda de quase cinquenta por cento. Se fosse assim, dez ou vinte por cento, mas era metade do que eu ganhava. Será que vale a pena? Fiquei em muita dúvida, e lá tem horários estranhos, de 8 as 18. Pequenas coisas assim. Hoje em dia, se eu soubesse que não conseguiria vir para Brasília era melhor ter assumido lá. O custo que eu vou ter vindo pra cá morando em outro local e tal... mas na época eu acreditava realmente. Eu sempre conto com algumas coisas que podem acontecer, mas nem sempre acontecem. É um problema que eu tenho. E na época eu realmente achava que iria conseguir me transferir pela Petrobrás. Então em outubro eu vim.

E: e quando você veio sua esposa já estava estabelecida, já tinha alugado apartamento?

P: ela começou a procurar no final de setembro. Eu falei para ela olhar quando eu já estivesse indo. Ela tava numa pousada como mensalista. Era um ambiente familiar, ela gostava. Ela não conhecia ninguém. Até preferiu a ficar sozinha. Ela em outubro, perto de eu vir, já tinha olhado alguma coisa, achou bem caro, e já começou um pouco a decepção. Aluguel aqui, na nossa concepção, é muito caro. Imóvel como um todo, tanto compra como locação. Muito caro. Quando eu vim já tinha dois ou três que ela tinha visto. Tanto é caro que hoje em dia a gente mora na comercial, em cima de oficina. Lá é até direitinho, mas foi o que a gente conseguiu. É um lugar tranqüilo, mas quando a gente se mudou a gente achou estranho. Tudo pichado. Aqui tem isso. Essa transgressão. Mas que bom que a violência não passa muito disso, pelo menos aos nossos olhos. Mas ficamos lá.

E: e você veio dessa vez em definitivo?

P: é. A Petrobrás tem isso. Quando se é transferido, tem um tempo de 10 dias pra você se resolver. E fiador foi um problema, porque a gente não tinha nenhum conhecido aqui, nada. Tivemos que pagar um depósito absurdo. Porque no Rio e em São Paulo são 3 meses. E todos aqui cobravam seis meses. Foi muita despesa. Nessa época eu me senti, psicologicamente falando, afetado porque a empresa me transferiu sem nenhum benefício, e geralmente eles dão adicional mensal, custo de instalação. O único benefício que eu tive foi a mudança, o frete. Me pagaram o frete do Rio para cá. Mas eu tenho dois colegas que recebem, então fica uma situação chata. Mas o argumento deles pra não me dar esse adicional foi que eu quis vir para cá.

E: então vocês não conheciam ninguém.

P: nada. Como eu disse uma vez, eu tive tio que morava aqui mas morreu. Depressão, algo assim. Ele morou aqui um tempo e teve outro que também morou um tempo, uns 15 anos. Mas quando a gente veio não. Não tinha ninguém.

E: e isso foi difícil pra você?

P: foi, essa questão de não conhecer ninguém. Tudo no Rio eu tinha referências. E quando a gente envelhece mais a gente tem mais amigos. Então todas as minhas amizades, não são muitas, eu tenho muitos conhecidos, mas são poucas amizades. Ficaram todos lá. Aqui eu não tinha com quem conversar pra nada, sabe? Tem certas coisas que a gente não conversa da mesma forma com a esposa. Também ficar alugando uma pessoa só. Eu senti essa falta de convívio social. No meu trabalho a equipe é reduzida, é outro perfil. Pessoas casadas, mais velhas. Eu também sou difícil de começar relacionamentos. Fiquei perdido, me sentindo isolado mesmo.

E: não tinha muita opção....

P: não tinha. E como eu não conhecia a cidade achava que não tinha nada pra fazer. Hoje eu vejo que tem muita coisa. Mas achava que não tinha nada realmente. À noite, pra se distrair. Eu e minha esposa só saíamos para comer. Pra distrair. Era monótono.

E: vocês têm carro?

P: fui obrigado a comprar. Eu tinha um carro usado no Rio, mas não ia trazer. Fui obrigado a comprar. Eu vendi esse lá e aqui a gente sentiu essa dificuldade de locomoção. A gente se sentiu obrigado a comprar. Fiz um financiamento, fico com medo de não conseguir pagar. E assim, desde os 18 até os 28 eu sempre tive carro usado. E se dava problema eu conhecia oficina lá no Rio. Tem referência das coisas. Sabe onde vai. As pessoas conseguiam resolver pra gente na hora. Aqui, nada. Então eu falei. Vou ter que comprar um carro novo pra não dar problema. Zero. A perder de vista. Mas aí é que tá. Ele me atende, mas não atende a ela porque ela trabalha em horário diferente. Às vezes eu fico até mais tarde pra voltar com ela. A gente sentiu essa dificuldade. E olha que nós moramos na Asa Norte. E eu trabalho na Asa norte e ela na Asa sul. Mesmo assim, apesar de não ser longe. No Rio você teria "n" opções de linhas de ônibus.

E: e você gosta de Brasília?

P: tem momentos que eu gosto e tem momentos que eu odeio. Quando acontece alguma coisa errada, alguma coisa diferente, que não aconteceria no Rio... eu fico bem estressado.

E: por exemplo?

P: coisas boas, até que eu deveria agradecer. Por exemplo, o trânsito. Trânsito é uma coisa que sempre me estressou. Mesmo no Rio de Janeiro. E aqui me estressa, por incrível que pareça. A falta de pressa que as pessoas têm. Eu to acostumado com esse ritmo de dirigir rápido. E aqui às vezes a gente tá numa faixa da esquerda que é de aceleração, de velocidade, e tá a pessoa lá a 60!! Tudo bem que a pista é 60. Mas eu quero andar a 100! Então sai da minha frente. No Rio as pessoas percebem isso e tentam se afastar. São pequenas coisinhas. Só em Brasília mesmo. Isso é um exemplo, até bobo, que eu deveria achar bom, pois isso é o certo. Coisas do tipo clima. Fica meses chovendo e depois fica meses seco, sem nenhuma chuva! Que absurdo. Como se a cidade tivesse culpa! Rs.

E: e em relação às pessoas?

P: as pessoas... eu também.. to tentando mudar essa visão. Até minha esposa também compartilha dessa opinião. A gente acha as pessoas mais distantes. Não se envolvem muito. Não sei se frias. Neutras, talvez. Uma relação muito profissional. Ela até conseguiu uma certa abertura com umas pessoas lá. Fez amizade lá, até com a chefe dela. Fez amizades no

trabalho. Mas depois de muito tempo. Pra ela é estranho. Eu a considero extrovertida. Ela faz amizade rápido. Ela demorou meses pra fazer amizade. A gente vê que é realmente diferente aqui. Não há esse envolvimento maior. Parece que as pessoas estão mais preocupadas com estudo, estão muito concentradas em concurso. No trabalho dela quase todo setor tá fazendo concurso. Não tem muito esse tempo pra lazer. Assim, as pessoas que a gente tem tido contato.

E: e em relação ao que você gosta? O que você gosta na cidade?

P: pois é. Eu não posso negar as vantagens. Ainda mais quem vem de uma cidade grande e violenta, acho que sempre pendendo mais pra esse lado de violência. Lá onde a gente morava nem tanto. No último lugar onde eu morava em São Cristovão até que não. Mas em outros lugares toda noite eu escutava tiroteio. Tava acostumado já. Então aqui a gente a diferença absurda. A gente ouve de casos que tem nas Satélites. Até também alguma violência esporádica. Mas o crime organizado, o bonde do tráfico dominando. Enfim. Então essa questão da violência ser menor, isso me agrada, agrada a ela. É uma vantagem. A gente pensa no futuro, seria melhor criar um filho aqui. Realmente é mais tranquilo, apesar de não estar perto dos avós, dos parentes, mas ele vai crescer aqui e fazer as amizades dele. A gente pensa assim: que no futuro, para constituir uma família maior seria interessante viver aqui, nesse sentido. Mais comodidade. Ainda é. Apesar de a gente ouvir pessoas dizendo que antigamente era melhor e tal, tá piorando. Mas se tá piorando aqui lá já piorou há muito tempo. Outro ponto positivo... a organização em si, apesar de eu ter reclamado do trânsito. As pessoas aqui são conscientes. Uma coisa irritante do Rio é quando o sinal fechou e você tem que ficar esperando. O sinal abriu e você tem que ficar esperando o pessoal do cruzamento acabar de passar. O sinal tá fechado e os carros ficam passando. Rsss. Aqui não. O sinal tá amarelo e as pessoas já vão parando. Pequenas coisas. A organização da cidade em si, coisa que a gente até achava estranho no início. Na Asa sul tem a quadra das farmácias, a quadra das elétricas. Que estranho. Então se você precisa de algo... mas é um modo de organização. Até aqui na Asa Norte não é tão assim. Hoje tá mais misturado. Enfim, mas nas pessoas, apesar de a gente achá-las frias, de modo geral, a gente vê esse sentido positivo: parecem ser mais civilizados. Parecem. Até no mercado a gente sente o atendimento diferente. Até a primeira vez que a gente veio aqui, no Rio a gente chega assim e parece que tem que implorar pra ser atendido. E até uma diferença que eu senti também quando a gente foi pra São Paulo. Pelo menos as pessoas que entraram em contato com a gente no comércio são bem educadas. Valorizam o cliente. E aqui também a gente é bem tratado. Desde o bom dia até o boa tarde. São pequenas diferenças mas que existem.

E: mas essa sua questão do problema do sono, piorou aqui em Brasília...

P: eu vejo que piorou. O horário também é mais tarde. Eu nunca realmente consegui dormir antes de meia-noite. Mas o meu auge foi dormir 12 horas continuamente e acordar com sono.

E: você acha que isso se intensificou aqui?

P: eu vejo que sim. Porque lá eu não chegava mais do que 9 horas no trabalho. Lá o horário era sete e meia, era mais cedo. O horário que eu chegava no limite era 9 horas. Aqui meu horário de entrada é oito e teve ocasiões que eu cheguei 2 da tarde.

E: sem conseguir mesmo...

P: sem conseguir. Apesar que lá eu passei por um momento crítico e por isso que eu não sei se isso tá ligado à cidade ou à profissão. Porque quando eu estava na prefeitura eu chegava às vezes meio dia e eu morava do lado. Morava na mesma quadra. Andava 5 minutos.

E: pode ser uma coisa mais relacionada à sua insatisfação?

P: pode ser. Eu começo, é inconsciente, a não conseguir mesmo. Apesar de querer racionalmente, eu não consigo. Eu não conseguia realmente acordar. Uma coisa estranha. Mas aqui ainda ficou pior um pouco. Foi uma espécie de oscilação. Grave lá, e aqui mais ainda. Acho que aqui juntou um pouco esse elemento de não ter uma estrutura social, de não gostar de certas coisas da cidade, com essa questão da atividade que eu faço.

E: você se considera agora adaptado à cidade?

P: à cidade sim. Hoje em dia eu já aceitaria, apesar de que eu ainda não tenho um amigo ou parente aqui. Quanto mais velho mais difícil achar amigos. Então eu me sinto muito isolado, mas menos que no início. Tanto que eu vou tentar é ficar. To falando com os gerentes. Apesar de sentir saudades. Não é nem sentir saudades do Rio em si, eu gostava disso de praia, das opções de lazer. Mas eu encaro aqui também como uma experiência nova.

E: e em relação ao futuro? O que você tá pensando, sonhando? Qual seu sonho?

P: em Brasília?

E: não, na sua vida. O que você deseja?

P: apesar que eu e minha esposa, se a gente tiver oportunidade de se colocar bem em termos de carreira, a gente prefere voltar pro Rio. Não sei, talvez daqui um ano ou dois, se conseguirmos suportar bem saudade... mas hoje a gente tem essa visão. Senão conseguir tudo bem, a gente fica aqui. A gente vem se acostumando com essa idéia também. Ficar aqui não vai ser nada ruim também. Dá pra levar e tem vantagens. Mas se puder escolher a gente vai tentar voltar pro Rio. Apesar de eu ter a consciência que é difícil. Tem o emprego dela, é difícil ela conseguir. Ou ela conseguir algo melhor lá. Porque à medida que o tempo vai passando vai ficando mais difícil. Vai tendo tempo de casa aqui e tal.

E: e profissionalmente pra você?

P: eu desejo acabar essa faculdade de direito, que tá pendente. Eu já to começando a ficar com isso na minha vida, de deixar coisas pendentes. Eu quero acabar direito e sair dessa área de engenharia. Agora onde eu também não sei. Isso pode até me causar problemas futuros. Onde eu irei tentar minha carreira de magistratura, procuradoria, alguma coisa qualquer nesse sentido. Começar a fazer concurso para outros estados, daqui uns anos.

E: mas você priorizaria sua vida profissional ou...

P: não, eu faria de tudo pra tentar... se fosse hoje e eu estivesse formado, já em condições de fazer pra advogado da união, eu faria concurso para Brasília e Rio. Por enquanto. Não sairia desse eixo onde a gente está e já conhece.

E: mas então a possibilidade de sair da engenharia é concreta pra você.

P: concreta. O próprio médico ainda questiona isso, mas na minha visão é certo. Não é desde que eu vim pra Brasília não. É de antes. Uns dois anos. Às vezes eu fico pensando. Será que eu não conseguir sair, será que isso é um sinal que eu não deveria... porque eu tento sair e não consigo. Eu to meio que nadando contra a corrente. Se eu investisse na carreira que já estou é mais fácil do que começar tudo de novo. Até com esse medo eu também já estou. Vivendo um momento de dúvida. Não por gostar, mas por questão de dificuldades. Será mais fácil...? mas aí não eu acabo me convencendo que não.

E: e em termos de sua família, o que você deseja mais?

P: a gente vai ter filho, não sei. Mais isso, nesse sentido. Tem sonhos em comum, tipo ter uma casa. A gente sempre morou de aluguel, então é uma necessidade. Uma casa própria pra morar, sei lá. Coisas materiais assim. Mas de família é isso. Filhos e tal. A nossa idéia é realmente voltar pro Rio. Mesmo que seja quando eu me aposentar eu vou voltar pro Rio. Minha esposa fala.

E: tá longe...

P: tá longe, né? Eu falo pra ela... você ainda vai esperar isso tudo? Espero que não.

E: e se você não tivesse vindo, como você imagina sua vida?

P: mas se ela tivesse e eu não ou se os dois não?

E: as duas possibilidades.

P: então, se nós dois não tivéssemos vindo eu teria continuado lá na faculdade, mas daí no meu ponto de vista estaria tudo mais ou menos como seguia. Não estaria bem pois eu tava querendo sair da atividade que eu fazia, por que tava muito estressante e tal. Tava barra pesada. Certamente teria saído daquele setor mas pro outro lá no Rio. Pro lado dela eu não sei, porque os concursos que ela tava fazendo não remuneravam tão bem, eram atividades que não valorizavam o que ela tinha aprendido. Mas termos da cidade eu estaria bem. Mas eu continuaria tentando talvez fazer, por incrível que pareça, concurso para cá. Pro TCU. Algo que tivesse alguma coisa de direito envolvida.

E: mas a sua vinda para cá interrompeu o seu curso de direito.

P: eu tentei passar na Federal mas não consegui. A minha pontuação vem aumentando mas ainda não ta suficiente.

E: mas você pode fazer uma particular.

P: sim, sim. Mas é aquela coisa. No Rio a gente sabe qual é boa. Aqui a gente só ouve os nomes.

E: Obrigado pela participação.